



NOITE INFELIZ

SETH GRAHAME-SMITH

*Autor de *Abraham Lincoln: caçador de vampiros*
e *Orgulho e preconceito e zumbis**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



NOITE INFELIZ

SETH GRAHAME-SMITH

TRADUÇÃO DE JULIANA ROMEIRO



Copyright © 2012 by Seth Grahame-Smith

Todos os direitos reservados.

Trechos da Bíblia retirados da versão atualizada de João Ferreira de Almeida.

TÍTULO ORIGINAL

Unholy Night

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

REVISÃO

Sheila Louzada

Milena Vargas

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-274-2

Edição digital: 2012

Todos os direitos reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

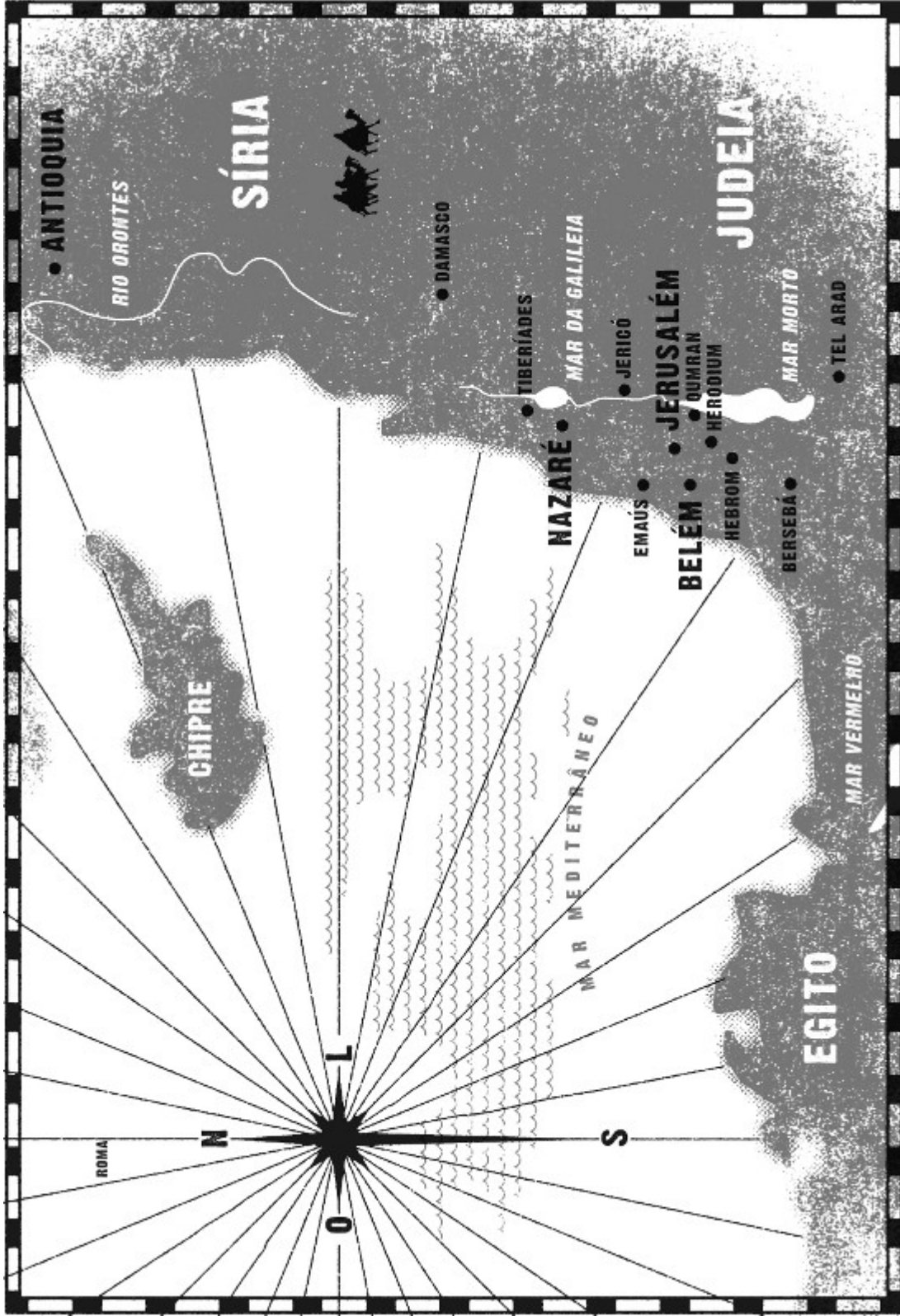
Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Para Gordon, que não teria acreditado em nenhuma palavra de tudo isto.



“Não temais, porquanto vos trago novas de grande alegria que o será para todo o povo: É que vos nasceu hoje, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos será por sinal: Achareis um menino envolto em faixas, e deitado em uma manjedoura.”

Lucas 2:10-12

Vá avisar àquele mentiroso linguarudo, Vá e diga àquele errante da meia-noite, Avise ao andarilho, ao apostador, ao que fala pelas costas, Diga-lhes que Deus virá atrás deles.

***“God’s Gonna Cut You Down”,
Música folk norte-americana***

2 A.C.



A magia da época do Antigo Testamento está chegando ao fim.

Grandes dilúvios, bestas míticas e mares que se abrem deram lugar aos impérios do homem. Muitos acreditam que Deus abandonou o mundo — cuja maior parte é governada por Roma e seu novo imperador, César Augusto.

Uma das muitas províncias romanas, Judeia (parte do que hoje é Israel), é governada por um cruel rei fantoche chamado Herodes, o Grande, que — embora doente e moribundo — agarra-se ao trono com todas as forças, apelando a assassinatos e intimidação. E ele tem todos os motivos para agir com paranoia, porque as Antigas Profecias falam do nascimento iminente de um messias — um *Rei dos judeus* — que irá derrubar todos os outros reinos do mundo...



A BATALHA FINAL DO FANTASMA DA ANTIOQUIA

“Um rei não se salva pela multidão do seu exército; nem o homem valente se livra pela muita força.”

Salmos 33:16

I

Um rebanho de íbex pastava no alto de um desfiladeiro no deserto da Judeia — os corpos pequenos de antílopes pareciam ainda menores comparados aos gigantes pares de chifres em curva. Uma brisa bem-vinda soprava no dorso dos animais enquanto eles procuravam os arbustos raquíticos que um dia existiram ali naquela imensidão, enfiando o focinho quente e rachado na terra quente e rachada, roendo todo e qualquer broto verde e succulento que conseguira despontar em meio às rochas.

Tentado pela visão de algumas folhas de relva na beirada do precipício, um íbex se afastou dos demais, pastando mais perto da queda fatal do que qualquer um deles se atrevia a se aproximar. Com os dentes, puxava as folhas com muito cuidado. Os cascos fendidos faziam as pedras soltas estalarem quando ele transferia seu peso de uma pata para a outra, lançando um cascalho ou outro em um mergulho de milhares de metros de altura até o vale lá embaixo. Dez milhões de anos de aspirações geológicas destruídos em segundos.

Quilômetros ao norte de onde o animal mastigava a refeição obtida com tanto esforço, um carpinteiro prosseguia em sua jornada para Jerusalém, sob o sol escaldante do meio-dia. Sua mente revisitava histórias de pragas e inundações para impedir que a sede o enlouquecesse; a jovem esposa, muitíssimo grávida, dormia no lombo de um burro atrás dele. E embora o íbex jamais fosse saber — embora sua vida, bem como a de todos os outros íbex, fosse passar completamente despercebida e desconsiderada pelos anais da história —, estava prestes a se tornar o único ser vivo a testemunhar uma visão de fato extraordinária.

Havia algo errado...

Talvez fosse um brilho no canto de seus olhos, uma vibração quase imperceptível sob suas patas. Qualquer que fosse a razão, o íbex de repente se sentiu compelido a erguer a cabeça e mirar o vasto deserto abaixo. Lá, a distância, o animal notou uma pequena tempestade de areia se movendo pouco a pouco em meio aos indistintos beges e marrons. O que não era de forma alguma incomum. Tempestades de areia se formavam a todo instante, dançando aleatoriamente pelo deserto, como redemoinhos de espíritos. Mas duas coisas tornavam aquela nuvem especial: a primeira, o fato de que se movia em uma linha perfeitamente reta, da direita para a esquerda. A segunda, o fato de que estava sendo seguida por outra nuvem, uma muito maior.

Ao menos era o que parecia. O íbex não sabia se nuvens de areia podiam, de fato, perseguir umas às outras. Sabia apenas que devia fazer o máximo para evitá-las, pois significavam a morte. Ainda ruminando, o animal virou-se para ver se os outros também tinham percebido aquilo. Não. Estavam todos pastando, alheios ao mundo, os focinhos enfiados no chão. O íbex virou-se de novo e ponderou sobre o estranho fenômeno por mais um instante. Então, convencido de que não se tratava de um perigo para si mesmo ou para o rebanho, retomou sua refeição. As duas nuvens se moviam em silêncio e continuamente, a distância.

Quando arrancou com os dentes mais um punhado de folhas das rochas, o íbex já havia se esquecido de que as nuvens sequer existiam.



Baltasar não conseguia ver porcaria nenhuma.

Trotava pelo vale desértico, batendo os calcanhares feito louco no lombo do camelo, apenas os olhos visíveis no *kuffiyah* que usava para se proteger do sol e do cheiro do animal embaixo dele. Dois alforjes repletos de coisas pendiam um de cada lado do camelo, e um sabre balançava freneticamente

pendurado no cinto do homem enquanto ele seguia a galope, levantando areia do deserto atrás de si. Baltasar virou-se para avaliar se seus perseguidores estavam perto, mas só conseguia enxergar a “nuvem”. A mesma nuvem gigante e implacável que o seguia desde Tel Arad. A nuvem que tornava impossível distinguir quantos homens o seguiam. Dúzias? Centenas? Não havia como saber. Era, naquele momento, uma nuvem de cólera indeterminada.

Vindo da mesma direção que a nuvem, ouviu um assobio discreto, quase como o barulho do vento cortando uma ravina. Primeiro era uma nota única, cujo som gradualmente tornava-se mais grave e mais alto a cada segundo. A essa nota reuniram-se outra e mais outra, até que a atmosfera atrás de Baltasar tornou-se um coro de assobios discretos — começavam sopranos e terminavam tenores, conforme ficavam mais altos, mais próximos. Assim que Baltasar percebeu o que era aquilo, as flechas começaram a atingir o solo atrás dele.

Estão atirando enquanto cavalgam, pensou.

Nenhuma das flechas chegou perto o suficiente para causar preocupação. Baltasar não estava surpreso. Qualquer arqueiro experiente sabia que atirar de um cavalo a galope era quase impossível, porque mesmo a menos de vinte metros a chance de acertar o alvo era muito pequena. Daquela distância, seria impossível — sinal de desespero ou de raiva. Baltasar não achava que aquele grupo da Judeia estivesse desesperado. Estavam furiosos, e se o pegassem iam despejar nele toda aquela fúria. Afinal de contas, as incalculáveis legiões que formavam aquela nuvem não estavam apenas perseguindo o ladrão que fugira roubando uma fortuna em ouro, não estavam atrás do assassino de vários camaradas seus...

Estavam tentando pegar o “Fantasma da Antioquia”.

Essa era a alcunha que surgira das duas únicas coisas que os romanos sabiam a seu respeito: que nascera na Síria, o que provavelmente significava que crescera na Antioquia, e que tinha grande aptidão para invadir os lares dos ricos e fugir com seus bens sem ser visto ou ouvido. Os romanos não sabiam nada além dessas informações escassas e uma descrição física

aproximada — nem sua idade, nem sequer seu nome verdadeiro. E embora o “Fantasma da Antioquia” não fosse um apelido lá muito inspirado, também não chegava a ser de todo ruim. Baltasar tinha que admitir que gostava de vê-lo nas listas de “criminosos conhecidos” pintadas nas paredes dos prédios públicos — sempre em vermelho, sempre em latim: *Recompensa! O Fantasma da Antioquia — Inimigo de Roma! Ladrão do Império do Oriente!* É verdade que não alcançara a fama de um Aníbal ou um Espártaco, mas era uma espécie de celebridade menor naquele pequeno canto do mundo.

Houve uma segunda onda de assobios, seguida por uma segunda saraivada de flechas atrás dele. Baltasar se virou e viu a última acertar o chão. Embora ainda longe o suficiente para não causar preocupação, a curva que produzira não fora tão inofensiva quanto a da primeira leva. *Estão chegando perto*, pensou.

— Mais rápido, seu imbecil! — gritou para o animal teimoso, o calcanhar golpeando-o nas laterais.

Se ao menos pudesse sair do campo de visão deles por um minuto ou dois, mudar de direção... Mesmo com um número indeterminado de soldados da Judeia em seu encalço, no meio do nada, contando apenas com um camelo cansado e malcheiroso e uma espada cega para protegê-lo, e mesmo com seus algozes somente a dois minutos de distância, ainda assim Baltasar tinha uma chance. Ele passara anos memorizando uma rede de túneis nos quais se esconder, os atalhos que cruzavam as terras desérticas, e os melhores lugares para encontrar comida e água em caso de fuga. Tinha treinado para sobreviver. Para seguir em frente nos momentos em que o mundo inteiro parecesse determinado a acabar com ele. Momentos como aquele.

Notou que o camelo estava diminuindo o ritmo e novamente usou os calcanhares para apressá-lo.

Vamos lá... só mais um pouco...

Era difícil para o animal manter o trote com tanta carga nas costas, e Baltasar fora obrigado a deixar para trás alguns dos objetos mais pesados

quando fugiram de Tel Arad. A visão de todo aquele tesouro voando pela areia quase o tinha feito vomitar. Imaginar que algum pastor sortudo pudesse tropeçar no produto de sua pilhagem o fazia ranger os dentes de raiva. Não havia nada mais revoltante e mais injusto que negar a um homem os frutos de seu trabalho suado, principalmente se tais frutos eram de ouro maciço. Baltasar chegara a pensar em cortar um dos próprios membros para diminuir o peso. Mas as perspectivas de um ladrão de um braço só eram muito limitadas.

— Mais rápido! — gritou de novo, como se desse jeito pudesse atirar mais o camelo do que nas milhares de vezes que cravara nele os calcanhares.

No entanto, o animal continuava diminuindo o ritmo, e, mais uma vez Baltasar foi obrigado a considerar o impensável: livrar-se de outra parte de seu suado tesouro.

Enfiou a mão em um dos alforjes e vasculhou até encontrar algo que lhe pareceu bem pesado. Quase não podia suportar a dor de olhar enquanto estendia a peça sob a luz do sol. Em sua mão havia uma taça de prata maciça, quase do tamanho de uma tigela. Finamente esculpida e decorada com pedras preciosas. Era um objeto impressionante, feito da melhor matéria-prima, pelos melhores artesãos. Era também incrivelmente pesado. Baltasar ergueu a taça ao lado do corpo. Então, revirando os olhos e com as entranhas se corroendo, deixou-a cair por entre os dedos. E virou o rosto para poupar-se de vê-la rolar nas areias do deserto, atirando mais uma vez o camelo, em retaliação.

Vamos, seu imbecil... só um pouco mais...

Não *podia* ser sede. Camelos eram capazes de beber cento e cinquenta litros de água de uma só vez, e seu corpo armazenava tudo isso por semanas. A urina do animal era como um molho espesso, mas de dejetos. E as fezes eram tão duras que poderiam servir de lenha, pelo amor de Deus. Não... não era sede. De jeito nenhum. Cansaço? Pouco provável. Camelos eram conhecidos por viver cinquenta anos ou mais. E na olhadela rápida que Baltasar dera na cara daquele espécime em particular, enquanto o roubava

de um beduíno *muito* insatisfeito, calculara que não devia ter mais que quinze anos. Vinte, no máximo. Ainda estava no auge de sua vida miserável.

Só um pouco mais, seu filho da puta...

Não, o camelo estava simplesmente sendo teimoso. E teimosia se corrigia com uma ou duas palmadas. Baltasar julgou que o animal ainda aguentava mais uma hora de galope. Quem sabe duas. E se a estimativa estivesse correta — se conseguisse demover a teimosia do camelo —, então ele teria grandes chances de chegar a Jerusalém. E se chegasse, estaria a salvo. Lá, poderia se misturar às multidões que sem dúvida lotavam as ruas por causa do censo. Conseguiria desaparecer. Negociar a pilhagem em troca de moedas, roupas, comida — e um camelo novo, claro.

Baltasar podia ser um ladrão, mas era contra correr riscos. O risco fazia as pessoas morrerem. Não era necessário. Quando um homem se preparava, quando estava no controle, as coisas normalmente aconteciam conforme planejado. Mas no instante em que deixava qualquer detalhe ao sabor do acaso... No instante em que confiava nos parceiros, ou no instinto, ou na sorte... Era aí que tudo ia por água abaixo. E era por isso que Baltasar estava sendo caçado pelo deserto por uma nuvem gigante, montando um animal fedorento e desmotivado. Porque tinha se arriscado. Porque cometera o pecado imperdoável de confiar nos próprios instintos.

Por mais que isso o aborrecesse, por mais que fosse de encontro à sua natureza, Baltasar tinha que admitir que o desdobramento daquela situação estava além de seu controle. Ele podia atirar o camelo e praguejar o quanto quisesse...

Agora dependia do animal.

II

Tudo parecera perfeito demais. Todos os elementos tentadores estavam presentes: um estoque malguardado de itens valiosos, um nobre corrupto, um povo do qual os romanos tiravam proveito. Nem um cartógrafo conseguiria desenhar uma rota mais direta até o coração de Baltasar.

A localização havia sido outra tentação. A cidade de Tel Arad ficava mais de oitenta quilômetros ao sul de Jerusalém. E quanto mais longe de Jerusalém, menor era a probabilidade de se deparar com alguma tropa, quer fossem as tropas do rei Herodes, quer fossem os soldados de elite de Roma. E embora Tel Arad não chegasse aos pés da capital da Judeia, ainda assim era lar de novos e impressionantes templos. Para quem não era um criminoso, talvez esse parecesse um detalhe trivial. Mas, para Baltasar, era tudo. Templos significavam que haveria viajantes e troca monetária. Significavam que era menos provável que um homem de aparência ou sotaque estranhos chamasse atenção, e que alguém interessado em trocar mercadorias roubadas por moedas de ouro e prata poderia fazer isso sem nenhum problema. Templos eram os melhores amigos de um ladrão.

Tel Arad fora fundada havia milhares de anos, destruída e reconstruída mais vezes do que qualquer morador se dera o trabalho de contar. E por milhares de anos nunca passara do posto de “vilarejo deserto”. Mas os tempos tinham mudado. Impérios haviam se desenvolvido dos dois lados do povoado um dia esquecido e o transformaram em um grande centro comercial. De uma hora para outra, Tel Arad estava no centro da rota percorrida pelas mercadorias romanas rumo a leste e pelas mercadorias

árabes rumo a oeste, para o Egito, o Mediterrâneo e, por fim, para Roma, e seu status gradualmente fora elevado ao de “cidade pequena”.

O sinal mais claro de sua importância emergente viera um ano antes, quando Roma decidira enviar um governador — Décimo Petrônio Verres — para cuidar da cidade. Oficialmente, Décimo estava lá para se certificar de que Tel Arad seguia as tradições e virtudes da vida romana. Extraoficialmente, e mais importante, estava lá para subjugar os arruaceiros à pena de morte e cuidar que os moradores pagassem seus impostos em dia.

Décimo ficara arrasado ao tomar conhecimento de sua tarefa. O cargo lhe fora apresentado como uma “honra”, é claro. Fora “escolhido a dedo pelo *próprio* Augusto para representar o império no Oriente”. Mas Décimo sabia o que aquilo significava de verdade: uma castração. A punição por ter ficado vezes demais contra o imperador no Senado.

Chorara sozinho ao saber das notícias. Como podiam fazer aquilo com ele? Primeiro, o deserto não era lugar para um romano, principalmente um de peso considerável, como ele, e de tez tão clara. Ademais, era perfeitamente feliz onde estava: a salvo, abrigado com tranquilidade nos subúrbios de Roma, protegido pelas cercas conferidas por uma riqueza razoável, se não exorbitante. Estava na casa dos cinquenta anos — velho demais para juntar uma vida inteira nas costas e se arrastar no calor. Roma era o centro do mundo. Lar de todo entretenimento e sedução que um homem poderia desejar. Já o deserto era uma sentença de morte. Mas o imperador havia ordenado. E, castração ou não, Décimo não tinha escolha.



Nem mesmo os membros exilados da nobreza romana poderiam partir sem levar o conforto de sua casa. Logo após a chegada a Tel Arad, Décimo ordenou que se construísse um complexo murado segundo suas especificações exatas — uma réplica em escala e fortificada de seu casarão em Roma. O mesmo pintor foi levado para recriar os afrescos preferidos do

governador, os mesmos artesãos montaram no chão os mosaicos, pedra por pedra. O mesmo jardim formal e as mesmas fontes dominavam o coração do pátio central. Os mesmos escravos foram servir Décimo durante o dia, e as mesmas concubinas, à noite.

Depois de finalizado, o complexo era uma visão impressionante. Um símbolo reluzente da superioridade de Roma, escondido dos olhos do povo por muros de três metros de altura. Fora construído em uma colina que dava para a região nordeste da pequena cidade, com vista para o templo e o mercado, onde, como Décimo dizia, “a *gritaria* dos animais, a *cantoria* dos mercadores e a *rezaria* dos homens unem-se em um coro incansável que não me permite um momento sequer de paz”.

Mas Tel Arad não era de todo ruim. Levou algum tempo, mas Décimo acabou por se habituar à cidade. Não por causa das riquezas culturais ou da beleza natural, já que não havia nada disso. Tampouco pelas mulheres, pois ele levava as suas. Não, Décimo se apegara ao novo lar porque aquilo era, politicamente falando, um lixão.

Em Roma, sempre havia alguém mais poderoso, alguém que precisava ser aplacado ou subornado. Atos como traição e deslealdade tinham consequências bem reais e muito severas. Roma era uma cidade de leis. Mas no deserto elas não existiam. Em Tel Arad, Décimo era o único que precisava ser aplacado. Sua mão era a única que precisava ser molhada. *Ele* era a lei. Era uma função que nunca tivera a oportunidade de desempenhar em Roma, e ele a apreciava mais e mais a cada dia.

Como governador daquele pequeno e maldito areal, ele tinha o poder — de fato, a responsabilidade — de se certificar de que as mercadorias árabes a caminho do Ocidente estivessem de acordo com o “padrão romano”, termo que tinha uma definição ampla e bastante variável, mas que podia ser resumido mais ou menos a “bens que Décimo não quisesse pegar para si”.

Ele nomeou um grupo de homens do lugar para trabalhar como seus “inspetores” e então os deixou circular livremente pelo mercado, onde conduziam os chamados controles de qualidade quando bem entendiam. Tais inspetores tinham interesse em tudo, de joias a cerâmica, de tecidos a

alimentos. E se um item parecesse ser de “qualidade inferior” ou fosse “suspeito de fraude”? Era confiscado e levado até o complexo do governador, para inspeção futura. Lá, Décimo daria a palavra final, decidindo se a mercadoria seria devolvida ou confiscada indefinidamente, armazenada em um cômodo construído especialmente para este fim. Nos seis meses desde que as inspeções começaram, nenhum mercador se lembrava de ter tido um item devolvido. E se reclamassem? E se causassem o menor dos problemas? Décimo providenciava para que jamais pisassem em seu mercado novamente.

Agora era *ele* quem tinha o poder de exilar.

Com tantos bens valiosos empilhados em um único lugar, não demorou muito para que Baltasar tomasse conhecimento do caso. Os boatos lhe chegaram pelas vias de sempre e foram descritos com o exagero habitual:

— Nunca houve romano tão ladrão! Ele se senta no topo de uma pilha de tesouros que faria inveja até aos deuses!

E embora, em geral, esses boatos não significassem muita coisa, a mera possibilidade de furtar um pequeno tesouro e, com isso, humilhar um governador romano já justificava uma olhadela em primeira mão. Assim, Baltasar partiu de Damasco, onde estivera investigando outro boato. O mesmo que perseguira durante anos. *O único que realmente importava.* Seguiu escondido para o sul, por Bosra, evitando ao máximo as estradas. E na quinta noite de sua viagem, viu as tochas de Tel Arad queimando a distância e, mais no alto, os muros brancos e grandiosos do complexo do governador.

No dia seguinte, assuntou pelo mercado, torcendo para que algo das histórias que chegaram até ele no norte se confirmassem. Para sua surpresa, não só as histórias eram verdadeiras, como o valor dos itens confiscados era muito mais alto do que imaginara. Cálices de ouro, braceletes de prata, perfumes e especiarias raras — tudo apreendido pelo tal “Décimo”. Tudo trancafiado em algum lugar atrás de sua muralha.

Parecia um daqueles raros momentos em que a verdade é maior que o mito.

Baltasar tinha sua motivação. Agora, só precisava de uma oportunidade. Ele investigou o complexo a distância, tomando nota de quantos guardas havia, quando e como patrulhavam o terreno, que tipo de armas carregavam. Embora Tel Arad fosse uma província romana, e seus moradores pagassem impostos romanos, o exército romano não podia perder tempo indo tão longe ao oriente — não para cuidar de um governador que não estava mais nas graças do imperador. Décimo tivera que se contentar com um punhado de soldados do bem menos impressionante exército da Judeia, sob empréstimo de Herodes, o Grande, para proteger seu complexo. As tropas podiam não ser tão profissionais ou bem-equipadas como sua contraparte romana, mas não deveriam ser subestimadas. Invadir a fortaleza sozinho estava fora de questão.

Baltasar precisava de uma porta de entrada. Uma forma de romper as defesas. Dois dias depois de chegar a Tel Arad, ele a encontrou.

Seu nome era Flávia.



Aos dezessete anos, ela deveria estar em Roma, aproveitando os benefícios da riqueza e da juventude na maior cidade do mundo, compartilhando-os com outros filhos e filhas da classe dominante. Em vez disso, o pai a arrastara para o deserto do Império do Oriente e a deixara lá para murchar sob o calor. Sem nada para fazer. Sem ninguém para conversar além de concubinas e escravos.

Baltasar a observara por três dias. Todas as manhãs, ela descia a colina do complexo do pai acompanhada de dois soldados. Nas horas seguintes, vagava pelo labirinto de ruas abarrotadas que formava o mercado, comprando de tudo, de seda a harpas e figos, sem saber ou talvez ignorando de propósito o fato de que poderia conseguir *qualquer* um daqueles produtos de graça na fortaleza do pai. E então, ao meio-dia, subia a colina de volta e desaparecia atrás dos muros, não sendo mais vista até o dia seguinte.

Quando Baltasar finalmente agiu, o fez utilizando-se do truque mais velho e mais fácil que existe. Tão fácil que quase teve vergonha de si mesmo.

— Com licença — disse ele.

Flávia se virou, bem como se viraram os soldados em torno dela. Era loura, de cabelo cacheado — uma raridade naquela parte do mundo —, voluptuosa, com rosto bonito e sardas no nariz — outra raridade. Não fazia o tipo de Baltasar, mas não era de se jogar fora.

— Acho que deixou cair isto.

Ele lhe estendeu a mão fechada, que foi prontamente agarrada por um dos soldados. Baltasar riu e abriu os dedos, revelando um bracelete de contas. O bracelete que a mãe de Flávia dera a ela antes de morrer.

O bracelete que Baltasar havia roubado de seu pulso momentos antes.

Flávia examinou a peça, incrédula. *Elas sempre agem assim.* E imaginou como podia ter deixado algo tão importante cair de seu braço. Ordenando aos soldados que se afastassem, agradeceu a Baltasar com entusiasmo e se apresentou, estendendo-lhe a mão.

— Flávia — disse.

— Sargon — respondeu Baltasar, apertando-lhe a mão.

— Sargon... você se incomodaria de me acompanhar em um passeio pelo mercado?

Neste instante devo hesitar... o rosto vermelho de modéstia. Claro, posso acompanhá-la em um passeio pelo mercado. Mas vou fazê-la acreditar que essa é a última coisa que passaria por minha cabeça...

— Venha — disse ela, percebendo a hesitação dele. — Deixe-me comprar alguma coisa para você. Uma recompensa por sua boa ação.

— Ah, bom... não sei...

Claro que sei. Mas agora devo hesitar um pouco mais. Não por muito tempo — não o suficiente para fazê-la perder o interesse. Só o bastante para você acreditar que eu diria não. E então, no instante em que eu notar essa crença em seus olhos, vou dizer:

— Acho que sim, mas... sua companhia é a única recompensa de que preciso.

E você vai desfalecer em silêncio... enquanto eu me preparo para lhe ganhar com mentiras mais longas que a própria vida.

Flávia e “Sargon” caminharam durante horas, contando de tudo um ao outro. Dois espíritos solitários que finalmente — como que por *milagre* — encontraram uma afinidade naquela terra tão distante. E, embora os soldados observassem Sargon com desconfiança, embora tivessem preferido despachá-lo com um sermão, sabiam que era melhor não negar as vontades da única filha de Décimo Petrônio Verres.

Três noites e três visitas ao mercado depois, Flávia deu um jeito de levar Baltasar às escondidas para o complexo, para seu próprio quarto... exatamente como ele sabia que ela faria.



As duas semanas seguintes foram divertidas. Mais importante ainda: foram produtivas.

A cada noite, enquanto Flávia dormia, Baltasar se levantava da cama e se dedicava ao trabalho — esgueirando-se lenta e metodicamente pelos caminhos do complexo adormecido. Mapeou-o em sua mente até conhecer todos os cantos de cor. Até saber os hábitos noturnos de cada escravo e a posição de cada sentinela. Até saber como andar de um lado a outro sem ser iluminado pelo brilho das tochas. E, mais do que tudo, até ter examinado cada item confiscado no lendário depósito do governador, que encontrara na primeira noite e que, como tudo mais em Tel Arad, excedera suas expectativas.

E na noite em que Baltasar sentiu que não havia mais nada para descobrir, encheu dois alforjes com itens já escolhidos de acordo com a proporção valor-peso — colocou o máximo de coisas que podia carregar e ainda assim mover-se depressa, caso fosse necessário. Com as bolsas cheias, voltou pelo caminho cuidadosamente ensaiado em direção ao portão da muralha. O portão que sempre ficava desprotegido durante um intervalo de

dez minutos, graças a um guarda com um organismo *assombrosamente* regular.

Ele se esgueirou pelas sombras, atravessou o jardim — *vinte e sete passos* — até a fonte — *mais dez, só que um pouco para a esquerda* — e fez uma curva fechada para a direita ao alcançar o relógio de sol. Só faltavam trinta passos em linha reta para chegar ao portão. *Trinta passos até a liberdade...*

— Sargon?

Baltasar quase deu um grito ao se virar na direção da voz. A princípio, achou que estivesse frente a frente com um fantasma. Um ser transparente de tão branco parecia flutuar na direção dele, saído da escuridão, quase irreconhecível sob a luz da lua. Ele permaneceu paralisado enquanto o ser se aproximava... até que Baltasar entendeu o que *realmente* era: uma camisola branca, esvoaçando na brisa cálida da noite.

— Flávia... — sussurrou ele.

— Você é um... você é um ladrão — disse ela.

O que lhe deu tal impressão? As duas bolsas enormes cheias de tesouro roubado que estou carregando no meio da noite?

— Não...

— Você me usou.

Sim, usei você, e usaria de novo. Aliás, quem é você para se sentir usada? Você é uma romana. E tudo o que os da sua laia fazem é usar os outros. Estuprar, incendiar, pilhar e matar.

— Não — disse Baltasar. — Flávia, escute...

— Cale a boca!

Bastava que ela gritasse, e os guardas viriam correndo. E quando isso acontecesse, a empolgação que naquele momento fazia o coração de Baltasar palpitar contra suas costelas iria se tornar um problema de verdade — *e bem sangrento* — em um instante.

Por outro lado, ela poderia muito bem deixá-lo escapar na noite. Ninguém jamais suspeitaria de seu papel no roubo. Sua castidade jamais seria questionada, e pela manhã Baltasar já estaria a meio caminho de qualquer lugar, com a promessa de voltar e “tirar você daqui, Flávia —

quando chegar a hora, tirar você deste lugar para que possamos ser felizes juntos”. Uma promessa que ele não tinha a menor intenção de cumprir.

— Flávia — disse ele. — Preste atenção. Pois é... eu estava pegando isto aqui. Pegando do depósito do seu pai. Mas você precisa acreditar em mim: tenho um bom motivo para pegar isto! Seu pai roubou estas coisas do povo de Tel Arad! Gente pobre! Gente honesta! Eu não podia vê-los sofrer e não fazer nada. A verdade é que, sim, eu estava roubando. Roubando do homem que os roubou em primeiro lugar. Roubando tudo isto de volta para seus donos por direito! Você não está sempre reclamando de como seu pai é egoísta e cruel? Bem, Flávia, aqui está a prova!

Estou quase conseguindo convencê-la. Agora é só tornar tudo um pouco pessoal... distrair sua mente do roubo.

— E... e sim... — continuou ele — eu sei que devia ter lhe contado antes. Mas eu não queria envolver você. E se alguma coisa desse errado? E se você ficasse em perigo? Eu jamais iria me perdoar, Flávia. Você é boa demais para isso.

— Eu... eu não sei...

Sabe sim.

— Flávia, eu juro por nosso amor... por minha *alma*... que estou falando a verdade.

Ela continuou de pé ali por um instante, dividida e confusa. Uma vítima da juventude, da inexperiência e de um desejo profundo — uma *necessidade* — de acreditar que o que ele dizia era, de fato, verdade.

— Por favor, Flávia, não temos muito tempo...

Eu bem que podia dar-lhe uma pancada na cabeça. Só uma pancadinha, por via das dúvidas. Não o suficiente para machucá-la de verdade, mas forte o bastante para eu conseguir sumir daqui.

Mas Baltasar não achava que isso seria necessário. Seus instintos estavam começando a lhe dizer que ia dar tudo certo... e decidiu confiar neles.

Ela não vai gritar. Ela odeia o pai. Isso, ela odeia o pai, odeia o fato de ele tê-la trazido para este lugar. Além do mais... nós compartilhamos tudo. Nossos

segredos mais sinceros. Nosso amor mais profundo. E, sim, é tudo uma grande tolice — mas não para ela. Ela jamais desistiria de mim. Ela me ama. Não... Sou um sujeito com talento para saber das coisas, e sei que ela não vai gritar. Nunca tive tanta certeza na vida.

Ela gritou.

III

Estava claro que ele não chegaria a Jerusalém. O camelo vinha perdendo velocidade na última hora. E por mais que Baltasar o esporeasse e xingasse, o animal não conseguia manter o ritmo. Não era teimosia... ele tinha roubado um bicho com defeito.

Baltasar sabia de um povoado de tamanho razoável logo ao norte de Jerusalém — Betel, se não estava enganado. Ou Beit El. Ou seja lá o que fosse. *Aquele com nome parecido com Belém mas que não é Belém.* Não tinha importância. Ele sabia que havia um povoado por ali, uns treze quilômetros adiante, e isso teria que ser suficiente. Com o camelo desvanecendo a olhos vistos, apontou o nariz do animal na direção do vilarejo. Ainda tinha uma chance. Ainda poderia se safar, desde que o camelo resistisse.

Como é a lenda que os judeus contam? Da Menorá que só tinha óleo suficiente para um dia, mas que queimou por oito dias seguidos? Esse é meu camelo... combustível suficiente para menos de dois quilômetros. Se resistir a treze, será um milagre.

Milagre ou não, o camelo resistiu, e Baltasar entrou galopando em Betel (ele tinha acertado o nome no primeiro chute) cerca de apenas um minuto antes da ameaça incalculável que o seguia. Era uma das cidades-satélites mais simpáticas dos arredores de Jerusalém. Um vilarejo de pouco mais de dois mil habitantes, que muitos nobres judeus escolheram para escapar do barulho e das multidões da cidade grande com a família. Não havia pousadas para receber viajantes, nem nenhum grande templo soltando a fumaça do sacrifício cerimonial, nem um mercado espalhando barulho e fragrâncias. E embora a treze quilômetros dali as ruas de Jerusalém

estivessem cheias por causa do censo, em Betel mal dava para notar que *havia* um censo sendo conduzido. Menos de dez pessoas notaram sua presença enquanto ele galopava até a praça central da cidade.

Baltasar parou o camelo, que pareceu bem feliz em obedecer, e desceu do animal. Pegou os alforjes cheios pela metade, jogou-os no ombro esquerdo e deu um último tapa no traseiro do camelo, que não podia ficar ali parado. Sabe-se lá quantos soldados iriam invadir a vila com ordens de encontrar Baltasar e matá-lo a todo custo. Se vissem o animal, teriam uma boa noção de por onde começar a procurar.

— Ande! Vá embora daqui!

O bicho não se movia. Baltasar bateu de novo.

— ANDE!

O camelo soltou um gemido profundo, ajoelhou para a frente com suas patas desajeitadas e então tombou para o lado, caindo no chão com um baque — e com todos os seus quinhentos e cinquenta quilos.

Morto.

Baltasar pensou por um instante. Em retrospecto, talvez *tivesse* sido um galope puxado. E agora que observava direito, o animal não era tão jovem quanto imaginara. Não chegava nem perto de ter quinze ou vinte anos. Na verdade, era um dos camelos mais velhos que já vira. Pensando bem... *era* um milagre que houvesse chegado tão longe.

Baltasar não sabia o que dizer. Em parte porque não tinha tempo, mas principalmente porque sinceridade não era seu principal atributo, então decidiu-se por um “Sinto muito”.

E, passado o luto, correu feito um louco.



Ele sabia que os moradores iriam protegê-lo. Odiavam os romanos tanto quanto ele próprio. *Tudo bem, não estou sendo perseguido por tropas romanas de verdade — são gente da Judeia. Mas, sério, se você parar e pensar,*

existe alguma diferença? Todo mundo recebe ordens de Roma, exatamente como Herodes, o Grande, aquele fantoche mentiroso, pestilento e assassino. Se havia alguém que os judeus detestavam mais que Augusto César, era o rei de fachada que governava a Judeia por ele. E, embora Baltasar não fosse exatamente judeu, por certo não simpatizava com Herodes. Isso tinha que servir de alguma coisa, não? Inimigo do meu inimigo?

Ele era o Fantasma da Antioquia, e as pessoas adoravam uma celebridade. Mesmo uma menor.

Não, os moradores teriam pena dele, protegeriam-no e o esconderiam quando o exército chegasse chutando suas portas a qualquer instante a partir de agora. Se pena não fosse suficiente, talvez suborná-los com parte do que lhe restara do tesouro fizesse alguma diferença.

Baltasar cruzou a praça, as bolsas cheias de mercadorias duplamente pilhadas, ouro e prata, olíbano e seda, o rosto ainda encoberto pelo *kuffiyah*. Estava indo em direção ao maior prédio que podia ver — o único de dois andares e um dos poucos feito de tijolo. A construção tinha telhado em arco e pequenas janelas de vidro ao longo das fachadas leste e oeste, uma extravagância raramente vista fora de Roma. E, embora Baltasar não conseguisse identificar de onde vinha, uma coluna de fumaça branca subia por trás da estrutura. Sua escolha não fora baseada em muita estratégia. Um prédio maior oferecia mais esconderijos. E mais esconderijos significavam mais chances de sobreviver.

Mas, assim que cruzou a entrada, Baltasar percebeu que era um homem morto.

Só podia estar morto... porque, na certa, aquele lugar era o paraíso. Havia mulheres despidas e molhadas por toda parte. Lindas. Nuas. O vapor saía de seus corpos reluzentes e fulgurava sob os raios de sol que atravessavam as janelas de vidro lá no alto.

Uma casa de banho.

O teto em arco, de seis metros de altura, era lustroso, pintado com oliveiras que se estendiam em direção ao céu encoberto. O banho propriamente dito, que ocupava a maior parte do ambiente, era revestido de

azulejos de mosaico. Azulejos e corpos nus de quinze mulheres. Mulheres que agora encaravam o sujeito empoeirado de rosto escondido e grandes alforjes nos ombros. Um homem que não deveria estar no meio do banho delas.

Não era igual à situação com Flávia. Baltasar não tinha dúvidas de que aquelas mulheres estavam prestes a gritar, a menos que ele agisse depressa. Concentrando-se, levou o indicador à boca — *shhhh* — e, com o tom de voz menos ameaçador que conseguiu produzir, disse:

— Mil perdões...

Tirou o *kuffiyah* e revelou o rosto — uma bonita combinação de bronzeado, barba por fazer e uma cicatriz em forma de X destacada na face direita. Abriu um sorriso. Encantador, seguro. Até um tanto vistoso, pensou. Era o sorriso que passara horas treinando no reflexo das águas do rio Orontes, e, sim, não se importava em admitir, era um de seus mais fortes atributos.

— Eu — continuou ele — sou o Fantasma da Antioquia.

Foi brilho o que viu nos olhos de algumas delas, por terem-no reconhecido?

— Só estou procurando um lugar para me esconder dos homens de Herodes. Assim que eles forem embora, saio sem dizer nada. As senhoras não têm o que temer, irmãs... Prometo.

Elas não gritaram.

As pessoas adoram uma celebridade.

Sem muito do tesouro sobrando, Baltasar teria dado tudo no mundo para ficar e aproveitar aquela visão mais um pouco, mas já podia ouvir o barulho dos cascos dos cavalos se aproximando. *Hora de desaparecer.* Certo de que havia firmado um acordo com as mulheres, atravessou a sala do jeito mais rápido e respeitoso que conseguiu, em direção a uma fila de roupões femininos pendurados na parede do outro lado. Roupões suficientes para esconder um homem e dois alforjes.

Era perfeito. Os soldados não se atreveriam a interromper a privacidade de mulheres tomando banho. Nem as mulheres iriam sair correndo pelas ruas gritando sem roupa. Baltasar podia ouvir os sons abafados de gritos de

ordens do lado de fora, o tinido das espadas e das armaduras enquanto os homens se espalhavam. Segundos depois, entraram três soldados. Baltasar os observou tendo as mesmas reações que ele próprio: espanto, seguido de vergonha, seguida de empolgação.

Um deles se recompôs o suficiente para dizer:

— Perdoem-nos...

Vá em frente, seu imbecil. Vá em frente e pergunte a elas se viram um homem entrar aqui. Minhas irmãs não irão dizer palavra. No mínimo vão mandar vocês para o inferno.

— Vocês viram...

O coração de Baltasar afundou quando todas as mulheres apontaram juntas para seu esconderijo.

Nem o deixaram terminar a pergunta...

Então era isso. Depois de um dia no deserto, um camelo morto e uma fortuna em mercadorias abandonadas, iria acabar desse jeito.

Baltasar era um ladrão excepcional. Um excelente trapaceiro, sobrevivente nato. Mas sua maior habilidade, seu verdadeiro dom era tirar vidas com seu sabre. Não era algo de que se orgulhasse. *Bem, um pouco.* Mas, em geral, ele media seu êxito em tesouro, não em sangue. “Êxito é roubar uma fortuna sem desembainhar a espada. Fracasso é uma pilha de corpos e nenhum lucro”, ele gostava de dizer.

Os três soldados desembainharam suas espadas e começaram a atravessar a sala na direção em que as mulheres apontaram, até os roupões pendurados.

Nenhum deles tinha mais do que poucos segundos de vida.



Pedro quase podia sentir o gosto da vitória. Como capitão do exército de Herodes, havia poucas prioridades maiores que capturar o Fantasma da Antioquia. E agora parecia que estava prestes a fazê-lo. Tal glória mereceria

uma promoção, claro. Dinheiro. Terras. Talvez até um escravo que arasse a terra para ele. O melhor de tudo é que significaria um bilhete de saída de Tel Arad e um ponto final na rotina de ter que lidar com o romano gordo e corrupto que era Décimo Petrônio Verres.

Seus homens chegaram chutando todas as portas, vasculhando todas as casas da região. O Fantasma não poderia ter ido muito longe. Haviam chegado à praça menos de um minuto depois dele, e o sujeito fora idiota o suficiente para deixar um camelo morto como ponto de partida para a busca deles. O fato de que havia perdido tempo matando o animal sem qualquer motivo mostrava a crueldade do fugitivo.

Claro que alguns de seus homens duvidavam de que o alvo fosse *mesmo* o Fantasma da Antioquia. Mas Pedro sabia. Estivera na região tempo suficiente para reconhecer seus métodos. A escolha das presas. Mesmo antes de Flávia descrever o sujeito que vira roubando o complexo do pai — *alto, de pele escura, corpulento, o cabelo preto até os ombros e uma cicatriz em forma de X na face direita* —, ele já sabia. Também sabia o suficiente para suspeitar que ela havia omitido a parte de tê-lo convidado para sua cama, mas isso não fazia diferença. Então, quando recebeu notícias de que um homem com descrição semelhante havia roubado o camelo de um beduíno, Pedro reuniu todos os soldados que conseguiu e começou a caçada pelo deserto da Judeia — comendo areia e torcendo para que o Fantasma não conseguisse chegar a Jerusalém, onde desapareceria em questão de segundos.

O capitão Pedro rogara a Deus por um milagre, e Deus o atendera. Ali estava ele, em Betel. O último lugar aonde esperava ir quando acordara pela manhã. O lugar que sempre guardaria na memória como local de sua vitória... presumindo que Deus fosse ajudá-lo só mais um pouquinho. Mais uma vez, Pedro pediu ao Senhor...

Dê-me um sinal, Pai dos Céus. Ajude-me a trazer justiça a este ladrão assassino. Ajude-me a proteger os filhos de Israel e a defender Sua lei, ó, Senhor.

É óbvio que ele não tocou na parte de ser recompensado com dinheiro, terras e escravos, mas isso não tinha importância. Mais uma vez, Deus o

atendeu. Pois assim que terminou sua prece, Pedro ouviu um ruído. Um ruído maravilhoso que significava que a glória seria alcançada.

Sons abafados vindo da casa de banho.



A cabeça pousou na água, os olhos ainda piscando à medida que descia até o fundo, e as mulheres enfim soltaram seus gritos contidos. Pularam, umas por cima das outras, tentando sair do banho, enquanto uma nuvem vermelho-escura se espalhava na água.

Baltasar esperara até que os soldados estivessem a um braço de distância para saltar de detrás dos roupões e abater o homem mais próximo. Fora um daqueles golpes de sorte — que só acontecem uma em cem vezes — em que a lâmina acerta o pescoço com *perfeição*, entre as vértebras, atravessando-o com facilidade. Antes mesmo de a cabeça do primeiro soldado cair, Baltasar já havia chutado o segundo no peito, derrubando-o de costas no chão. Em seguida, exatamente quando os primeiros gritos começaram a soar pelo ambiente, acertou o terceiro soldado, varando sua barriga até as costas. Com a espada, manteve-o de pé — não era mais que um rapaz —, observando seu rosto esvair-se de rosado até branco pálido, e então o empurrou, espalhando sangue e tripas no chão de ladrilhos.

Àquela altura, o segundo soldado já tinha conseguido se erguer. Mas foi por pouco tempo. Baltasar girou o corpo e cortou sua garganta. O rapaz deixou a espada cair e levou a mão à ferida — o sangue jorrando por entre os dedos. Seu rosto assumiu o mesmo tom de branco, a mesma máscara de medo à medida que chegava à mesma e terrível conclusão. Algo que Baltasar já vira acontecer a muitos homens: *Não pode ser. Não posso estar morrendo.* E foi isso. O soldado caiu de peito no banho, o sangue misturando-se ao de seu companheiro. O que, naturalmente, só serviu para incitar mais os gritos das mulheres já histéricas.

Gritos vão chamar mais soldados a qualquer instante. Hora de partir.

Ele ficou de pé por um segundo, lamentando os dias e as semanas que gastara planejando encher aqueles alforjes. Lamentando os frutos desperdiçados de seu trabalho. E então mais um momento rápido de sofrimento chegou ao fim, e, de novo, ele correu feito um louco.

Fracasso é uma pilha de corpos e nenhum lucro... e isto está com cara de que vai ser um fracasso e tanto.

Baltasar correu para os fundos do prédio e entrou em um pátio interno pequeno e empoeirado, cercado por um muro de dois metros de altura e um portão de madeira que dava para a rua. Não havia nada, exceto uma imensa fornalha de tijolos que aquecia a casa de banho. Baltasar soube de cara que se tratava da fonte da fumaça branca que tinha visto antes. Havia um escravo junto à porta de ferro aberta, alimentando o fogo lá dentro. Um sistema de dutos sob o piso da casa de banho canalizava o vapor que mantinha a água agradável e morna para a elite nua. Mesmo de onde Baltasar estava, a uns dez metros das chamas, o calor era quase insuportável, e o ruído de madeira estalando e de ar correndo era quase ensurdecedor. Tanto que o escravo não tinha reparado nos gritos das mulheres lá dentro e dos soldados do lado de fora. Mas agora, ao erguer o olhar e encontrar-se cara a cara com um sírio sujo de sangue e espada em punho, abandonou seu posto e correu pela própria vida — saindo para a rua pelos portões abertos de madeira. Baltasar estava prestes a fazer o mesmo quando ouviu uma voz gritar:

— Pare onde está!

Virou-se e viu um jovem soldado sozinho, de pé na entrada dos fundos da casa de banho, uma espada trêmula nas mãos.

— AQUI! — gritou ele para os companheiros. — AQUI! ENCONTREI!

Baltasar não seria feito prisioneiro por um soldado solitário com uma espada trêmula. E certamente não ficaria ali esperando pelos outros. Correu na direção do portão.

— Pare!

O soldado ergueu a espada diante do corpo, exatamente como fora treinado a fazer. Atacou Baltasar exatamente como havia sido ensinado a atacar. Mas, ao se preparar para abater o inimigo exatamente como fora

treinado, experimentou algo para o qual estava inteiramente despreparado e desprevenido: Baltasar jogou-se de costas no chão e usou as pernas para lançá-lo no ar...

...bem na fornalha aberta.

O rapaz ouviu o barulho da porta de ferro se fechando. Ouviu o trinco. Tentou ficar de pé, mas só havia espaço para se ajoelhar. O instinto tomou conta dele, que tentou afastar as chamas com as mãos, mas elas já o queimavam. Ele podia ver a carne brilhando e escurecendo, soltando-se dos ossos feito cera de vela escorrendo. Podia sentir as roupas ardendo no corpo, misturando-se à pele, o cabelo derretendo na cabeça.

Baltasar ouvia seus gritos pela porta de ferro. Fechou os olhos e se afastou. Os punhos fechados golpearam a porta por dentro. Ao abrir os olhos, viu dez soldados à sua frente.

— Largue a espada! — gritou um deles.

Diante da ideia de lutar com todos eles, Baltasar segurou a espada com a boca — o sangue ainda pingando da lâmina —, virou-se e escalou a parede de tijolos da casa de banho. Sempre podia dar um jeito fugindo para os telhados, pulando de uma casa a outra até encontrar um cavalo, um camelo ou qualquer coisa que fosse melhor do que lutar contra dez homens ao mesmo tempo.

Mas ao se alçar para o telhado em arco e ficar de pé, sentiu a esperança esvair-se como o sangue que escorre de um corpo decapitado. Havia quase uma centena de homens lá embaixo, na praça, mais o cadáver de seu camelo milagroso. A Nuvem de Ira Incalculável havia se tornado uma multidão de soldados *muito* determinados, e Baltasar teria que encarar o fato de que estava completamente cercado.

Suas opções eram: lutar até a morte e levar consigo o maior número possível de filhos da puta puxa-sacos de imperadores. Resultado? Cem por cento de chance de morte. Ou podia se entregar e, com toda certeza, ser sentenciado à morte. Resultado? Noventa e nove por cento de chance de morte.

Não era idiota.



Os pulsos de Baltasar estavam presos firmemente atrás das costas, suas roupas meticulosamente revistadas em busca de contrabando. Com um soldado segurando cada um de seus braços, foi levado para a praça, onde Pedro esperava com um sorriso de profunda satisfação no rosto. O capitão vitorioso hesitou por um momento, assimilando o desenrolar dos acontecimentos. Saboreando-os. Estava cara a cara com a solução de todos os seus problemas.

— O Fantasma da Antioquia — disse, afinal. — Flagelo de Roma.

— Você se esqueceu de mencionar “saqueador do Império do Oriente” — disse Baltasar.

É agora...

É claro que Baltasar foi recompensado com um belo de um soco na mandíbula pelo atrevimento. Mas comentários maliciosos eram tudo o que restara em seu arsenal. Pela primeira vez em toda a vida não conseguia enxergar uma saída. Não havia nenhuma arma escondida para puxar no último segundo. Nenhuma distração bem-cronometrada a caminho. Seu destino estava completamente fora de suas mãos agora. Arriscara tudo por um por cento de chance de sobreviver.

— De joelhos — ordenou Pedro, desembainhando a espada.

Ah, que seja... valeu a pena tentar.

Baltasar não se mexeu, então os soldados o ajudaram, empurrando seus ombros para baixo e fazendo-o se ajoelhar na terra. Ele se preparou, perguntando-se se iria sentir a espinha se quebrando ou a lâmina varando-lhe o pescoço e a garganta. Perguntou-se se ainda conseguiria ver alguma coisa enquanto a cabeça caísse no chão e rolasse na areia. *Que visão estranha seria... rolar pelo chão sem respiração, sem corpo, morrendo à medida que o sangue escorre de mim...*

Baltasar examinou o rosto dos soldados mais próximos a ele, tateou as amarras nos pulsos com as pontas dos dedos, inspirou o ar do deserto.

Olhou para a areia debaixo de seus pés e para o céu acima de sua cabeça, absorvendo tudo. Saboreando tudo. Ali estava, a soma de seus vinte e seis anos. Morreria de joelhos em Betel, ou “Beit El”. Ou fosse lá como a chamavam. Seu sangue escorreria para a poeira da terra. Os soldados iriam cuspir em seu corpo, cortá-lo em pedaços e deixá-lo para os cachorros. E esse seria seu fim.

Homens menores teriam rezado em um momento como este. Teriam implorado o perdão de Deus ao serem confrontados com o julgamento iminente. Baltasar achou conforto no fato de que, mesmo naquele momento, não sentia nenhuma compulsão para tanto. Mesmo agora, nos segundos finais da vida, ficou firme. E, embora não pudesse deixar de notar que seu coração estava batendo mais forte do que nunca — *o que vai fazer com que meu sangue voe mais alto de meu pescoço sem cabeça e, com alguma sorte, acerte a cara do capitão* —, recusava-se a dar a seus carrascos o prazer de vê-lo fraquejar.

O que é isso?

Baltasar foi de repente confrontado por uma visão. Um mar de estrelas dançando diante de si.

Já tinha acontecido.

Estivera tão envolvido em imaginar como seria quando sua cabeça fosse cortada que perdera o momento. O mundo se estreitando e se escurecendo até se concentrar em um ponto único e distante. Em algum lugar, muito longe — lá onde a brisa soprava gelada e mulheres nuas se banhavam —, sentiu uma dor lancinante envolvê-lo. E podia ver, naquela luz distante, algo se movendo. Um homem. Um homem levando um animal pelo deserto... uma mulher em seu lombo.

Então... morrer é assim. Engraçado... os homens gastam tanto esforço e ansiedade tentando evitar este momento. Mas, na verdade, no final das contas, morrer não é tão ruim assim... Na verdade, é meio como...

Os soldados assistiram a Baltasar desmoronar para a frente até cair no chão, o sangue escorrendo pela terra. Pedro examinou o cabo rígido da espada com que o golpeará, certificando-se de que não estava manchada de

sangue nem tinha tufo de cabelo, e em seguida guardou-a na bainha. Tinha dado uma pancada forte no crânio do Fantasma da Antioquia, e isto fora suficiente.

Baltasar apagou.

Décimo havia ordenado que o ladrão fosse executado assim que capturado, e que sua cabeça fosse enviada de volta a Tel Arad para ser exposta como forma de aviso. E embora Pedro muito apreciaria fazer isso — por mais que apreciasse a ideia de decapitar aquele porco imundo por ter assassinado seus homens e tê-lo feito passar um dia inteiro no deserto —, ele tinha ordens de levar o Fantasma da Antioquia vivo.

E tais ordens vinham de um poder acima do governador romano.



O PALÁCIO DUPLICADO DO REI FANTOCHE

“O rei Herodes, ouvindo isto, perturbou-se. E, reunindo todos os principais sacerdotes e escribas do povo, perguntava-lhes onde havia de nascer o Cristo. Responderam-lhe eles: em Belém da Judeia; pois assim está escrito pelo profeta.”

Mateus 2:3-5

I

O espírito que um dia se chamara “Baltasar” estava nadando.

Nadando em um oceano sem fim, um oceano de espaço e tempo, onde todos os que já foram e todos os que um dia seriam se convergiam em apenas um. Enquanto Baltasar mirava essa superfície infinita e reluzente, podia ver que a criação como um todo refletia de volta cada detalhe do universo — desde as estrelas nos céus até os mais minúsculos insetos na terra. Podia ver cada momento de seu passado e do futuro. Mas, à medida que nadava, seus movimentos criavam marolas nessas imagens, embaralhando-as em indícios transitórios da verdade: lá estava aquele homem de novo, conduzindo aquele animal pelo deserto... a mulher no lombo do bicho. Lá estavam a estrela longínqua no céu e as árvores guardando um segredo. Lá estava o rosto de seu passado.

E quanto mais rápido Baltasar nadava, mais rápido mergulhava no futuro. Mais fortes se tornavam as marolas e mais difícil era de ver os reflexos: lá estava um exército de soldados forasteiros com um poste de madeira dividido em dois. Lá estavam a grande cidade em chamas e seu irmão, Abdi, um homem adulto. Pelo menos era o que parecia.

De repente, Baltasar se deu conta de que não estava mais nadando. Estava voando — flutuando sobre a terra, como se carregado por um par de asas abertas. A superfície reluzente para a qual estivera olhando encontrava-se agora quilômetros abaixo dele, e todo o Deserto da Judeia — não, *toda a Judeia* — estendia-se até onde seus olhos alcançavam. Ravinas profundas subitamente não passavam de pequenas linhas cortadas na areia. Montanhas gigantes eram do tamanho da ponta de um dedo. Ele podia ver os bandos de

pássaros sob si, voando em formação sobre as águas do rio Jordão. Podia ver o topo das nuvens e as sombras que projetavam no solo do deserto.

Baltasar nunca sentira tanta paz. Tanta liberdade.

Estou descendo...

As nuvens se aproximavam. Estavam tão próximas que ele podia tocá-las se esticasse os pés. Mais perto... até que os pássaros estavam acima dele, e Baltasar estava imerso em um nevoeiro denso formado pelas próprias nuvens. Tão perto que ele podia distinguir os trechos esparsos de verde que haviam conseguido despontar por entre as rochas... e tão perto que ele podia ver a pequena procissão de soldados da Judeia e a cavalaria abaixo de si.

Não...

O capitão vitorioso e sua centena de homens, indo de Betel até Jerusalém com o prisioneiro inconsciente a reboque.

Não, aí não!

Baltasar sentiu seu corpo sendo arrancado daquele mundo maravilhoso, sentiu a memória de seu antigo eu inundar-lhe de novo. E sentiu o prisioneiro se aproximar...

Não... não quero trocar de lugar com ele! Quero ficar aqui! Quero fi...



Baltasar acordou com ânsia de vômito. Sentiu os músculos da barriga contraindo-se contra sua vontade e o que havia lá dentro subindo até a garganta. O instinto lhe disse para levar as mãos à boca, mas suas mãos lhe disseram que ainda estavam amarradas às costas. Pensou em resistir à ânsia, em olhar para baixo e ordenar a seus músculos que o obedecessem. Mas era tarde demais. Seu corpo tomara as rédeas. Era apenas um passageiro agora. E assim, o reles conteúdo de seu estômago foi ejetado pela boca, escorrendo pelo rosto até o rabo do cavalo sob ele. O cavalo que ele estava cavalgando *de costas*.

A isso se seguiu um coro de gargalhadas e insultos vindos de todos os lados. E apesar de Baltasar não poder ver os homens que riam e o insultavam, pois seus olhos ainda estavam entreabertos e inundados pelas lágrimas involuntárias causadas pelo expurgo involuntário, tinha uma ideia bem clara de quem seriam. Assim como tinha uma ideia bem clara de *onde* estava e de como chegara ali.

Fora nocauteado com um golpe na cabeça. Essa parte era óbvia, graças à visão turva e ao crânio latejando de um jeito que ele nunca pensara que crânios pudessem latejar — a dor irradiava-se até as pontas dos dedos. E, embora não fosse capaz de verificar naquele instante, já que tinha as mãos amarradas, Baltasar também suspeitava de que o cabelo que sentia preso ao escalpo estava grudado lá com sangue seco. Estava tonto e enjoado por causa da força do golpe e da desidratação — a julgar pela sede enlouquecedora e pelos lábios rachados. Seu pescoço estava enrijecido demais para virar mais do que alguns graus em qualquer direção.

Não, racharam seu crânio, não havia dúvida. E, enquanto ele estivera fora nadando pelo infinito, o corpo inconsciente de Baltasar havia sido colocado sobre o cavalo de um soldado, e sua cintura fora amarrada ao animal para que ele não escorregasse. Por que o tinham colocado de costas era um mistério. Só podia supor que fosse algum tipo de insulto. Algo que a cavalaria da Judeia idealizara para seus prisioneiros, talvez. Mas, tradição ou improvisado, era eficaz. Além de deixá-lo desorientado, dava aos soldados atrás dele uma visão clara de seu rosto, o que eles usaram para zombar dele com palavras e gestos.

Além do mais, estar com o nariz bem em cima do rabo de um cavalo também não era nada agradável.

Mas afora os gestos obscenos e o cheiro persistente de esterco, Baltasar estava vivo. Por enquanto, pelo menos. Tinha quase certeza de que estavam a caminho do Palácio de Herodes, em Jerusalém, onde seria apresentado como o prêmio que representava e, em seguida, morto por diversas e terríveis maneiras possíveis antes do fim do dia.

Se ao menos pudesse se virar, decerto veria o capitão Pedro cavalgando à frente do pelotão, sorrindo de orelha a orelha, ensaiando em silêncio sua apresentação grandiosa ao rei e contando mentalmente o dinheiro da recompensa. Herodes iria se gabar um pouco e, em seguida, ordenar a execução de Baltasar ali mesmo — isto é, se a ferida aberta em seu couro cabeludo não o matasse primeiro.

À medida que o sol fazia evaporarem as últimas gotas de umidade de seu corpo, Baltasar reviveu os acontecimentos do dia em sua cabeça dolorida — uma contabilidade forense de cada ação e reação. Um estudo sobre o que dera errado. Havia sido a tentativa de acalmar as mulheres que se banhavam, em vez de fugir e encontrar outro lugar para se esconder? Será que deveria ter dado cabo dos dez soldados na casa de banho, em vez de escalar a lateral do prédio? Roubado um cavalo, em vez de um camelo? Deveria ter dado aquela pancada na cabeça de Flávia quando tivera a chance?

Nunca deveria ter ido a Damasco.

Este havia sido seu verdadeiro erro de julgamento, não? No final das contas, fora essa a decisão que enfiara seu nariz na bunda de um cavalo. Se nunca tivesse ido a Damasco, nunca teria ouvido falar de Tel Arad e seu governador corrupto. Mas ele *fora* a Damasco, em busca de sua única fraqueza. Aquele único item ilusório de tesouro... o mesmo item que perseguia havia anos.

O pingente...

Baltasar havia seguido rumores de sua existência por todo o império, e esses rumores sempre — *sempre* — se provavam uma perda de tempo. Deveria ter imaginado que Damasco não seria diferente. Deveria ter ficado em Creta, que fora boa para ele em vários aspectos. Mas sempre que aquele antigo boato o encontrava, por mais inexpressivo ou longínquo que fosse, Baltasar largava tudo e corria atrás de seu pequeno e esfarrapado objetivo dourado de vida.

Essa era a tragédia real ali. Não que Baltasar fosse morrer. Mas que fosse morrer antes de encontrá-lo. Antes de concluir o que havia iniciado. O que havia *prometido* fazer.

II

A entrada oriental para a cidade de Jerusalém era de cair o queixo. O caminho o conduzia pelo monte das Oliveiras e através do vale do Cédron, a cidade toda se revelando de uma só vez, surgindo no meio do deserto, com o Grande Templo em primeiro plano. Mas mesmo ali, do norte, Jerusalém era uma visão impressionante.

Herodes, o Grande, pode ter sido famoso por sua crueldade excessiva e pelo estilo de vida luxuoso. Pode ter sido criticado por ser um fantoche de Roma e odiado por sua tributação pesada. Mas até mesmo seus mais ferozes inimigos tinham que admitir: o homem era um construtor e tanto.

Rei jovem, tinha aprendido que não havia nenhum escândalo, nenhum descontentamento que alguns edifícios novos em folha não pudessem silenciar. E ao longo dos trinta anos de seu reinado, tinha usado essa filosofia para transformar grande parte da Judeia — construir templos e coliseus, consertar estradas e erguer aquedutos para levar água fresca aos súditos. Mas se a Judeia era seu reino, Jerusalém era sua vitrine. O lugar que ele tinha transformado, a partir da pequena cidade de Salomão, em uma das maravilhas do Oriente.

Desde que assumira o poder, raramente houvera um momento em que a cidade tivesse menos de três enormes projetos de construção em curso. Muitos nem sequer seriam concluídos em sua vida. Não importava. Aplacar os súditos judeus não era a única prioridade de Herodes. Sequer chegava perto do topo da lista. O que Herodes queria mesmo era a atenção de Roma. Queria criar uma cidade tão grandiosa, tão indispensável, que até o poderoso Augusto se orgulharia de chamá-la de casa. Uma cidade digna de

ser rotulada “a Roma do Oriente”. E queria que seus filhos, seus netos e os netos *de seus netos* a governassem para sempre, todas as gerações louvando o nome do rei visionário que começara tudo.

E quem sabe? Com o tempo, talvez seus descendentes construíssem um império todo deles próprios. Talvez os filhos de Augusto se vissem de joelhos diante dos filhos de Herodes, em vez do contrário.

Jerusalém era o lar de cerca de cento e cinquenta mil pessoas. Ainda pouco mais que um subúrbio, se comparada aos milhões de habitantes ou mais que Roma abrigava, mas estava a caminho de se tornar uma das maiores cidades do império — no páreo com Alexandria e Antioquia. E com o censo em pleno andamento, a população havia praticamente dobrado.

O povo mal notava Baltasar sendo exibido pelas ruas lotadas — ruas que haviam mudado drasticamente ao longo de sua vida. Em pontos onde Baltasar se lembrava apenas da terra batida, havia agora um anfiteatro de Herodes, de mais de trinta metros de altura, palco das mais recentes obras romanas e gregas. Viu a Fortaleza Antônia, que Herodes batizara em homenagem ao amigo e patrono Marco Antônio; o monumento ao rei Davi, que governara a cidade milhares de anos antes do nascimento de Herodes, e, claro, o Templo de Herodes — a maior e mais impressionante atração da cidade.

Uma cidade em si, o templo ocupava quase metade da fronteira oriental de Jerusalém. A muralha externa tinha quatrocentos e noventa por duzentos e noventa metros e se erguia a trinta metros de altura. Tal muralha abrigava um conjunto de pátios e edifícios, todos em torno do reluzente templo de mármore branco que havia no centro. O maior dos edifícios era a Corte dos Gentios, com os barbeiros e os cambistas de moeda estrangeira, os sacerdotes correndo de um lado para o outro em suas batas brancas e os mercadores vendendo animais para rituais de sacrifício, mantimentos e lembrancinhas de viagem às multidões de peregrinos.

No centro de tudo isso ficava o templo propriamente dito: uma torre de mármore branco que nunca parava de soltar a fumaça da queima de ovelhas e pombas brancas. Diferentemente do ruído e da atividade do complexo que

o rodeava, o templo e seus pátios internos eram estritamente reservados a adoração e sacrifício, e exclusivos para os fiéis. Não judeus eram expressamente proibidos de colocar os pés ali, sob pena de morte. Mesmo Herodes teria arriscado gerar um motim se insistisse em entrar. Porque, embora tivesse sido oficialmente convertido ao judaísmo ao assumir o poder, ainda era considerado um árabe pela maioria da população.

O templo era o mais grandioso dos grandes feitos de Herodes. Mas, embora se gabasse publicamente da casa que havia construído para homenagear a Deus, intimamente, preferia a casa que havia construído para homenagear *a si mesmo*: seu palácio na Cidade Alta.

Herodes tinha palácios em toda a Judeia. Em Cesareia, perto da costa do Mediterrâneo, e em Tiberíades, no mar da Galileia. Em Massada e em Jericó. Todos lindos e monumentais. Mas, embora alguns fossem ainda maiores do que seu lar em Jerusalém, nenhum se equiparava a sua magnificência. Assim como o Grande Templo, o palácio foi construído em uma plataforma elevada, um retângulo medindo cerca de trezentos metros de comprimento e sessenta de largura, cercada por muros altos e torres de vigia. Oficialmente, era uma fortaleza para proteger a Cidade Alta, na parte oeste de Jerusalém, de forças invasoras. No entanto, na realidade era uma oferenda de um rei poderoso a si mesmo. As torres foram distribuídas uniformemente ao longo dos quatro muros. Cada uma tinha um nome. Uma para o irmão do rei, uma para um amigo e uma para sua amada segunda esposa, Mariana.

Mariana... ah, que beldade era Mariana. E como Herodes a amava! E que pena que tivesse sido forçado a executá-la. *E* a executar o homem que ele suspeitava ter tido um caso com ela. *E* o irmão dela. *E* os dois filhos que ela lhe dera, para prevenir que crescessem ressentindo-se do pai por ter assassinado a mãe. Veja bem, não que Herodes houvesse tido prazer em tudo isso. Ordenar a morte do próprio filho é uma das tarefas reais mais desagradáveis que pode haver. Mas, como Herodes gostava de dizer aos filhos restantes: “Emoção é emoção, e política é política, e uma coisa não tem nada a ver com a outra.”

Agora, tudo o que restava da esposa preferida de Herodes era a torre construída em seu nome, acima do portão norte. O portão pelo qual Baltasar entrou sem qualquer cerimônia no Palácio de Herodes pela primeira e última vez na vida. De costas. Coberto pelos próprios sangue e vômito.

Trinta e três anos depois, outro homem seria conduzido pelo mesmo portão para encarar outro Herodes — também coberto pelo próprio sangue, e também a caminho da morte.



Uma vez que o capitão Pedro e seus homens se viram dentro dos muros do palácio, Baltasar foi finalmente desamarrado de seu companheiro e colocado no chão, ainda um tanto confuso e com *muita* sede. Precisou de um momento para se equilibrar, principalmente porque suas mãos ainda estavam atadas às costas.

Depois de restabelecer o equilíbrio, Baltasar deu as costas para o portão norte... e se viu transportado para um outro mundo. Quase tão surreal e infinito quanto o mundo pelo qual voara em seus sonhos. Um mundo de verdes exuberantes e mármore frio. De fontes de bronze polido e cachorros meticulosamente tosados. Era, simplesmente, um paraíso na terra. Os *jardins do Éden, finalmente redescobertos*.

Dentro da retangular muralha externa, o terreno era dividido ao meio, em dois retângulos menores perfeitamente simétricos — cada um espelhava o outro nos mínimos detalhes. E embora os forasteiros, assim como Baltasar, provavelmente imaginassem que por trás daqueles muros o Palácio de Herodes fosse uma estrutura única, na verdade havia *dois* palácios idênticos ocupando o interior das muralhas — um de frente para o outro e diante de um vasto pátio retangular.

Ao longo das laterais do pátio, passarelas cobertas e fileiras de árvores ordenadamente plantadas ofereciam um pouco de sombra nos meses mais

quentes do ano. E quando isso não fosse suficiente, um par de piscinas circulares — alimentadas por fontes de bronze idênticas — estavam prontas para oferecer alívio do calor.

Baltasar soube de imediato por que Herodes construía dois palácios idênticos. Um deles, sem dúvida, continha a sala do trono, onde ele mantinha a corte, oferecia banquetes oficiais e cumprimentava dignitários estrangeiros. *E onde sonhava com novas atrocidades a cometer contra o povo e as vidas que seguiam em frente, apesar do medo que sentiam de um homem a mais de mil quilômetros de distância.* Tal palácio podia ser distinguido do outro pelos cortesãos, os oficiais militares e os magos — título que abrangia uma ampla gama de funções, desde conselheiros a médicos, mas que geralmente se referia aos sacerdotes — que pairavam diante dele.

Do outro lado do pátio, a cerca de cem metros, o outro palácio servia como residência privada de Herodes, com aposentos para suas esposas, seus filhos e as esposas de *seus filhos*, os banhos aquecidos e um harém pessoal de cerca de quarenta mulheres — todas “recrutadas” entre a população local e nenhuma com mais que dezesseis anos. Este palácio se diferenciava pelas hordas de crianças brincando e pelas jovens tomando sol diante do prédio. Dois palácios. *Um para os negócios e um para o prazer.*

Era preciso admitir. O homem era um construtor e tanto.

Como era de se imaginar, Baltasar foi levado pelos soldados para o palácio dos negócios. Negócios à parte, porém, não havia dúvida de que Herodes sentiria muito prazer em matá-lo.

III

Baltasar achou que seria levado direto para a sala do trono. Exposto diante de Herodes por um minuto ou dois, escarnecido, torturado quem sabe, dependendo do humor do rei, e então executado, para a diversão de todos. Rápido e fácil.

Mas o rei era um homem ocupado, e até mesmo um prisioneiro do porte de Baltasar tinha que esperar sua vez. E na antecâmara ele permaneceu por quase uma hora depois de chegar ao palácio, sentado em um banco de pedra do lado de fora das portas fechadas da sala do trono. Soldados da Judeia sentados dos dois lados, o capitão andando nervosamente ali perto, ensaiando em silêncio seu discurso de apresentação. *E projetando a nova casa que você vai construir com todo o dinheiro, seu hipócrita de...*

— De novo isso! — gritou alguém.

A voz grave e abafada viera de trás das portas da sala do trono.

Herodes.

Tinha que ser. Quem mais gritaria daquele jeito na sala do trono?

Era engraçado — os dois compartilhavam tanta história, causaram tanto sofrimento um ao outro. No entanto, nunca tinham se visto em pessoa. Baltasar não tinha ideia de como seu rival era. Claro, conhecia o perfil estampado em todas as moedas — e os mosaicos, os baixos-relevos e as estátuas. Mas, de acordo com a experiência de Baltasar, essas semelhanças tendem a ser um tanto lisonjeiras se comparadas às pessoas de verdade.

Mesmo através das portas fechadas, Baltasar e os soldados — que fizeram o melhor possível para aparentarem não estar ouvindo — conseguiam distinguir cada palavra:

— Trinta anos! — continuou a voz grave. — Levei trinta anos para fazer desta cidade o que ela é! Conduzi a Judeia a uma nova era! Mas não importa o que eu faça, não importa quantos monumentos gloriosos eu erga para o Deus deles, ainda tenho que ouvir *isto!* Esta asneira! Esta traição!

— E uma vez que o Grande Templo for reconstruído — disse uma voz mais calma, citando as profecias —, quando a cidade de Davi tiver sido tomada e as ruínas da Judeia renascidas, o Messias irá surgir, nascido de uma virgem na cidade de Belém.

— É... já ouvi isso antes.

— E com ele irão ressurgir os mortos, e as pragas dos velhos tempos retorn...

— Você está desperdiçando saliva.

— As pragas dos velhos tempos retornarão para abater os infiéis. Os reis da terra cairão sem poder, e uma voz será ouvida, a voz das mães que choram por seus filhos, porque eles não mais existem.

— Eu disse JÁ CHEGA!

Um breve silêncio se seguiu à explosão. E então, em um tom de voz mais coloquial, a voz grave continuou:

— Se eu desse ouvidos aos avisos de todos os profetas a gritar por esta cidade, enlouqueceria em menos de uma hora. Não vou me acovardar diante de velhas superstições.

— Mas até aí, Vossa Alteza, nunca houve tantos sinais em tantas profecias: o templo reconstruído, as cidades da Judeia renascidas, a multidão em Jerusalém para o censo. Só falta aparecer uma estrela no oriente.

— E o que você quer que eu faça? Quer que eu vá falar com Augusto que ele deve temer uma criança que pode ou não existir? Que Roma deve convocar seus poderosos exércitos da Gália e da Germânia e sitiar a cidade de Belém? Você tem alguma ideia de como ele me acharia idiota?

— A profecia é clara, Vossa Alteza. O Messias vai derrubar *todos* os reinos do mundo. Inclusive o seu.

Houve um estrondo. O som de algo sendo acertado (ou, mais provavelmente, chutado). Algo de metal. Pelo som do impacto e os tinidos

menores que se seguiram, Baltasar imaginou que era uma mesa, da qual vários cálices e travessas tinham caído.

Seguiu-se um silêncio consideravelmente mais longo. Baltasar notou que alguns dos soldados trocaram olhares nervosos.

Quando Herodes finalmente falou de novo, foi para emitir uma ordem:
— Não quero mais ninguém falando desse Messias.

IV

Um grito varou a cidade de Belém, reverberando pelas casas com tochas acesas na vila e as cavernas que haviam sido esculpidas milhares de anos antes nas colinas acima. Foi breve e agudo, e veio de um pequeno estábulo no lado norte da pequena cidade. Um estábulo que era normal em todos os sentidos — exceto pela estrela que brilhava diretamente sobre ele lá no alto, mais brilhante do que qualquer outra no céu do oriente. Uma estrela que não estava ali uma hora antes.

José e Maria sentiam-se como se todos os estalajadeiros da Cidade Alta tivessem lhe batido a porta na cara. Todas as casas estavam lotadas, todos os quartos tomados, cada pedaço de terra nua reivindicado. Com as contrações de Maria cada vez mais frequentes, e a paciência de José cada vez menor, eles desistiram de Jerusalém e tomaram a estrada para o sul, na direção de Belém — onde, segundo diziam os boatos, ainda havia lugar para acomodar famílias menores.

Mas Belém também estava cheia, e eles foram recusados nos dois primeiros lugares em que bateram à porta. Com o céu escurecendo, Maria incapaz de cavalgar ou de andar e José pronto para erguer as mãos e amaldiçoar todos os homens da Judeia, um velho pastor e seus filhos se apiedaram deles. E, embora a casa do pastor, como todas as casas da região, estivesse lotada de pensionistas e familiares para o censo, ele lhes ofereceu os estábulos apertados que ficavam nos fundos. Depois de arrumar um pouco de palha fresca e água e pendurar uma pequena lamparina a óleo, ele os deixou sozinhos. O nascimento de uma criança era um assunto sagrado, privado. Não era lugar para homens ou estranhos.

E lá estavam eles. Cercados pela fedentina dos animais. O brilho de uma única lamparina. *Muito adequado para o nascimento de um rei*, pensou José.

Se estivessem em Nazaré, Maria teria sido auxiliada pelas mulheres da vila. Teria sido consolada por rostos e vozes conhecidos e estaria cercada por aquelas que tinham anos de experiência em dar à luz. Mas ali estava completamente sozinha. Uma menina de quinze anos, deitada em palha dura sobre os poucos lençóis que tinham trazido consigo pelo deserto, suando e enfrentando a pior dor que já sentira.

Algumas vezes — *diversas vezes* — ao longo da noite, Maria chegou a pensar que algo estava errado. *Não devia ser tão difícil, tão doloroso. Não devia demorar tanto. Devo estar fazendo alguma coisa errada.* E, outras vezes — *diversas vezes* —, José quase entrou no estábulo. Mas ele não podia. Era proibido. Não podia vê-la em um estado tão indecente. Não podia tocá-la enquanto estivesse impura. E assim ele fez a única coisa que podia fazer: gritou palavras de encorajamento para ela através das paredes do estábulo. E rezou.



Primeiro, o bebê chorou, um sinal de saúde. Um choro que varou as ruas de Belém. *Uma voz que o mundo irá ouvir*, pensou Maria ao segurar o filho junto ao peito. E então, ficou em silêncio. Tranquilo. Olhou Maria nos olhos por um instante. Não o olhar onisciente de um Deus onisciente, mas simplesmente o olhar confuso de uma criança exausta. E então, dormiu.

Maria e José deitaram-se lado a lado, vendo o bebê dormir enquanto o sol atravessava as frestas das paredes do estábulo e os animais em volta começavam a se remexer.

A tradição dizia que o nome de um menino-homem não deveria ser dito em voz alta até que ele completasse oito dias. O dia da circuncisão. Mas não havia necessidade de falar.

O anjo já dissera aos dois que nome dar à criança.

V

As portas da sala do trono de Herodes enfim se abriram, e Baltasar foi conduzido para dentro, para conhecer sua punição, o capitão Pedro orgulhosamente liderando o caminho.

A sala do trono era tão simétrica e retangular como o restante do palácio, com as portas em uma extremidade e o trono na outra, de modo a fazer com que os hóspedes caminhassem a distância máxima, garantindo maior efeito dramático. Mas, ao contrário do paraíso exuberante que tinha visto lá fora, Baltasar achou seu interior frio e monótono. Colunas de pedra alinhavam-se dos dois lados da passagem estreita. A luz do dia penetrava o cômodo, filtrada pelas janelas atrás das colunas e pela abertura quadrada no centro do telhado, a uns doze metros de altura. À noite, as tochas e as lamparinas instaladas ao longo da sala forneciam bastante luz e calor, embora Baltasar imaginasse que Herodes não passasse muito tempo ali depois do anoitecer. *E por que o faria, com todo um palácio do prazer esperando do outro lado do pátio?*

Ao se aproximarem do trono, Baltasar viu, à sua direita, escravos limpando apressadamente uma mesa tombada no chão com os cálices e pratos caídos. E ao se parabenizar em silêncio por ter adivinhado corretamente que se tratava, de fato, de uma mesa jogada no chão, seus olhos se voltaram para o trono em si e para a figura largada nele.

Baltasar tinha visto muitas coisas terríveis ao longo de seus vinte e seis anos. Mas *nada* do que vira o havia preparado para seu primeiro vislumbre de Herodes, o Grande.

Diziam que o rei passara anos doente. Ele não se aventurava mais entre as pessoas. Não aparecia mais para supervisionar seus projetos de construção e deles se vangloriar. Mesmo o luxuoso camarote privativo em seu amado teatro estava vazio havia anos. Alguns especulavam que estava morto. Que seus filhos partilhavam o poder em segredo, usando o temido nome do pai em vantagem própria. Mas Herodes estava vivo... se é que se podia usar tal termo.

Estava debruçado para a frente, a coluna torcida. Seus olhos estavam amarelados; os dentes, escurecidos; a pele clara, coberta de feridas abertas. Os olhos e as bochechas encovados mal pareciam fortes o suficiente para suportar o peso de sua barba rala e grisalha, e as vestes pendiam de seu corpo como lençóis em um varal.

Aquele era o Eminente Herodes? Aquele homem pequeno e enrugado? Aquele farrapo? Aquele era o rei da Judeia? Ele se parecia menos o homem que reconstruía Jerusalém do que um dos leprosos que mendigavam cegamente por suas ruas. Em contraste, o trono era grandioso, o assento de mármore branco adornado com detalhes em ouro. Mas embora tivesse sido projetado para inspirar temor, só serviu para fazer com que o minúsculo homem sentado nele parecesse ainda menor.

Pedro deu um passo para a frente, o capacete de capitão debaixo do braço. Bateu os calcanhares e — exatamente como havia ensaiado durante todo o caminho desde Betel — se dirigiu a seu rei:

— Eminente Herodes! É uma honra vos apresentar o Fantas...

— Já sei, já sei — disse Herodes, acenando com a mão. — Saia.

Baltasar viu o rosto de Pedro murchar ao perceber que estava sendo posto de lado. Podia ver seus sonhos de promoções, escravos e dinheiro desmoronando diante dos olhos do capitão. Quase fazia estar ali valer a pena.

Enquanto Pedro se afastava, amuado, Herodes examinava Baltasar lá de seu trono. Estudava-o com seus olhos amarelos.

No entendimento de Baltasar, homens de poder ou eram cães ou gatos. Os cães eram simples. Diretos. Se você prejudicasse um cão, ele latia, enfiava

os dentes em você e o sacudia até matá-lo. Mas gatos... gatos eram astutos. Gatos gostavam de brincar com a presa antes de comê-la.

— O Fantasma da Antioquia — exclamou Herodes, abrindo os braços e descendo do trono. — Que honra recebê-lo em meu humilde palácio.

Gato.

Herodes continuou descendo os degraus até chegar perto o suficiente para colocar a mão no ombro de Baltasar. Tão próximo que Baltasar podia sentir o cheiro da decadência emanando dele. A podridão de fungos e furúnculos. O fedor da morte. De repente, Baltasar teve uma visão de Herodes perambulando à noite até seu harém, encostando sua carne nua e doente na de suas concubinas. Impondo sua própria decadência a meninas quatro vezes mais novas que ele. Quase vomitou de novo.

— Aqui estamos, afinal. Os dois homens mais famosos de toda a Judeia.

Baltasar permaneceu olhando para a frente. Não para Herodes, não para além dele, mas através dele. Assim como se recusara a dar às tropas a satisfação de vê-lo se contorcer, não estava disposto a dar ao rei deles a satisfação de uma resposta — mesmo que estivesse um tanto lisonjeado de ter sua fama comparada à de Herodes.

— No entanto, até que ponto um homem pode ser famoso se não tiver sequer um nome? — Herodes deu um passo para trás e admirou sua presa por um momento. — Por favor — disse ele —, preciso saber. Preciso saber o nome verdadeiro do homem que vem ocupando tanto do meu tempo há tantos anos. Cujas alcunhas admito ter muitas vezes amaldiçoado nesta exata câmara.

Nem uma palavra de Baltasar. Nem mesmo um tremor de seus lábios rachados.

— Certo — disse Herodes, após alguns momentos de silêncio. — Bem... acho que um homem tem o direito de levar algo consigo para o túmulo.

Herodes recuou e começou a andar de um lado para o outro, para alívio das narinas de Baltasar.

— Sabe — continuou ele —, alguns de meus conselheiros dizem que eu deveria executá-lo imediatamente. Agora, nesta mesma sala. Dizem-me que

uma execução pública é algo muito arriscado. Que você tem muitos admiradores entre as pessoas.

Baltasar não podia conter uma pontinha de orgulho. *As pessoas adoram uma celebridade.*

— Mas eu disse que não! “Vocês superestimam o povo!”, falei. Pois a única coisa que as pessoas amam mais do que um bandido é vê-lo ser punido!

Infelizmente, Baltasar suspeitou de que ele estivesse certo. Mas não disse nada.

— Amanhã, você vai ter a execução que merece. A morte horrível e excruciante que está me implorando para lhe dar há anos. E apesar do que meus conselheiros pensam, posso dizer com absoluta certeza que seu sofrimento vai agradar o povo da Judeia quase tanto quanto vai agradar a mim.

Não... é perfeito demais. Preciso falar.

— Você quer dizer quase tanto quanto vai agradar aos seus senhores romanos.

Um silêncio cobriu a sala. Baltasar viu os sacerdotes de Herodes trocando olhares nervosos.

Lá vem... lá vem o soco em meu rosto insolente. Embora eu duvide de que esse aí tenha tanta força quanto o capitão.

Mas Herodes apenas caiu na gargalhada. Seus dentes podres expostos. Seu mau hálito agredindo mais uma vez os sentidos de Baltasar.

— Está vendo? — disse Herodes. — É exatamente isso que eu esperava que você dissesse. Essa é uma resposta digna do Fantasma da Antioquia.

E, antes mesmo de começar, a conversa estava encerrada. Herodes virou-se e, devagar, subiu com dificuldade os degraus até seu trono. Seus conselheiros adiantaram-se com os assuntos a serem tratados em seguida, e Baltasar foi levado para fora do mesmo jeito que entrara.

O rei era um homem ocupado.

VI

Baltasar tinha que admitir, as masmorras de Herodes estavam entre as melhores que já vira. As paredes cor de areia e o piso eram lisos e secos, e, com dimensões de três por três metros, as celas eram grandes. Mas o que chamava mesmo a atenção eram as pequenas janelas com grades de ferro na face leste de cada cela. Janelas... em uma masmorra. Em que mundo estamos?

Ele foi levado por um corredor por nada menos que seis guardas carregando tochas, e jogado em uma cela lá no fundo, onde ficou um pouco decepcionado ao ver outros dois prisioneiros sentados no chão na parede oposta. Tinha imaginado que um hóspede de sua grandeza teria aposentos privativos. Um deles era africano, magro e musculoso, com uma carranca permanente e inteiramente careca. O outro parecia grego, embora fosse difícil dizer devido a sua espessa barba castanha. Fosse qual fosse sua nacionalidade, era redondo e baixo. Pela aparência deles, haviam passado por suas próprias provações.

— O Eminente Herodes vai ouvir seu último pedido — disse o chefe da guarda.

Baltasar pensou por um momento. Na verdade, não havia nada na terra que quisesse mais do que comida — *qualquer* comida — e água. Mas um plano era um plano.

— Gostaria de um sacerdote — disse ele.

O guarda não fez qualquer esforço para esconder sua surpresa, e, atrás de Baltasar, os outros prisioneiros trocaram olhares confusos.

— Gostaria que um sacerdote viesse nos oferecer conforto antes de nos levarem. Um para mim... — Baltasar virou-se e examinou seus companheiros de cela — ...e um para cada um deles.

— Poupe seus sacerdotes — disse o africano, em um sotaque que Baltasar podia jurar que era etíope. — Meu amigo e eu estamos bem confortáveis.

— Por favor... eu insisto — disse Baltasar. E então, voltando-se para os guardas: — Três sacerdotes. Um para confortar cada um de nós.

O chefe da guarda considerou o pedido por um momento.

— Como quiser — disse ele, e soltou os pulsos de Baltasar, o que foi *quase* tão bom quanto um copo de água.

E com isso os guardas se foram, levando a luz de suas tochas consigo. A porta foi fechada e trancada, e de repente Baltasar estava sozinho no escuro com um par de estranhos. Nada além de alguns metros quadrados de cela e umas poucas faixas de luar entre eles. Girou os braços em um círculo, tentando soltar os ombros doloridos, tentando fazer com que o sangue lhe voltasse aos braços.

— Parabéns — disse o africano. — Você é, quem sabe, o homem mais estúpido que já conheci.

— Você provavelmente tem razão. Mas vai economizar tempo me chamando de Baltasar.

— Gaspar — disse ele. — E este é meu parceiro, Belchior de Samos, o melhor espadachim do império.

Baltasar já havia escutado sua cota de bravatas de presídio. Criminosos eram uma raça que gostava de se gabar, especialmente em meio a outros criminosos. Mas aquela estava entre as mais ridículas que já tinha ouvido. O companheiro redondo de Gaspar não parecia nem sequer capaz de *erguer* uma espada, muito menos de matar algo com uma. Mas como estava fraco demais para o duelo verbal de sempre, Baltasar preferiu ignorá-lo.

— E você? — perguntou a Gaspar. — Suponho que também possua algum talento extraordinário.

— Meu único talento é ser inteligente o suficiente para ser parceiro do melhor espadachim do império.

— Ele não pode ser *assim* tão bom — disse Baltasar —, já que vocês dois acabaram aqui.

— Fomos capturados tentando roubar um incensário de ouro do Soreg — disse Gaspar. — Acontece que eu não passo muito bem por judeu.

— Seremos executados amanhã de manhã — disse Belchior, de um jeito que sugeria que ele não compreendia inteiramente as implicações do que isso significava.

— Que coincidência. Também vou ser executado amanhã de manhã.

— E você? — perguntou Gaspar. — O que fez para acabar como um hóspede de Herodes, o Grande?

Aqui vamos nós.

— Se eu contar — disse Baltasar, apoiando-se na parede oposta —, você vai achar que sou mentiroso.

— Eu já achava que era um idiota. Qualquer homem que troca comida e água pelos favores de um sacerdote é um idiota.

Que diferença faz? Sou um homem morto. Deixe que estes dois passem sua última noite na terra pensando que sou um mentiroso.

— Sou o Fantasma da Antioquia.

E, como sempre, sua frase foi seguida por um longo silêncio.

— Muito prazer — disse Gaspar. — Sou Augusto César.

Belchior gargalhou.

— Acredite você em mim ou não — disse Baltasar —, isso não muda o fato de que todos nós vamos morrer juntos amanhã pela manhã.

— Se você é o Fantasma da Antioquia — disse Gaspar —, como foi capturado? Pensei que ele tivesse a força de dez homens.

— Ouvi dizer que tinha dois metros e meio de altura — falou Belchior.

— É, dois metros e meio de altura — completou Gaspar — e mais rápido que um cavalo. E ainda assim, aqui está você, conosco, um homem que precisa do conforto de um sacerdote em suas horas finais.

— Olhem, se vocês não se importam, eu gostaria de só... pensar um pouco.

— À vontade. Você vai precisar de toda a sua força para derrubar as paredes dessa masmorra e nos libertar.

Enquanto Belchior gargalhava de novo, Baltasar fitava, por entre as barras de ferro na parede leste, a estrela extraordinariamente brilhante que pairava no céu. Um plano era um plano.

Mesmo quando era tão estúpido que praticamente não tivesse *nenhuma* chance de funcionar.



A IDEIA IMPRONUNCIÁVEL

“Não é desprezado o ladrão, mesmo quando furta para saciar a fome?”

Provérbios 6:30

I

Havia muitas maneiras de furtar.

Havia o esbarrão, em que seu cúmplice “acidentalmente” colidia com o alvo em uma rua movimentada. E, enquanto ele se desculpava, você dava o bote. O mendigo, em que seu cúmplice — ou, melhor ainda, *seus cúmplices* — assediava o alvo pela frente, pedindo dinheiro, enquanto você pegava sua bolsa de moedas atrás. A luta, em que dois ou mais cúmplices fingiam brigar na rua, e você vasculhava os bolsos dos homens que paravam para assistir. O braço falso, a troca, a vítima, o profeta. Não importava o método, os passos eram sempre os mesmos: distrair, agir e desaparecer.

A primeira parte era fácil. Uns poucos pombos levantando voo, um grito distante, uma linda mulher passando — qualquer um desses pode desviar a atenção de um homem o suficiente para distraí-lo de seu dinheiro. E desaparecer também era fácil, uma vez que a maioria das vítimas só descobre que foi vítima minutos depois — ou mesmo *horas*. Mas o *furto*. O furto em si era a questão. Era o elemento que exigia habilidade e prática. Era nele que estava a arte, e Baltasar era um artista. Havia muitas maneiras de se furtar, sem dúvida. Mas ninguém em Antioquia era tão bom quanto ele.

E ele tinha apenas doze anos.

Já um homem para qualquer dos padrões da época, e já um criminoso experiente — o melhor batedor de carteiras no Império do Oriente, segundos suas próprias contas. Ajudara em seu primeiro furto aos quatro anos, atuando como cúmplice para os meninos mais velhos. Aos seis, furtava sozinho de alvos mais fáceis: bêbados e idosos. Aos oito, tinha seus próprios cúmplices, a maioria deles mais velhos do que ele próprio.

Durante os quatro anos seguintes, Baltasar aperfeiçoou seu ofício. Desenvolveu seus próprios métodos para preparar furtos e fazer com que os alvos revelassem a localização de suas bolsas de moedas. Um de seus preferidos era também o mais fácil:

— Cuidado, senhor — avisava uma vítima. — Este Fórum está cheio de batedores de carteira.

E eis que, nove em dez vezes, o alvo levaria instintivamente a mão ao dinheiro, para se certificar de que ainda estava lá. Mais tarde, Baltasar aprendeu que poderia simplesmente colocar uma placa que dizia *Cuidado com os batedores de carteira* em qualquer lugar público e obter o mesmo resultado.

Um ladrão aspirante não poderia ter pedido por um melhor lugar para aperfeiçoar sua arte. Antioquia tinha apenas trezentos anos, ainda uma criança se comparada às outras grandes cidades do mundo. Mas nesse tempo relativamente curto tinha experimentado um crescimento explosivo e se tornado o que muitos chamavam de “Joia do Oriente”. Uma cidade para rivalizar com a grandeza de Alexandria, com cerca de trezentos mil homens livres e duzentos mil escravos.

A maioria da população era de gregos, mas a cidade também proporcionou uma grande mistura de macedônios, judeus, chineses, indianos, sírios nativos e romanos, que, como de costume, eram a minoria poderosa. Com os romanos haviam chegado todas as inovações subsequentes: um anfiteatro, um aqueduto para oferecer água fresca em abundância e uma arena para corridas de cavalos, um dos maiores do império, com capacidade para até oitenta mil espectadores.

Mas, de todas as atualizações promovidas pelos romanos, a característica que realmente definia Antioquia era sua rua das Colunatas, de proporções quase inimagináveis: uma avenida de paralelepípedos de dez metros de largura e seis quilômetros de extensão, com passarelas cobertas (ou “colunatas”) dos dois lados, ao longo de todo o seu comprimento. Traçava uma linha reta, de norte a sul, pelo centro de Antioquia, paralela ao rio Orontes, que corria ao longo da fronteira ocidental da cidade. Sob essas

passarelas cobertas, os comerciantes vendiam mantimentos e mercadorias de todo tipo, alguns em lojas permanentes, outros em barracas móveis. À noite, todo o trecho era iluminado por tochas, e as multidões continuavam a comprar, comer e socializar até as primeiras horas da manhã. O norte e o sul da rua das Colunatas se encontravam em uma enorme praça circular, que séculos mais tarde seria reconstruída na forma de Fórum por Valente, imperador do lado oriental.

Embora tivesse seis quilômetros de colunatas cheias de gente à disposição, Baltasar gostava de trabalhar no Fórum. Era o coração de Antioquia. Um lugar onde se podia marcar reuniões, onde os comerciantes barganhavam, os políticos debatiam acaloradamente e onde caravanas de camelos eram vistas chegando a qualquer momento com produtos exóticos do Oriente. Por acaso, o Fórum também oferecia uma oferta maior de bolsos a serem furtados, além de ter mais rotas de fuga. Mas o privilégio não saía barato. Devia-se pagar propina. Recompensar dicas. Dividir o espólio com os cúmplices. Como em qualquer negócio, era preciso ter dinheiro para fazer dinheiro. E, como no setor imobiliário, locais privilegiados tinham um preço.

Baltasar gostava de perambular pelo Fórum, próximo aos cambistas de moedas. Passava horas observando os homens fazendo fila diante de suas mesas, à espera do alvo certo. A paciência era a maior virtude do batedor de carteiras. Baltasar tinha visto muitos de seus colegas se destruírem por causa da pressa, muitos meninos de sua idade andando com cotos onde um dia houvera mãos. Era preciso paciência. Era preciso um plano.

Às vezes os cambistas lhe davam uma dica — em troca de uma propina generosa, é claro. Mas hoje Baltasar não precisava de dicas. Tinha identificado o alvo sozinho: um empresário grego alto que parecia ter uns quarenta anos, de barbicha e cabelo comprido até as costas.

Um bom alvo era uma combinação de três características: estar distraído, sozinho e carregando uma penca de dinheiro. O alvo de hoje preenchia dois dos três requisitos. Carregava uma boa quantidade de dinheiro e sem dúvida estava distraído — os olhos correndo ao redor de si,

as sandálias batendo no chão impacientes enquanto ele gritava para o cambista para se apressar. Era um homem que claramente tinha um compromisso, o que sempre era mais uma vantagem. O problema era que não estava sozinho. Havia outro grego com ele. Ligeiramente mais jovem e ligeiramente menos distraído.

Duplas eram ruins. Matematicamente, dobravam suas chances de ser pego. Mas havia maneiras de fazê-las trabalhar a seu favor. Baltasar fez um sinal para seus dois cúmplices — dois meninos mais novos que estavam à espera do outro lado dos cambistas. Quando teve certeza de que vira o alvo, deu-lhes mais um sinal, usando a mão direita para imitar alguém que segurava uma alça.

Optara pelo vinho derramado. Era seu método preferido para duplas. Enquanto atravessassem o Fórum lotado, Baltasar seguiria os gregos bem de perto, esperando que seus cúmplices agissem. Se tudo corresse como previsto, os meninos surgiriam do nada, correndo com um jarro de vinho nas mãos. Esbarrariam, desajeitados, nos gregos, derramando o vinho todo em suas vestes. E, enquanto os homens examinassem suas roupas — praguejando e ameaçando bater nos meninos pela falta de jeito —, Baltasar daria o bote: passaria atrás do alvo, estenderia uma pequena faca imperceptivelmente na direção da bolsa de moedas do grego, cortaria a pequena correia de couro que a prendia ao cinto e se apossaria dela, sem nem diminuir o passo. O alvo jamais saberia o que o atingira, exceto pelo jarro de vinho. Quando funcionava, era de uma beleza indiscutível.

Quando não funcionava? Você corria.



Baltasar correu o mais rápido que suas pernas finas lhe permitiam — o que, aparentemente, era só um tantinho mais rápido do que os gregos que o perseguiam. Tinha sido um furto ruim desde o início. O vinho não fora derramado direito, caindo nos pés das vítimas em vez de em suas vestes.

Pior, o companheiro do grego obviamente já tinha sido assaltado antes. Uma vez que o choque inicial do vinho derramado desapareceu, o jovem grego imediatamente verificou a própria bolsa de moedas e começou a olhar ao redor. Baltasar completara o furto, apesar de a parte do vinho ter dado errado. Infelizmente, conseguiu afastar-se apenas alguns metros antes de ouvir o temido:

— Ei! Você!

Então, lá estava ele, forçando suas pernas de doze anos bem acima de seu uso normal, com dois gregos muito maiores que ele em seu encaço — os pés sujos de vinho tinto, gritando:

— Segurem este garoto! É um ladrão!

Se o pegassem, ele perderia as mãos, no mínimo. O mais provável era que fosse condenado à morte, por apedrejamento ou por decapitação. Bater carteiras havia se tornado uma epidemia tanto na rua das Colunatas quanto no Fórum, e os romanos vinham combatendo a prática. Não havia lugar para crime desenfreado em uma cidade romana. Assim como não parecia haver lugar para os sírios nativos.

Ele correu no sentido leste, ao longo de um dos canais que levavam água doce para o centro da cidade — parte da rede de canais, túneis e tubulações que compunham os aquedutos construídos pelos romanos. Aquele estava seco, cheio de terra, gravetos e lixo. E era exatamente por *isso* que Baltasar decidira seguir seu curso.

O bairro — se chegar ao bairro, estarei a salvo... vou conseguir desaparecer.

Havia dezenas de pequenas aldeias próximas umas das outras nos arredores de Antioquia, tão densas que formavam uma espécie de segunda muralha ao redor da cidade já murada. Havia áreas incrivelmente ricas, áreas mais ou menos ricas, áreas de classe média e áreas pobres. E depois havia as favelas sírias. Para as quais Baltasar corria neste instante, com a morte em seus calcanhares.

— Sírio imundo! — ele ouviu um dos gregos gritar atrás de si. — Vou arrancar seus braços com as minhas próprias mãos!

Baltasar conhecia cada centímetro dos quatro quarteirões quadrados que formavam o bairro de Platanon: um labirinto de minúsculas casas amontoadas e ruelas estreitas e sem calçamento em que morava a maioria dos sírios da cidade. Ele conhecia cada rosto naquelas ruas, cada nome de cada morador de cada casa. E sabia que podia confiar em qualquer um deles para mantê-lo em segurança, escondido dos gregos. Mas primeiro tinha que chegar lá — e, para tal, iria precisar de um pequeno milagre.

Na verdade, três pequenos milagres.

À medida que Baltasar corria ao longo do canal seco, as largas ruas de paralelepípedos e as colunatas reluzentes da cidade começavam a sumir, dando lugar a ruas mais estreitas e a casas de um subúrbio pobre. À frente, as casas desapareciam abruptamente junto a um penhasco de trinta metros de altura, mas o canal continuava, passando por uma ponte estreita e inacabada.

A ponte velha havia desabado durante um terremoto recente, uma das desagradáveis realidades de se morar na Síria. Os engenheiros romanos tinham cortado a água enquanto construía uma ponte nova. Uma equipe trabalhava na margem mais próxima do penhasco, e outra, do outro lado. O plano era que as duas metades se encontrassem no meio, e eles já estavam quase lá, faltavam apenas uns seis metros. Havia um andaime de madeira de cada lado, ambos com braços estendidos, dos quais pendiam as cordas usadas para içar blocos de pedra — as mesmas cordas que Baltasar esperava que o conduzissem para a liberdade dali a poucos segundos.

O primeiro dos três pequenos milagres de Baltasar aconteceu: não havia ninguém trabalhando na obra, embora isto mal pudesse ser considerado um “milagre”, dada a lentidão já famosa das construções romanas. O segundo se deu logo depois: a corda que pendia do andaime mais próximo estava a seu alcance. Agora ele só precisava de um terceiro milagre: agarrar-se à corda pendurada e alçar-se com segurança para o outro lado.

Quando se aproximou da beira do penhasco, Baltasar saiu da rua e entrou no canal, em direção à ponte inacabada, os homens tão perto que quase podiam tocar-lhe as roupas.

Você consegue.

Ele correu com todas as forças que conseguia imprimir nas pernas esguias, aproximando-se do final da ponte e da corda pendurada. *Você consegue, Baltasar.* E, com um último salto, agarrou a corda e lançou-se para a frente. *Você consegue. É só não olhar para baixo que você...*

Ele não tinha a menor chance. Assim que se lançou sobre o penhasco, Baltasar soube que estava em apuros. A distância entre os dois lados era duas vezes o que parecia quando vista da ponte, e a queda, *duas vezes* mais alta. Pior, a ponta do andaime no qual estava pendurado não estava centralizada entre as duas metades da ponte: era *muito* mais próxima do lado do qual havia saltado. Quando se aproximou do ponto mais baixo da curva de seu salto, Baltasar subitamente se viu diante de duas péssimas opções: ele podia segurar a corda e voltar para a margem de onde viera — e onde dois homens enormes esperavam por ele — ou podia soltá-la e pular. De um jeito ou de outro, não haveria mais milagres por hoje.

Ele soltou.

Mais uma vez, foi uma decisão da qual se arrependeu imediatamente. Ele não ia chegar ao outro lado. Não de pé, pelo menos. Havia uma chance — um *resquício* de uma chance — de que ele alcançasse a borda da ponte com a ponta dos dedos. Baltasar deu impulso com as pernas exaustas no meio do salto, como se correr no ar pudesse impulsioná-lo para a frente.

Estou descendo.

Esticou os braços para a frente, as pedras irregulares e inacabadas da ponte se aproximando. Mas foi seu *peito* quem as acertou primeiro, batendo na parte inferior da ponte e roubando-lhe todo o ar dos pulmões.

O impacto assustou um rato que vasculhava o lixo na outra margem. O roedor ergueu os olhos, meia larva ainda pendurada na boca, e viu um garoto agarrado à beira do canal, lutando para se erguer. Foi uma tentativa curta, pois o menino começou a escorregar quase que imediatamente. O rato observou enquanto os dedos do menino se agarravam à parte inferior da ponte de pedra, tentando se segurar. Depois de um esforço breve mas

valente, o menino desapareceu. O rato, achando que ele havia caído ao encontro da morte, voltou a sua refeição.

Baltasar não tinha a menor ideia de como havia conseguido se segurar. Estava se sustentando em pouco mais do que a areia que tinha debaixo das unhas, chutando com os pés. Tentando se apoiar em uma superfície que não estava lá. *Não olhe para baixo. É muito importante que você resista ao impulso de...*

Ele olhou para baixo. Era uma queda de 30 metros até a estrada de cascalho duro lá embaixo, mas poderia muito bem ser de um quilômetro. Podia ver uma pilha de blocos de pedra esculpidos abaixo dele, esperando sua vez de serem içados. Podia sentir-se caindo, sendo *esmagando* contra as pedras. Sentir os miolos se espremendo através das rachaduras no crânio...

Olhe para cima, seu idiota!

Baltasar esticou a mão esquerda até a ponte e segurou-a. Seus braços magros tremiam enquanto ele se erguia, tentando voltar para o topo, tentando ignorar a dor lancinante que sentia nos pulmões vazios. Ele balançou as pernas para trás e para a frente, usando a força para ajudar a impulsionar o corpo para cima. E conseguiu. A cada balanço conseguia agarrar-se um pouco mais acima, até que finalmente passou os cotovelos sobre a beirada e arrastou o resto do corpo para cima.

O terceiro milagre...

Ele descansou de bruços por um momento, o rosto encostado na pedra, recuperando o fôlego, alheio ao rato que assustara. E se colocou de pé — o peito arfante, os dedos sangrando —, pensando que talvez seus perseguidores estivessem pensando em realizar o mesmo truque que ele e seguiu até a outra margem. Mas os gregos não estavam pensando em nada disso. Estavam simplesmente de pé do outro lado da ponte inacabada, olhando-o, estupefatos com o que tinham acabado de ver.

Baltasar não sabia muito bem *por que* fez o que fez a seguir. Talvez fosse o olhar perplexo em seus rostos, talvez fosse um subproduto do medo, mas ele abriu-lhes um sorriso. O mesmo sorriso confiante que iria enfurecer muitos de seus perseguidores no futuro, do jeito que enfureceu os gregos

naquele instante enquanto ele se virava e desaparecia na fortaleza impenetrável das favelas.

II

Eram cinco ao todo: Baltasar; a mãe, Asherá; as irmãs mais novas, Melita e Tânis, gêmeas e com nove anos; e o irmãozinho, Abdi, de dois.

Baltasar gostava muito da mãe, e, de alguma forma — embora ainda não soubesse medi-lo —, amava as irmãs. Mas Abdi era sua sombra. Sua plateia. Seu adorador. O menino que queria brincar com ele a todo instante, que ria de cada careta que fazia e que, apesar de pequeno para a idade, era tão corajoso quanto o irmão. Quando Baltasar saía para o Fórum todas as manhãs, Abdi muitas vezes corria atrás dele, puxando sua perna e chorando:

— Ba-tasá! Ba-tasá! Fique aqui!

Nas raras ocasiões em que Baltasar não trabalhava, eles ficavam juntos. Baltasar levava o irmão para cima e para baixo pela rua das Colunatas, parando para assistir aos músicos ou acariciar os animais exóticos que eram do outro lado do Himalaia. De vez em quando, ele até esbanjava em um punhado de tâmaras com canela para comerem em segredo. À tarde, Baltasar levava Abdi para as margens do Orontes, até a sombra de sua palmeira preferida. A que tinha um talho profundo no tronco. *A que parece ter cicatriz.* E lá, à sombra da pequena árvore com cicatriz, Baltasar se sentava e observava os homens pescarem, enquanto Abdi dormia em seus braços, acariciando o cabelo castanho do irmão. Às vezes ele também cochilava.

À noite, com os cinco amontoados em um único cômodo, Baltasar contava a Abdi algumas das histórias de que mais gostava quando era menino: as conquistas de Alexandre, o Grande, e de Leônidas, as batalhas de

Cartago e de Salamina. E então os cinco dormiam, cada um em sua esteira no chão.

Até dois anos antes, havia seis esteiras.

O pai de Baltasar tinha feito a vida da mesma forma que a maioria dos homens do bairro: se matando de trabalhar sob o sol, quebrando pedra em uma pedreira ao norte da cidade. Era um dos poucos trabalhos considerados aceitáveis para os sírios. Nos velhos tempos, eles tinham sido fazendeiros e comerciantes. Mas quando Roma baixou em Antioquia, foram arrancados dos campos e dos fóruns para as favelas.

As condições na pedreira eram perigosas. Cordas rompiam. Guinchos caíam. Homens eram constantemente atingidos por grandes pedaços de detritos, cortados ao meio por lascas de pedra que se soltavam das paredes. Às vezes, como no caso do pai de Baltasar, eram simplesmente esmagados até a morte sob doze toneladas de rocha, quando o guindaste de madeira quebrava.

Baltasar jamais vira o corpo do pai, e era grato por isso. Mas ouvira descrições de homens que haviam tido o mesmo destino — seus corpos liquefeitos pela força —, e não conseguia deixar de imaginar como seu pai estava quando finalmente içaram a pedra que caíra nele: cada gota de sangue, bile e mijo espremida de seus órgãos, o conteúdo de seu estômago e dos intestinos explodindo para fora em uma visão grotesca, os miolos arrancados pelos buracos dos olhos, e seu crânio transformado em um mosaico de pequenas telhas quebradas. Em um segundo ele era um trabalhador com um senso de humor perverso, a barba meticulosamente aparada e uma paixão por tâmaras com canela. No outro era um saco de telhas quebradas encharcado de sangue. Apagado da existência em um piscar de olhos. O estalar de uma corda.

A tragédia transformara Baltasar no homem da casa. O único provedor para sua mãe e os três irmãos. E embora sua mãe não aprovasse seus métodos, também não os proibia.

— Roubar é pecado — dissera ela com um suspiro ao descobrir sua carreira de batedor de carteiras —, mas passar fome é um pecado maior

ainda.

Mas ela *estabeleceu* um limite, quando descobriu um dos métodos de Baltasar: vestir um manto de oração, entrar no templo judeu e furtar dos bolsos dos homens concentrados em suas preces.

— É uma abominação — dissera-lhe sua mãe —, quer você adore o Deus dos hebreus ou não.

Depois de pagar seus cúmplices, recompensar os que lhe deram dicas e distribuir as propinas necessárias, as moedas que Baltasar conseguia no Fórum eram suficientes apenas para mantê-los todos alimentados e abrigados. Não sobrava dinheiro para extravagâncias como roupa nova, óleo para a lamparina ou doces. Nenhum tapete no qual se sentar ou cálices dos quais beber.

E à medida que o tempo passava ficava mais difícil colocar dinheiro em casa. O Fórum foi se tornando perigoso demais. Baltasar estava sendo reconhecido, questionado pelos soldados romanos que patrulhavam a rua das Colunatas. Cambistas de moedas estavam ficando temerosos quanto a oferecer dicas, já que a captura poderia significar sua crucificação.

Mas o que ele poderia fazer? Furtar era a única atividade em que Baltasar era bom — exceto pelo fiasco de hoje. Ele sabia de alguns rapazes, poucos anos mais velhos que ele, que tinham sido presos por matar um cambista de moedas e roubar seu inventário. Conhecia esses meninos desde que nascera. Conhecia os pais e os irmãos de todos eles. Como ele, haviam começado batendo carteiras no Fórum. Como ele, haviam chegado a um ponto em que se tornaram facilmente reconhecíveis. Um ponto em que precisavam de mais do que algumas moedas para sobreviver. E, assim, dedicaram-se a outro método. E, por isso, haviam sido condenados à morte. Enforcados pelos romanos e jogados em uma vala do outro lado do Orontes.

E foi *isso* o que lhe deu a ideia.

Todos os dias, homens eram presos pelos romanos, por causa de um variado número de motivos — às vezes, por motivo nenhum —, e condenados à morte. Todos os dias, corpos eram enterrados em um campo não identificado do outro lado do Orontes. E com seus corpos iam-se seus

anéis, suas pulseiras e seus colares. No entanto, nunca ocorrera aos romanos pegar as joias para si. E por que não? Por causa da única coisa que gregos, macedônios, romanos, indianos, chineses e até mesmo seus colegas sírios tinham em comum: *religião*. Eram muito supersticiosos. Tinham medo do desconhecido. Eram sofreadores de uma ilusão de massa, a histeria da genuflexão, o sacrifício ritual e as palavras antigas. Nem mesmo os romanos, com toda a sua brutalidade imperial, se atreveriam a profanar um corpo morto. Mas a religião não era uma histeria da qual Baltasar sofresse.

Nunca. Não por falta de instrução. Seu pai, como a maioria dos sírios, adorava os antigos deuses pagãos. E sua mãe, embora não fosse declaradamente religiosa, era uma das mulheres mais supersticiosas do mundo. Baltasar simplesmente nunca encontrara uso para tal. Estava mais preocupado em alimentar sua família do que em se atirar aos pés de uma estátua, mais preocupado com o amanhã do que com as diatribes de um profeta que tinha vivido mil anos antes de seu nascimento. Um profeta que nunca ouvira falar de Roma ou de Herodes. Não via nada de mais em comer certos alimentos em determinados dias ou usar este tipo de chapéu em vez daquele ou até mesmo — *Deus me livre* — não usar chapéu nenhum. Crenças assim colocam você atrás das grades.

E Baltasar iria se libertar.

III

No escuro, de bruços, molhado e sozinho, ele esperava. Ao leste, as luzes da cidade dançavam ao largo das águas do Orontes. Ao oeste, nada exceto deserto. Baltasar havia decidido evitar a ponte e atravessar a nado. Nunca se sabia quando iria se deparar com uma patrulha romana. E ele estava pagando por essa cautela com calafrios no ar frio do deserto.

Raramente estivera daquele lado do rio. Não havia muito que ver além de alguns poucos eremitas e sepulturas rasas, uma das quais ele agora observava de longe. Tinha visto os quatro escravos trabalhando em conjunto para enterrar as vítimas do dia, supervisionados por um único soldado romano. Dois deles usavam pás para cavar uma trincheira que lhes batia no joelho, outro transferia os corpos de um carrinho de mão para os buracos, e o quarto os cobria com terra.

Ele não contara seu plano a ninguém. Ninguém poderia saber — nem mesmo seus amigos mais antigos e mais confiáveis das favelas. Nem seus cúmplices do Fórum. *Ninguém*. Bater carteira era uma coisa. Até matar poderia ser perdoado. Mas *isso...*

Estava brincando com o impronunciável.



Baltasar cavava com as próprias mãos. Havia esperado mais uma hora, sofrendo com os calafrios, mas os escravos tinham ido embora com seus carrinhos, e o soldado com eles. Agora estava sozinho em um campo de

corpos, de joelhos sobre um túmulo recém-coberto, no meio da noite. Enquanto cavava, Baltasar dizia a si mesmo para respirar. *Calma*. Superstições eram para os fracos, não eram? Claro que eram. Dizia a si mesmo para pensar no prêmio. Todo o ouro e toda a prata esperando debaixo da terra solta...

Tinha algo se movendo?

Ele podia jurar que alguma coisa lhe roçara o dedo por baixo da terra...

Não, não tem nada “se movendo”. Não tem nada “se movendo” aqui porque coisas mortas não se...

Um braço varou a terra e agarrou Baltasar pelo pescoço. Em seguida, outra mão — anormalmente forte, apertando sua traqueia. As mãos o puxavam para a terra. Para o túmu...

Não, isso não aconteceu. Pare de ser tão covarde...

Mas ele *tinha* sentido alguma coisa.

Era do mesmo formato de uma mão, mas era diferente de qualquer uma que já tivesse tocado. Nem um pouco mais quente do que a terra na qual fora enterrada, a pele rígida e com a textura de couro. Baltasar de repente se deu conta. Era algo que ele *realmente* desejava ter considerado mais cedo: nunca tinha tocado um cadáver.

Já os tinha visto, claro. Não se chegava aos doze anos nas favelas de Antioquia sem se ver uma pessoa morta. Mas quando se tratava de cadáveres, ver e tocar eram conceitos completamente diferentes. Ainda assim, ele respirou fundo e bateu o restante da terra para o lado...

Lá estava: pela aparência, um homem de no máximo vinte anos. A julgar pela linha vermelha escura em volta do pescoço e o ângulo pouco natural em que sua cabeça repousava, havia sido enforcado. O motivo, Baltasar jamais saberia. Não importava. O que importava era o pingente *em torno* do pescoço. Um pingente de ouro em um cordão de couro.

Eu só preciso estender a mão e pegar o pingente.

Não fazia a menor diferença que sua imaginação lhe estivesse pregando peças, não importava quão real parecesse quando os olhos injetados de sangue do homem se abriram e suas mãos buscaram a garganta de Baltasar,

porque não era verdade. Mortos não ressuscitam. Não havia um Deus a que temer ou pecados a cometer. Não passava de superstição e baboseira de profetas de muito tempo antes.

Ele só precisava estender a mão e pegar o pingente...



Naquela noite, Baltasar voltou para casa imundo além da compreensão e mais rico que em seu sonho mais louco. Imediatamente informou à mãe que eles iriam se mudar para um bairro melhor.

Tinha sido um golpe muito maior do que ele imaginara. Em uma única noite, vasculhara nove corpos. E, desses nove corpos, retirara um total de seis anéis (quatro de ouro, dois de prata) e quatro pingentes (três de ouro, um de prata). Ao todo, tinha levado menos de três horas. *Três horas!* Seria preciso ter muita sorte para roubar uma única pessoa no mesmo tempo. E os furtos tinham seus riscos, recompensas e propinas. Não, aquela era a resposta. Aquele era o caminho. Ele tinha toda a margem oeste do Orontes para si mesmo. E a melhor parte era que aquilo não tinha fim. Enquanto os romanos continuassem matando, Baltasar encontraria uso para suas joias abandonadas.

Na manhã seguinte, ele foi com Abdi para a cidade, e os dois comeram tanta tâmara com canela que quase passaram mal. E quando se deitaram para descansar sob sua árvore preferida — a que tinha uma cicatriz no tronco, não muito longe de onde Baltasar mergulhara nas águas do Orontes na noite anterior —, ele entregou ao irmão um pequeno presente do primeiro saque que fizera aos mortos. Uma lembrança. Era um pingente de ouro em um cordão de couro, um medalhão fino em forma de moeda que trazia o perfil de Plutão em uma das faces.

— O deus da riqueza — disse Baltasar, prendendo o cordão em torno do pescoço de Abdi.

O único deus que vale a pena adorar.

O pingente refletiu a luz do sol da tarde, girando de um lado para o outro à medida que Abdi pulava e gargalhava ao longo do rio, orgulhoso de seu presente, porém mais orgulhoso ainda pelo fato de que fora seu irmão mais velho quem o dera a ele. Baltasar assistiu à sombra da árvore com uma cicatriz, sorrindo de orelha a orelha, a um disco de ouro refletindo-se em seu rosto de vez em quando. A luz do pingente do irmão. O pingente que ele iria passar boa parte da vida procurando.



UMA ESTRANHA LUZ NO ORIENTE

“Tendo, pois, nascido Jesus em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que vieram do oriente a Jerusalém uns magos que perguntavam: Onde está aquele que é nascido Rei dos judeus? Pois no oriente vimos sua estrela, e viemos adorá-lo.”

Mateus 2:1-2

I

Herodes sorriu, as pontas escurecidas de seus dentes surgindo por entre os lábios finos. Ele tinha razão, claro. A única coisa que as pessoas amavam mais do que um bandido era vê-lo punido.

Milhares haviam se reunido para testemunhar a morte do Fantasma da Antioquia. Ao contrário do que seus conselheiros temiam, não houve protestos ou reivindicações para que ele fosse libertado, nem choro pelas ruas de Jerusalém por causa de sua morte iminente. Havia apenas um mar de pessoas esperando ansiosamente na praça diante do portão norte do palácio, espremidas em torno de uma pequena plataforma de madeira que fora erguida no centro. Um mar de gente esperando ansiosamente para ter um vislumbre de uma celebridade menor. Mais especificamente, para ter um vislumbre de seu sangue.

Herodes estava no alto da Torre Mariana, observando tudo através de uma pequena janela, mas tomando cuidado para manter seu rosto doente escondido. Seus soldados tinham passado o dia vasculhando cada centímetro quadrado de Jerusalém, dos subúrbios mais pobres aos pórticos do Grande Templo, espalhando a notícia de que um famoso assassino — o demônio conhecido como “Fantasma da Antioquia” — seria executado diante do palácio ao entardecer. Em toda a cidade, os comerciantes fecharam as lojas mais cedo. Profetas cancelaram os sermões da tarde. Viajantes cansados desistiram até mesmo de seus lugares nas longas filas de recenseamento e se encaminharam para a praça. Herodes esperava grandes multidões, e suas expectativas haviam sido ultrapassadas.

A sala do trono fora palco de algumas deliberações para escolher qual deveria ser o método de execução usado. Havia tantos entre os quais escolher, cada um com suas vantagens e desvantagens. A crucificação era degradante, mas prolongada demais. Tinha o risco de gerar uma simpatia pela vítima. Queimá-lo vivo seria dramático, mas muito perigoso em uma cidade grande e superlotada. Enforcamento era muito pouco para a ocasião.

No final, ficou decidido que a decapitação era a melhor escolha. Um método rápido e fácil, mas suficientemente selvagem e humilhante. De acordo com a tradição, os prisioneiros seriam amordaçados e cobertos com capuzes negros, para privá-los de suas últimas palavras ou de qualquer vislumbre do mundo. Os capuzes também escondiam o medo no rosto das vítimas, desumanizando-as e, portanto, diminuindo as chances de os espectadores se simpatizarem com elas.

Depois de levados até a plataforma, os condenados seriam colocados de joelhos em frente a um bloco de pedra, e suas cabeças seriam prontamente cortadas com um machado de ferro. Embora, dependendo de certo número de fatores — o tamanho do pescoço, a espessura da lâmina, a habilidade do capataz —, às vezes fossem necessários vários golpes até que a cabeça se separasse do corpo.

Assim que a lâmina decepasse o pescoço por completo, os capuzes seriam removidos e as cabeças, erguidas, para que todos vissem: os maxilares pendendo, o sangue escorrendo do pescoço e o rosto pálido. Com alguma sorte, os olhos ainda estariam abertos. Com *muita* sorte, iriam disparar ao redor, encarando a multidão enlouquecida.

O rufar dos tambores encheu a praça de repente, o portão norte se abriu, e o filho já adulto de Herodes, Antipas, passou desfilando, acompanhado por guardas reais. Antipas era tudo o que seu pai um dia fora: alto, musculoso, a coluna reta, a pele escura e perfeitamente saudável, o rosto levemente barbudo e o cabelo preto. Herodes muitas vezes imaginava o que daria para ter a chance de trocar de lugar com o filho, que atrocidades cometeria se isso significasse ter de volta tantos anos de vida, toda aquela saúde e beleza. Seria

capaz de matar o próprio e amado Antipas se isso trouxesse de volta sua saúde? Não havia a menor sombra de dúvida em sua mente: *É claro que sim.*

Antipas subiu os quatro degraus até a plataforma e acalmou a multidão com um aceno de mão.

— Povo de Jerusalém — gritou ele. — Filhos de Israel! Estamos reunidos aqui hoje para presenciar a chegada da justiça para três criminosos!

A multidão vibrou, não tanto por causa do conceito de justiça, mas pelo método sangrento a ser aplicado.

— Estamos reunidos aqui para honrar as leis de Deus! E em nome de meu pai, o Eminente Herodes!

Antipas indicou com o braço a torre acima do portão norte, e mais uma vez a multidão vibrou, o mínimo necessário para parecer convincente, e o máximo sem que parecesse condescendente. Uma vibração de reverência adequada. Milhares de olhos foram contemplados com um raro vislumbre do próprio Herodes — a barba espessa e marrom, as bochechas cheias e a pele sem máculas. Herodes nunca parecera melhor, e ele respondeu com um aceno caloroso para seus súditos.

Afastado da janela, o *verdadeiro* Herodes acompanhava tudo enquanto seu sócia completava a ilusão.

Ele não podia mais aparecer diante de seu povo. Não em seu estado atual. Não até que encontrassem uma cura. Mas também não queria que os judeus tivessem ideias. Espalhassem boatos. Que o enxergassem como algo que não o rei feroz e robusto que tinha sido até poucos anos antes.

O sócia acenou por mais alguns segundos e depois desapareceu de vista, como fora instruído a fazer. Eles não precisavam ficar olhando para o “rei” o tempo todo, examinando a ilusão e se distraíndo do evento principal.

— Estamos aqui — continuou Antipas — para testemunhar a morte de três ladrões, os dois primeiros pegos tentando roubar objetos sagrados do Grande Templo!

Um coro de gritos enfurecidos se formou à medida que os tambores começaram a soar novamente e o portão norte se abriu. Gaspar e Belchior

foram trazidos por guardas enormes — capuzes pretos em suas cabeças, os pulsos amarrados às costas.

Em vez de caminharem para a morte com a dignidade silenciosa que havia se tornado uma marca dos homens em sua posição, ambos lutaram contra suas obrigações, tentando se libertar das garras dos guardas. Naturalmente, quanto mais lutavam, mais a multidão aplaudia, gerando um frenesi. Era como música para os ouvidos de Herodes, o que o fez desejar ainda mais poder trocar de lugar com Antipas. Queria estar lá naquela plataforma, levantar ele próprio a cabeça do tal Fantasma da Antioquia e apresentá-la aos céus. Agarrá-la pelos cabelos e sacudi-la até que a última gota de sangue lhe escorresse pelo braço. Fitar em seus olhos enquanto eles miravam impotentes ao redor, por alguns segundos, e então suas vistas se turvassem em um olhar distante. Da mesma forma que fizera inúmeras vezes ao longo dos últimos três anos, Herodes amaldiçoou em silêncio a prostituta que o deixara daquele jeito. A prostituta cujos encantos tinham sido sua ruína.

Ela era tão jovem... tão nova e ingênua. Ele tinha desfrutado dela tantas vezes, de tantas maneiras... E embora houvesse resistido a princípio, Herodes tinha certeza de que ela passara a gostar dele também. Mas então ele descobriu a marca. A lesão no peito dela. Em um dia, surgiu outra no pescoço. Em uma semana, ela estava coberta de marcas. Feridas das quais escorria um leite malcheiroso. Seus olhos ficaram amarelados e a pele assumiu um tom cinzento e cadavérico.

E então ele a viu. A primeira lesão na própria pele. Herodes ordenou a seus médicos que a arrancassem, mas outras duas surgiram no lugar. Em seguida, mais dez — expelindo uma secreção fétida, chupando o pigmento da pele à volta até que o corpo inteiro estivesse cinzento e seco. E seus dentes apodreceram, seu apetite desapareceu. Os médicos diagnosticaram como lepra, embora tivessem admitido nunca terem visto a doença se manifestar daquele jeito.

Um rei. Construtor de cidades monumentais... arruinado pela doença miserável dos mendigos.

Não, Herodes não podia mais aparecer diante das pessoas, mas ainda podia liderar. Foi preciso um pouco de astúcia, um pouco de ilusão. Mas ainda podia governar das sombras, como fazia agora — de pé na torre que levava o nome de sua amada e falecida esposa, observando enquanto Gaspar e Belchior, de capuz na cabeça, eram carregados até a plataforma, lutando a cada passo do caminho. Tentando se soltar, como se pudessem escapar. Como se pudessem fugir de dezenas de guardas e milhares de espectadores com a cabeça debaixo de um capuz preto.

Impressionante as coisas que um homem faz para preservar a si mesmo, pensou Herodes.

O mais baixo dos dois presos foi arrastado até o bloco de pedra e obrigado a se ajoelhar diante dele. Nas laterais da pedra havia aros de metal pelos quais passava uma corda. Assim que o rosto encapuzado de Belchior encostou na pedra, a corda foi passada sobre seus ombros. Em seguida, guardas ao lado do bloco seguraram as pontas da corda, mantendo-a bem esticada e apertando o corpo do prisioneiro, apesar de seu esforço para se libertar.

— E agora — disse Antipas —, o grego conhecido como Belchior vai encontrar sua morte!

A multidão entrou em um silêncio gélido. Queriam ouvir o que ia acontecer. Ouvir o barulho já tão familiar de um pescoço se quebrando e do metal batendo na pedra. O carrasco ergueu o machado e segurou-o no ar por alguns segundos, aproveitando ao máximo o momento. E então baixou o braço. O barulho das vértebras se rompendo foi ouvido claramente por toda a praça, mas não o da lâmina no bloco.

A lâmina não tinha conseguido atravessar até o final.

Depressa, com o corpo de Belchior se contorcendo e o sangue escuro começando a escorrer pela lateral do bloco de pedra, o machado foi erguido novamente e o trabalho foi finalizado. Nesse instante, Antipas tirou o capuz de Belchior e ergueu a cabeça do ladrão para a multidão — o sangue lhe escorrendo pelo antebraço até a plataforma de madeira.

Herodes nunca tinha visto aquele grego antes. Era apenas um criminoso comum e, como tal, fora levado direto para o calabouço. Não tivera uma audiência com o rei. Apenas uma sentença de morte e uma cela. Ainda assim, havia algo de ligeiramente familiar nele, embora fosse difícil dizer de tão longe. *Mas até aí*, Herodes teve que admitir, *todos os gregos me parecem iguais*.

Não importava. Ali estava ele, a boca amordaçada e o maxilar frouxo, os olhos ainda se movendo, absorvendo a visão dos rostos exaltados e dos punhos erguidos no ar. Absorvendo os últimos segundos que jamais veria. Ali estava ele, um lembrete da autoridade absoluta de Herodes. E a multidão não poderia estar mais feliz.

Ao perceber que a multidão já tinha se saciado o bastante, Antipas entregou a cabeça de Belchior para um guarda, que a levou para ser empalada, e então murchar ao sol por um mês ou mais. Era a vez de Gaspar, e, assim como seu companheiro mais baixo, ele não estava disposto a se entregar tranquilamente. Foram necessários quatro guardas para forçá-lo a ficar de joelhos e toda a força dos homens da corda para mantê-lo no lugar. O carrasco estava determinado a dar um golpe limpo dessa vez, e conseguiu — a lâmina bateu direto no bloco de pedra, com força suficiente para dividir o cabo de madeira de seu machado ao meio. Mais uma vez, Antipas removeu o capuz e ergueu a cabeça para todos verem. Mais uma vez, a multidão aplaudiu enlouquecida.

E quando sentiu que já tinham aplaudido por tempo suficiente, Antipas entregou a segunda cabeça e ergueu a mão. A multidão ficou em silêncio. Estava na hora.

— E agora — disse ele —, chegamos ao criminoso conhecido como “Fantasma da Antioquia”. Um criminoso que vem há muito tempo roubando do povo inocente da Judeia, que assassinou tantos de seus bravos soldados a sangue-frio. Um criminoso que se fez passar por gigante para muitos de vocês! Que os enganou e os fez acreditar que nunca seria capturado! E no entanto, meu pai, nosso eminente rei, o prendeu!

A vibração aumentou, exatamente como Antipas previra.

— Agora vamos ver que este “Fantasma” não passa de um homem! Vamos ver o que acontece com os inimigos da Judeia e de seu povo!

Assim que os tambores voltaram a soar e o portão norte se abriu, a multidão ficou eletrizada. Baltasar foi trazido — o capuz negro na cabeça, os pulsos amarrados atrás de si. À medida que os guardas o levavam para o centro da praça, homens e mulheres ficavam na ponta dos pés e se empurravam uns contra os outros, todos tentando ver um pedacinho do mito. Os que conseguiram, ficaram quase que instantaneamente decepcionados com o que viram. Ele não tinha nada de gigante. Era só um homem. Um homem que — assim como os falecidos Gaspar e Belchior — estava lutando contra as amarras. Tentando se livrar, mesmo naquele instante.

De sua janela, Herodes também podia ver Baltasar lutando, debatendo-se contra os guardas ao ser levado pelos degraus da plataforma de madeira. Nada poderia tê-lo feito mais feliz. O Fantasma da Antioquia não só iria morrer, como também estava sendo covarde na frente de toda a Jerusalém!

Como se em uma resposta aos pensamentos de Herodes, Baltasar fez algo completamente inesperado e indigno ao subir na plataforma. Algo completamente incongruente com a lenda que havia cultivado e muito mais constrangedor do que se debater.

Ele se mijou de medo.

Herodes não teria percebido se Antipas não tivesse notado o círculo escuro nas vestes marrons do prisioneiro. Aumentando. Descendo até as pernas.

— Olhem só para ele! — gritou Antipas, apontando para a prova. — Aqui está o poderoso Fantasma da Antioquia! O Flagelo de Roma se mijando diante da morte!

Risos e aplausos explodiram por toda a praça. Insultos vieram de todos os cantos. Herodes não podia acreditar. *Não... é bom demais para ser verdade.* Seus dentes escurecidos mostraram-se mais uma vez. A lenda do Fantasma da Antioquia logo estaria tão morta e enterrada quanto o corpo decapitado e mijado do próprio homem.

Assim como Gaspar e Belchior, Baltasar teve que ser forçado a se ajoelhar em frente ao bloco de pedra. Diferentemente deles, porém, ajoelhou-se na própria urina. Seu rosto foi forçado para baixo no bloco frio e a corda foi esticada em suas costas. Precisaram da força de todos os homens para mantê-lo no lugar.

— E agora — gritou Antipas —, nós livramos a terra de um demônio!

A multidão ficou em silêncio mais uma vez, enquanto o carrasco erguia seu machado sobressalente. Depois de uma pausa um pouco mais longa e mais dramática que a habitual, ele soltou um grunhido de esforço e desceu o braço sobre o prisioneiro que se debatia. Mas, assim que o machado desceu, Baltasar deu um último puxão contra a corda com toda a sua força, erguendo a cabeça encapuzada do bloco e fazendo com que a lâmina errasse seu pescoço.

Mas hoje não haveria fuga teatral para Baltasar. Pois embora a lâmina não tivesse atingido seu pescoço, cortara uma fatia considerável de seu cérebro.

Estava morto.

Assim como a multidão. A vibração morreu. Rostos entusiasmados se transformaram em rostos confusos — observando em silêncio o sangue jorrar do capuz preto. Assistindo ao carrasco envergonhado arrancar o machado do crânio de Baltasar. Aquela não era a decapitação a que eles tinham ido assistir, a decapitação pela qual tinham largado seus afazeres. Aquele não era o evento pelo qual esperaram horas sob o sol. E o silêncio logo deu lugar a vaias.

Herodes era o mais decepcionado. Mesmo em seu último momento, o Fantasma da Antioquia havia se recusado a cooperar. Mesmo na morte, conseguira envergonhar o rei da Judeia. Zombar de seu poder. Mas... pelo menos estava morto. Tudo bem, não tinha sido a execução que esperava, mas ao menos fora uma execução. O objetivo de livrar a terra de um demônio tinha sido alcançado. E, no final das contas, era isso o que realmente importava.

Antipas correu para a plataforma. Ansioso para recuperar o clima, ordenou ao carrasco que terminasse o trabalho, que cortasse a cabeça semidestruída do prisioneiro assim mesmo. Empenhado em se redimir, o carrasco fez o trabalho de um só golpe, e a multidão aplaudiu de novo. Mesmo os ânimos de Herodes se despertaram diante da visão da cabeça do Fantasma da Antioquia sendo de uma vez por todas arrancada de seu corpo.

E assim como fizera com Belchior e Gaspar, Antipas arrancou o capuz e ergueu a cabeça para que todos pudessem ver.

Só que não era a cabeça do Fantasma da Antioquia.

Assim como não tinham sido a cabeça de Belchior e de Gaspar.

A multidão continuou vibrando, e Antipas continuou sorrindo — todos alheios a como o Fantasma da Antioquia *realmente* era... ou a que aquele não era, de fato, ele.

Herodes, no entanto, sabia.

Do alto de sua torre, ele sabia. Sabia que o Fantasma da Antioquia o tinha vencido — *não, tinha humilhado-o*. Humilhado na frente de seu povo. Sentiu uma raiva tão grande lhe subindo pelas costas, um impulso grotesco de gritar. Mas não conseguia encontrar a voz. Estava impotente. Um rei impotente, aprisionado em uma torre batizada com o nome da esposa que o humilhara. Preso em um corpo que o humilhava. Só conseguia ver o filho, com um sorriso estúpido no rosto, erguendo a cabeça errada.

II

Caminhando no sentido leste à medida que o sol se punha, três magos atravessavam Jerusalém. Todos eles com a cabeça encoberta e o rosto escondido. Todos portando as vestes de um homem morto.

Mais uma vez, Baltasar contou com a religião para se libertar. Nunca havia ocorrido aos guardas da masmorra que alguém, nem mesmo assassinos famosos, pudesse fazer mal a um sacerdote. Eles também não pensaram em permanecer na cela para proteger os conselheiros religiosos de seu rei enquanto ofereciam conforto aos condenados. Além disso, também não pensaram em dar uma boa olhada nos três magos quando eles bateram à porta da cela e anunciaram que estavam prontos para sair — as cabeças cobertas para esconder os rostos.

Os guardas não tinham sido os únicos a pensar assim. Não havia ocorrido a Baltasar que três homens inocentes pagariam por sua liberdade com a vida — debatendo-se, gritando sob os capuzes e as mordanças e se mijando. Seu plano era apenas dominar os sacerdotes, roubar suas vestes, prendê-los e amordaçá-los com tiras de tecido rasgado de suas próprias roupas e fugir do palácio antes que alguém notasse a troca. Tinha certeza de que um alarme seria acionado assim que os guardas entrassem na cela e encontrassem os magos amarrados, amordaçados e seminus. Só que não havia ocorrido a Baltasar que talvez não fossem os *mesmos* guardas a voltar para a cela.

Na verdade, os homens que retornaram, os homens que amarraram os prisioneiros, que puseram neles os capuzes para sua execução e os levaram para o bloco de pedra não tinham ideia de como Baltasar, Gaspar e Belchior

eram, porque estavam em serviço havia menos de uma hora. No final das contas, os verdadeiros magos tinham sido condenados por uma mudança de turno.

No calor da execução, ninguém tinha notado que o grego baixinho já não era mais tão baixinho e tão gordo ou que as mãos amarradas do etíope chamado “Gaspar” já não eram mais da mesma cor. Da mesma forma como ninguém havia questionado os três sacerdotes ao deixarem o calabouço em vestes de nobre e atravessarem o palácio e o pátio. Sem nem sequer pestanejar, os guardas abriram o portão norte respeitosamente, e os presos simplesmente pisaram na praça, onde o povo começava a se reunir para a execução do ano.



Caminhavam o mais lentamente que podiam, dado o medo e a excitação pulsando em seus corpos. Havia apenas uma rua e o desejo de prosseguir. O desejo de chegar o mais longe possível do Palácio de Herodes. Continuaram afastando-se da cidade até chegarem ao Tanque de Betesda, onde os moradores dos subúrbios tomavam banho, e Baltasar parou para beber o maior copo de água que qualquer ser humano já foi capaz de engolir.

O banho ficava ao lado de um mercado que acompanhava a muralha norte do Grande Templo — um grupo enorme de comerciantes e vendedores agrupados ao longo de vários quarteirões. Com a sede aplacada, Baltasar finalmente conseguiu pensar em um novo plano.

Primeiro colocou em prática seus velhos truques, andando de um lado a outro do mercado, roubando moedas dos bolsos dos transeuntes e bugigangas dos comerciantes que ainda não tinham fechado seus estabelecimentos para assistir à execução. Pegou pequenas joias de ouro, incenso. Coisas que poderiam trocar por comida e favores durante os dias seguintes.

Depois usou algumas das moedas roubadas para comprar o máximo de comida e água que os três poderiam carregar. Baltasar também comprou um pouco de mirra para tratar suas feridas — um truque que havia aprendido quando era criança, com os comerciantes asiáticos do Fórum. Parte das joias roubadas foi usada para comprar um camelo para cada um. Camelos que usaram para cavalgar para além das muralhas do tempo, em direção ao sul. Os homens não faziam ideia de para onde estavam indo, e não se importavam, desde que se afastassem de Jerusalém.

Se Gaspar e Belchior em algum momento tiveram qualquer dúvida de que seu companheiro fosse, de fato, o Fantasma da Antioquia, os boatos que ouviram pelas ruas de Jerusalém os fizeram ter certeza. Toda a cidade parecia estar falando da execução. O *Fantasma da Antioquia* estava na boca do povo. Baltasar havia salvado a vida daqueles dois ladrões, e eles lhe deviam uma. De acordo com a tradição, eram seus servos até que a dívida fosse paga em espécie. Era um código tão antigo como o deserto e se aplicava a criminosos profissionais tanto como a qualquer outro homem. Mesmo Baltasar, que sempre desprezou todas as tradições, havia honrado essa regra no passado. Não era uma tradição no sentido religioso, como comer esse ou aquele animal, ou usar esse ou aquele chapéu ou mesmo chapéu nenhum. Era simplesmente uma questão de senso comum.

Cada serviço vinha com um preço. Cada objeto tinha um valor. Se alguém lhe forjava uma espada, você lhe pagava a quantia adequada ou a negociava por algo de valor equivalente. Se um homem salvava a sua vida, você lhe pagava o valor que considerava que a sua vida tinha ou salvava a vida dele em retribuição. Até que alguma dessas coisas acontecesse, você estava em dívida. Era um negócio. E se Baltasar tinha algum fervor religioso, era nisso.

Tudo tinha um preço. E, embora Baltasar ainda não soubesse que sua liberdade tinha custado aos magos suas cabeças, sabia que tinha acabado de aumentar o preço da sua própria.

III

Os gritos ecoaram pela sala do trono de Herodes. Os servos desapareceram com medo de serem condenados à morte por alguma transgressão mínima. Os conselheiros mantinham-se nos cantos da sala — afastados do fulgor cálido e bruxuleante das tochas e do luar frio que entrava pelas janelas com força incomum. Encolhiam-se nas sombras, chegavam mesmo a se esconder atrás das fileiras de colunas que corriam ao longo de cada parede.

O rei andava de um lado para o outro em frente aos degraus do trono, o corpo curvado para a frente. Três generais da Judeia estavam diante dele, os capacetes sob os braços e os rabos entre as pernas.

— Não quero nem saber se vocês vão ter que reduzir esta cidade a cinzas para encontrá-lo! Não vou ser feito de bobo por um ladrão qualquer!

A voz já rouca tinha sido forçada até o limite. Ele havia passado a última hora xingando qualquer um que se atrevesse a entrar em seu campo de visão. Exigindo a cabeça de todos que haviam participado, mesmo que minimamente, em sua humilhação: os guardas do calabouço, os guardas do portão norte, até o carrasco. Todos mortos.

— Quero todas as legiões, todos os homens, todos os cavalos e todas as espadas atrás desse homem, e quero que ele seja trazido até mim com vida!

Mesmo seu amado filho, Antipas, tinha desaparecido diante da catástrofe. Ele sabia muito bem que deveria evitar cruzar o caminho da raiva do pai.

— E se alguém falar uma palavra a respeito disso, QUALQUER uma, fora destas paredes, eu mando matar todos vocês e suas famílias! Nenhum

dos seus homens deve saber quem estão procurando! O Fantasma da Antioquia morreu, não só para eles como para a Judeia inteira! Entendido?

Todos os três generais concordaram com a cabeça. Até um simples “sim, Alteza” poderia ser mal interpretado em tal situação.

— Ótimo... agora vão encontrá-lo.

Os generais fizeram uma reverência para o rei, viraram-se e saíram o mais rápido que podiam sem demonstrar medo. Ao saírem, um rosto tímido emergiu das sombras ao lado do trono de Herodes. Pertencia a um conselheiro — um homem alto e magro, sem barba, de cabelo grisalho curto. Estivera esperando por uma pausa na bronca do rei, o momento certo para dar a notícia. A pior notícia possível. O conselheiro sabia que havia uma possibilidade muito real de ser ele próprio condenado à morte apenas por ser o portador do que tinha a dizer. Mas alguém tinha que fazê-lo. O rei precisava saber. *Logo hoje...*

— Eminente Herodes — começou ele.

O rei se virou e o encontrou já se curvando para a frente, em uma reverência que era mais um pedido de desculpas.

— O que foi?

— Eminente Herodes, eu... eu devo informá-lo que...

O conselheiro ajeitara o corpo e seu olhar encontrou o de Herodes. Aqueles olhos amarelados horríveis, penetrando nos dele. E ele percebeu de repente que tinha perdido toda a capacidade de falar.

— Informar o quê?

— Eu... é meu triste dever...

— Bote essa língua para funcionar ou eu a corto!

O conselheiro abandonou qualquer esperança de conseguir articular as palavras e simplesmente apontou para a muralha leste. Os olhos amarelados de Herodes seguiram na direção de seu braço.

— O que foi? — perguntou ele. — O que você quer que eu veja? Só estou vendo as minhas colunas e os nobres covardes se escondendo atrás delas.

— Talvez... se Vossa Alteza puder fazer a gentileza de se aproximar de uma das janelas...

Herodes estava cansado. Estava cansado e queria que aquele dia desgraçado acabasse logo. O que quer que aquele idiota estivesse tentando lhe dizer, não poderia ser pior do que a humilhação que ele já sofrera. Foi arrastando os pés cansados pelo chão de pedra, em direção à muralha leste.

Percebendo que o rei iria vê-los se permanecessem parados, os conselheiros, sacerdotes e cortesãos que haviam se escondido atrás das colunas se amontoaram nos fundos da sala do trono. À medida que o rei se aproximava, eles iam se retirando o mais silenciosamente que podiam, mas não o suficiente para evitar chamar sua atenção. Será que achavam que ele era surdo? Cego? Será que achavam que um grande rei se manteria no trono por trinta anos se fosse um idiota?

Ao passar as colunas e se aproximar da muralha leste, Herodes foi dominado por uma visão maravilhosa: um mundo em que ele era o único habitante. Um mundo sem bandidos a perseguir. Sem cortesãos dissimulados ou generais inábeis, sem prostitutas doentes ou filhos bonitos e gananciosos. Um mundo sem os tolos que tinha que suportar. Talvez assim fosse o paraíso para o qual ele iria. Um mundo inteiro só para si. Um mundo para construir à sua própria imagem. Foi um pensamento agradável.

Ao chegar a uma das janelas atrás das colunas e olhar para fora, Herodes compreendeu por que tinha sido tão difícil para o conselheiro lhe dizer. Também entendeu que sua longa noite estava apenas começando. Perdeu o fôlego assim que a viu, mesmo antes de compreender inteiramente o que significava. Pois ali, no céu do oriente, sobre a silhueta do Grande Templo, estava a estrela mais brilhante que ele já vira.

— As profecias, Alteza.

O conselheiro estava encolhido atrás dele. Esperando a explosão que sabia que viria. Mas Herodes não sentiu grito algum se formando em sua garganta. Nenhuma raiva lhe subindo a coluna torta. Ele parecia até... estar se divertindo com tudo aquilo. No começo do dia, tinha o Fantasma da Antioquia em seu calabouço. Agora, apenas algumas horas depois, o Fantasma era um homem livre, e — se você acreditasse em antigas profecias

— os céus tinham acabado de sinalizar a chegada do homem que iria derrubar todos os reinos do mundo, inclusive o de Herodes.

Talvez fosse a garganta arranhada. Talvez fosse apenas o fato de que ele estava exausto. Mas quando Herodes falou, o fez com uma voz suave, quase carinhosa:

— Chame os generais de volta, por favor.

O Fantasma da Antioquia teria que esperar. Ele tinha problemas maiores.

IV

Estavam discutindo o que era aquilo havia algum tempo. Um cometa? Uma chama queimando em uma colina nublada? Ou era, como Belchior temia, o olho que tudo via do próprio Herodes, fitando-os? Fosse o que fosse, era reluzente. Um pequeno sol, brilhando baixo na noite à esquerda deles, ofuscando todas as outras luzes do céu enquanto cavalgavam para o sul.

Os três magos precisavam parar e descansar por algumas horas em algum lugar. Nenhum deles havia dormido mais do que um ou dois minutos na noite anterior, e tinham pela frente uma jornada de duração e dificuldades incalculáveis. Não podiam ficar em Jerusalém. Não com os homens de Herodes derrubando todas as portas da cidade à procura deles. Tampouco no deserto. Não com aquela coisa lá em cima — aquele sol noturno, eliminando a maior vantagem que o deserto tinha para lhes oferecer: vastas extensões de escuridão completa em que desaparecer.

A menos que estivessem dispostos a cavalgar por mais duas ou três horas, tinham pouquíssimas opções. Ou seja, ficar em uma das aldeias nos arredores da cidade. Baltasar não estava disposto a ir para o norte de Betel, não depois da falta de hospitalidade que a aldeia lhe oferecera em sua última visita. Herodium ficava longe demais. E tinha Herodes no nome, o que, mesmo para um homem de poucas superstições, parecia uma péssima ideia.

Só restava Belém.

Era uma aldeia de pastores. O que significava que haveria estábulos para se esconder. Mais importante, estábulos para esconder os camelos. Não podiam deixá-los amarrados à vista das pessoas — não em um lugar que só

tinha cabras. Três camelos seria algo incomum demais às vistas de qualquer soldado. Ainda mais para algum que estivesse à procura de três criminosos fugidos.

Nos limites ao norte de Belém, antes de a aldeia se organizar em ruas de paralelepípedos e lotes divididos igualmente, os magos alcançaram um aglomerado de pequenas casas de tijolo à sua direita, cada uma com um estábulo de madeira ao lado. O maior deles parecia apenas grande o suficiente para os três homens e seus camelos se enfiarem por algumas horas. Era também o mais distante da estrada principal, o que o tornava muito mais atraente.

— Será que não é melhor continuar por mais algum tempo? — perguntou Gaspar. — Ver se existe algum lugar melhor no centro da cidade?

Baltasar olhou para a estrada até Belém. Além de algumas pequenas fogueiras, a vila dormia profundamente. As ruas estavam praticamente vazias. Sob a luz daquela estranha estrela, todos os telhados e todas as calçadas estavam claramente visíveis. Não seria difícil detectar três homens cavalcando seus camelos. Eles podiam passar mais uma hora procurando um lugar melhor com aquela coisa brilhando acima deles, ou podiam optar por umas duas horas de sono agora.



Baltasar se arrependeu da escolha quase que imediatamente.

Assim que os magos enfiaram as cabeças no estábulo foram surpreendidos por uma moça amamentando um bebê. Com o grito dela ainda ecoando em seus ouvidos, o carpinteiro apareceu do nada, tentando esfaqueá-los com um tridente. Baltasar reagiu intuitivamente, agarrando-o pelo pescoço e dando um soco na cara dele, o que o deixou com um olho roxo e o nariz sangrando. Ao ver isso, a menina gritou um pouco mais, a criança começou a chorar, os camelos recuaram e a cabeça de Baltasar voltou a latejar.

Agora o carpinteiro lutava para ficar de pé, segurando o tridente com a mão direita e apertando o nariz com a esquerda. A menina tentava equilibrá-lo, mantendo os olhos fixos nos intrusos e ao mesmo tempo apertando o bebê que chorava. Baltasar deu um passo na direção deles com as palmas das mãos estendidas para mostrar que estava ali em paz, do mesmo jeito que poderia tentar acalmar um animal assustado, mas o carpinteiro respondeu empunhando o tridente de novo, quase acertando o rosto de Baltasar. Em circunstâncias normais, isso teria custado a vida do carpinteiro. Mas Baltasar não tinha uma espada e não podia arriscar fazer ainda mais barulho e atrair atenção indesejada. Precisava de paz, e precisava agora.

— Acalmem-se — disse Baltasar. — Vamos todo mundo... nos acalmar.

Ele se afastou, as palmas das mãos ainda estendidas, e fez sinal aos seus companheiros para fazerem o mesmo. A menina parou de gritar. O bebê parou de gritar. Baltasar teria estranhado o último, mas estava cansado demais para perceber.

— Certo — disse ele. — Qual é o seu nome?

O carpinteiro lhe retornou o olhar pelo que pareceu uma eternidade — o peito arfando, o sangue já começando a secar nos lábios e no queixo. Apenas quando Baltasar estava começando a pensar que o sujeito nunca iria responder, o carpinteiro disse:

— José.

— José, ótimo. Prazer em conhecê-lo, José. E ela?

— Minha esposa — disse após uma pausa. — Maria.

— Ótimo. José? Maria? Meu nome é Baltasar. Este é Gaspar... e este é Belchior. Não queremos machucar vocês... só estamos procurando um lugar para descansar. Mas, José, se você não baixar esse tridente, vou ter que arrancá-lo da sua mão e furar você até a morte na frente da sua esposa e do seu filho. Entendeu?

Baltasar observou enquanto o carpinteiro considerava o assunto pelo que pareceu uma eternidade. *Escolha difícil, não é? Se você entregar o tridente, vai ficar indefeso. Se não o fizer, pode ter que matar nós três. E aí... o*

que vai ser? Como se em resposta aos pensamentos de Baltasar, o carpinteiro jogou o tridente no chão. Gaspar se moveu depressa para apanhá-lo, mas Baltasar estendeu a mão e o deteve. Precisava de paz.

— Certo — disse Baltasar. — Agora, vamos todos nos sentar e conversar por um minuto.

Os magos prenderam seus camelos e se sentaram no feno, reclinando os corpos cansados nas paredes do estábulo. José e Maria também se sentaram, ocupando o lado oposto, a apenas uns três metros. Maria segurava o bebê junto ao corpo, ainda se recuperando do choque de assistir ao marido apanhar e do constrangimento de ser vista em um estado tão íntimo e indecente. José sentou-se ao lado dela, ainda apertando o nariz.

— O que leva três homens a invadir o estábulo dos outros no meio da noite? — perguntou Maria após um silêncio prolongado.

— O estábulo *de vocês?* — perguntou Gaspar.

— Nosso estábulo. Chegamos primeiro — disse Maria.

— Só precisamos de um lugar para descansar um pouco — disse Baltasar.

— Bem, vocês podem descansar em outro lugar — disse ela.

— Infelizmente não podemos.

Maria os avaliou. Suas vestes estavam entre as mais caras que ela já tinha visto. Os três exibiam joias de ouro, e ela podia sentir o cheiro do incenso que estavam carregando.

— Vocês obviamente são nobres — disse ela. — Podem exigir a casa de um dos pastores. Melhor ainda, podem ir a Jerusalém e exigir a casa de um daqueles outros nobres.

— Nossa situação é complicada... — disse Baltasar.

— Ele é o Fantasma da Antioquia — disse Belchior.

Baltasar teve que reprimir o desejo de quebrar a cara do grego. Como alguém podia ser tão idiota? Lá estavam eles, disfarçados e fugindo para não morrer, e ele negligentemente entregou de bandeja a informação que poderia lhes custar a vida mais depressa do que qualquer outra. Agora, no instante em que os três adormecessem, os judeus sentados diante deles iriam

correr até o soldado mais próximo para entregá-los. Vendê-los em troca de qualquer recompensa que Herodes estivesse oferecendo. Agora ele teria que amarrar seus pulsos. Amordaçá-los.

Não tinha volta. Estava feito. Baltasar esperou que seus rostos demonstrassem a reverência de sempre, os olhos arregalados... e continuou esperando, até que ficou claro que José e Maria não tinham ideia de quem ou o que era o Fantasma da Antioquia.

O que o irritou ainda mais. Tudo o irritava: a cabeça latejante, o corpo cansado, o balido das cabras nas barracas atrás deles; tudo.

— Eu ando por aí — disse ele, afinal — pegando o que posso dos romanos e dos que trabalham para eles, e depois desapareço. Algumas pessoas passaram a me chamar de “Fantasma da Antioquia”.

— Então... você é um ladrão — disse Maria.

— Não um ladrão qualquer — interveio Gaspar. — O melhor ladrão que já existiu.

Baltasar permitiu-se uma onda interna de orgulho. Na certa, não havia como saber se ele era “o melhor ladrão que já existiu”. Mas, ao mesmo tempo, não havia como provar que não era. De qualquer maneira, era bom ser reconhecido.

— Não importa se ele é o melhor ou não — disse José, apertando o nariz. — Roubar é pecado.

— Ah é? — perguntou Baltasar. — E tentar matar três homens desarmados com um tridente... isso não é pecado?

José encarou a ferramenta na mão de Gaspar. Até aquele dia, nunca tinha sequer erguido um punho em um momento de raiva. Não era de sua natureza. Ele desviou o olhar de repente, assustado por haver chegado tão próximo de cometer o pecado do homicídio.

— Pensei que vocês fossem homens de Herodes.

Baltasar e Gaspar trocaram um olhar. Quase podiam rir da ironia de alguém pensar que *eles* fossem homens de Herodes, não fosse pelo arrepio que sentiram nas costas. O que eles sabiam?

— Por quê? Os homens de Herodes estão atrás de vocês? — perguntou Gaspar.

— De nós, não — respondeu José. — Estão atrás da criança que nasceu na cidade de Davi... a que os profetas chamam de *Messias*.

De repente, Baltasar se viu de novo no banco de pedra do lado de fora da sala do trono de Herodes, cercado pelos soldados que o tinham perseguido pelo deserto. Ouvindo a voz rouca do rei vociferar do outro lado das portas. Algo a respeito de “profecias” e do “ressurgimento dos mortos” e “pragas” e um “Messias”. Mas sua memória era tão recente quanto vaga. Sua mente estava ocupada com outras coisas no momento. Mais especificamente, em sua morte iminente e em como evitá-la.

— Interessante — disse, afinal —, mas o que isso tem a ver com vocês?

E então foi a vez de Maria e José trocarem um olhar. Deveriam contar a eles? Não conheciam aqueles homens. Eram criminosos, eles mesmos tinham admitido. Mas até aí... o fato de serem criminosos fazia com que fosse improvável que eles saíssem correndo para denunciá-los para Herodes.

— Tudo começou antes de nos casarmos — disse José.

Ele explicou tudo da forma mais clara e séria que pôde. Contou-lhes sobre a visita do arcanjo Gabriel a Maria em sonho. Sobre Maria ter ficado grávida, apesar de eles não terem se deitado juntos, e a mensagem de que o filho de Deus estava crescendo em seu ventre. Contou a eles sobre suas próprias visões, incluindo a mais recente: a que tivera na noite anterior. A visão na qual o anjo Gabriel avisara a José que Herodes iria matar todos os recém-nascidos homens da cidade de Belém. Ele e Maria estavam se preparando para fugir por conta própria quando Baltasar e os outros invadiram o estábulo.

Quando José terminou de contar sua história, os seis permaneceram em silêncio. Os magos ficaram calados, assimilando o que tinham ouvido. O bebê dormia, o peito subindo e descendo nos braços de Maria. Tudo o que havia era o balir ocasional das cabras ao redor deles.

— E você acredita nisso tudo? — perguntou Baltasar. — Você acredita que o seu filho é...

— O filho de Deus — disse José.

— E que o rei da Judeia mandou soldados para matar... um bebê?

— Claro que acredito — disse José.

— E você não acha nem um pouco suspeito?

— Suspeito?

Era a pergunta óbvia. A *única* pergunta possível. De repente, Baltasar sentiu um pingo de simpatia pelo carpinteiro. Será que iria mesmo ter que dizer tudo tim-tim por tim-tim?

— Ela fica grávida antes do casamento, e você acha que é algum tipo de... milagre?

José fitou Baltasar, o hematoma amarelo debaixo do olho já ficando azul.

— Eu sei o que eu vi — disse ele.

— Acho que o único “milagre” é que você acredite nela — disse Gaspar.

Baltasar não pôde deixar de rir. Belchior juntou-se a eles, embora não entendesse muito bem a piada. Mas entendeu muito bem o jeito como José se levantou e avançou na direção deles, e não gostou nem um pouco. Ele e os outros magos ficaram de pé, encarando José, no meio do estábulo. Baltasar reconheceu o olhar nos olhos do carpinteiro. O olhar de um homem que acabou de ter sua honra ofendida e está pensando em fazer algo a respeito. *Vá em frente, carpinteiro. Você vai sair dessa com mais do que um nariz arrebitado...*

Maria surgiu por trás de José, ainda segurando o bebê. Ela puxou-o pelo braço.

— É inútil — disse.

— Eu sei o que eu vi — disse ele novamente, lançando um olhar mortal para Baltasar. — E não espero que um homem como você acredite em mim.

— Certo — disse Gaspar. — Porque só um idiota acreditaria em uma história dessas.

Agora era Maria que estava avançando para cima deles, e José que a mantinha afastada.

— Pode me insultar — gritou ela —, mas não vou admitir que você insulte meu marido!

Ela continuava avançando, apontando a mão livre na cara deles e gritando. José fez o que pôde para segurá-la sem machucar o bebê, que, apesar do barulho e do movimento, permaneceu em silêncio.

— Não vou ficar aqui ouvindo você insultar o que vimos! — gritou ela.
— E não vou tolerar que insulte o nome de Deus!

— Tudo bem — disse Baltasar. — Só tente se acal...

— Não vou me acalmar! Você vem aqui e nos ataca! Nos insulta!

— Faça a sua mulher calar a boca! — gritou Gaspar para José. — Ela vai acordar a cidade inteira!

— Não vou calar a boca! — gritou Maria.

— Não me diga o que fazer! — gritou José para Gaspar, segurando a esposa.

— Ei, ei, ei, EI! — gritou Baltasar. A força com que pronunciou a última sílaba foi suficiente para calar a todos. O silêncio pairou sobre o estábulo novamente. Até os animais pareciam ter entendido a mensagem. — Já chega...

Ele passou os dedos pelos cabelos, massageando o couro cabeludo. Sua cabeça ainda estava latejando, o que não ajudava. Tudo o que queria fazer era fechar os olhos por um minuto.

— Olhem, tenho certeza de que tudo o que vocês estão dizendo é verdade. Tenho certeza de que os anjos desceram do céu e lhes disseram o que quer que tenham dito. E seja o que for, nós acreditamos, tudo bem? Mas nós três, nós três temos coisa melhor a fazer do que ficar ouvindo as histórias de uma dupla de fanáticos. Isto é, dormir por algumas horas.

E lá estava aquele olhar de novo nos olhos do carpinteiro. Mas, como queria resolver a situação e descansar um pouco, Baltasar preferiu ignorar.

— Agora... Infelizmente, a gente não vai poder deixar vocês irem embora — disse Baltasar.

— Mas os homens de Herodes estão... — disse José.

— Não quero nem saber. Não posso correr o risco de vocês saírem e contarem para algum soldado onde encontrar três fugitivos dormindo.

— E por que a gente iria correr atrás dos mesmos soldados que estão atrás do nosso bebê? — perguntou Maria.

— Assim que a gente for embora, vocês também podem ir. Mas se eu abrir os olhos e descobrir que vocês estão tentando fugir daqui, ou se eu o vir tentando pegar aquele tridente de novo, algo de muito ruim vai acontecer. E é assim que vai ser.

Baltasar não esperou uma resposta. Não se importava. Só queria fechar os olhos. Ele se sentou. Gaspar e Belchior o acompanharam. José levou a esposa de volta para seu canto do estábulo e a ajudou a se sentar.

— Vocês deveriam ter vergonha de si mesmos — disse ela.

— Tenho certeza de que a senhora tem razão — disse Baltasar, virando-se de lado. — Agora, chega de falar.

— Todos vocês deveriam estar envergonhados. Qualquer homem que desse as costas para...

— Eu falei JÁ CHEGA!

Baltasar levantou a cabeça e a encarou, desta vez com um olhar que não poderia ser confundido com qualquer outra coisa que não fosse uma advertência.

Convencido de que ela havia compreendido, ele virou-se de novo e fechou os olhos. Não havia mais nada a fazer além de tirar algumas horas de sono e esperar que não acordassem com o barulho de cascos de cavalo.

Pelas três horas seguintes, três reis magos dormiram em um estábulo apertado junto de seu ouro e de seu incenso, as feridas tratadas com mirra. José, Maria e o menino dormiram do outro lado, de frente para eles. Em silêncio.

Todos sob a estrela de Belém.



A CRIATURA NEGRA

“Então Herodes, vendo que fora iludido pelos magos, irou-se grandemente e mandou matar todos os meninos de dois anos para baixo que havia em Belém, e em todos os seus arredores.”

Mateus 2:16

I

Os três ladrões magos acordaram antes do amanhecer, soltaram seus camelos e os levaram para fora, para o frio intenso. O céu estava apenas acordando para os primeiros sinais de azul profundo, mas o sol ainda levaria uma boa meia hora até se revelar por trás das colinas a leste. Ainda dava para se ver algumas estrelas brilhando nitidamente entre os contornos escuros das nuvens. Mas não a estrela de Belém. Em algum momento das últimas horas, ela simplesmente tinha desaparecido. Apagada pelo vento do deserto. Baltasar não ficou surpreso. Nada poderia queimar tão intensamente por muito tempo.

José e Maria permaneceram quietos quando os homens acordaram, mal olharam para eles enquanto deixavam o estábulo, nem mesmo quando Belchior desejou-lhes boa sorte do seu jeito carinhosamente idiota. Baltasar não os culpou pela falta de civilidade. Em poucas horas eles conseguiram espancar o carpinteiro, insultar a honra de sua esposa, manter os dois como reféns e reduzir tudo aquilo em que acreditavam a uma piada. Mas também estava feliz de se livrar deles. Os dois que fossem encher o saco de outro com suas fantasias paranoicas.

Os magos montaram seus camelos e seguiram para o centro de Belém, ao sul. A aldeia já estava acordada, a fumaça subia das fogueiras e dos fornos de barro e as meninas sacudiam a poeira dos colchões nas ruas. Os pastores despertaram antes do primeiro sinal de azul no céu e levaram seus rebanhos para o pasto, os filhos a tiracolo. As mulheres se levantaram para cozinhar para eles. E agora, com os homens fora por todo o dia, elas e suas filhas se

ocupavam das tarefas domésticas e cuidavam das crianças mais novas, pequenas demais para ajudar.

Era uma aldeia quase que inteiramente dedicada às cabras, mas nem todos os homens de Belém eram pastores. Alguns deles podiam ser vistos levando seus pequenos rebanhos para o norte, ao longo da estrada que passava pelo estábulo dos magos. Era quase certo que estivessem indo até Jerusalém a fim de vender seus animais para serem abatidos ou sacrificados no Grande Templo. Arrastando suas cabras para cima e para baixo pela estrada, pés descalços, oito quilômetros em cada trecho. Dia após dia. De pé antes do nascer do sol, e de volta depois que já tinha se posto. Tudo pela esperança de vender um único e fedorento animal. Tudo pela esperança de conseguir o suficiente para colocar um pedaço de pão na barriga dos filhos. Com uma vida tão dura, qualquer um que não roubasse era um louco.



Três nobres cavalgando àquela hora da manhã era uma visão incomum, mas não tão estranha que justificasse um segundo olhar dos que arrastavam suas cabras pela estrada rumo a Jerusalém. De qualquer forma, o melhor era evitar encarar nobres por muito tempo. Sempre havia a chance de eles se ofenderem e resolverem chicotear você, ou coisa pior.

Embora quisessem se afastar o máximo possível de Herodes, os magos estavam voltando na direção do palácio do rei. O plano era pegar a estrada no sentido norte, em direção a Jerusalém, e então, a mais ou menos um quilômetro do Portão Sul, virar à direita e atravessar vinte e cinco quilômetros de deserto no sentido leste, até Qumran — um pequeno povoado às margens do mar Morto.

Qumran era o lar de uma pequena seita de monges judeus que se intitulavam os essênios. Mas, embora a palavra “monge” evoque uma imagem de reverência tranquila e limpa, os essênios estavam mais para loucos eremitas — homens que evitavam a riqueza material, o prazer carnal

e os banhos regulares a fim de se dedicar a suas crenças. Até onde Baltasar sabia, essas crenças envolviam rabiscar velharias sem sentido em pergaminhos e, em seguida, escondê-los nas cavernas espalhadas pelas montanhas ao redor da região ao norte do mar Morto. Por que eles escondiam os pergaminhos, ou para quem, era um mistério.

Baltasar já havia se abrigado naquelas cavernas em diversas ocasiões e fizera doações consideráveis aos monges em troca de sua hospitalidade. Embora não se importassem muito com a riqueza material, adoravam as coisas que as moedas lhes possibilitavam comprar: tapetes para seus pisos, roupas para se cobrirem, pergaminho e tinta para suas reflexões misteriosas. Baltasar conhecia muitos deles pelo nome. Também sabia que podia confiar neles para manter em segredo seu paradeiro. E o mais importante de tudo, sabia que os homens de Herodes não se atreveriam a perturbar um local tão sagrado para os judeus. O que era uma das maiores vantagens do exército da Judeia. O fato de ser formado quase que inteiramente por judeus.

Depois que o rastro deles tivesse evaporado, Baltasar liberaria seus servos fiéis de seu compromisso e desapareceria aos sete ventos. Não gostava de companhia. O que era uma das principais razões para nunca trabalhar com sócios. Não dava para confiar que seus cúmplices acertassem tudo cem por cento das vezes. Eles atrasavam você. Tinham opiniões divergentes. Quando você os designava para ajudá-lo a furtar alguém, eles erravam na hora de derramar o vinho em seu alvo e você acabava sendo perseguido ao longo de aquedutos. Sócios eram mau negócio, mesmo quando estavam em dívida com você.

Os magos estavam a pouco mais de um quilômetro de Belém quando ouviram os primeiros sinais de problemas. Um estardalhaço distante na semiescuridão adiante. Um estardalhaço que aumentava de volume, como a batida de cascos no chão. E, com ele, o tinido de armaduras tornava-se mais acentuado.

— O que é isso? — perguntou Gaspar.

Baltasar soube de imediato. Mesmo antes de ver as silhuetas emergirem na crista do morro cortado pela estrada à frente deles, antes de ver o

contorno das espadas e das lanças contra o céu pálido do deserto, ele já sabia. Estavam acabados.

As tropas de Herodes estavam galopando para o sul, na direção de Belém. E, a julgar pelo som que produziam, eram dezenas delas. Sem pronunciar palavra, Baltasar, Gaspar e Belchior tiraram seus camelos da estrada e entraram no deserto à direita, abrindo caminho para os cavaleiros que se aproximavam. Todos os três ajeitaram o *kuffiyah* para encobrir os rostos. O que, Baltasar percebeu, era um reflexo inútil.

Como se três magos cavalgando junto à estrada já não fosse bem suspeito. Como se alguém fosse capaz de identificar nossos rostos a esta luz.

— O que vamos fazer? — perguntou Gaspar. — Deve haver uma centena deles. Não temos armas.

De repente, Baltasar entendeu como tinham sido burros de terem ficado juntos. Os soldados estariam procurando três homens, e ali estavam eles, três homens. Tinha sido uma estupidez parar em Belém. Era perto demais de Jerusalém. Deviam ter ido para o deserto. Sim, aquela estrela havia tornado a noite quase tão clara quanto o dia, mas o deserto era muito mais vasto do que o número de aldeias para se vasculhar. Por que não tinha pensado nisso? Por que não continuaram cavalgando? Fora porque estava cansado? Estar cansado é pior do que estar morto?

— Baltasar, o que vamos fazer?

Se corressem agora, na certa iriam chamar a atenção do exército. Correr era uma admissão de culpa, um convite para serem perseguidos. A única chance que tinham — e era uma chance para lá de remota — era a de que os soldados ainda não os tivessem visto. Que tivessem passado despercebidos na escuridão do amanhecer.

— Continuem cavalgando.

— Mas...

— Se eles nos virem, nós disparamos em direções diferentes. Entenderam? Vamos separá-los e tentar despistá-los no deserto. Belchior? Você entendeu?

— Despistá-los no deserto...

Ele não estava escutando. Estava concentrado nos homens de armadura cavalgando para o sul, levantando uma nuvem de poeira escura. Os homens que os alcançariam em poucos segundos e os rasgariam em pedaços.

— Ainda não — disse Baltasar. — Nada de sair correndo. A não ser que eles nos vejam...

É claro que seriam vistos. Estavam a pouco mais de quinze metros da estrada, e seu contorno era bem visível contra o céu do oriente, que ia ficando mais claro a cada minuto.

Não se preocupem conosco, pensou Baltasar. Somos apenas três magos cavalgando ao longo de uma estrada escura por motivo nenhum...

O exército passou galopando à esquerda deles. Não havia dúvida de que estavam perto o suficiente para identificá-los, ou de que alguns dos capacetes dos soldados se viraram na direção deles — seus olhos entrando em foco feito flechas em um arco tensionado. Baltasar agarrou as rédeas com força e preparou a perna direita para um toque rápido no camelo assim que o primeiro cavalo se virasse em sua direção.

Mas nenhum deles se virou. Simplesmente continuaram cavalgando no sentido de Belém. Baltasar não podia acreditar. Eles os tinham visto; estava certo disso. Tinham visto três magos andando de camelo junto à estrada em um horário suspeito e, no entanto, nem sequer pararam para interrogá-los.

À medida que o barulho dos cascos foi diminuindo atrás deles, os magos pararam e viraram seus camelos para o sul. E assistiram em um silêncio descrente enquanto a massa escura e poeirenta de cavalos e homens, aquela criatura, se arrastava pela estrada em direção à fumaça das fogueiras e dos fornos de barro.

— Não entendi — disse Baltasar.

— Qual o problema? — perguntou Gaspar. — A sorte está do nosso lado!

— Mas... eles nos viram.

— Podemos discutir isso no caminho para Qumran! Vamos, agora!

Baltasar ficou vendo a criatura deslizar pela estrada rumo ao norte de Belém, o azul-escuro do céu ficando mais claro a cada segundo. Por alguma

razão, podia ouvir a voz rouca e fraca de Herodes dentro de sua cabeça. Berrando com seus conselheiros, fazendo as paredes da sala do trono tremerem.

— Baltasar... para Qumran, agora!

Gaspar estava certo. Qual era o problema? Eles haviam tido sorte, só isso. E podiam ficar ali sentados, se perguntando por quê, ou podiam tirar proveito da situação. Os magos viraram seus camelos para o norte e cavalgaram em direção à liberdade, muito embora aquela voz fraca ainda ecoasse no cérebro de Baltasar. Lá no fundo, nas masmorras de paredes lisas e barras de ferro a que todas as coisas ruins pertenciam. Ele sabia que tinham sido vistos. Sentira os olhos sobre si. Aquelas flechas...

Tinham avançado poucos metros quando ouviram algo no ar. Algo distante e estridente. Algo que quase poderia ser confundido com o uivo de um cão selvagem. Mas era um grito. O grito de uma mulher. E mais outro.

Os magos se voltaram e viram que a estrada estava vazia, todos os rastros da criatura haviam desaparecido, absorvida pela aldeia. Absorvida feito sangue penetrando em um pano. E, em algum lugar sob a fumaça das fogueiras e dos fornos de barro, estava fazendo com que uma mulher gritasse.

— Baltasar... você não acha que...

Que o carpinteiro e sua esposa estavam certos?

Herodes era muitas coisas, mas assassino de bebês? Não. Ninguém era capaz disso. Nem mesmo o farrapo retorcido e decadente de homem com quem ele se encontrara cara a cara no palácio. E mesmo que fosse capaz, era muito inteligente. Se as pessoas soubessem, iriam para as ruas fazer arruaça. Uma guerra civil. Herodes era muitas coisas, mas era um político de primeira. Era mais inteligente que isso.

Mas aquela voz... a voz fraca e enfurecida nas profundezas do cérebro de Baltasar lhe dizia o contrário.

— Vamos voltar — disse ele.

— Você está louco?

— Só quero dar uma olhada.

— O exército da Judeia está lá, procurando por nós, e você quer dar uma olhada...

— Eles nos viram, Gaspar. Eles nos viram e não estavam interessados em nós.

— E daí?

— E daí que deveriam estar. Três homens andando de camelo? Três homens com os rostos cobertos? Eles deveriam...

Ele foi interrompido por outro grito. Gaspar e Baltasar se afastaram um do outro e olharam para trás, para a aldeia. Tinha sido um grito diferente. A mesma mulher, talvez, mas um grito completamente diferente.

— Só uma olhada — disse Baltasar. — Só isso.

Baltasar deu um chute em seu camelo e desceu a estrada para Belém. Gaspar e Belchior trocaram um olhar às costas de Baltasar e o seguiram. Afinal de contas, estavam em dívida com ele.



O sol tinha enfim aparecido acima da crista das colinas a leste — começando uma jornada ao longo da qual iria atingir o auge dos céus e então envelhecer e morrer em paz no oeste. Sua luz alaranjada se derramou sobre as costas dos magos enquanto eles miravam para baixo, parados em um pico a leste de Belém. Dali, podiam ver algumas das ruas de paralelepípedos mais largas do centro da aldeia. Mas muito embora essas ruas tivessem estado cheias e vivas com as atividades da vida diária, agora estavam súbita e estranhamente vazias.

Vazias exceto por uma mulher em vestes escuras, correndo descalça na direção deles por uma das ruas de paralelepípedos. Correndo mais rápido do que já fizera em sua vida, porque nada em sua vida tinha sido tão importante. De onde estavam, Baltasar e os outros podiam ver o porquê:

Havia um bebê em seus braços.

Nu. Minúsculo. Agarrado aos seios da mãe enquanto ela corria de um cavalo. O cavalo negro galopava atrás deles, carregando um soldado nas costas, a armadura vibrando, a espada em punho.

Baltasar podia ouvir a voz fraca nas masmorras, mais alta a cada batida dos cascos do cavalo. Podia ouvir os gritos doentes de um rei obcecado pelo poder. Um rei que havia condenado a própria esposa e os filhos à morte. Que traíra seu próprio sangue. *Por que não? Se um homem era capaz de matar os próprios filhos...*

O soldado ergueu a espada e golpeou a mulher nas costas. Ela caiu para a frente, e, embora tenha tentado segurá-lo com todas as forças, o bebê voou de seus braços, bateu sobre as pedras do calçamento e rolou por alguns centímetros, frágil demais, novo demais para se proteger do impacto. Ele parou de rolar, ficando de barriga para cima, em silêncio por um momento, até que soltou um berro terrível, seus pulmões funcionando magistralmente. De olhos fechados. A mulher respondeu com outro grito, rastejando em direção ao filho, enquanto o soldado desmontava e caminhava até onde a criança estava chorando. Clamando pelo toque reconfortante da mãe.

O soldado ficou de pé junto ao bebê por um instante, depois varou a espada pela barriga da criança.

O soldado varou-lhe a espada pela... o soldado...

Não.

Não foi isso o que aconteceu. Os olhos de Baltasar o tinham traído. Ele estava de volta ao mundo dos oceanos infinitos e das visões distantes. Não, não era real. Não podia ser. Só que... o frio e a náusea em seu sangue lhe diziam que era. Aquele sentimento familiar. O mesmo que lhe tinha enviado na busca do pingente de ouro reluzente.

Os gritos do bebê se acentuaram, e então pararam. Seus braços e pernas se debateram debilmente por um momento... depois, ele ficou imóvel. O soldado puxou a espada de volta. Limpou-a na sola da sandália.

Ele morreu, ele morreu, ele morreu...

A mãe ainda estava rastejando no cascalho na direção do filho — arrebatando a garganta de tanto gritar. O soldado virou-se para ela

casualmente — *seu covarde, seu cachorro... você não pode fazer isso, vou matá-lo* — e enfiou a espada em suas costas. Mas ela continuou rastejando. Rastejando em direção ao filho, e então o soldado lhe golpeou mais uma vez. Seu corpo tensionou-se por um breve instante, até que ela ficou imóvel.

Gaspar e Belchior não podiam acreditar em seus olhos. Eram criminosos. Todos eles. Já haviam visto uma boa dose de assassinatos e crueldade. Só Deus sabia.

Mas nenhum deles jamais vira nada parecido com aquilo. Nenhum deles jamais havia imaginado que algo assim fosse possível. Estavam mudos diante do que haviam acabado de presenciar.

Baltasar mordeu o lábio inferior com tanta força que o sangue chegou a se acumular em sua boca.

Não iria aceitar aquilo.

Que se danasse Qumran. Que se danasse tudo. Decidiu matá-los. Todos eles. Ele iria extinguir todos de suas vidas sem valor, e iria caminhar sobre seus corpos desmembrados. Não sabia como ia fazer isso, visto que não tinha arma alguma e estava em menor número, no mínimo uns vinte contra um, mas ele *sabia*. Seu ser estava transbordando. E não era de raiva. Era de algo mais forte que raiva. Algo mais poderoso e justo.

Morrendo ali no meio da rua, a mulher ergueu a cabeça. O cavalo preto estava indo embora, o homem em suas costas. Afastando-se a galope. Deixando os dois para sangrar no meio da rua. Ela ergueu a cabeça o máximo que pôde, determinada a olhar o filho mais uma vez antes de deixar esta vida.

O sol estava subindo. Sua forte luz alaranjada tinha alcançado alguns fios dos finos cabelos do bebê. Fios que jamais iriam mudar de cor. Seus olhos estavam fechados, seu peito já não se movia. As mãos. Pequenas, delicadas, frias. Mas havia algo mais. Algo acima dele. Acima de toda a cidade de Belém, à luz da manhã. A mulher pensou ter visto as formas de três homens montando camelos, mas era difícil dizer. O sol estava bem atrás deles, criando um halo ofuscante em torno de suas cabeças. Em seu último

pensamento, ela se perguntou se eles estavam ali para recebê-la no outro mundo.

Quando Baltasar falou afinal, ele teve que se forçar a pronunciar cada sílaba.

— Vocês dois estão em dívida comigo?

— Estamos — disse Gaspar —, mas você não pode estar pensan...

— Vocês dois estão em dívida comigo?

Gaspar hesitou. Ele sabia o que estava por vir.

— Estamos...

— Venham comigo.

Baltasar chutou o lombo do camelo e entrou na aldeia. De acordo com a lei do deserto, mas contra todos os seus instintos, Gaspar e Belchior o seguiram.



José e Maria também podiam ouvir os gritos. E, embora não se atrevessem a deixar o estábulo para ver, sabiam do que se tratava. Sabiam que já estava acontecendo. Agora. Bem ali em Belém. Podiam ouvir os cascos batendo no chão, o barulho das armaduras, à medida que eles entravam na aldeia. Era tarde demais para fugir. Havia muitos deles lá fora.

José correu com Maria e o bebê para uma das pequenas baias do estábulo. Uma cabra malhada protestou quando ele a empurrou de lado para dar espaço para a esposa, que se deitou em posição fetal, o bebê a seu lado. José os cobriu com feno, o máximo que pôde — muito do feno estava emaranhado em estrume seco. Mal havia o suficiente para cobrir os dois, mas teria que bastar.

Depois de escondê-los o melhor que pôde, José fechou a porta da baia e tentou se portar como se estivesse à vontade, agarrando seu velho amigo tridente e fingindo limpar o estábulo. Se os soldados invadissem o local, veriam um homem trabalhando, nada mais. Deixariam-no em paz e

continuariam a busca em outro lugar. Mas, se não o deixassem, se por algum motivo decidissem dar uma olhada ao redor, Deus me livre, ele poderia usar o tridente para ganhar um pouco mais de tempo para Maria.

Ele esperou e rezou. Rezou para que os soldados nem perdessem tempo com o estábulo. *Por que se dariam o trabalho? Não fazia sentido. Estábulos são para animais, não para crianças.* Ele rezou para que o pastor que se apiedara deles — e que lhes oferecera um lugar para ficar — não os entregasse. Mas, acima de tudo, José rezou para que o bebê não começasse a chorar. Até agora, curiosamente, ele havia permanecido feliz e tranquilo, mesmo coberto de feno e esterco.



Um único soldado perseguia um garoto de doze anos pelo calçamento de pedras próximo ao centro da vila. Não para matá-lo, mas ao irmãozinho que ele carregava nos braços. O bebê que arrancara da mãe, sabendo que poderia correr mais rápido que ela. E tivera razão ao fazê-lo. Ele foi mais rápido do que ela jamais poderia esperar ser. Mas não mais rápido do que um homem montado no cavalo negro.

O soldado desembainhou a espada, aproximando-se das costas do menino, sem saber que havia três homens montados em camelos perseguindo-o pela mesma rua. Sem saber que o Fantasma da Antioquia estava quase o alcançando, instigando seu camelo com mais vontade do que já fizera em toda a sua vida. Com mais força até do que quando esporeara aquele camelo malfadado pelo deserto da Judeia. *Mais rápido, seu desgraçado.* Gaspar e Belchior vinham cavalgando logo atrás...

O camelo respondeu, galopando e chegando perto do cavalo negro. Perto o suficiente para ele atacar o cavaleiro com uma espada, só que ele não tinha uma consigo. Então Baltasar se decidiu pela segunda melhor opção: agarrou a parte de trás da gola do soldado e o arrancou de sua sela, jogando-o no calçamento, onde foi prontamente pisoteado pelos camelos de Gaspar e

Belchior. Atropelá-lo não tinha sido sua intenção inicial — simplesmente não conseguiram parar em tempo. Mas agora já o tinham feito, e puxaram as rédeas para dar meia-volta e inspecionar os estragos.

Baltasar parou seu camelo e observou o cavalo do soldado galopar por mais alguns metros, depois parar e sair trotando em círculo, sem saber o que fazer. E ficou vendo o garoto continuar a correr com o bebê nos braços, sem saber que a ameaça atrás de si havia desaparecido.

Corra, menino, e só pare quando cair de cansaço.

O soldado estava deitado de barriga para cima, imóvel, uma moesa profunda em seu peito no ponto em que a pata de um camelo o havia atingido. Era mais velho que a maioria dos homens de patente baixa como a sua, uma mecha cinzenta nas têmporas. Estava tossindo sangue, o que Baltasar presumia ser resultado de uma caixa torácica estilhaçada e órgãos dilacerados. *Ótimo*. Seu braço esquerdo tinha sido estraçalhado sob outra pata de camelo, o antebraço completamente achatado, inútil. Ele se contorcia, gemia.

Ótimo... espero que seja a pior dor que já sentiu na vida.

Baltasar pulou de seu camelo e foi na direção dele. Andou calmamente, como o homem morto que era. Pisou no pulso do soldado, abaixou-se e pegou sua espada. Não era grande coisa. Uma arma comum para um soldado de baixa patente no exército da Judeia. Mas quebraria um galho.

Baltasar manteve a ponta da espada encostada no pescoço do soldado.

— Por... por favor — disse o soldado, lutando para respirar. — Não...

— Não o quê? — perguntou Baltasar, levando a mão à orelha.

— Não me ma...

— Não matar você? É isso que está tentando me dizer?

— Não me mate...

O soldado estava soluçando. Baltasar quase sentiu vergonha por ele.

— E se você tivesse pegado aquele garoto com o bebê, teria tido a mesma compaixão por ele?

— Por fa...

Baltasar empurrou a espada até senti-la varando o pomo de adão. O homem agarrou a lâmina com a mão direita — o sangue gotejando dos dois lados da espada. Ele tentou freneticamente arrancá-la de sua garganta, mas Baltasar apenas empurrou-a com mais força, torcendo-a, abrindo um buraco ainda maior. E o homem adquiriu aquele mesmo tom de pálido... aquela mesma máscara de medo... a mesma consciência terrível de que estava morrendo.

Ótimo, pensou Baltasar. Espero que esteja com medo...

Gaspar e Belchior tinham desmontado atrás dele, e agora observavam o soldado morrer deitado de costas. Seus membros se moveram debilmente, e então ficaram imóveis. Baltasar levantou o olhar do rosto do soldado moribundo, sua atenção desviada pelo tinido de uma armadura a distância. Ao erguer os olhos, viu cinco soldados emergindo de uma casa no outro extremo da rua, suas espadas manchadas de sangue, os gritos da mãe e do pai vindos lá de dentro. Estavam voltando para seus cavalos quando um deles avistou Baltasar de pé sobre o corpo de seu companheiro. Ao testemunharem tal tragédia, ele e seus quatro colegas chegaram à mesma conclusão a que Baltasar tinha chegado havia apenas alguns minutos:

Isso não ficaria assim.

Baltasar viu quando eles iniciaram seu ataque — tão enfurecidos, tão concentrados em corrigir aquela injustiça que se esqueceram de levar os cavalos consigo. Se os magos montassem em seus camelos agora, na certa escapariam. Mas Baltasar não tinha entrado em Belém para fugir. Ele tinha ido até ali para matar até o último deles, ou morrer tentando.

Ele puxou a espada do pescoço do soldado agonizante e foi até o meio da rua, ao encontro deles. Os soldados da Judeia tinham todas as vantagens a seu lado. Estavam em maior número. Protegidos por armaduras. Mas Baltasar não queria nem saber. Iria continuar firme. Iria abater todos eles.

— Me dê a espada — disse Belchior.

Baltasar nem se mexeu. Manteve os olhos fixos nos homens que se aproximavam.

— Pode deixar.

— Me... dê... a... espada...

Havia algo na voz de Belchior. Uma característica especial. Aquelas palavras não tinham vindo do sujeito simplório que Baltasar conhecera no calabouço, ou o ser angelical e inofensivo que fizera barulhinhos e caretas engraçadas para o bebê quando deixaram o estábulo.

Baltasar olhou para Gaspar. *Ele está falando sério?* Gaspar fez que sim com a cabeça.

— Dê a espada para ele — disse.

Baltasar não sabia exatamente por que entregou a única espada que tinham para o menor e mais gordo membro do grupo. Mas ele o fez. De alguma forma, pareceu-lhe a coisa certa a fazer. Belchior pegou-a. Girou-a de um lado para o outro, avaliando seu peso. E correu os dedos ao longo da lâmina, determinando a extensão de seu poder. Conversando com ela. Não era uma grande espada, mas seria o suficiente.

Afinal, havia apenas cinco deles.

Quando os soldados estavam quase chegando, Belchior ergueu a espada diante do corpo e iniciou o ataque. Eles levaram um susto — chegaram até mesmo a se divertir frente à visão do pequeno grego avançando na direção deles sozinho. O que estava mais à frente fixou os pés no chão e empunhou a espada, girando o corpo para o lado em uma posição clássica de esgrima. Estava preparado para qualquer coisa. Principalmente para o ataque desarrazoado de um tampinha.

Um segundo depois ele estava no chão, sem a perna esquerda, gritando de dor.

O pequeno grego rolara para a frente no último instante, varando a espada pela perna dianteira do soldado, firmemente fixa no chão. Ele não teve uma chance sequer de revidar. E enquanto caía de lado, procurando por uma perna que não tinha mais, seus quatro companheiros também não tiveram chance alguma.

Um por um, Belchior foi girando e abrindo caminho através dos soldados, ceifando-os como se estivessem seguindo suas ordens: golpeando-

o no momento em que ele queria que o golpeassem, deixando-se indefesos bem no instante em que ele estava pronto para atacar.

O segundo soldado torceu o peito, preparando-se para um giro feroz, mas deixando a lateral do corpo momentaneamente exposta. Belchior enfiou a espada pela fresta entre a armadura frontal e a armadura traseira, a lâmina voltada para cima, varando seus intestinos.

A espada ainda estava na barriga do segundo soldado quando o terceiro avançou, mirando em sua cabeça. Usando a baixa estatura em seu favor, Belchior abaixou-se sob a lâmina, puxou a espada de volta e contra-atacou o adversário já desequilibrado, cortando sua garganta com tanta força que somente a coluna impediu a espada de sair do outro lado.

O quarto e o quinto soldados atacaram juntos, mergulhando suas espadas sobre a cabeça de Belchior ao mesmo tempo. Belchior usou a própria espada para se proteger, e então fez algo incrivelmente estúpido. Algo que vai contra tudo o que qualquer um já aprendeu a respeito de esgrima.

Caiu de joelhos, como se estivesse rezando.

Os soldados continuaram a golpear. Mas suas investidas tornaram-se diferentes. Mais fracas, desajeitadas. E só então Baltasar entendeu a genialidade do que Belchior tinha feito. Suas armaduras constituíam-se de grandes peitorais de aço para proteger seus órgãos. Placas que iam do pescoço à cintura. E, embora fossem ótimas para resguardar seus corpos de um ataque na vertical, tornavam muito mais difícil se curvar para a frente, enfraquecendo qualquer golpe que tentassem dar abaixo da cintura. Bastava que Belchior continuasse bloqueando seus golpes desengonçados e esperasse que um deles cometesse um erro.

Foi exatamente o que o quarto soldado fez, inclinando-se muito para a frente e caindo de cara no chão, à esquerda de Belchior. Um segundo depois, ele pagou por seu erro com a vida, pois Belchior enfiou a espada na sua nuca, cortando o tronco encefálico.

Agora era homem contra homem. O último soldado não era um espadachim tão inútil quanto seus companheiros, mas também não era

muito bom. Depois de se tornar o único homem dos cinco que conseguiu tocar o corpo de Belchior — presenteando-lhe com um arranhão no ombro —, ele preparou sua investida final, mergulhando para a frente. Mas sua espada estava muito longe do corpo, suas pernas muito abertas. Belchior arrancou a espada de suas mãos e golpeou-o com a própria. O quinto soldado ergueu os braços em uma tentativa de bloquear o golpe, mas a espada de Belchior simplesmente transpassou sua mão esquerda, furando seu rosto um momento antes de a ponta da lâmina se alojar em seu cérebro. Belchior manteve-a lá até sentir o peso do soldado morto pendendo no ar, e então puxou-a de volta, deixando o corpo inútil cair no chão.

Agora era a vez de Baltasar ficar sem palavras.

O pequeno grego era o melhor espadachim que já tinha visto. Mais rápido e mais poderoso que qualquer outro homem poderia sonhar em ser. Não havia dúvida. Criminosos eram uma raça que gostava de se gabar, mas aquilo não havia sido ostentação. Era a mais pura *verdade*.

— Eu falei — disse Gaspar. — O melhor do império.

Havia um segundo, cinco soldados seguiam na direção deles. Agora, cinco homens jaziam no chão — dois deles moribundos, e os outros três, mortos. Havia tantas perguntas... Tantos truques a aprender... Mas eles teriam que esperar. De todos os cantos da cidade ainda vinham gritos de mulheres e crianças.

Baltasar e Gaspar pegaram as espadas dos soldados mortos, depois montaram seus camelos e começaram a cavalgar o mais rápido que conseguiam.



As preces de José não foram atendidas. Havia soldados lá fora. Descendo de seus cavalos. A qualquer segundo eles entrariam.

Será que o pastor fora obrigado a entregá-los? Será que os criminosos os trocaram por uma recompensa? Não importava. Nada mais importava

agora. Nada exceto o plano. José era um simples pastor, limpando seu estábulo. Não, tudo ficaria bem. Eles o interrogariam e o deixariam em paz. Que vantagem teria em revistar um estábulo, a menos que você gostasse do cheiro de bodes e esterco? Ele só precisava manter a calma. Não parecer nervoso ou agitado. E o bebê só precisava ficar quieto.

Eram três. Dois jovens e um mais velho, com um capacete mais elaborado e uma armadura peitoral. Uma espécie de oficial, imaginou José. Eles entraram e avaliaram o pouco que havia a ser avaliado no ambiente.

— Quem é você? — perguntou o oficial.

— Um mero pastor, senhor. Este é meu estábulo. Estas são minhas cabras.

O oficial examinou o rosto de José por um instante, depois olhou ao redor mais uma vez. Não era grande coisa. Mal valia a pena perder tempo ali. Havia milhares de lugares para se esconder em Belém. Quase todos mais atraentes do que aquele. O que um bebê estaria fazendo em um estábulo, afinal?

Certo de que apenas a mais baixa forma de vida poderia escolher dormir em um lugar como aquele, o oficial fez sinal aos outros para saírem dali.

José sentiu uma onda de alívio. Tinha se portado muito bem. Não parecera nervoso ou agitado. Já o bebê...

— O que foi isso?

O oficial se virou. Já estava quase do lado de fora da porta quando um guincho preencheu o pequeno estábulo. Não era o balido de uma cabra. Era algo diferente.

— Só uma cabra, senhor.

O oficial estava prestes a se convencer de que não era nada quando outro gritinho veio de uma das baias à direita. Este foi quase como uma gargalhada.

Não, Senhor... por favor...

Sob uma fina camada de feno e estrume, Maria levou a mão à boca do bebê, tentando desesperadamente abafar os gemidos do filho.

— São só os animais, eu lhe garanto.

José tinha perdido a calma. Podia sentir o suor brotando, o nervosismo e a agitação tomando conta dele.

— Segurem-no.

Os outros dois agarraram José e lhe arrancaram o tridente das mãos. Mantiveram-no encostado à parede enquanto o oficial desembainhava a espada e começava a abrir as portas das baias.

— Estou falando, são só os ani...

— Silêncio! — O oficial virou-se para seus homens. — Se ele falar de novo, podem matá-lo.

Um dos soldados desembainhou a espada e apertou a lâmina no pescoço de José. O oficial virou-se para a porta da baia. A última à direita. Ele a abriu...

Ali, embaixo de um bode malhado e uma fina camada de feno e estrume, havia uma menina cobrindo a boca de um bebê com a mão. Maria gritou quando o oficial puxou a parte de trás de suas roupas, tentando arrastá-la dali.

José se soltou das garras do soldado, correu até o oficial e pulou em suas costas. Passou um dos braços em torno de seu pescoço e apertou o mais forte que pôde, sabendo que seria atingido por uma espada por trás a qualquer segundo. Não tinha importância. Que o atacassem. Até que o fizessem, ele planejava continuar apertando — asfixiando aquele homem até seu último suspiro, na esperança de que Maria conseguisse se libertar e correr.

O oficial deixou cair a espada e agarrou o braço dele com as mãos. Ele conseguiu enfiar uma delas sob o braço de José e aliviar a pressão. Tendo restaurado sua respiração, encontrou forças para arremessá-lo por sobre suas costas para a baia, onde estavam sua esposa e o bebê. No mesmo instante, o oficial olhou para o chão, na direção da espada que deixara cair...

Mas a arma havia desaparecido.

Ele virou-se e encontrou-se cara a cara com dois homens que nunca tinha visto antes. Dois homens, um de cada lado do Fantasma da Antioquia. O mesmo Fantasma da Antioquia que ele tinha capturado em Betel e

arrastado até o Palácio de Herodes. O mesmo homem que já deveria ter passado dessa para uma melhor. Também viu os corpos de seus homens no chão do estábulo, suas gargantas cortadas.

— Mas você está... você deveria estar morto — disse o capitão.

Ah, mas eu estou, pensou Baltasar. *Você não entende? Eu estou morto.*

Baltasar cortou a garganta do capitão.



José subiu na traseira do camelo de Belchior. Gaspar fez com que seu animal se ajoelhasse e ajudou Maria a subir, o bebê em seus braços. Baltasar seguiu cavalcando sozinho, com uma espada em cada mão.

Eles escapariam se fugissem agora. Se atravessassem a rua e continuassem andando direto para o deserto. Mas os gritos continuavam a ecoar por Belém. Havia ainda dezenas de soldados lá fora, vasculhando casa por casa. Abatendo crianças que mal haviam chegado a conhecer o mundo. Mães e pais dando tudo de si para salvá-los. Agora, naquele exato momento.

E aquela gritaria não iria parar. Não até que o próprio tempo parasse. Não dava para apagar de seus ouvidos sons como aqueles. Não completamente. Nunca completamente. Eles sempre estariam lá, sussurros fracos nas masmorras subterrâneas a que todas as coisas ruins pertenciam. Baltasar sabia disso. Assim como sabia que escapariam se fugissem agora. E assim como sabia que seria impossível salvar a todos. E, no entanto, ele não conseguia se mover.

Gaspar podia vê-lo estampado em seu rosto. No jeito como ele apertava as rédeas até os nós de seus dedos ficarem brancos, fitando a cidade ao sul.

— Baltasar... podemos morrer tentando salvá-los todos, ou podemos salvar esse, enquanto ainda há tempo.

Gaspar tinha razão, claro. Baltasar já havia enfrentado essa escolha antes. A escolha entre ter uma morte nobre e viver covardemente para lutar outro dia. A tentação de morrer podia ser esmagadora. A tentação de deixar a

raiva tomar conta de você e transformá-lo em uma nova e gloriosa existência. Uma chama fugaz e muito viva. Mas era apenas uma ilusão. Pois não importava quantos deles você matasse nesses momentos finais, nunca seria tantos quanto os que você teria matado ao longo de uma vida. Esse era o grande segredo. Quanto mais você vivesse, mais deles poderia matar ao todo. Com a raiva abrindo um buraco dentro de você, era fácil esquecer uma verdade como essa.

Ainda havia tempo. Ele salvaria aquela criança. Viveria covardemente para lutar outro dia. E iria encontrar uma maneira, algum dia, de reduzir a cinzas todo o mundo deles. Talvez até mesmo encontrar um jeito de apagar os gritos de seus ouvidos. Baltasar jurou isso a si mesmo e esporeou seu camelo.

Dessa vez, eles cavalgariam direto para o deserto. O mais rápido que seus camelos fossem capazes, e só parariam quando chegassem a Qumran. Os essênios os manteriam seguros ao menos por uma noite ou...

— Vocês aí! Parados!

Baltasar se virou. Dois cavaleiros vindos do sul os tinham avistado, um de estatura e compleição média, o outro simplesmente gigantesco. Estavam galopando na direção deles, um ao lado do outro, subindo a estrada de Belém com suas espadas desembainhadas.

— Não parem! — disse Baltasar para os outros. — Vão com eles.

Ele então virou seu camelo e avançou na direção dos dois cavaleiros — a mão esquerda nas rédeas, a direita atrás das costas. Ele salvaria aquela criança. Gaspar e Belchior a manteriam em segurança, e depois ele os alcançaria no deserto, assim que tivesse acabado.

Baltasar cavalgou direto para eles, o nariz do camelo apontado bem entre seus cavalos. Daria de cara neles se fosse preciso, não iria recuar. Os soldados estavam a menos de seis metros dele quando perceberam isso e afastaram seus cavalos, cada um para um lado, para passar ao redor dele. Ao fazerem isso, Baltasar tirou a mão esquerda das rédeas, levou-a às costas e pegou as duas espadas, segurando-as para fora, como se fossem asas. *Como um homem alado*. Arremessando os soldados de seus cavalos, na terra.

Ele fez a volta e desmontou, uma espada em cada mão. O soldado menor ainda estava tentando se levantar, tentando se recuperar do susto. Mas o maior já estava de pé, e correndo na direção dele. Com um grunhido baixo, ele disparou para cima de Baltasar, mirando a ponta da espada em seu peito. Mas Baltasar conseguiu desviar, fazendo-o errar o golpe e tropeçar ao mesmo tempo.

O menor já estava de pé novamente, atacando Baltasar com ferocidade, enquanto seu parceiro se recuperava. Mas a queda havia exigido muito dele, e Baltasar o fez em pedaços, evitando sua armadura e produzindo cortes profundos em seus braços nus. Quando o maior se aproximou de novo, Baltasar seguiu a tática de Belchior — caiu de joelhos e atacou as pernas dos dois soldados, até que o menor caiu de costas e o maior se afastou.

— Diga a Herodes — falou Baltasar para o gigante — que o Fantasma da Antioquia está rindo da cara dele.

Os olhos já apavorados do soldado se arregalaram ainda mais.

— Diga a ele que estou rindo... E diga que ainda vou pisotear o túmulo dele.

O soldado pensou por um instante e, em seguida, correu de volta para a cidade, determinado a viver covardemente para lutar outro dia. Baltasar o observou por um momento — um gigante correndo com as pernas estraçalhadas —, e então voltou sua atenção para o soldado que se contorcia abaixo dele, rastejando-se pelo chão, apesar dos cortes profundos em seus membros. Estava tentando fugir, mas sabia que não havia chance de isso acontecer.

— Nós... nós recebemos ordens...

— Vocês O QUÊ?

— Nós recebemos ordens de fazer isso, do próprio Herodes.

— Ordens de fazer o quê?

— De... matar todos os bebês meninos de Belém.

Baltasar ergueu a espada acima da cabeça e a manteve firme no lugar. Apertou as tiras da alça de couro com tanta força que todo o seu braço tremeu.

— Qualquer homem que siga uma ordem dessas não merece andar sobre a terra.

Baltasar baixou a espada, atingindo o rosto do soldado com a face mais larga da lâmina. O primeiro golpe quebrou o nariz do rapaz, abrindo as comportas atrás de suas narinas e liberando uma enxurrada de sangue sobre seu queixo. O segundo quebrou a órbita esquerda por inteiro, liquefazendo o olho dentro dela. Antes que Baltasar pudesse desferir um terceiro golpe, o instinto do soldado finalmente ultrapassou seu espanto, e ele estendeu as mãos para se proteger. Baltasar puxou a espada de volta e girou-a sobre seu corpo, atingindo o pulso esquerdo do soldado. Sua mão caiu, ficando pendurada pela pele e alguns tendões antes de aterrissar no chão. Baltasar voltou a golpeá-lo no rosto, de novo e de novo e...

O queixo dele quebrou talvez você devesse parar de bater no rapaz Baltasar ele está inconsciente você pode parar de bater nele agora os dentes se quebraram pare Baltasar ele está morto ele só pode estar morto a essa altura o que você está fazendo Baltasar por que você ainda está batendo nele lá se vão os miolos do crânio chega Baltasar não foi ele que matou eu sei mas ele é igual ele é igual ao que matou...

Ao erguer a espada para mais um golpe, segurou o pulso de Baltasar por trás. Ele se virou, pronto para matar quem ousasse tocá-lo. Pronto para esmagar seus miolos e fazê-los jorrar pelas orelhas.

Mas não era um soldado da Judeia. Era o carpinteiro, olhando para ele da traseira do camelo de Belchior.

— Ele está morto.

Estavam todos olhando para ele. Todos menos Maria, que tinha afastado o rosto da visão horrenda, apertando o bebê com força no peito. Baltasar puxou a mão de volta.

— Outros virão — disse José. — Temos que ir.

Mais uma vez, ele sabia. Sabia que tinha que ir... mas não conseguia mover os pés. Na verdade, não conseguia mover nenhuma parte do corpo. Baltasar estava com dificuldade de recuperar o fôlego. Achou que ia

desmaiar. Sentiu-se fraco. Estavam todos olhando para ele com expressões estranhas...

— Baltasar... você está sangrando.

Quem tinha dito isso? O carpinteiro? Gaspar?

Ele olhou para suas vestes. Havia uma mancha crescente de sangue no lado direito do peito. Ele puxou a roupa e viu a ferida. Um corte de espada entre suas costelas. A cada respiração, minúsculas bolhas de ar se formavam em meio ao sangue vívido e reluzente que lhe escorria da ferida.

O soldado não tinha errado.

O sol mal havia despontado por trás das montanhas a leste, mas Baltasar já sentia como se estivesse se pondo. A noite estava chegando, e, com ela, um descanso muito necessário. Por um momento, ele pensou que a estranha estrela que brilhava no oriente havia voltado.

Dessa vez, ele foi o único a vê-la.



O SONHO

“Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito, e ali fica até que eu te fale; porque Herodes há de procurar o menino para o matar.”

Mateus 2:13

I

Seis fugitivos cavalgavam para o leste, em direção ao sol que despontava no deserto. Apenas quatro deles estavam conscientes.

Cavalgavam por uma paisagem sem vida de colinas rochosas e desfiladeiros irregulares, de beges e marrons entrelaçados em um abraço sem sentido, fundindo-se à medida que se aproximavam de um horizonte que nunca chegaria. Era um lugar desprovido de energia. Um lugar de onde a alegria havia sido banida. Mesmo o céu azul sem nuvens parecia destituído de cor.

Baltasar estava coberto e atravessado de bruços no camelo de Gaspar. Estava pálido, encharcado de suor. O sangue continuava a alastrar-se da ferida em seu peito e a empoçar no pelo do animal. Gaspar mantinha uma das mãos nas rédeas do camelo e a outra nas costas de Baltasar, tentando evitar que ele caísse enquanto conduzia o grupo pelo terreno irregular. Belchior vinha atrás, com uma espada pendurada na lateral do corpo, o sangue de cinco homens ainda sujando as vestes. José era o último, com Maria atrás de si, segurando o bebê que dormia em seu braço esquerdo e as vestes do marido com a direita.

Gaspar não sabia o caminho para Qumran. Não conhecia muito bem o deserto da Judeia, apenas as estradas que haviam sido abertas através daquelas areias, por força do tempo e da vontade. As estradas que ligavam Jerusalém a Jericó, Jericó a Antioquia e Antioquia ao resto do mundo conhecido. Mas o deserto era outra história.

Ali, redemoinhos de poeira podiam surgir sem qualquer aviso, dançando pelo terreno e cegando todos que tocava. Ali fora, escorpiões e

cobras esperavam para envenenar as almas infelizes que cruzavam seu caminho, e a água mais próxima costumava ficar a dias de distância. O calor, o cansaço e a sede se entranhavam sob a pele dos homens, devorando sua força de vontade até que o desejo de se deitar e dormir sob o sol ofuscante parecesse racional. E o desejo de tirar essas vestes sufocantes e andar nu parecia inteligente. Havia inúmeras histórias de homens que bebiam goles de areia ou que arrebetavam a própria pele, juntando as mãos para levar o sangue aos lábios rachados e saciar a sede que os deixara loucos. Na Judeia, havia um ditado: “O deserto está cheio dos ossos de homens fortes.”

As colinas se tornavam mais íngremes à medida que os fugitivos prosseguiam para o oeste. O deserto lentamente levantava-se de ambos os lados, envolvendo-os com rochas. Engolindo-os. Como gotas de água que se espremiam de um oceano para um canal estreito, os fugitivos foram canalizados em uma ravina — uma fratura imensa nos ossos da terra, que seguia retorcendo-se através do emaranhado de beges e marrons.



Eles seguiram pela ravina por quase dois quilômetros, conduzindo seus camelos ao longo das paredes irregulares, até que o bebê começou a chorar, e Maria se deu conta de que haviam se passado horas desde a última vez que ele tinha sido alimentado.

Eles pararam e se sentaram à sombra do paredão de pedra — Maria com o bebê escondido sob suas vestes, José ao lado dela, tomando pequenos goles de um cantil de couro costurado. Gaspar havia colocado Baltasar no chão e lavado o ferimento com água. Mas, mal retirou o pano, o sangue começou a jorrar novamente. Era inútil.

Nenhum deles ousava falar. Belchior estava sentado de pernas cruzadas, desenhando na areia com sua espada. Se lhe restava qualquer efeito do que tinha acabado de presenciar, qualquer remorso pelas vidas que tinha

ceifado, seu rosto não o traía. Ele parecia completamente alheio ao mundo a seu redor, completamente em paz com sua situação.

Gaspar, no entanto, estava nitidamente angustiado. Não pelas visões de crianças assassinadas. Havia armazenado aquelas imagens em um lugar em que jamais seriam encontradas, lá nos túmulos em que guardava todas as coisas miseráveis que tinha visto e feito. Na verdade, estava angustiado pelos fatos.

O fato de que nenhuma estrada na Judeia era segura para viajar. O fato de que não conhecia o deserto o suficiente para desaparecer ou sobreviver nele. O fato de que sua melhor chance de fuga jazia atualmente no chão, morrendo. O fato de que iriam ficar sem água em questão de horas.

E agora, o que fariam? O carpinteiro e a esposa só iriam atrasá-los. O bebê morreria de insolação ou desidratação em um ou dois dias, e depois seria a menina, até restarem apenas três loucos furando a pele em busca de goles de sangue para levar aos lábios rachados — isso presumindo que os homens de Herodes não os encontrassem e os abatessem primeiro, o que era o mais provável. Era inútil. Tudo aquilo.

Foi Baltasar quem por fim quebrou o silêncio, com vários barulhos e tosses inconscientes. Quando o surto acabou, José podia ver o sangue escorrendo da sua boca. A cor foi piorando. Estava começando a tremer.

— Ele vai morrer? — perguntou José.

— Vai — disse Gaspar.

A resposta direta assustou José. Era como se ele tivesse feito uma pergunta a respeito da cor das roupas de Baltasar, e não sobre sua vida.

— “Vai”? É isso?

— É.

— Não há nada que possamos fazer?

— Já vi homens com este tipo de ferida antes. Não há nada que possa ser feito. Ele não vai chegar nem ao anoitecer.

— Mas ele salvou nossas vidas. As de todos nós. Estamos em dívida com ele.

— E é por isso que estou carregando-o comigo, em vez de deixá-lo para morrer sozinho.

— Carregá-lo nas costas de um camelo não vai ajudá-lo. Tem que haver algo que possamos fazer...

— Eu já falei, ele está MORTO!

A palavra ricocheteou nas paredes da ravina e nas reentrâncias desconhecidas que havia pela frente. E foi seguida por outro longo silêncio, quebrado apenas pelos sons dos camelos pateando e da espada de Belchior arranhando a terra.

— Depois do que fizemos — disse Gaspar —, Herodes vai enviar toda a Judeia atrás de nós. Ele está morto, e nós estamos vivos. Ainda temos uma chance. Ele não.

— Não — interrompeu Maria.

Gaspar quase havia se esquecido da menina. Ele a fitou com seus olhos profundos. Era tão pequena, tão frágil. Ele poderia quebrar seus braços e pernas feito lenha queimada, se quisesse.

— Ele voltou por nós — disse ela. — Não vou ficar aqui sentada vendo-o morrer.

— Eu já falei... não existe nada que possamos fazer por ele.

— Existe sim — disse Maria.

Gaspar não tinha ideia do que ela queria dizer. José também não sabia, até que ela se virou para ele e disse:

— Zacarias.

Quando Maria era bem jovem, seu tio Zacarias atuava como médico — costurava feridas e tratava de casos de tosse na pequena aldeia de Emaús, uns dezesseis quilômetros a noroeste de Jerusalém. Tinha por volta de setenta anos agora, desfrutando de uma vida pacata com a esposa, Isabel, e seu jovem filho. Até onde Maria sabia, ele não aplicava uma bandagem havia mais de dez anos. E sua própria saúde estava em declínio. Mas eles tinham que tentar.

Maria virou-se para Gaspar.

— Conheço uma pessoa que talvez possa ajudá-lo. Um médico. Um parente em quem podemos confiar.

— Onde ele está?

— Em Emaús.

— É muito longe. — Gaspar balançou a cabeça.

— Se usarmos as estradas, chegaremos lá em duas horas.

— As estradas? Você não ouviu? Todos os soldados do exército da Judeia vão estar nas estradas procurando por nós.

— Sim, nas estradas que entram e saem de Belém. E, quando não nos encontrarem nelas, vão começar a procurar nas outras estradas e pelo deserto. Mas não em uma pequena aldeia como Emaús. Não por enquanto.

Eu poderia quebrar seus braços e pernas feito pedaços de lenha queimada...

— Nós podemos ficar aqui até morrer, ou podemos tentar chegar a Emaús, onde há comida e água. Onde há um lugar para nos escondermos e uma chance de salvá-lo.

— Isso se não formos mortos primeiro.

— Apenas nos leve até lá. Leve-nos até Emaús. Podemos tomar conta de nós mesmos a partir de lá.

Gaspar tentou pensar em outra opção. Mas sabia que ela tinha razão. Caso se escondessem no deserto, todos estariam mortos em dias. Se tentassem chegar à aldeia, havia uma grande chance de encontrarem soldados pelas estradas, mas pelo menos teriam uma chance de lutar.

— Você mesmo falou — disse Maria. — Você está em dívida com ele. Todos nós estamos.

Baltasar quebrou o silêncio com outro ataque de tosse. Gaspar olhou para ele. O poderoso Fantasma da Antioquia. O homem que havia salvado seu pescoço.

II

Baltasar subitamente se deu conta de que estava sendo carregado. Carregado por braços que envolviam seu peito, por um homem com grandes asas brancas batendo em um ritmo suave. Um homem cujo rosto não podia ver, mas que, de alguma forma, conhecia. Não tinha medo do estranho, nem medo de que ele o deixaria cair. Havia apenas o vento em seus ouvidos e as batidas das asas.

No deserto abaixo deles havia uma cidade. Uma cidade de tendas reunidas na base de uma grande montanha. Dezenas de milhares — talvez centenas de milhares — de pessoas em movimento em torno de um círculo, dançando. Dançavam em torno de algo grande, algo brilhante e dourado. Tudo o que Baltasar queria era ser um deles. Poder olhar de perto o objeto grande, brilhante e dourado e ver se havia algo que pudesse retirar dele e esconder em suas vestes. Mas não era para lá que o Homem de Asas o estava levando.

Eles voaram pela grande montanha e suas multidões dançantes, descendo para mais perto da superfície do deserto, até que a areia se tornou mar em um piscar de olhos. Não o estranho e infinito mar de tempo e espaço em que Baltasar vira o reflexo do universo, mas uma extensão real e mundana de água. Sobrevoaram a superfície da água mais rápido do que Baltasar pensava que fosse possível se mover sem ter o corpo dilacerado pela força do vento.

E voaram até que a água se tornou margem, e a margem se tornou deserto, e o deserto se tornou uma brilhante cidade do sol. A cidade de hieróglifos e templos, de obeliscos e pirâmides. Também tinha visto aquele

lugar com os próprios olhos. Olhara para aquelas três irmãs — aquelas pirâmides que zombavam de impérios com seu esplendor. Mas nunca imaginara que as veria de cima, como fazia agora.

O Homem de Asas colocou Baltasar com cuidado no topo de uma dessas pirâmides, a maior delas. A estrutura mais alta do mundo havia mais de dois mil e quinhentos anos. Mas a pirâmide estava caindo aos pedaços, as pedras brancas de seus quatro lados tendo desmoronado ao longo dos séculos. Algumas seções ainda estavam perfeitamente lisas. Outras tinham se soltado e caído nas areias lá embaixo, expondo os blocos de pedra mais escuros embaixo.

Quando as asas brancas baixaram e se esconderam atrás das costas, Baltasar viu o rosto do homem pela primeira vez. A visão o fez perder a força nas pernas. Ele chorou, seu corpo tremendo com os soluços. Baltasar não conseguia lembrar a última vez que chorara tanto. Também não conseguia lembrar a última vez que vira algo tão bonito.

— Como? — perguntou em meio às lágrimas.

O Homem de Asas estendeu os braços e esticou as mãos para que Baltasar visse. As mãos com que o carregara. Estavam manchadas de vermelho.

Baltasar olhou para baixo por entre as lágrimas e viu que suas vestes estavam encharcadas de sangue escuro acima do peito. Puxou-as, em pânico, certo de que encontraria uma ferida grotesca. Mas não havia nada. Nada além de um pequeno arranhão no centro de seu peito. Ele olhou para cima, para ver se o Homem de Asas tinha alguma explicação. Mas ele não estava mais ali. Nenhum vestígio dele no céu. Baltasar estava sozinho no topo do mundo.

Algo caiu em seu pé. Uma gota.

Ele olhou para o próprio peito de novo. O arranhão começava a sangrar. Apenas algumas gotas, como as lágrimas remanescentes em seu rosto. Mas foram aumentando. Transformando-se em um gotejamento lento, e então em um fluxo constante — o sangue escorrendo pelo peito para a barriga, acumulando-se em seu umbigo e transbordando. Um rio vermelho.

O arranhão se abriu lentamente. A pele se separou como couro, expondo os músculos, as costelas e os pulmões. Abriu-se até que seu coração podia ser visto, batendo cada vez mais rápido... Baltasar pegou as metades do peito, tentando fechá-las de novo. Tentando manter tudo no lugar.

— Não!

Suas costelas começaram a se esticar, cada uma aparecendo e se projetando para fora feito as pernas de uma aranha branca. Baltasar soltou a pele e tentou empurrá-las para baixo. Se as costelas saíssem, em seguida viriam os órgãos. Sairia tudo de dentro dele, e ele ficaria ali para todo o sempre — uma pilha de ossos, órgãos e pele solta no topo do mundo. Ele empurrava com o máximo de força possível, mas a aranha não teria sua liberdade negada. À medida que empurrava, Baltasar viu suas unhas começarem a se levantar e a pele de seus dedos a descascar, deixando as artérias expostas, pulsando a cada batida de seu coração.

Podia sentir a mesma coisa acontecendo com os dedos dos pés... os próprios pés. Podia sentir suas pálpebras descascando e ver o sangue começar a escorrer pelas córneas.

Baltasar caiu ao longo da lateral da grande pirâmide. Despencou, assim como tantas peças lisas de pedra fizeram ao longo dos séculos, deixando um rastro de músculos, nervos, sangue e ossos à medida que desmoronava. Cada veia se desfez enquanto ele prosseguia, libertando-se de seu corpo como as raízes de uma grande árvore arrancada da terra.

Quando atingiu a areia, não havia mais nada além de suas roupas.



Zacarias estava velho demais para cortar gente. Velho demais para executar o tipo de cirurgia de que aquele homem necessitava. Sua vista não era mais o que costumava ser. Suas mãos tremiam. Mas que opção ele tinha? Que outro cirurgião poderia vê-lo a tempo ou seria de confiança o suficiente para abrigar os fugitivos que o trouxeram?

José segurou a lâmpada acima do peito do homem. O etíope e o grego sentaram-se perto da porta, prontos para ajudar se Zacarias precisasse deles. Sua sobrinha, Maria, esperava na sala ao lado, com o bebê. Não se sentia muito bem quando via sangue, e havia muito sangue. O homem havia sido esfaqueado, e a lâmina perfurara seu pulmão direito.

— Ele está sufocando? — perguntou José.

— Afogando — disse Zacarias enquanto trabalhava.

— Afogando? Mas como pode...

— O ar passa pela ferida e comprime o pulmão, o sangue fica preso lá dentro e o afoga. Se tirar o ar? O pulmão infla, o sangue é drenado e talvez, *talvez*, ele sobreviva. Agora fique quieto e me deixe trabalhar.

Sua esposa, Isabel, auxiliava o marido enquanto ele trabalhava, assim como fizera vinte anos antes, quando ele era um bem-disposto homem de cinquenta e sete anos e ela, uma viúva de trinta e seis. Olhos e cabelo castanhos. Sem filhos e linda. Encontrá-la havia sido a dádiva da vida de Zacarias. Um milagre. E embora os anos tivessem provado que era estéril, ele estimava todos os momentos de seu casamento — feliz de ter uma companheira em seus anos de declínio.

Mas então, sete anos antes, quando estava com setenta e ela com quarenta e nove, Isabel ficara grávida. A princípio, Zacarias teve dúvida. Demorou para receber o dom que Deus lhe dera. Mas a barriga continuou a crescer, e ela deu à luz um menino saudável, mesmo tendo passado da idade fértil. Outro milagre. Um milagre que tinham chamado de João.

Com cuidado, Zacarias inseriu um pequeno tubo de metal pela ferida — toda a sua concentração voltada em manter as mãos firmes. Estes eram os segundos de perigo. Os que iriam determinar se o paciente iria viver ou morrer. Se fizesse o procedimento corretamente, um silvo de ar escaparia pelo tubo, seguido imediatamente por uma boa dose de sangue. Com o pulmão inflado de novo, o paciente poderia ser costurado e — se Deus quisesse — recuperaria a saúde. Se errasse, ele só se afogaria mais rápido.

Isabel manteve um pano pressionado firmemente ao redor do tubo, absorvendo o pouco de sangue que escorria para fora. Já tinha visto o

marido tentar esse procedimento apenas uma vez, em um morador local que havia sido esfaqueado por um oficial da Judeia após cuspir na rua. Tinha sido quinze anos antes, quando as mãos de Zacarias ainda não tremiam. Quando seus olhos ainda não eram enevoados. E o paciente morrera ali, naquela mesma sala. Naquela mesma mesa.

Ela ficara feliz quando ele decidira abandonar a medicina e viver os últimos anos para si mesmo. Para sua família. Estava feliz que João ainda tivesse um pai que lhe transmitisse sabedoria. Que lhe ensinasse a ser um homem. Principalmente porque apenas ela sabia que seu filho era diferente. Que estava destinado a fazer algo extraordinário.

Logo depois que João nasceu, um homem com asas brancas maravilhosas apareceu para ela em sonho. Ele lhe disse que sua concepção era de fato um milagre e que o nascimento de seu filho anunciaria a vinda do Messias.

— O filho de Deus vai andar na terra — dissera ele —, nascido de outro em sua casa. E o seu filho será seu profeta.



João esperava lá fora com Maria. Ela estava sentada em um banquinho perto da porta fechada. João estava de pé a seu lado, olhando para o bebê envolto em seus braços. A criança o olhava de volta, fitando-o com seus jovens olhos azuis. Olhos que ainda não distinguiam nada que estivesse mais afastado que o comprimento de seus braços. No entanto, ele encarava fixamente o rosto diante dele. Fascinado por ele. Atraído por ele. João o encarava de volta com igual fascínio. Já vira outros bebês antes. Tinha outros primos. Mas havia algo de diferente naquele. Ele sentiu uma afinidade estranha e poderosa por ele. Uma vaga tristeza também.

— Posso segurar?

Maria não sabia se deveria deixar. Ele era novo demais para segurar algo tão frágil. Mas havia algo nele. Algo que parecia mais velho que seus seis

anos de idade.

— Com muito cuidado, e só por um minuto.

Ela o entregou delicadamente, e João o recebeu com igual cuidado. Ele embalou o bebê. Levou-o até o ombro e passou a mão em suas costas. Balançou-o suavemente para trás e para a frente, assim como a mãe havia lhe ensinado a fazer. E, quando a criança deitou a cabeça no ombro dele, João inclinou a própria para tocar a dele.

A mesma cabeça que o filho de Herodes, Antipas, mandaria cortar décadas mais tarde, quando ele fosse conhecido como João Batista. Mas agora não havia nada daquilo. Nada da labuta e da morte que seguiria ambos em dias próximos e distantes. Nada da fama, nem da fome. Havia apenas suas respirações silenciosas e o som do homem inconsciente e ofegante na sala ao lado.



Baltasar abriu os olhos e gritou, mas o som foi inundado pela água, pois o ar em seus pulmões tinha bolhas. Estava se afogando. Lutando para alcançar a luz do sol que se infiltrava pelo lodo. Com um último chute das pernas, ele atravessou a superfície e inspirou uma mistura de água e ar que lhe provocou tosses agudas e dolorosas, mas deu-lhe forças para nadar até a margem mais próxima. Ele se arrastou até a areia com as pontas dos dedos, ainda tossindo a água dos pulmões.

As pontas dos dedos.

Baltasar examinou as mãos, esperando ver a pele descascada e as veias expostas. Mas estavam inteiras. Todo ele estava inteiro. Ao acalmar a respiração, ele ergueu a cabeça e, por entre o cabelo preto e molhado, avaliou onde estava. Acima dele, a apenas alguns centímetros da margem do rio, havia fileiras de colunas imponentes e faraós de pedra — todos cuidadosamente esculpidos, cada um deles contando uma história diferente sobre os triunfos de um faraó diferente.

À esquerda, Baltasar podia ver uma barcaça de madeira navegando pelo Nilo ao sol do meio-dia, carregada de mercadorias. Na margem oposta, pescadores lançavam suas varas, alguns descansando à sombra de palmeiras, como ele e Abdi costumavam descansar anos antes.

— Ei! — gritou ele da outra margem. — Ei, aqui!

Embora estivessem ao alcance de sua voz, os pescadores ignoraram o homem encharcado e de pé na margem oposta, assim como tinham ignorado enquanto ele estava se afogando.

Mas não ignoraram os peixes.

Um por um, os peixes começaram a boiar — alguns se contorcendo e entrando em pânico, outros simplesmente de barriga para cima. Antes de Baltasar entender o que estava acontecendo, um dos pescadores, que tinha entrado no rio até os joelhos, de repente soltou um grito e correu de volta para a margem. Baltasar via bolhas em suas pernas à medida que ele saía da água, assim como o vapor subindo da superfície. O rio estava fervendo. Peixes-tigre, bagres e percas subiam até a superfície às centenas. Cozidos vivos pelo próprio rio.

A noite caía anormalmente rápida e o sol se recolhia a oeste, assustado com o que vira. O mundo escurecia diante dos olhos de Baltasar, e o Nilo com ele. Mas não por falta de luz. O rio ia ficando escuro porque estava sangrando.

Um rio vermelho.

Apenas a lua pairava no céu agora, cheia, lançando seu brilho cinzento sobre o Egito. Mas havia algo de diferente nela aquela noite. Algo de errado. Estranhas rachaduras em sua superfície, e estavam aumentando.

A lua estava se desfazendo.

Feito um prato cinzento que se quebra lentamente em um piso de mármore preto, os pedaços começaram a se romper e a cair dos céus, cada fragmento do tamanho de uma montanha. E começaram a chover sobre a margem oposta do rio — cidades inteiras que caíam do céu, fazendo a terra tremer a cada impacto incredivelmente forte. Pescadores apavorados correram para se salvar quando um dos pedaços bateu no chão, a pouco

mais de um quilômetro de onde eles estavam. Mas Baltasar não se mexeu. Ele *sabia*. Sabia que tudo aquilo era apenas uma ilusão. Não precisava correr, nem mesmo quando outro pedaço veio crescendo mais e mais no céu da noite, acima de sua cabeça.

Acredite em si mesmo, Baltasar.

E foi o que ele fez. Mas, quando a fatia de lua estava tão próxima que Baltasar podia identificar os contornos das crateras em sua superfície, seus pés contrariaram o cérebro e começaram a se mexer por conta própria. Lentamente, a princípio, e depois a toda velocidade, correndo margem acima na direção do deserto.

Ele sentiu a terra toda tremer quando o pedaço colidiu com o deserto atrás de si, exatamente como nos terremotos de que se lembrava em Antioquia, só que mil vezes mais poderoso. Uma onda de detritos se ergueu do chão, alimentada pelo choque do impacto. Um homem podia ser mais rápido que muitas coisas, especialmente um homem como Baltasar. Mas uma onda causada pelo choque da lua com a terra não estava na lista. A única coisa que Baltasar podia fazer era se abaixar e deixá-la passar. Ele mergulhou de barriga no chão e estava tão achatado na areia quanto era possível, cobrindo a cabeça com os braços.

Os primeiros destroços acertaram-no por trás, nas pernas, os grãos ardidos das tempestades de areia a que já resistira antes. E, em seguida, o impacto. Atingindo-o como um punho gigante. O barulho era ensurdecedor. Os detritos rasgaram-lhe a roupa e a pele.

A pressão sugava o ar de seus pulmões. Se houvesse um Deus, este seria o som de sua voz.

E então, acabou. E acabou também o deserto.

Baltasar ergueu a cabeça e viu-se em uma ampla sala de paredes de cores vívidas e mais lisas do que ele pensava ser possível. Mais lisas até que vidro. Três delas eram roxas: uma atrás dele, uma na frente e uma à esquerda. A parede à direita, no entanto, era cor-de-rosa. Uma cor que ele raramente vira no império, exceto nas faces encabuladas de algumas romanas de pele clara.

O chão era de um branco imaculado. Havia uma mesa branca à frente, uma cadeira branca embaixo dele e um teto branco lá no alto, bem acima.

Havia um homem do outro lado da sala, de costas para Baltasar. Um homem de cabelo comprido grisalho e vestes também cinzentas. Parecia estar servindo algo de um jarro de barro com a mão esquerda e segurando um cajado de madeira com a direita.

O homem de cabelos grisalhos se virou com um copo de madeira cheio de água na mão esquerda. Seu rosto era mais velho do que Baltasar esperava. Quase artificial de tão velho, com bolsas enormes sob os olhos. Sua pele na certa já vira o suficiente do sol ao longo dos anos; suas mãos sabiam bem o que era trabalho. O velho caminhou com dificuldade pelo chão branco e limpo e sentou-se à mesa. Examinou Baltasar com os olhos nublados por um instante, e então deslizou o copo para ele.

— Beba.

Ele o fez. A água fria e transparente foi, talvez, a melhor que já bebera. E, quando terminou, Baltasar limpou a boca e falou:

— Quem é você?

— Um mensageiro.

— De quem?

O velho sorriu para ele. Era um sorriso familiar. Um que Baltasar detestava mais que qualquer outro. O sorriso presunçoso e satisfeito de um homem que se julga sábio.

— Certo — disse Baltasar. — E qual é a mensagem?

— Você não pode deixar a criança morrer.

Depois de ser dilacerado no topo de uma pirâmide, de ver peixes ferverem em um rio de sangue e de fugir de fragmentos de lua, Baltasar quase tinha se esquecido do bebê.

— Eu não o deixei morrer. Eu o salvei.

— Ainda não. Você tem que ficar com ele um pouco mais.

— Eu não *tenho* que fazer nada.

O velho examinou-o com os olhos nublados.

— Se você o fizer, nunca mais vai ter que roubar de novo enquanto viver. Você vai ser rico.

O que é isso, um suborno? É só balançar um pouco de ouro na frente do ladrão que ele vem correndo? Se você acha que vai me tentar com tanta facilidade, você está...

— Muito rico?

— Mais rico que Herodes. Mais rico que o próprio Augusto.

Você deve achar que eu sou burro. Ninguém pode ser tão rico. E mesmo que pudesse, não dá para fazer uma promessa des...

— Quanto tempo tenho que ficar com ele?

O velho sorriu.

— Até a hora de deixá-lo ir embora.

— O que diabos isso significa?

— O que estou pedindo não vai ser fácil. Exércitos virão atrás de você.

— Eu sei me virar com exércitos.

— Não apenas exércitos de homens.

Baltasar franziu o cenho e apertou os lábios.

— Que outros exércitos existem?

O velho sorriu de novo. Mas desta vez foi diferente. Menos complacente, mais sinistro. Uma espécie de sorriso “você vai ver”. Baltasar mudou de ideia. Odiava esse sorriso mais que todos.

— Perguntei que outro tipo de exércitos.

— Por que não bebe um pouco mais?

Baltasar encarou o velho. Não gostava que brincassem com ele. Se bem que beber daquela água fria e transparente parecia a cura para tudo o que sentia. Ele olhou para o copo meio vazio sobre a mesa branca. Mas, quando esticou a mão, reparou que o copo estava nas mãos de outra pessoa. Mãos repletas de manchas marrons e de veias azul-escuras e inchadas sob a pele fina e gasta. Baltasar se assustou, afastou a cadeira da mesa e tentou ficar de pé. Mas seu corpo estava fraco. Velho. Quando ergueu os olhos em busca de uma explicação, o velho tinha sumido.

Ele mirou as mãos trêmulas e pálidas novamente. Seus olhos mal conseguiam ver além do comprimento de seu braço. Havia algo na mão direita. Algo dourado. Baltasar ergueu o braço lentamente. Sabia o que era, mas não se atrevia a acreditar. Não até que ficasse nítido na sua palma trêmula. Não até que ele visse aquilo que havia passado metade da vida procurando.

O pingente.

III

O paciente iria sobreviver. Passara quase dois dias inconsciente, ardendo em febre, mas estava começando a se recuperar. Zacarias o salvara.

Baltasar tivera sorte. Ainda era jovem e forte, e a lâmina havia atravessado apenas a parede exterior de seu pulmão. Se tivesse entrado um pouco mais — apenas mais alguns centímetros —, não haveria nada a fazer além de vê-lo se afogar. Tal como acontecera, Zacarias conseguira drenar o ar e o sangue presos em seu peito e suturar a ferida com uma agulha e uma linha de linho. Estava cicatrizando bem, graças, em parte, à mirra que o paciente levava consigo.

Baltasar estava sentado sozinho. Sua cor tinha retornado, e, com ela, seu apetite. Zacarias estava junto de sua cabeceira, sentado sob a luz de uma vela. A casa estava em silêncio. Ele observou o paciente beber do copo em suas mãos, limpar a boca e, educadamente, dizer não à pergunta que havia sido feita momentos antes.

— Por favor — disse Zacarias —, diga-me o que viu.

— Já falei... Não quero falar disso. Foi só um sonho.

Baltasar havia murmurado durante o sono. Resmungado qualquer coisa a respeito de voar. E a respeito da lua, das paredes cor-de-rosa e das raízes de uma árvore sendo arrancadas da terra. Ao longo dos anos, Zacarias tinha visto outros pacientes fazerem isso e sempre achara fascinantes as visões que eles tinham. A maneira como suas mentes interpretavam o que estava acontecendo com seus corpos. Sua vivacidade.

— Mesmo que seja estranho ou absurdo. Conte-me o que viu.

Baltasar olhou para o velho barbudo. Um homem não muito diferente daquele que aparecera em seu sonho. Ele tinha salvado sua vida. Imaginou que lhe devia ao menos isso. Estavam a sós, afinal. Os outros dormiam.

E assim ele o fez. Contou-lhe sobre o voo pelo deserto. Sobre a montanha e as pessoas dançando em torno de algo grande e dourado. Contou sobre seu corpo se despedaçando e caindo pela lateral da pirâmide. Sobre as estátuas nas margens do Nilo. E sobre os peixes de barriga para cima em um rio de sangue, a lua se quebrando em pedaços e caindo do céu. Contou enfim sobre o quarto com paredes cor-de-rosa e roxas e sobre o homem com o cajado de madeira que lhe dera de beber e ordenara-lhe que fosse para o Egito.

Mas não falou do Homem de Asas. Essa parte ele guardou para si mesmo.

Quando Baltasar acabou de contar sua história, Zacarias permaneceu sentado em silêncio por um longo tempo. Pensando. Baltasar pensou ter visto os olhos do velho se encherem de lágrimas.

— Eu acredito — disse ele, afinal — que você foi escolhido por Deus.

Aqui vamos nós...

Nos dois dias desde a cirurgia, a casa de Zacarias estivera repleta de histórias. Descobrira quem o paciente era de fato. E como ele e os outros fugitivos tinham encontrado José e Maria no estábulo. Como ele os salvara quando os homens de Herodes invadiram Belém. Maria, sua sobrinha, contara as visões do anjo Gabriel e de sua gravidez milagrosa. O que acabara por fazer com que a esposa de Zacarias admitisse o que mantivera em segredo por seis anos: que o mesmo anjo a visitara durante sua gravidez, igualmente milagrosa, e dissera que seu filho, João, seria profeta do Messias. Agora Zacarias acabara de ser informado do sonho mais surpreendente de todos. Um sonho que acreditava ser uma mensagem do próprio Deus.

— Eu acredito — falou ele — que você foi instruído a seguir o caminho de Moisés. O caminho do Êxodo. E acredito que você foi escolhido para levar a criança e seus pais para o Egito.

Fazia sentido. O Egito era próximo e livre do alcance político ou militar de Herodes. E, embora fosse tecnicamente uma província romana havia trinta anos, Roma tinha pouca influência nos assuntos locais.

— Quer saber o que acho? — perguntou Baltasar. — Acho que tive um pesadelo.

— Você vai levá-los?

A voz não vinha de Zacarias. Baltasar virou-se para a porta e viu um menino. Não tinha ideia de quem era ou havia quanto tempo estava ali.

— Você vai levá-los? — repetiu o menino. — Para o Egito?

— Meu filho — disse Zacarias. — Você deve perdoá-lo. Ele às vezes acha que é adulto.

Baltasar em geral não gostava de crianças. Também não gostava especificamente da forma como aquele menino olhava para ele. Não havia medo em seus olhos.

— Se eu os levar — respondeu, voltando-se para Zacarias —, é só porque estou indo na mesma direção. Não porque acredito que algum deus me enviou uma mensagem.

— Não importa se você acredita ou não — disse Zacarias. — Desde que Deus acredite em vo...

— Já chega.

Ele não estava disposto a ouvir mais daquele fanatismo. Nem mesmo do homem que tinha salvado sua vida.

— Já falei que vou pensar.



O Egito ficava a mais de trezentos quilômetros se seguissem pela rota que Baltasar tinha em mente. Partiriam para o sul depois de Ajalom, e então atravessariam o deserto até Hebrom, onde iriam descansar e reabastecer antes de percorrer o trecho final até o Egito. Em geral, ele fazia uma viagem

dessas em cinco dias. Mas, com o grupo atual e tendo que evitar as estradas principais, imaginava que fosse levar o dobro do tempo.

Fazia cinco dias desde a cirurgia, e Baltasar começava a se sentir inteiro de novo. De pé e pronto para ir. Gaspar e Belchior se ocuparam de manter os camelos alimentados e hidratados. Haviam separado o máximo de comida que podiam carregar. Estavam com roupas novas, banhados e de barriga cheia. Estavam prontos.

E esperando.

Esperando porque os judeus estavam lá, realizando mais um de seus antigos rituais inúteis. *Se alguma vez você precisar de uma prova de que a religião é um desperdício de tempo, aqui está. Nós já poderíamos ter saído há uma hora.*

Com tudo o que tinha acontecido, José e Maria quase se esqueceram de que se passaram oito dias desde o nascimento do bebê. De acordo com a lei judaica, os homens eram circuncidados e recebiam seu nome no oitavo dia. Em geral, a cerimônia teria sido realizada por um *mohel* — um senhor designado pelo pai da criança, normalmente um rabino. Mas, dadas as circunstâncias, um médico de idade com as mãos trêmulas teria que servir. José e Maria deram-se as mãos enquanto assistiam a Zacarias empunhar o bisturi e se inclinar sobre o bebê.

Os dois ofereceram uma oração silenciosa pedindo a Deus que o guiasse.



O PRESENTE DOS MAGOS

“Espalhar-vos-ei por entre as nações e, desembainhando a espada, vos perseguirei; a vossa terra será assolada, e as vossas cidades se tornarão em deserto.”

Levítico 26:33

I

Por um momento, pareceu que Herodes tinha parado de gritar. Então ele recomeçou.

O que saiu de sua boca doente foi menos uma coleção de palavras e mais uma série de sons agudos e angustiados. Pulmões cansados forçando rajadas de ar por cordas vocais ensanguentadas. Sons sem qualquer forma ou ritmo. As improvisações de um louco. Os cortesãos de Herodes se refugiaram atrás dos pilares mais uma vez. Seus conselheiros e servos apertaram as costas nas paredes da sala do trono iluminada, tentando se encolher o máximo possível enquanto o rei andava pela sala, rasgando e chutando todo e qualquer objeto que ousasse estar em seu caminho, cuspidos aqueles sons assustadores e sem sentido.

Um corpo jazia no centro do atormentado círculo de Herodes — o corpo de um gigante cujas pernas tinham sido dilaceradas pelo inimigo em Belém e cuja garganta fora cortada, mais recentemente, por seus companheiros em Jerusalém.

Era o corpo do soldado que Baltasar havia poupado.

Momentos antes, ele fora conduzido para uma audiência com seu rei, com dois soldados amparando-o enquanto ele mancava ao longo da sala do trono, ajudando-o a fazer uma reverência diante de Herodes nos joelhos quebrados. Com a cabeça baixa e o corpo tremendo de medo, o gigante dera a notícia: não haviam conseguido matar todos os meninos de Belém. Seu capitão estava morto, e, com ele, muitos outros homens.

— Os homens da cidade se organizaram para atacar você? — perguntou Herodes.

Havia uma leve esperança por detrás da pergunta. Uma rebelião poderia ser perdoada. Melhor ainda, poderia ser esmagada. Ele simplesmente enviaria mais homens.

— Não, Alteza.

— Então, por que um dos meus soldados vem rastejando de volta para mim com a cabeça baixa, sujando meu piso de sangue? Quem fez isso com você?

O soldado permaneceu calado, com vergonha do que estava prestes a responder. Tinha pensado em mentir para o rei, dizer que haviam sido derrotados em Belém por trinta ou até mesmo cinquenta homens, inventar uma história sobre um grupo de lutadores misteriosos que surgiu do nada. Mercenários de algum reino vizinho. Mas era inútil mentir. Mais cedo ou mais tarde, Herodes descobriria a verdade. E por mais vergonhosa que fosse, ela precisava ser contada.

— Três homens, Vossa Alteza — disse afinal.

Herodes levantou-se e caminhou bem devagar, descendo os degraus de seu trono.

— Três homens?

— Três homens... usando vestes de nobres.

As mãos com longos dedos de Herodes se fecharam em punhos.

— Eles... mataram o capitão e... fugiram com um dos meninos. Um deles me passou uma mensagem... Uma mensagem... para o senhor.

Herodes estava bem na frente do soldado agora, seu corpo diminuto adquirindo uma fragilidade quase cômica junto ao gigante ajoelhado diante dele.

— Então — respondeu Herodes —, acredito que seja melhor você me dizer qual é.

O soldado engoliu em seco. Do jeito que estava, teria preferido que o houvessem deixado sangrando nas ruas de Belém. Mas tinha um dever a cumprir, e era isso que ele iria fazer.

— Ele disse que “o Fantasma da Antioquia está rindo de você”. Ele disse que vai... “pisar no seu túmulo”.

As palavras levaram um instante para serem assimiladas. Quando isso aconteceu, Herodes perdeu o último resquício de sanidade que lhe restava e ordenou que a garganta do soldado fosse cortada imediatamente. O simples fato de repetir uma coisa daquelas já era um ato de traição. Assim, os dois soldados que tinham ajudado seu companheiro ferido a se ajoelhar agora desembainhavam suas adagas. O gigante, por sua vez, não resistiu. Nem quando seus companheiros correram as lâminas ao longo de seu pescoço. Ou quando viu um jato vermelho cobrir os braços deles ou quando sentiu o calor do sangue escorrer pelo peito. Já sabia. Sabia desde o instante em que o Fantasma da Antioquia o escolhera como mensageiro. Sabia que nunca sairia da sala do trono vivo. O gigante caiu para a frente, sentindo como se estivesse com a cabeça cheia de vinho. Um momento depois, não conseguia lembrar o próprio nome. E então estava morto, e Herodes gritava:

— A criança tem que morrer! A criança tem que morrer, e o Fantasma da Antioquia vai morrer com ela!

Não havia considerações políticas a serem feitas. Nem o que discutir ou conselheiros a consultar. A situação teria que ser resolvida, não importando o custo em homens ou em ouro. E seria resolvida nem que ele tivesse que matar todos os meninos de todas as cidades da Judeia.

Nem mesmo a visão do sangue traidor derramado no chão diante de si, daquela boca traidora pendendo estupidamente, bastava para amenizar o efeito do que o gigante dissera. De como o Fantasma da Antioquia estava zombando dele. E assim Herodes andou de um lado para o outro, vomitando aqueles ruídos estranhos e desconexos com a garganta seca, enquanto seus conselheiros esperavam em silêncio. Aguardando até que sua raiva diminuísse — pois não podiam apressar o fim do surto de seu rei tanto quanto não podiam interromper uma tempestade antes do tempo. Tudo o que podiam fazer era se abrigar e esperar que as nuvens se dissipassem. Quando enfim o tempo abriu, Herodes caiu em seu trono. Estava tremendo de cansaço, com dor na garganta... mas estava sorrindo. Sorrindo, porque da tempestade havia brotado uma pequena muda. Uma ideia.

Herodes sorriu porque ali estava de novo a prova de que fora abençoado com o melhor dom que um líder pode possuir:

Visão.

Onde outros viam desertos áridos, ele via as cidades do futuro. Onde outros lamentavam as cinzas, ele se aproveitava das chamas. Mesmo agora, caído no trono, fraco de raiva, ele via uma oportunidade. Uma maneira de matar a criança e o Fantasma em um só golpe, e alcançar algo ainda maior no processo.

O imperador...

Herodes, como todos os reis de províncias, apenas governava porque tinha o apoio de Roma. Mas sua relação com o império estava tensa desde o início da guerra civil em Roma, a partir da qual Augusto César surgira como o grande vencedor. Infelizmente, Herodes havia apoiado o rival de Augusto, Marco Antônio. E, embora tivesse sido rápido em jurar lealdade eterna e inabalável ao novo César, Augusto desde então passara a suspeitar do rei fantoche da Judeia. Mas agora ele tinha uma chance de mudar tudo isso. Uma chance de melhorar as relações com Roma e proteger sua dinastia na Judeia. Uma chance de bajular o imperador e usá-lo ao mesmo tempo.

Com o que lhe restava de voz, Herodes chamou um escriba e ditou uma carta. Ela começava assim:

Eminente Augusto, Senhor do Mundo,

Eu me submeto ante sua glória e imploro que tenha a complacência de me aconselhar em um assunto dos mais terríveis. Uma questão de grande importância, não apenas para a Judeia, mas para todo o império...

II

Um grupo de seis fugitivos seguiu viagem para o sul saindo de Emaús montados em três camelos: Gaspar sozinho na frente, Belchior e José no meio e, por último, Baltasar, Maria e o filho. Moviam-se com vagar pela areia, longe das estradas e dos olhos bisbilhoteiros dos soldados, com as bocas secas e os cantis quase vazios. Sem dívidas de honra que os prendessem uns aos outros. Sem promessas de amizade ou crenças compartilhadas. Baltasar salvara a vida de seus companheiros, e eles salvaram a sua em retribuição. Estavam quites segundo os termos do deserto. Tudo o que os unia agora era uma necessidade comum de escapar de Herodes.

Quando o calor do dia chegou ao auge, a criança acordou e começou a chorar, e Baltasar percebeu que era a primeira vez que ouvia sua voz desde que tinham escapado de Belém. Dado tudo pelo que havia passado nos últimos dias, o bebê permanecera estranhamente calmo e silencioso. Agora, seus gritos agudos e curtos reverberavam em seus ouvidos, despertando a dor de cabeça da qual ele quase conseguira se esquecer. Estava sedento, cansado e faminto. Uma dor lancinante pulsava no lugar em que estavam os pontos e ao longo de seu corpo a cada passada do camelo. E agora um bebê gritava lá no fundo de sua cabeça latejante.

- Temos que parar — disse Maria.
- Não podemos — respondeu Baltasar.
- Mas ele está com fome.
- Estamos todos com fome.
- Tenho que dar de mamar.

— Então, dê de mamar em cima do camelo. Não vou olhar.

— Não posso. Não com o animal se mexendo para cima e para baixo deste jeito.

— Então acho que ele vai morrer de fome.

Como ele pode dizer uma coisa dessas com tanta frieza?

— Você negaria o leite materno a um bebê faminto? — perguntou ela.

— Não, eu negaria aos homens de Herodes uma oportunidade de nos capturar. Pararemos quando encontrarmos comida ou água. Caso contrário, a mulher aqui é você, dê seu jeito.

— Mas...

— Olhe, se você quiser, eu paro com muito prazer e deixo você descer e amamentar o seu bebê, mas não vou ficar esperando.

Maria pensou em apelar para Gaspar ou Belchior, mas foi inútil. Eles simplesmente diriam o mesmo. Pensou em chamar o marido e pedir sua ajuda para convencer Baltasar a parar, mas sabia que o que quer que José dissesse não faria qualquer diferença. Sentiu lágrimas encherem seus olhos e se odiou por isso. Quem eram aqueles homens a quem tinham confiado suas vidas? A vida de seu filho? Mas sua frustração deu lugar ao medo assim que percebeu que o bebê tinha parado de chorar.

Talvez esteja exausto demais para chorar. Desidratado demais. Com fome e fraco. Talvez seja o começo do fim. Talvez eu não tenha ideia do que estou fazendo. Talvez a gente nunca devesse ter saído de Emaús. Talvez tudo isso tenha sido uma...

— Olhem!

A voz vinha lá da frente. Gaspar tinha parado seu camelo e estava apontando para algo no chão. Algo na areia, refletindo a luz do sol. Era um fio de água — uma fina porção de líquido escorrendo pelo deserto, com um pé de largura e poucos centímetros de profundidade. Corria da esquerda para a direita, cobria a extensão do horizonte e, até onde podiam dizer, era quase perfeitamente reto.

Baltasar já havia atravessado aquele trecho do deserto muitas vezes antes, mas não se lembrava de jamais ter havido um córrego ali. Na verdade,

não se lembrava de jamais ter visto água se movendo daquele jeito na areia, fluindo sem ser absorvida. Teria achado impossível. No entanto, ali estava, clara e fresca, correndo de um lado do horizonte a outro.

— O que fazemos agora? — perguntou Gaspar.

Baltasar avaliou a estranha visão mais uma vez, então se virou para Maria.

— Paramos.

III

O jovem oficial romano sabia reconhecer uma oportunidade quando via uma.

Era um de seus dons. O dom de ser capaz de sentar, observar e esperar — deixar que os outros colhessem os frutos mais baixos até que a oportunidade certa e amadurecida se apresentasse. O dom de saber quando ser agressivo. E, quando agressividade não fosse o suficiente, de saber quando ser implacável.

Essa autodisciplina por si só já era uma habilidade especial. Mas combinada com ambição pura tornava-se algo único, uma arma, que testemunhou uma das ascensões de oficiais ao longo da hierarquia militar mais rápidas da história de Roma. Passou de tenente a capitão e assim por diante até que se tornou comandante aos vinte e dois anos. A maioria dos recrutas sob seu comando eram mais velhos do que ele, mas isso não o incomodava. Estava confortável no poder. Tinha nascido para isso.

Ele marchou pelo corredor central do palácio do imperador, ladeado por dois tenentes. As solas das sandálias batiam no piso de mármore, os capacetes estavam firmemente pressionados no quadril, espadas sacudiam junto à lateral de seus corpos. Em uma das mãos, o jovem oficial trazia a carta que lhe havia sido entregue por um cavaleiro do Oriente naquela mesma manhã. Uma carta com o selo do rei da Judeia.

E na carta havia um daqueles frutos maduros. O rapaz soubera disso no exato instante em que a lera. Um fruto pelo qual valia a pena brigar. Ali estava a chance de pegar alguém chamado de “Fantasma da Antioquia”. Uma praga medíocre que não poupava dor de cabeça ao exército romano durante

a última década. Mais importante, ali estava uma chance de impressionar ainda mais seu amado imperador e assegurar ainda mais o seu futuro. Ele se tornaria general, é claro. Não havia dúvida. E, no ritmo em que estava, antes de completar trinta anos. E depois disso? Senador, quem sabe. Ou governador de alguma província. Mas esses frutos ainda estavam amadurecendo na videira. Ele os colheria no tempo devido.

O jovem oficial se aproximou das grandes portas duplas ao final do corredor, cada uma delas alcançando vinte metros de altura, revestidas de prata e decoradas com detalhes em ouro. Uma águia dourada, símbolo do poderio militar de Roma, dominava os adornos — asas estendidas, abrangendo toda a largura das portas fechadas. O oficial e seus tenentes saudaram os guardas que estavam ao lado dela. Os guardas os cumprimentaram de volta e se afastaram, prontos para abrir as portas para a sala do trono. Mas o oficial ergueu a mão: *Ainda não*.

Ele parou por um instante. Respirou fundo, se compôs. Queria que sua entrada fizesse diferença. Afinal, estava prestes a pedir ao governante do mundo para declarar guerra a um bebê e a um ladrão. Quando se sentiu suficientemente pronto, o jovem oficial disse a um dos guardas:

— Diga ao imperador que Pôncio Pilatos está aqui para vê-lo...



Augusto César era o ser humano mais poderoso que já havia respirado na face da terra, embora fosse apenas “humano” no sentido mais estrito da palavra.

Para seus súditos, ele era um deus. Isso se refletia na forma como eles o reverenciavam. Temiam e adoravam sua imagem, fosse estampada na face de uma moeda de ouro ou esculpida em mármore. Estava na casa dos sessenta anos, duas vezes a expectativa média de vida. Mas tinha envelhecido graciosamente e ainda projetava uma grandiosa imagem de poder, mesmo grisalho. O próprio nome que seus súditos lhe haviam concedido, Augusto,

significava “O Ilustre”, e, quando ele aparecia em público, o protocolo exigia que fosse apresentado com uma série de títulos, que incluíam:

Aquele que está além do alcance dos deuses! Aquele diante do qual todos os reis se ajoelham! Diante do qual até mesmo as montanhas baixam a cabeça!

Seu reino se estendia por todos os cantos do mundo conhecido: desde a Hispânia, no oeste, até a Síria, a leste, da ponta da África, abaixo, até a Gália setentrional, acima. A seu comando estava o maior exército e a maior marinha que o mundo já conheceria. Os soldados mais bem preparados, com o melhor armamento que os impostos coletivos pelo uso da terra poderiam comprar.

Mas todo esse poder não era nada sem visão.

Fora a falta de visão que condenara seu tio, Júlio. Apesar de todas as proezas de suas forças armadas, de toda a sua genialidade estratégica, faltara visão a Júlio César.

O destino havia colocado o mundo na palma da sua mão, mas ele não fora homem o suficiente para fechar o punho em torno dele, para tomar tudo para si. Ele tentara ser um homem do povo. Tentara compartilhar o poder com o Senado. E, por causa de suas preocupações, fora esfaqueado vinte e três vezes pelos próprios senadores a quem recorrera. Apunhalado pelas costas enquanto escorregava no próprio sangue, tentando fugir. Deixado para apodrecer nos degraus do Senado por três horas antes que alguém sequer se preocupasse em cobrir seu corpo. Esse fora o prêmio por ser um homem do povo.

E pensar que ele poderia ter interrompido tudo aquilo se apenas estivesse disposto a usar a arma...

O mundo sabia que Júlio César havia transformado Roma de república em império. Sabia que ele era um orador e um general habilidoso. Mas, mesmo entre os mais próximos, apenas uns poucos — incluindo seu amado sobrinho, Augusto — sabiam qual era o segredo por trás de seu poder. A

arma que havia lhe dado a confiança necessária para marchar sobre Roma e tomar o império para si mesmo:

Os feiticeiros.

Júlio possuía tal arma desde sua conquista da Gália, mas não a roubara de outro governante nem a construíra ele mesmo. Ele a possuía porque a arma o escolhera. Como Júlio explicou em uma carta ao general e confidente Pompeu:

A campanha estava indo mal. Os gauleses nos fizeram bater em retirada. Certa noite, durante uma reunião com meus oficiais, os guardas apresentaram um visitante. Um homem baixo e franzino usando uma túnica preta, a barba grisalha, olhos encovados e careca. Parecia ter uns cinquenta anos, embora andasse com o cajado de madeira de um homem muito mais velho com uma serpente de bronze enrolada na ponta. Estava evidente que era algum tipo de sacerdote, embora eu nunca tivesse visto um com tal aparência. Sua pele estava coberta de desenhos estranhos pintados com tinta preta, e seus braços tinham muitas cicatrizes de queimadura, velhas e novas.

— Eu tive um presságio de que o nome “César” deverá ecoar ao longo dos tempos — disse ele. — Que ele deverá ser adorado como os deuses o são. E venho oferecer meus talentos. Minha lealdade e proteção. Em troca, peço apenas uma parte modesta de seu espólio.

— E por que eu preciso da proteção de um sacerdote? — perguntei. — Tenho quatro legiões sob meu comando.

— Porque — disse ele —, com todas as suas legiões, ainda assim você se encontra à beira da derrota. Expulso por fazendeiros armados apenas com paus e pedras.

Meus oficiais se levantaram e sacaram suas espadas. Falar com um general naquele tom era impensável. Punível com a morte.

— Você é louco? — perguntei.

Um estranho sorriso surgiu no rosto do sacerdote, como se tivesse intencionado tal reação. Como se quisesse que eu lhe fizesse aquela

pergunta.

— Sou feiticeiro — respondeu ele.

Os feiticeiros eram um antigo culto. Mestres de uma magia que praticamente desaparecera da face da terra. Chegaram ao poder na Idade das Escrituras, quando anjos e demônios místicos andavam lado a lado com homens, quando as batalhas do céu e do inferno eram travadas nas planícies da Galileia e nas colinas de Hebrom. O mundo era muito diferente. O tempo mal havia começado, e os deuses ainda se misturavam livremente com os homens, seja como um dos muitos deuses do monte Olimpo ou como o Deus solitário de Abraão. E, embora a maioria dos homens vivesse sob o medo e a reverência de seus deuses, uns poucos tentaram buscar tal poder para si próprios.

Em seu auge, chegaram aos milhares, escondidos em mosteiros, estudando as forças superiores que os homens comuns temiam. As forças das trevas. Aprendendo a controlá-las, dominá-las, explorá-las. Dizia-se que um feiticeiro era capaz de invocar o fogo do ar. Transformar estátuas em homens vivos, e homens vivos em pedra. Dizia-se que eram capazes de ver coisas que ainda não tinham acontecido e influenciar os pensamentos de homens do outro lado do mundo. Por milhares de anos, foram tratados como deuses vivos — reverenciados, temidos e raramente vistos fora das paredes de seus mosteiros.

Mas, ao longo dos séculos, a Idade dos Milagres deu lugar à Idade do Homem, e os feiticeiros acabaram por diminuir em número, até que — mais de dez mil anos depois de o primeiro homem se autointitular “feiticeiro” — só restava um, vagando em um mundo governado não apenas pelos deuses, mas também pelos romanos. O último de sua linhagem, o portador de um dom esquecido que não tinha mais uso.

Mas Júlio César encontrou uma utilidade para ele.

Com o último dos feiticeiros a seu lado, ele conduziu uma reviravolta na campanha na Gália. E ao terminar, voltou-se contra seus aliados e tomou toda a glória de Roma para si.

Como imperador, Júlio aprendeu a confiar na habilidade sombria do sacerdote de ver o futuro. Em sua capacidade de desvendar os segredos de um inimigo a partir de uma espécie de meditação profunda, de convocar a natureza para ajudar Roma, evocar o vento e os relâmpagos para expulsar exércitos circundantes e ordenar aos animais que traíssem seus mestres. Até mesmo na de invadir as mentes dos senadores e influenciar seus votos. Com o feiticeiro a seu lado, Júlio fora elevado de general a deus. Mas, com o tempo, ele começou a temer sua arma secreta. Em outra carta a Pompeu, ele escreveu:

Existe algo de sombrio em torno dele que me enerva. Se ele é capaz de ler os pensamentos dos outros, o que o impede de ler os meus? Se pode evocar relâmpagos dos céus, o que o impede de usá-los para me derrotar? Qual é a vantagem de se ter uma arma que não se pode utilizar sem medo?

Paranoico, César expulsou sua “arma” do império em 44 a.C. Antes de se retirar para o exílio, no entanto, o feiticeiro lhe deu um último conselho:

— Os Idos de Março — disse. — Cuidado com os Idos de Março.

César ignorou o aviso. E naquele mesmo ano, no décimo quinto dia do terceiro mês, foi esfaqueado no chão do Senado. No fim das contas, tivera medo demais de empunhar a arma que sozinha procurara por ele. Fora fraco.

Mas aquela era uma fraqueza que Augusto não compartilhava. Ao saber do assassinato de seu tio, convocara imediatamente o feiticeiro e exigira a sua lealdade. Aos poucos, deliberadamente, ele consolidou seu poder no império — usando a percepção e a influência do sacerdote para lutar contra seu rival, Marco Antônio, e a prostituta egípcia, Cleópatra. Usando o poder do feiticeiro para vencê-los até que, humilhados, não tivessem outra escolha a não ser tirar suas próprias vidas. E, para ter certeza de que não haveria nenhum outro desafio à sua supremacia, Augusto ordenou que seus filhos fossem condenados à morte.

Com visão e astúcia, ele tinha sido bem-sucedido no ponto em que seu tio havia falhado. Tomara toda a glória de Roma para si próprio. E, enquanto o feiticeiro permanecesse preso em Roma, Augusto César sabia que o império nunca cairia.



Mas tudo isso estava no passado agora, e o passado era o lugar das mentes pequenas.

O futuro acabara de entrar na sala do trono de Augusto. Ali estava Pôncio Pilatos, ajoelhando-se diante dele, a cabeça abaixada refletida no mármore polido de seu piso.

Meu belo Pilatos. Meu amado e leal Pilatos, trazendo o pedido de um rei velho, doente e traidor.

Herodes, “o Grande”. Um nome que sempre provocara o escárnio de Augusto, antes mesmo de ele se tornar senhor do mundo. O que esse “grande” homem era além de um servo de Roma? Um torturador de seu próprio povo e assassino de seus próprios filhos? Sim, Augusto condenara crianças à morte. Mas eram filhos de seus inimigos. Assassinar seus *próprios* filhos? Era uma barbaridade.

Ele ouviu a mensagem que Pilatos viera transmitir. Algo sobre um bebê. Uma profecia. Alguém chamado “Fantasma da Antioquia”. Quando Pilatos terminou, Augusto pensou por um momento, então disse:

— Ele quer que eu mande um exército cruzar os mares... para matar uma criança?

— O Fantasma da Antioquia é o verdadeiro prêmio, César. Ele roubou riquezas incalculáveis de vossas províncias. Matou um número incontável de vossos homens. Se nós...

Augusto ergueu a mão. *Pare.*

— Você disse que o povo da Judeia acha que esse “Fantasma” já está morto, não é?

— Sim, César.

— Pilatos... qual é a vantagem de se matar um homem que já está morto? Que glória Roma pode tirar disso?

Pilatos não pôde deixar de sorrir. Conhecia tão bem seu imperador. Após uma pausa para criar efeito, ele proferiu a frase que cuidadosamente formulara em seu caminho para o palácio. A frase que sabia que teria que pronunciar após ser desafiado.

— Com todo o respeito, César, isso é menos sobre a glória de Roma e muito mais sobre enviar uma mensagem ao rei da Judeia.

Augusto se ajeitou em seu trono, refletindo. Não gostava da ideia de criar tanta confusão em torno de um ladrão e de um bebê.

Mas Pilatos está certo... existe aí uma oportunidade.

— Muito bem — disse Augusto. — Vou pegar essa criança e esse ladrão de Herodes. Mas não porque ele me pediu, nem porque eles violaram as leis

de Roma. Vou pegá-los porque Herodes não é capaz de fazê-lo. E fazendo isso, vou lembrar ao nosso amigo doente o quão pequeno ele realmente é.

Um imperador comum teria enviado algumas tropas e deixado por isso mesmo. Mas Augusto não tinha interesse em ser comum. Faria mais do que enviar tropas. Faria uma verdadeira demonstração de seu poder. Faria aquele rei fantoche da Judeia tremer de medo da morte.

Enviaria o feiticeiro.

IV

Belchior e José deram água aos camelos e encheram os cantis no córrego do deserto, e Maria se sentou na areia com o menino debaixo de suas roupas. Baltasar ajoelhou-se junto ao córrego um pouco além e, com as mãos unidas, levou água primeiro à boca, depois ao rosto e ao peito, lavando o sangue que continuava a minar de seus pontos.

— Isso é loucura — disse Gaspar, que se ajoelhara ao lado dele. — O exército da Judeia está inteiro atrás de nós, e ainda assim nós vamos dar uma de ama de leite para um bebê. Já poderíamos estar a meio caminho do Egito a essa hora se não os estivéssemos se arrastando conosco. É muito perigoso, Baltasar. Precisamos pensar em nós mesmos.

— Estou pensando em mim mesmo. Estava com sede. Encontramos água. Resolvi parar.

— Você sabe o que estou querendo dizer.

— Sei — disse ele, levando mais um punhado de água até a ferida. — Também sei o que vi em Belém. O que todos nós vimos. Você quer deixá-los para os homens de Herodes?

— Sim, eu vi. E o mesmo vai acontecer conosco se formos capturados. Não escapei da morte certa para jogar minha vida fora por causa de estranhos.

— Também não gosto disso, está bem? Mas não voltei para salvar um bebê para depois deixá-lo apodrecendo no deserto. Assim que atravessarmos a fronteira, nos separamos. Até lá, vamos bancar a ama de leite.

Baltasar se levantou, sacudiu a água das mãos e enxugou-as nas roupas.

— Por que o Fantasma da Antioquia se importa tanto se um bebê vive ou deixa de viver? — perguntou Gaspar.

Era uma pergunta idiota, é claro. A resposta óbvia era: “Porque ainda tenho um pingo de decência”, ou “A verdadeira pergunta é: por que *você* não se importa?” Mas Baltasar não disse nada disso, porque por mais óbvias que as respostas fossem, não eram verdadeiras.

Vá em frente, diga a ele, Baltasar. Diga a ele por que você se importa tanto. Por que você odeia tanto, mata tanta, procura tanto, como se isso fosse um dia trazê-lo de volta...

— Pergunte a si mesmo — disse Gaspar, tirando Baltasar de seu transe —, você daria sua vida para proteger a deles?

Baltasar olhou para José e Belchior lutando com os camelos. E depois para Maria, sentada no chão, dando de mamar ao bebê sob suas roupas.

— Não se eu puder evitar — disse e se afastou.



Pôncio Pilatos encarava as águas do Mediterrâneo. Apenas algumas horas depois de se ajoelhar na sala do trono do imperador, ele estava de pé na proa do *Heptares* — um enorme navio de guerra com mais de mil homens —, liderando uma frota de trirremes menores vindas de Roma. Nunca tinha visto a água passar tão depressa ou uma vela se abrir tanto quanto a que estava acima dele. Em geral, as centenas de homens sentados no deque inferior remariam por todo o trajeto. Hoje, porém, tudo o que podiam fazer era se sentar com seus remos no colo, já que um forte vento de cauda os empurrava com mais força do que qualquer mortal jamais poderia ter.

Pilatos não tinha certeza, mas fazia uma boa ideia de qual era a fonte desse estranho e estável vento. O feiticeiro estava a bordo do *Heptares* com eles, acomodado confortavelmente em seus aposentos particulares lá embaixo. E, embora a porta de sua cabine estivesse fechada, ele podia ser ouvido murmurando sozinho atrás dela. Rezando em uma mistura estranha

de latim e outras línguas, repetindo as mesmas frases várias vezes como em um cântico. Pilatos não conseguira discernir muita coisa, mas ao encostar a orelha na porta do sacerdote, ouvira uma palavra repetida entre as outras: *ventus*.

Vento.

O imperador fizera confidências a Pilatos, em Roma, contando a ele a história secreta dos Césares e do feiticeiro, seus poderes e o papel que tinha desempenhado na criação do império atual, e o que se sabia das origens e do término de sua seita. Ao terminar, Augusto convocou o sacerdote para seu palácio e o apresentou ao jovem oficial.

Pilatos fez o melhor que pôde para esconder seu pavor de encontrar um homem tão estranho e perigoso. Havia sido preparado para a singularidade da aparência do velho, mas nada o preparara para a sensação de ver aqueles penetrantes olhos negros. Sentiu como se eles o atravessassem, como se espreitassem o interior de sua cabeça. Seus pensamentos. Mais incômodo ainda era o fato de que o feiticeiro tinha a exata aparência que Júlio César descrevera em sua carta quarenta anos antes.

Que não tivesse envelhecido um dia em todo esse tempo apenas enervou Pilatos ainda mais.

— Ele não fala — dissera Augusto —, mas vai lhe dizer tudo o que você precisa saber. Ouça-o, Pilatos, e traga-o de volta para mim são e salvo. Estou confiando meu bem mais precioso a você.

E ali estava ele, sozinho na proa do *Heptares*, comandando dez mil homens e um ser místico. Pilatos sentia-se mais perto a cada quilômetro. Mais perto de seu prêmio, de seu destino. Era disso que se tratava, afinal — o destino se revelando, quilômetro a quilômetro. Não existem acasos nesta vida. Pilatos acreditava que os deuses tinham um plano para todos nós. E, não importava que caminho ele tomasse, acreditava que sua vida iria encontrar a grandeza mais cedo ou mais tarde. Seu nome repercutiria ao longo dos tempos, imortal.

Em geral, se o mar sorrisse para você, um navio levaria uma semana para navegar de Roma até a Judeia. No ritmo em que estavam, Pilatos

encontraria sua grandeza em menos de dois dias.



Maria cavalgava atrás de um homem terrível. Sim, ele voltara por causa deles, salvara-os dos homens de Herodes, e ela era grata por isso. Grata o suficiente para arriscar tudo para salvar sua vida em troca. Mas Maria estava ansiosa para chegar ao Egito e se livrar dele para sempre.

O sol felizmente estava descendo no céu, embora a areia ainda irradiasse calor, cozinhando-os da sola dos pés até o topo da cabeça. Pelo menos por enquanto o bebê parecia satisfeito e feliz, piscando os olhos azuis para ela, sonolento. Ela derramou água de seu cantil na mão e a passou pelo couro cabeludo do bebê, para mantê-lo fresco. Ajeitou suas vestes, tentando evitar que o sol batesse no rosto do filho, enquanto sussurrava uma de suas histórias preferidas das Escrituras para conduzi-lo mais rápido ao sono pelo qual seu corpo ansiava.

E um grande clamor chegou a Moisés. “Por que você nos trouxe até aqui?”, perguntaram. “Não havia mais sepulturas no Egito? Você nos trouxe para o deserto para murchar e morrer?” E Moisés respondeu: “Fui ordenado pelo Senhor a trazê-los até aqui, pois vocês eram escravos de um faraó cruel, e é melhor morrer no deserto do que morrer escravo.”

Quando era pequena, Maria sussurrava aquelas histórias para si mesma durante a noite — uma forma de acalmar sua mente inquieta, de se consolar quando estava com medo ou ansiosa. Imaginava as Escrituras como um poço infinito de histórias. Um lugar onde sempre podia se saciar, mesmo aqui no deserto.

Por ser mulher, fora proibida de estudar os pergaminhos em que as histórias foram escritas, mas fora autorizada a se sentar na parte de trás da

sinagoga e ouvir os homens lerem em voz alta. Fora transportada por aquelas histórias quando menina: Jonas na barriga da baleia, a loucura de se construir uma torre até o céu, o teste de fé de Noé antes do grande dilúvio. E, embora nunca tenha dito em voz alta, ela se orgulhava de ser capaz de citar essas passagens melhor do que muitos dos homens que se abanavam no calor da sinagoga e cochilavam sob os xales. A seguinte surgira em sua cabeça do nada.

“Não tenham medo”, disse Moisés. “Mantenham-se firmes, e o Senhor estará com vocês. Fiquem aqui, e ele lutará por vocês.”

— O que você está resmungando aí atrás? — perguntou Baltasar.

— Não estou resmungando. Estou recitando uma história para ajudar o bebê a dormir.

— Bem... recite em silêncio.

Maria mordeu o lábio de frustração. *Alma miserável! Seu infeliz indiferente e desalmado!* Ela ficou em silêncio por alguns instantes, lembrando-se de que cada passo do camelo era um passo mais perto do Egito. Mas na ausência da voz suave da mãe, o bebê começou a se mexer e acordar de novo. Logo iria começar a chorar, e o homem insuportável na frente dela só se tornaria mais insuportável. *Tudo bem, então. Se você não me deixa sussurrar, vai ter que falar comigo.*

— Você conhece as Escrituras? — perguntou ela.

Baltasar revirou os olhos. *Lá vamos nós.* Qual o problema dessas pessoas? Por que não podiam simplesmente manter suas ilusões para si mesmos?

— Isso pode ser um choque para você — disse ele —, mas nem todos no mundo são judeus.

— Não... mas mesmo os romanos têm suas histórias sagradas. Certamente o seu povo também tem.

— Velharia sem sentido, escrita por tolos que já estão mortos. Assim como as suas Escrituras.

— Como você pode dizer isso depois de Deus ter falado com você?

— Deus nunca “falou” comigo. Na verdade, adoraria se você tentasse ser mais como ele.

— E o seu sonho? Zacarias disse que você foi escolhido.

— Ele não escolheu nada.

— Como você sa...

— Porque “ele” não existe.

Maria não podia acreditar que um homem dissesse tal absurdo. Uma coisa era ser cruel e insensível. Mas ser blasfemo?

— Mas... isso é ridículo. Quem enviou as pragas para o Egito? Quem criou a terra abaixo de nós? E as estrelas acima de nós? Quem criou o homem?

— Está quente demais para discutir. Principalmente com uma mulher.

— Não estou discutindo. Eu só... nunca conheci um homem que não acreditasse em Deus.

Baltasar se virou e a encarou. Maria se surpreendeu pelo desprezo em seu rosto sulcado.

— Claro que não — disse ele. — Você é uma garotinha idiota de uma aldeiazinha idiota de fanáticos. Aqui é o mundo real.

— Mas uma vida sem Deus é...

— É o quê? O que tem de tão grandioso em seu deus? Me diga o que tem de tão grandioso em um deus que não faz nada enquanto crianças são assassinadas pelo fio de espadas. Espadas empunhadas por seus fiéis seguidores, aliás. Me diga que tipo de deus é este.

Maria não tinha resposta.

— Ou eu estou certo — continuou ele —, e ele não existe, ou você está certa, e ele é o tipo de deus que assiste à morte de crianças. O tipo de deus que fica sentado sem fazer nada enquanto homens como Herodes constroem palácios e as pessoas boas morrem de fome. De um jeito ou de outro, não vale a pena adorá-lo.

Maria ficou em silêncio. Nunca tinha ouvido alguém duvidar do Senhor. Claro que ele existia. Pensar o contrário seria admitir que tudo em que ela

acreditava era uma mentira. Pior, significaria que ela estava louca. Mas as palavras de Baltasar eram confusas.

— Todos os homens precisam de algo em que acreditar — disse ela, afinal.

Sem olhar para baixo, Baltasar desembainhou sua espada.

— Bem... você tem a sua arma — disse Maria —, e eu tenho a minha.

Baltasar guardou a espada e voltou-se para o deserto a sua frente.

— Gosto mais da minha — disse ele.

Anoite já tinha chegado ao deserto.

Dez mil soldados romanos estavam em formação, com as chamas refletindo-se em seus capacetes e escudos polidos, diante de um altar improvisado de pedras empilhadas. Como Pilatos previra, haviam chegado à costa da Judeia em menos de dois dias. Mais rápido do que a maioria dos homens ali reunidos pensara ser possível. Alguns disseram se tratar de um milagre, mas era só uma amostra das coisas extraordinárias que viriam pela frente.

Duas grandes fogueiras ardiam diante deles — uma de cada lado do altar em que estava o feiticeiro, de pé diante do corpo de um cordeiro. Sua garganta havia sido cortada e seu sangue drenado para uma tigela. Enquanto os homens observavam, o sacerdote mergulhou o dedo no sangue e o utilizou para desenhar uma linha em sua própria testa. Mergulhou o dedo uma segunda vez e passou-o na serpente de bronze na ponta de seu cajado.

— *Nehushtan...* — sussurrou ele.

Para os romanos, não era mais do que uma palavra estranha. Eles não a teriam reconhecido do Livro do Êxodo, nem saberiam dizer que a serpente de bronze para a qual estavam olhando — *Nehushtan* — havia sido forjada pelo próprio Moisés. Criada para adornar a bengala que ele usara para guiar seu povo pelo deserto. Era uma relíquia de idade e poder incalculáveis. Como chegara às mãos do feiticeiro era um mistério.

Ele levou a taça aos lábios e bebeu um gole do sangue do cordeiro, então caminhou até a pira à direita, tão próximo das chamas que suas vestes se incharam com o ar aquecido. Estendeu o cajado diante do corpo, até que a

cobra estava inteiramente envolta pelas chamas. O sangue do cordeiro em sua superfície ficou preto e então se queimou até desaparecer. O feiticeiro cantou para si mesmo, suas palavras tornando-se mais rápidas, enquanto Pilatos e seus colegas o observavam junto ao altar.

A cobra acabou de... se mexer?

A princípio, os homens acharam se tratar de um truque da luz. Até que, para seu espanto, a serpente de bronze lentamente se desenrolou e se arrastou até o braço do sacerdote. Alguns dos soldados fugiram, apavorados com o que tinham visto. *Que feitiçaria é essa? Que deuses são esses?* Mas Pilatos manteve sua posição, mesmo quando Nehushtan serpenteou ao longo do corpo do sacerdote até o chão do deserto. Não sabia como era possível. Não tinha importância. Só sabia que estava a um passo de seu prêmio.

O feiticeiro estava diante do altar com os olhos fechados, recitando de novo e de novo um encantamento antigo, guiando a fera enquanto ela deslizava para o deserto...

À caça.



Baltasar estava sentado perto da entrada de uma caverna apertada, vigiando a vastidão do deserto. Os outros estavam dormindo atrás dele. Todos, menos um.

— Durma um pouco — disse José, que viera se juntar a ele. — É mais importante você estar descansado do que eu. Posso ficar de guarda por um tempo.

Baltasar encarou o contorno fraco do rosto de José sob o luar. O rosto jovem e barbudo de um carpinteiro de aldeia. Tinham a mesma idade, mas não podiam ser mais diferentes.

— Prefiro ficar — disse Baltasar. — Não me leve a mal, mas não seria capaz de dormir sabendo que é você quem está de guarda.

José sorriu e se sentou ao lado dele.

— Você acha que sou fraco.

— Acho que é ingênuo.

— E o que eu fiz para você achar isso?

— Você acredita no impossível.

Ah... de novo. O homem que zomba dos outros por acreditarem na palavra de Deus.

— Então sou ingênuo porque acredito nas Escrituras?

— Não... você é ingênuo porque acredita nela.

José levou um momento para compreender o que Baltasar dissera. Quando entendeu, seu rosto escureceu e sua mente vagou de volta para aqueles que tinham sido os dias mais difíceis de sua vida. Os dias passados em Nazaré, quando sua felicidade fora abalada e sua fé testada ao limite. E tudo porque sua jovem noiva viera chorosa até ele com uma confissão.

— Não foi assim, sabia? — disse por fim.

— Assim como?

— Não acreditei. Não quando ela me contou pela primeira vez. Queria acreditar, claro. Desesperadamente. Mas...

— Mas...

— Sou um homem paciente, mas acreditar em tal coisa... como você disse... era impossível.

— O que ela contou?

José pensou por um momento. *O que foi mesmo que ela me disse?*

— Ela me falou que tinha acordado com os sussurros de um homem — disse José.

— Não é um começo promissor.

— Ela me falou que seguiu a voz para fora de casa, só para descobrir que a noite estava tão clara quanto o dia. E, no entanto, as ruas de Nazaré estavam vazias. Não havia nenhum som. Nem o farfalhar das folhas das oliveiras ou o canto dos pássaros.

— Um sonho.

— Mas real como nenhum sonho que ela já tivera. Tão real quanto nós dois sentados aqui nesta caverna. Maria me contou que viu um homem se aproximando. Um homem brilhante, radiante, que parecia ter saído do próprio sol e caminhado em sua direção. Um homem que não era deste mundo... um homem de asas.

Baltasar tentou esconder o calafrio que percorreu sua espinha ao ouvir aquelas palavras.

— E, mesmo antes de ele abrir a boca — disse José —, Maria me contou que já sabia. Sabia com absoluta certeza que seu nome era Gabriel, o arcanjo do Senhor.

— Gabriel?

— “Ave, Maria, cheia de graça”, ele disse a ela. “O Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres. Eis que conceberás e darás à luz um filho. Ele será grande e se chamará Filho do Altíssimo.”

— Foi isso? Foi isso que ela contou?

— Eu sabia que era mentira. Sabia. E pensei: “Não, isto é pior que uma mentira. Uma mentira pode ser perdoada. Isto é uma blasfêmia! Deus, nascido de uma mulher.” E só via duas possibilidades: uma, que Maria tivesse conhecido outro homem, seja por escolha sua ou não, e inventado a história para explicar sua condição. Ou que de repente ela temesse a ideia de ser minha esposa e estivesse tentando me espantar. Mas eu pensei: “Se ela me temia tanto assim, por que parecia tão feliz até agora?” Não fazia sentido.

— As mulheres nunca fazem.

— Mas então eu percebi que havia uma terceira possibilidade: que Maria tivesse enlouquecido. Que ela realmente acreditasse no que me dizia. E quanto mais eu pensava nisso, mais sentia em meu coração que essa era a verdadeira resposta. Maria tinha contado a história com tanta convicção. Seu rosto não vacilara por um momento sequer, seus olhos nunca mentiram, mesmo que seus lábios o fizessem. Talvez fosse apenas que eu quisesse acreditar em qualquer coisa que não fosse a ideia de, você sabe...

— Sei.

— Mas o que eu podia fazer? Sabia exatamente o que aconteceria se virasse as costas para ela. Tinha visto isso antes: mulheres adúlteras sendo arrastadas para fora de suas casas e colocadas contra uma parede enquanto os homens recolhiam pedras. Tinha visto seus crânios rachados, os cérebros escorrendo, deixadas para morrer sozinhas. Embora me recusasse a acreditar em Maria, não podia condená-la à morte. Eu pensei: “Eu posso dizer a eles que eu era o pai.” Mas admitir que havíamos estado juntos antes do casamento? Teríamos sido exilados do único lar que conhecíamos. Expulsos pelas pessoas que amávamos.

— Então você se casou com ela assim mesmo.

— Não. Fiquei de luto. De luto pela vida que poderíamos ter tido. Estava tudo tão perfeito, sabe. Mas no espaço de um maldito dia meu futuro se reduziu a três possibilidades: ou eu seria o marido de uma adúltera, o senhor de uma esposa que não me queria ou o senhor de uma louca. Três possibilidades, cada uma pior que a outra. Mas então? Um milagre.

Baltasar teve que fazer força para não revirar os olhos.

— Naquela noite — disse José —, enquanto eu lutava com essas três possibilidades, o anjo Gabriel me visitou e me mostrou uma quarta possibilidade: a de que Maria tinha me dito a verdade. Que o Messias estava crescendo no ventre dela, e que eu deveria ser o seu tutor.

Baltasar ficou em silêncio por um bom tempo. Obviamente, o carpinteiro também estava louco. Sim, ele provavelmente havia tido algum tipo de visão — um sonho muito vívido gerado pelo desespero. O desespero de acreditar em *qualquer coisa* que não na verdade dolorosa. Baltasar experimentara ele próprio algumas visões. Coisas que teria *jurado* que eram reais na época. Isso já havia acontecido quando menino, ao desenterrar corpos do outro lado do Orontes. E acontecera a ele durante sua cirurgia recente. A diferença era que ele tinha a capacidade de discernir sonhos da realidade. Visões aconteciam o tempo todo. Os sonhos surgiam, totalmente formados. Mas eram apenas isso: sonhos. Nada mais. E o carpinteiro era ingênuo por pensar o contrário.

— Bem — disse José —, avise-me se mudar de ideia quanto a dormir um pouco.

Assim, José pediu licença e voltou para a caverna apertada, desaparecendo na escuridão. Baltasar flertou com a ideia de chamá-lo de volta. De mantê-lo por perto para que pudesse passar mais tempo zombando dele por sua estupidez. Mas que utilidade isso teria? Não... deixe o homem com seus delírios. Não valia a pena gastar energia com aquilo.

Baltasar ficou sentado, sozinho, na entrada da caverna, vasculhando a escuridão com os sentidos. Olhando para as estrelas baixas das tochas distantes. Ouvindo o rumor longínquo de cascos de cavalo e o tinir de armaduras.

Mas não o deslizar de uma serpente de bronze que ganhara vida em um sombrio rito antigo.

Se Baltasar tivesse, por acaso, voltado sua atenção para o chão do deserto, talvez tivesse visto Nehushtan deslizar por ele e então voltar para o deserto escuro com sua mensagem:

Eu os encontrei...



O MILAGRE DAS PALMEIRAS QUE SE CURVAM

“Para em lugares ocultos atirarem sobre o íntegro;
disparam sobre ele repentinamente, e não temem”

Salmos 64:4

I

Herodes estava se sentindo muito melhor.

Apesar de ser quase meio-dia, ainda estava em seu quarto, com a cabeça recostada em almofadas de seda e o peito brilhando com óleos perfumados. Estava acordado, mas seus olhos permaneciam calmamente fechados enquanto ele inspirava fundo os vapores curadores, bem como seus médicos haviam instruído. Em geral, Herodes relutava em seguir seus conselhos. Afinal de contas, eles haviam se provado inúteis para livrá-lo de sua doença maldita. Apesar de todos os supostos remédios, poções e rituais, sua pele continuava coberta de lesões purulentas, e suas costelas continuavam saltando de seu peito magro feito dunas na areia do deserto. Ainda assim, Herodes tinha que admitir que seus médicos haviam conseguido curá-lo da dor de garganta que ele causara a si mesmo de tanto gritar. Na verdade, estava se sentindo tão bem que decidiu passar o dia na cama, no palácio dedicado ao “prazer”. Seu palácio dedicado aos “negócios”, com todos os cortesãos dissimulados, as brigas não resolvidas e as más notícias incessantes podia muito bem esperar. Hoje seria um dia de descanso. De prazer. Ele merecia. Merecia algo novo.

E ali estava ela.

Sentada na cama ao lado dele. Uma menina que ele nunca tinha visto antes. Uns doze ou treze anos, no máximo, o corpo ainda sem ter atingido o auge da forma feminina. Ali estava ela, sentada ao lado do rei doente, levando figos secos até sua boca, um de cada vez. Herodes saboreava cada um dos doces frutos, mastigando devagar e de boca aberta com seus dentes podres, sempre de olhos fechados. Havia tido um vislumbre de sua pequena

sem nome assim que ela entrara, carregando uma cesta de comida e medicamentos. Estava completamente vestida. Agora suas vestes se enrolavam em torno da cintura, os seios nus vermelhos nos pontos em que Herodes brincava de lhe beliscar. E ele continuou a percorrer seu corpo, com os olhos fechados. Mastigando figos com um leve sorriso nos lábios. Mas não era o toque dos jovens e cálidos segredos da moça que o fazia sorrir. Era o fato de saber que ele tinha Augusto César, o homem mais poderoso do mundo, exatamente onde o queria.

Mais uma vez os instintos de Herodes se provaram verdadeiros. Apenas alguns dias depois de seu mensageiro partir para Roma com uma carta em mãos, nada menos que dez mil soldados romanos desembarcaram na costa da Judeia. Isso em si já era um milagre. Nem mesmo Herodes poderia ter imaginado uma resposta tão rápida. Mas tratava-se de Roma. Decisiva. Esmagadora. Nisso era preciso dar o braço a torcer — certa ou errada, Roma nunca era indiferente.

E Herodes não era idiota. Sabia que o imperador tampouco gostava ou confiava nele. Do mesmo jeito que sabia que Augusto não seria capaz de resistir à carta e à oportunidade de lhe fazer uma demonstração de seu poder. *Ele vai querer me assustar*, pensou antes de enviar seu pedido. *E vai querer me lembrar que não sou nada além de um pequeno rei fantoche chorão que tem sorte por estar no trono*. Mas, longe de sentir-se assustado ou inferior, Herodes estava agora repleto de um senso profundo de realização e orgulho.

Havia matado dois coelhos com uma cajadada só: lisonjeara Augusto ao mesmo tempo em que transformara o Fantasma e a criança em um problema de Roma. O imperador que pensasse o que quisesse. O que importava eram os fatos. E o fato era que Herodes estava sentado em sua cama, sendo alimentado por uma menina nua, enquanto os romanos se arrastavam pelo deserto à procura de seus fugitivos. Ele não podia deixar de abrir um sorriso ao pensar nisso. Uma legião das melhores tropas do imperador a serviço da Judeia.

Augusto, enganado por um “fantoche”.

Havia, no entanto, uma pequena peça do quebra-cabeça que Herodes não previra: o tal “sacerdote negro”. Havia boatos de que os romanos viajavam com um adivinho, uma espécie de mágico. Rumores de um ritual no meio do deserto. Um sacrifício de sangue, uma serpente de bronze. Foram os conselheiros de Herodes quem tinham lhe contado a respeito. Eles lhe avisaram que os romanos haviam trazido algo de estranho do outro lado do mar. Algo que assustara muitos dos homens que testemunharam aquilo. E, embora Herodes tivesse ficado surpreso de ouvir que os romanos estivessem recorrendo aos deuses, não se permitiu partilhar da preocupação de seus conselheiros. E daí? Os judeus tinham seus profetas. Os gregos tinham seus oráculos. Deixe os romanos com seus sacerdotes.

Ela me quer... Posso sentir...

Herodes abriu os olhos amarelados e a fitou. O medo em seu rosto. As lágrimas. *Por que elas choram quando seus corpos se alegram com meu toque?*

Em alguns reinos, era costume que as meninas se deitassem com seu rei. Em alguns reinos — e Herodes ouvira tais histórias em primeira mão, então não tinha dúvidas quanto à veracidade delas —, todas as meninas eram enviadas para morar no harém real quando chegavam à idade fértil. E não podiam voltar para casa ou se casar até se entregar ao rei. Os romanos chamavam isso de *ius primae noctis* — “lei da primeira noite”.

Herodes sabia que os judeus jamais aceitariam tal costume. E, mesmo que o aceitassem, a Judeia era um reino grande. Havia muitas meninas, e ele era um só. Então, em vez disso, optara por ser seletivo, enviando seus soldados pelas ruas da cidade e pelas aldeias para encontrar as criaturas mais atraentes e conferir-lhes a honra de servir ao seu rei. E ali estava uma delas, alimentando-o em seus lençóis de seda.

Ele correu os dedos magros pelo cabelo castanho da menina e puxou-a para junto de si. Perto o suficiente para sentir sua respiração apressada no seu rosto. Podia sentir seu tremor. Elas sempre tremiam, mas aquele medo era bom. Era normal que uma menina comum temesse seu rei. Que se agitasse com seu toque. Que se sentisse honrada por sua atenção. Ela levou um figo aos lábios de Herodes, mas ele o empurrou para longe.

— Já chega — disse ele.

E a puxou, beijando-a profundamente. Podia senti-la tentando se esquivar à medida que a língua dele percorria o caminho dentro de sua boca. Senti-la lutando contra seu aperto. Essa era a parte de que ele mais gostava. A resistência. Todas resistiam. Todas tentavam correr.

Mas, no final, todas eram suas.

II

Um íbex ergueu os olhos, mascando distraído a grama seca em seus dentes — folhas sem sabor que, por algum motivo, era compelido a procurar e a arrancar da terra quente, desde a manhã até o anoitecer. Havia algo de errado. Tinha visto um brilho no canto do olho e sentira uma pequena e quase imperceptível vibração no chão. Depois, continuou observando — sem piscar, o corpo tensionado e pronto — enquanto três camelos passavam a menos de cem metros dali. Perto o bastante para gerar preocupação, mas não o suficiente para espalhar o rebanho. Não por enquanto.

O íbex não se lembrava de ter visto um camelo, embora os tivesse visto em inúmeras ocasiões. Ele observou enquanto os animais gigantes se moveram da esquerda para a direita em seu campo de visão com cinco seres humanos em suas costas, um deles carregando algo pequeno nos braços. Moviam-se devagar na direção da coisa que o íbex, por não saber o termo correto, chamava de “aquilo do lado de lá”. A coisa alta e lisa atrás da qual todos os seres humanos se escondiam. E de que ele e seus colegas de rebanho sequer ousavam se aproximar.

Confiante de que os camelos e seus passageiros não representavam perigo, o íbex baixou a cabeça e voltou a procurar por folhas secas. A busca que fora compelido a iniciar desde o momento em que surgira no mundo, todo molhado e de pernas bambas, e a qual continuaria a perseguir até seu último suspiro. No instante em que arrancou outro punhado de grama sem sabor do chão do deserto, já tinha se esquecido dos camelos por completo.

Assim como se esquecera dos milhares de romanos que passaram marchando por ali uma hora antes.



José encarou os íbex. Um grande rebanho notara a presença deles, observando-os de perto, os chifres ondulados erguidos, ruminando estupidamente. Eram pequenas criaturas irracionais, não havia dúvida. Mas era um bom sinal de vida em um deserto vazio e eterno que os envolvia havia horas.

Enfim podiam avistar Hebrom, embora ainda faltassem alguns quilômetros malditos até que alcançassem as lisas muralhas da cidade. E seriam quilômetros silenciosos, pois havia horas que José, Maria e os outros quase não trocavam sequer uma palavra. Estavam todos cansados por causa da noite que haviam passado se revirando no chão da caverna, fracos pela falta de comida e de água e enjoados com calor implacável. E o bebê... o bebê ficara assustadoramente quieto de novo. Desidratado demais para chorar pelo leite materno.

Só Deus sabia por quanto tempo haviam cavalgado. Oito horas seguidas? Dez? Tinham partido antes do amanhecer, e, embora o sol finalmente parecesse estar seguindo a caminho de seu berço no ocidente, seus raios ainda eram fatais, assando seus rostos e o peito dos pés, deixando sua pele com um doloroso tom de cor-de-rosa.

Paciência, José... Deus proverá...

Aquele era o seu mantra no deserto. A única coisa capaz de afastar a dúvida de sua cabeça, em que ela havia se alojado meses atrás e ficara esperando pacientemente até destruir sua sanidade. José sentiu a dúvida em torno de si da mesma forma que sentira quando Maria lhe contou sobre seu sonho pela primeira vez. As armas soavam do outro lado dos muros de sua cidade, pronta para aceitar a oferta de rendição. *Admita, José, ela é uma mentirosa. Admita, José, foi um erro. Admita, José, ele não é o Messias.* E sim, em momentos de fraqueza e fadiga — momentos como os de agora —, tais vozes tinham o hábito de ficar mais fortes. Mas então eles alcançaram o topo da colina e avistaram a muralha de Hebrom a distância, e José inspirou o ar

do deserto. Nunca tinha visto nada tão bonito em toda a sua vida. Seu mantra nunca soara tão verdadeiro.

Deus proverá...

Hebrom tinha enfim se revelado por inteiro para eles — um oásis cercado de deserto. Não grande o suficiente para ser chamada de cidade, embora fosse maior do que uma simples aldeia. Era cercada por muros de tijolo bege que desenhavam um quadrado quase perfeito. Por trás daquelas paredes haveria mercados onde eles poderiam reabastecer. Casas de banho em que poderiam lavar a poeira do rosto. Camas em que poderiam passar uma noite, descansados e alimentados. Deus, como sempre, provera.



Alguns poucos quilômetros silenciosos depois, à medida que se aproximavam do portão norte de Hebrom, o grupo passou por uma pequena colina à esquerda. No topo dela, uma dúzia de pilares de madeira tinha sido enterrada profundamente na terra a intervalos regulares. Para o olho leigo, pareciam os alicerces nus de alguma estrutura inacabada, mas para Baltasar e seus colegas ladrões, pareciam garras surgindo da terra, prontas para agarrá-los caso se aproximassem demais.

A crucificação estava entre algumas das mais sangrentas inovações que os romanos haviam trazido do Ocidente, e rapidamente se tornara um dos métodos preferidos de execução naquela parte do império. O condenado era preso às vigas de madeira com pregos pelas palmas das mãos. Depois que as vigas eram erguidas, os homens simplesmente ficavam pendurados em agonia por horas, às vezes dias, humilhados por sua nudez, cobertos apenas pelos resquícios de sua própria imundície. Quando a fome e a sede lhes dominavam, eram provocados com promessas de água e comida que jamais seriam cumpridas. Apedrejados e feridos com lanças.

Alguns tinham as pernas quebradas pelas clavas dos soldados — às vezes isso era feito para acelerar a morte. Em geral, porém, era para que suas horas

finais se tornassem ainda mais miseráveis. Quando por fim morriam — normalmente em decorrência da perda de sangue, da insolação, da fome ou das infecções —, seus corpos fedorentos e descoloridos eram deixados para secar sob o sol por semanas... um aviso aos homens que pensassem em cometer crimes semelhantes. Um aviso a homens como Baltasar.

Felizmente, não havia homens presos àquelas cruzes. Baltasar já havia presenciado o sofrimento da crucificação antes e jamais desejaria vê-lo novamente. Ainda assim, à medida que se afastava da colina e conduzia os outros pelo portão norte, não pôde deixar de sentir um calafrio. Havia algo naquelas vigas. Algo sobre sua aparência. Nuas, desejosas por companhia. Famintas.

Quase como se estivessem olhando para nós.

Algo estava errado. Baltasar de repente teve um pressentimento. A sensação de que havia olhos sobre ele. Era algo indefinido e instintivo, mas muito real. Talvez tivesse visto alguma coisa pelo canto do olho; talvez tivesse sentido alguma mudança pequena, quase imperceptível, nos arredores. Fosse o que fosse, Baltasar decidiu, em silêncio, que não passariam a noite em Hebrom.



Eles cruzaram o portão e juntaram-se ao burburinho. Bem à frente seguia uma rua central larga que conduzia diretamente ao outro lado da aldeia, lotada de gente e ladeada por palmeiras altas. À esquerda, um mercado retumbava com o alvoroço dos comerciantes, seus clientes e seus animais. À direita, dezenas de peregrinos judeus se agrupavam a caminho de um enorme monumento quadrado ao longe — um cubo liso e sem janelas feito de blocos de pedra branca e com paredes de mais de vinte metros de altura e dois de espessura. José nunca tinha visto aquilo antes, mas soube imediatamente o que era.

— O Túmulo dos Patriarcas — sussurrou ele.

Era um dos lugares mais sagrados de toda a Judeia. Perdia apenas para o Grande Templo na opinião de alguns. Por mais simples que suas paredes de pedra branca fossem, elas protegiam algo extraordinário: o lugar do descanso final de Abraão. O pai do judaísmo.

A lenda dizia que Abraão e sua esposa, Sara, haviam pedido para serem sepultados em uma caverna sob Hebrom. Por milhares de anos, os fiéis tinham vindo à entrada da caverna para oferecer suas orações ao homem que havia comungado com Deus e à mulher que gerara Isaac e Ismael.

Herodes ordenara que fosse construído um monumento no local — mais um presente altruísta para seus súditos judeus. E, embora muitos achassem que o monumento vandalizara o túmulo de Abraão, fiéis ainda viajavam durante dias para oferecer orações às suas paredes. Para rezar sobre os ossos do homem de quem todos os judeus descendiam, de Isaac a Moisés, até Davi. José muitas vezes pensara em fazer ele próprio tal peregrinação, mas a oportunidade nunca havia surgido até agora.

Ali estava o túmulo. E, apesar dos problemas que o tinham-no conduzido até ali, José não podia resistir à tentação de se juntar aos peregrinos a que assistira marchando na direção da parede para comungar com o Senhor. E disse isso aos outros.

— Você está louco? — perguntou Baltasar. — Não temos tempo para parar e rezar. Temos que reabastecer e sair de Hebrom o mais rápido possível.

— Se alguma vez precisamos dos ouvidos de Deus — disse José — é agora. Além do mais, estar tão perto e não prestar uma homenagem... seria um pecado.

— Pecado ou não, não vou ficar olhando enquanto você reza diante de uma parede. Fim de papo.

— Então não vá — disse Maria. — Meu marido e eu vamos sozinhos enquanto vocês reúnem os suprimentos.

— Não vamos nos separar — disse Baltasar. — Não com o mundo inteiro atrás de nós.

— E o que eles estão procurando? — perguntou Maria. — Quatro homens, uma mulher e um bebê. Se continuarmos juntos, só vamos chamar mais atenção.

Baltasar sentiu a mandíbula enrijecendo. Odiava aquela mulher. O jeito como ela o encarava e falava, como se soubesse de tudo. Mas o que odiava de verdade era o fato de que — ao menos naquele caso — estava certa. Atrairiam menos atenção se permanecessem separados. *Mas eu vou ficar aqui encarando você por mais um tempo, só para deixar claro o quanto desprezo você.*

— Tudo bem — disse ele, afinal. — Vamos nos encontrar no portão sul em uma hora. Se não estiverem lá, vamos embora sem vocês.

Maria encarou Baltasar de volta. *Só para deixar claro que não tenho medo de você.*

— Portão sul — disse ela. — Em uma hora.



Depois de amarrar os camelos mais acima na rua das Palmeiras, o grupo se separou.

Os magos seguiram para a esquerda na direção do mercado, onde Gaspar e Belchior negociariam com o que lhes restava do ouro roubado para comprar o que pudessem, e Baltasar daria um jeito de conseguir mais ouro. José, Maria e o bebê foram para a direita, na direção do Túmulo dos Patriarcas, onde enfrentariam um mar de peregrinos fiéis para prestar homenagem ao fundador de sua antiga fé.

José protegeu Maria com todas as forças, temendo que ela e o bebê fossem carregados pela corrente humana se ele os soltasse. A área em torno do monumento estava pior do que parecia — abarrotada e com um burburinho incessante. Músicos batiam seus pratos e tocavam suas harpas. Comerciantes convenciam os fiéis a comprar todo tipo de lembrancinhas. Cabras e bois a serem sacrificados zurravam e baliavam, cambistas

derramavam moedas. Acima de tudo, havia o ruído de milhares de vozes murmurando milhares de orações.

E então havia os profetas, gritando ao redor do monumento, proclamando as terríveis advertências da ira de Deus e de Herodes — e até mesmo de Roma — do alto de seus pódios improvisados. Anunciavam que o dia do Messias estava próximo — o dia em que os filhos de Israel seriam libertados de seus grilhões. A mesma coisa que profetizavam havia milhares de anos.

— Ele ferirá a terra com a vara de sua boca! Com o sopro dos seus lábios matará o ímpio! A justiça será o cinto dos seus lombos, e a fidelidade, o cinto dos seus rins!

Um dos profetas, chamado Simeão, estava vociferando diante de um anêmico e — ao que parecia — entediado grupo de uns dez seguidores enquanto José e Maria tentavam passar. Era o mesmo sermão impetuoso que vinha ganando havia semanas:

— Herodes executa todos os que se atrevem a falar contra ele! Ele governa por meio da brutalidade, e continua no poder porque temos medo dele! Bem, eu digo que *ele* é quem deve ter medo! Porque está escrito que a chegada do Messias está próxima! Um Rei dos judeus que vai derrubar não só os líderes da Judeia e da Galileia, mas os líderes de todo o mundo! E quando nosso Salvador vier, será com... com...

Os olhos de Simeão pousaram em uma jovem do outro lado da rua movimentada. Uma menina levando uma criança nos braços. Sem saber muito bem o que estava fazendo, ele desceu de seu pódio e abriu caminho pela multidão.

José virou o rosto bem a tempo de ver um estranho de olhos arregalados agarrar a mão de Maria.

— Você! — gritou ele. — Solte-a!

Mas o profeta Simeão não se mexeu. Apenas encarou Maria, como se tivesse reencontrado uma amiga de muito tempo. Em seu rosto havia um misto de reverência e terror.

— Uma espada — falou. — Uma espada vai atravessar seu coração...

As palavras saíam de sua boca como se viessem de um lugar distante — como se estivessem sendo pronunciadas por outra pessoa. Alguém por trás de seus olhos. Anos mais tarde, Simeão nem sequer se lembraria de tê-las dito. E, quando ouvisse de seus futuros seguidores o que dissera, alegaria não ter ideia do que significava.

José empurrou-o para o lado e puxou Maria, ansioso para se livrar daquele louco. Simeão segurou a mão da moça com força por um instante, e então a deixou escapar. E ficou a observá-la enquanto ela ia embora, os olhos súbita e inexplicavelmente marejados. *Cheios de alegria*. Algo se agitara dentro dele. Algo que não poderia explicar.



Baltasar observava a terra do alto, esperando. Estava em cima da muralha norte de Hebrom, perto da escada que usara para chegar até lá. Olhava para o mercado lá embaixo, ao longo da parede. Precisava de dinheiro para comprar os suprimentos necessários. E, para obtê-lo, precisava furtar uma bolsa de moedas.

— Vamos lá — murmurou para si mesmo. — Eu sei que você está aí...

Não havia tantos alvos quanto nos mercados de Jerusalém ou de Antioquia. O mercado de Hebrom era decididamente menor, com menos produtos a se comprar e menos bolsos recheados para roubar. Do alto, ele examinou a área; estava a meros cinco metros do chão, mas, ainda assim, acima de tudo: das pessoas que se esbarravam, subindo e descendo a rua de terra que atravessava o centro do mercado. Acima dos homens que pechinchavam com os comerciantes, das mulheres que arrastavam crianças teimosas. Podia ver Gaspar discutindo com um homem a respeito do preço de frutas secas, enquanto Belchior permanecia uma presença fiel e segura atrás do colega. Uma idosa com um pé torto mancava às cegas. Um cão enfiava o nariz na sujeira, farejando alguma coisa que talvez pudesse...

— Achei você.

Baltasar pousou os olhos em um homem corpulento em vestes suadas. Pela qualidade das roupas e o tamanho da barriga, era um sujeito abastado. E, pela irregularidade de seu caminhar, estava carregando algo pesado no cinto. Baltasar imaginou não se tratar de uma arma. *Não, você não é lutador. Não é lutador nem agricultor nem comerciante de escravos... Você é um cambista. E um dos maiores que eu já vi.*

Grande era bom. Quanto maior eram, menos conscientes de seus corpos tendiam a ser.

Baltasar segurou a escada, pronto para descer e rondar seu alvo no meio da multidão. Seguindo-o, esperando o momento certo de dar o bote, preparando um esbarrão. *Um esbarrão. Esbarrões sempre são bons quando se trata de alvos maiores.* Quando chegasse a hora, ele esbarraria “sem querer” no cambista. Teria que ser uma boa sacudida, suficiente para assustá-lo, mas não para machucá-lo. *Você nunca quer lhes fazer mal. Nem irritá-los.* Como fizera mil vezes antes, Baltasar pediria mil desculpas por sua falta de jeito e desapareceria antes de o cambista perceber exatamente o que havia perdido no momento do esbarrão. Com o plano escolhido, Baltasar colocou um dos pés na escada, pronto para descer e...

Aquela sensação de novo.

A sensação de estar sendo vigiado. A sensação de que havia algo de errado. Mas, embora a primeira vez tivesse sido um tanto vaga e sem base em qualquer evidência, agora a sensação fora confirmada quase que de imediato. Ao pisar na escada, Baltasar virou as costas para o mercado, preparando-se para descer. E então levantou os olhos e mirou além da muralha para o deserto. Ao fazê-lo, sentiu o coração afundar, pois sabia que havia uma chance muito pequena de escaparem vivos de Hebrom.

Romanos.

Milhares deles, concentrando-se no deserto a pouco mais de um quilômetro ao norte de Hebrom. Estavam alinhados em fileiras, mas não marchavam na direção do portão norte, com os sabres em punho. Nem estavam cansados, como se tivessem passado o dia rastreando Baltasar e os

outros pelo deserto. Estavam simplesmente parados. Na verdade, não pareciam soldados perseguindo alguma coisa. Pareciam soldados...

Esperando. Esperando por nós.

Baltasar e seus companheiros haviam sido conduzidos para uma armadilha, feita para que se sentissem seguros e sozinhos enquanto entravam em Hebrom, apenas para serem cercados. Aprisionados pelas muralhas lisas que formavam um quadrado quase perfeito. O “como” era uma questão na qual ele precisaria pensar mais tarde, se algum dia tivesse a oportunidade. Agora, Baltasar tinha que encontrar os outros.



Pilatos era um homem paciente.

Embora não soubesse exatamente como, o feiticeiro — ou melhor, sua cobra — tinha rastreado sua presa em uma caverna ao sul de Emaús. E, embora não estivesse inteiramente certo do motivo, decidira acreditar na palavra do sacerdote quando este relatara ter tido uma visão de seis fugitivos andando por uma rua ladeada de palmeiras altas em intervalos uniformes. Se a visão estivesse correta, então o Fantasma da Antioquia estava seguindo para Hebrom. Fazia sentido. A cidade ficava no caminho do Egito. Um lugar perfeito para descansar e reabastecer. A questão era o que fazer com essa informação.

Pilatos sabia que não podia invadir Hebrom e matar um casal aparentemente inocente a sangue frio.

O que fazer, enfiar uma espada em um bebê em plena luz do dia? Só um louco como Herodes faria uma coisa dessas. Além do mais, os judeus se rebelariam.

Também não podia desafiar o Fantasma da Antioquia no deserto. Não com seus dez mil homens às suas costas, levantando poeira. Eles seriam vistos a quilômetros de distância, e os fugitivos teriam tempo o bastante para escapar.

Uma armadilha. Isso sim era uma estratégia inteligente. Uma estratégia paciente.

Pilatos apertaria o passo até Hebrom, mas não entraria na cidade. Manteria a maior parte de seus homens do lado de fora das muralhas, garantindo a segurança do tesouro do imperador — seu feiticeiro — e mantendo uma distância respeitosa dos peregrinos que tinham vindo ver o Túmulo dos Patriarcas. Ao mesmo tempo, despacharia cavaleiros para vigiar todas as saídas possíveis, todos os portões em cada uma das laterais da muralha. Um pequeno destacamento de soldados de infantaria se posicionaria nas ruas adjacentes à rua das Palmeiras, prontos para cercar e atacar apenas se algo desse errado. Deixaria seus alvos entrarem em Hebrom pensando que estavam dias à frente de seus perseguidores.

Pensando que estavam seguros.

Pilatos observara, com espiões espalhados por entre a multidão e seus homens empoleirados nos telhados. Observara todos os que entravam em Hebrom pelo lado norte até que finalmente avistara três camelos exaustos carregando três espadachins, um casal e um bebê pelo portão. E observara o Fantasma da Antioquia e seus companheiros se separarem: o Fantasma e seus colegas ladrões indo para o mercado, o casal e a criança para o Túmulo dos Patriarcas. E, embora tal separação tenha sido inesperada, era administrável. Pilatos sabia lidar com o inesperado. Assistia a tudo de uma janela no segundo andar, com vista para a rua das Palmeiras... sabendo que ele e seu destino se encontrariam em breve, de um jeito ou de outro.



José prestou sua homenagem, enfrentando as multidões para tocar o monumento que cercava o Túmulo dos Patriarcas. Tinha parado apenas por tempo o suficiente para oferecer uma oração silenciosa para os mortos, enquanto Maria esperava ali perto, com o bebê. Ao terminar de rezar, ele pegou a mão dela e a conduziu de volta para o ponto de onde tinham vindo.

No geral, não fora a experiência pela qual esperava. O lugar estava cheio demais. O monumento era muito simples. E, quando finalmente conseguiu chegar perto o suficiente para sentir a pedra sob a mão e enviar seus pensamentos para Deus, José se sentiu instado a não demorar. Incapaz de se concentrar. Não por causa do barulho dos outros peregrinos ou das preocupações dos últimos dias. Era outra coisa. Mesmo agora, ao se espremerem entre a multidão, José sentia de forma inconsciente a presença de algo sinistro, e não sabia por quê.

Ele e Maria lutaram contra a massa de corpos até alcançarem a rua das Palmeiras, seguindo pelo meio da rua para o sul, até onde tinham amarrado os camelos. Chegariam ao portão sul com tempo de sobra para encontrar os outros.

E então José presenciou um milagre... seu coração ficou a ponto de explodir.

As palmeiras que ladeavam a rua estavam se curvando. Curvavam-se em reverência à medida que eles passavam. *Será possível? Será que estão se curvando por nossa causa?* José virou-se para Maria, sem saber se ela também tinha visto aquilo — mas seus olhos estavam fixos na criança em seu colo. *O menino*, pensou José. *Estão se curvando por causa do menino!* Antes que pudesse compreender totalmente o que estava vendo, de repente uma citação invadiu sua mente. Uma passagem das Escrituras. A profecia da chegada do Messias:

Trombetas de anjos anunciarão sua chegada. Seu nome será louvado dos picos das montanhas, e os céus e a terra se curvarão diante dele...

Ali estava. A profecia cumprida. A natureza se curvava diante de uma criança. A comprovação de tudo aquilo em que acreditava, e uma total destruição das muitas dúvidas que povoavam sua mente. As visões, o resgate dos homens de Herodes, o córrego no meio do deserto e agora isso? Agora as árvores faziam reverência? Não, não havia dúvida! Seu filho era realmente o Messias! Deus seja louvado!

E, em seguida, vieram as flechas.

Vieram das copas das palmeiras curvadas. Descendo dos céus, tão numerosas e densas que suas hastes negras pareciam um enxame de insetos voando em formação. Insetos que haviam detectado a presença de José, Maria e o bebê e iniciaram o ataque. E, nos segundos em que as flechas estavam no ar, os olhos de José se voltaram para o ponto de onde elas tinham saído. Só então ele entendeu o *verdadeiro* motivo de as palmeiras terem se curvado. Não tinha sido em reverência ao rei recém-nascido, mas por causa do peso dos arqueiros. Assassinos, que haviam subido nas árvores e lá ficaram a esperar.

Uma emboscada.

José ficou admirando a visão. Uma visão da qual Maria ainda não se dera conta.

Não pode ser. Por que Deus nos traria tão longe só para nos dizimar?

José continuou imóvel, esperando que Deus lhe dissesse o que fazer. Esperando que ele provesse, como sempre fizera. Mas as dúvidas estavam atacando novamente, com mais força do que nunca. Ele e sua jovem esposa morreriam ali. E seu filho — seu insignificante e mais do que comum filho — morreria com eles. Bem ali naquela rua, a poucos metros de onde Abraão e Sara jaziam em seu descanso final. Só que seus corpos não teriam santuários construídos para eles. Nenhum peregrino viria para prestar homenagem ao seu legado, porque não haveria legado algum. Seriam alvejados por flechas e esquecidos.

— PARA BAIXO!

De repente, José sentiu seu corpo ser arremessado para o lado, atingido por uma força invisível. Só mais tarde ele entenderia o que havia acontecido nos segundos seguintes, como Baltasar alcançara os três pouco antes de as flechas caírem. Como Belchior viera correndo atrás dele, brandira a espada e cortara várias flechas no ar antes que atingissem seus alvos.

O bebê estava gritando, mas Maria não conseguia encontrar fôlego para acalmá-lo. Ela e José ficaram deitados de lado, um encarando o rosto assustado do outro, ainda sem saber quem ou o que os jogara no chão. Sem

saber que soldados romanos chegavam pelas ruas laterais em que haviam se escondido, com as espadas em punho. E ouviram os gritos pela rua, à medida que a confusão aumentava e as pessoas de Hebrom começavam a entender o que estava acontecendo. Mães agarravam seus filhos e corriam para longe das flechas, enquanto pais enfrentavam com punhos fechados os romanos que avançavam.

Baltasar e Belchior ficaram de pé rapidamente e ajudaram os outros a se levantar. Baltasar manteve uma das mãos agarrada à roupa de Maria, determinado a não soltá-la em meio à confusão, pois, caso isso acontecesse, havia uma grande chance de ela e o bebê serem pisoteados. Com a outra, empunhava a espada, preparado para o que quer que aparecesse em seu caminho; Belchior fazia o mesmo, dando cobertura atrás.

Gaspar observava seus companheiros fugitivos a distância, relutando em se juntar a eles. Poderia facilmente desaparecer em meio à confusão. Poderia fugir e ninguém se importaria. *Mas... e Belchior?* O pobre e indefeso Belchior estaria perdido sem ele. Não, Gaspar não seria capaz de viver consigo mesmo se algo lhe acontecesse. Além disso, não havia honra em trair um amigo leal. *Mas também não há honra alguma em jogar sua vida fora. Olhe, Gaspar — olhe quantos soldados estão vindo pelas ruas laterais...*

Perto do mercado, as negociações cessaram no mesmo instante em que se espalhou a notícia de que algo importante estava acontecendo na rua das Palmeiras. Clientes curiosos começaram a caminhar e depois a correr na direção dos gritos que vinham do mercado. Comerciantes juntaram seus produtos e fecharam as barracas, preocupados com os saques que muitas vezes se seguiam àquele tipo de confusão.

Já tinham visto aquilo antes. Discussões entre os peregrinos religiosos se espalhavam pelas ruas; animais arremessavam seus cavaleiros e saíam pisoteando transeuntes azarados. Em uma cidade pequena, o caos era a ordem do dia. A maioria dos homens que saiu do mercado esperava encontrar a confusão de sempre na rua das Palmeiras. Em vez disso, foram recebidos por uma visão que nunca poderiam ter imaginado:

O exército romano tinha declarado guerra a Hebrom.

Pelo menos era o que parecia. Arqueiros romanos disparavam do topo de árvores em cidadãos desarmados, soldados espancavam maridos que tentavam defender suas esposas e mulheres usavam o próprio corpo para proteger os filhos. Um poderoso exército atacando o bom e gentil povo de Hebrom. Mais especificamente, parecia que estavam atrás de algumas almas desamparadas no centro da batalha, entre elas uma jovem e um bebê. Os homens do mercado observaram tudo aquilo por um momento. Havia uma regra implícita na Judeia ocupada: “Combater romanos só gera mais romanos.” O melhor era deixá-los fazer o que quisessem e seguir em frente. Mas dessa vez aquilo não iria ficar assim. Os homens se juntaram ao caos da rua, determinados a ajudar seus irmãos e irmãs na luta contra os agressores. Pegaram pedras e atiraram nos arqueiros no topo das árvores, apedrejaram e socaram soldados à medida que se juntavam ao tumulto.

Baltasar lutava para abrir caminho, arrastando Maria junto de si, quando um soldado solitário atravessou a multidão e veio até eles com a espada erguida. Baltasar girou e acertou a lateral do capacete do soldado, produzindo um som estridente que o manteve atordoado apenas pelo tempo suficiente para golpeá-lo mais uma vez. Então acertou na mandíbula, deixando um corte profundo e sangrento ao longo de sua face direita, fundo o suficiente para arrancar um pedaço da língua. Um jato de sangue atingiu o rosto de Maria. Ela engasgou, mas resistiu ao impulso de se limpar com as mãos. Apenas agarrou o bebê enquanto as gotas vermelhas escorriam pelo seu rosto. Baltasar virou-se e viu de relance seu rosto apavorado, apenas por tempo suficiente para que um pensamento surgisse em sua mente:

Lágrimas de sangue.

Logo que o primeiro soldado caiu mais dois apareceram, um ao lado do outro. Baltasar não tinha como lutar contra dois, não com uma das mãos segurando Maria. Não conseguiria bloquear duas espadas. E viu exatamente como aquilo se desenrolaria: ele ergueria a espada para se defender do ataque, bloqueando a lâmina do primeiro soldado. E então, enquanto a mantivesse no ar, o segundo soldado atravessaria sua barriga com a espada. *A menos que, por algum milagre, ambos golpeassem ao mesmo tempo.*

Mas não houve milagre. O primeiro soldado ergueu a espada e tentou acertar a cabeça de Baltasar. Baltasar, naturalmente, levantou a sua para bloqueá-la, embora soubesse que isso o deixaria exposto. As lâminas se encontraram no ar com um tilintar, e Baltasar as manteve lá com toda a sua força, esperando que o outro soldado ferisse a qualquer momento. Mas o segundo ataque jamais aconteceu. Só quando olhou para baixo é que Baltasar percebeu o motivo: o segundo soldado estava muito ocupado agarrando a própria barriga, tentando em vão conter o sangue que escorria.

Gaspar o atacara pela lateral.

E então, com um soldado sangrando e o outro desnorteado, Gaspar atacou de novo, acertando o de Baltasar bem no meio e se juntando aos companheiros fugitivos. Baltasar se perguntou por que Gaspar tinha demorado tanto, por que não corraera junto com eles assim que as flechas foram disparadas. Mas essas perguntas poderiam esperar. Por enquanto, eles lutavam contra o caos ao redor deles: a rua das Palmeiras era uma confusão de soldados, homens furiosos e mulheres em pânico. Baltasar e Belchior tomaram a frente, com José e Gaspar logo atrás, todos protegendo Maria e o bebê no meio.

Os camelos.

— Os camelos! — gritou ele para os outros.

Baltasar sabia que sua única chance seria lutar até chegar aonde os camelos estavam amarrados e correr para o deserto. Mas, mesmo que alcançassem os animais, sabia que o plano estava quase certamente fadado ao fracasso. Tinha visto quantos romanos estavam à espera deles além das muralhas. Tinha visto seus cavalos. Ainda assim, uma chance remota era melhor do que nada.

Maria olhou para o lado enquanto Baltasar a puxava atrás de si. E viu de relance enquanto um jovem pai — *da idade de José* — lutava com um soldado romano, agarrando seu capacete pelas laterais e tentando derrubá-lo no chão. E viu a jovem mãe — *da minha idade* — agachada atrás dele, protegendo dois filhos pequenos com o corpo. Maria assistiu horrorizada quando o soldado baixou sua espada no braço do homem, abrindo-o até

expor o osso. Ele gritou e agarrou a ferida com a outra mão, soltando o romano, que o golpeou novamente, dessa vez no crânio. A lâmina mergulhou fundo em sua cabeça, e um jato de sangue escuro espirrou para cima, bombeado pelo coração acelerado que em breve pararia de bater. Sua jovem esposa gritou duas vezes — primeiro diante da visão do corpo do marido batendo no chão, e depois quando o soldado ergueu a espada uma terceira vez. A jovem levantou a mão diante de si para se proteger, apenas para vê-la dividida em duas partes quando a espada desceu entre seus dedos. Maria virou o rosto. Não podia mais suportar.

Mas os horrores estavam por toda parte. Ao olhar para a frente, Maria viu Belchior encharcado da cabeça aos pés, o rosto brilhando de sangue. Ele conduzia seus amigos por entre o tumulto, sua espada habilidosa capturando reflexos da luz do sol à medida que ele a girava mais rápido do que era possível enxergar, dilacerando romanos infelizes que avançavam em meio ao pânico apenas para dar de cara com o espadachim mais talentoso do império.

Maria viu dois soldados abrindo caminho por entre a multidão e alcançá-los. Ela viu Belchior girar sua espada no ar, arrancando a cabeça do primeiro em um só golpe e segurando-a pelos cabelos antes que ela batesse no chão. A princípio, achou que era só para se gabar, até que Belchior levantou a cabeça decepada e a utilizou como escudo, bloqueando a espada do segundo soldado antes de enfiar nele a sua própria. Foi uma proeza tão impressionante que Maria quase esqueceu quão horrível era.

Mas, apesar de todo o talento de Belchior, ele estava tendo dificuldades diante de tal ataque. Os soldados eram mais bem treinados do que os do exército da Judeia que haviam enfrentado em Belém, e estavam em maior número também. Eram muitos, vindos das ruas laterais aos bandos, a pé e a cavalo. Massacrando a multidão inocente em seu caminho até alcançar uma criança e um ladrão. Os romanos estavam até conseguindo acertar alguns golpes, deixando cortes nos braços robustos de Belchior.

E ele não era o único fugitivo a ter seu sangue derramado na rua das Palmeiras. Um grito foi ouvido quando um cavaleiro varou uma lança pelo

ombro de Gaspar. Não era uma ferida mortal, mas foi o suficiente para fazê-lo largar a espada e curvar o corpo. O romano estava prestes a desferir um segundo golpe nas costas de Gaspar, quando, de repente, seu cavalo relinchou e empinou. Baltasar puxou de volta sua espada do corpo do cavalo e derrubou o romano da sela. O cavaleiro caiu no chão, e Baltasar enfiou a espada em suas costas. O cavalo ferido disparou por conta própria, abrindo caminho pela multidão. Por sorte, o caminho que ele abriu era bem na direção de onde estavam os camelos.

— Por aqui! — gritou Baltasar, agarrando a mão de Maria e puxando-a mais uma vez.

Belchior passou o braço em torno de Gaspar e ajudou seu amigo ferido, ambos pingando sangue enquanto seguiam Baltasar pelo caminho aberto atrás do cavalo. Eles seguiram pisoteando uma confusão de corpos mortos e moribundos, em sua maioria homens que tinham vindo do mercado para se juntar à luta. Tinham feito um ataque destemido, mas estavam pagando por sua bravura com as próprias vidas. Os cidadãos de Hebrom estavam em menor número e eram bem menos equipados e estavam sendo massacrados na rua das Palmeiras, seus corpos esmagados no calçamento de pedra.

Os fugitivos estavam a menos de cinquenta metros do objetivo quando Baltasar identificou um rosto estranhamente familiar no meio da multidão. Um oficial caminhava diretamente até eles, atravessando o caos de cidadãos e soldados com paciência e precisão. Era jovem para um comandante — *diria que mais jovem que eu*, pensou Baltasar —, mas não era isso que o tornava especial. Baltasar nunca o tinha visto antes, mas sentiu uma estranha conexão com o homem que vinha em sua direção, os olhos inabaláveis. *Você*, pensou ele. *Você é o inteligente aqui. Esperto o bastante para nos atrair para uma armadilha em vez de nos atacar no deserto.*

Baltasar não tinha muita certeza de como sabia daquilo, mas de repente não havia dúvidas de que aquele era o homem que mantivera as tropas lá fora, escondidas — sabendo que ver as patrulhas romanas teria espantado seus alvos antes que tivessem chance de atacar. O homem que previra seu trajeto pela cidade e preparara a emboscada. De alguma forma, Baltasar

sabia que estava olhando para o criador de seus problemas. E, de alguma forma, sabia que aquele oficial ainda teria um papel muito importante a desempenhar, embora não tivesse ideia do que seria ou por que tinha tanta certeza disso.

— Continuem — disse Baltasar a seus companheiros e entregou Maria ao marido.

— Mas aonde você... — perguntou José.

— ANDE!

José levou Maria até os camelos, com Belchior e Gaspar mancando ao lado deles. Baltasar preparou a espada enquanto o oficial se aproximava... Estava quase chegando nele agora. *Estranho*, pensou. *É como se fosse nosso destino estar aqui. Como se tivéssemos que nos enfrentar aqui, nesta rua, neste instante.*

Antes que Baltasar pudesse pensar em qualquer coisa, o oficial estava em cima dele, e os dois lutavam — cada um deles ciente, de alguma forma, de que haviam estado a vida toda à espera de que aquele momento chegasse, dois barcos em dois rios, percorrendo seus caminhos sinuosos em direção ao mesmo mar. Mas não demonstraram reconhecer tal sentimento. Apenas se encontraram no meio da rua tumultuada, ergueram suas espadas e tentaram se matar. E, embora os grandes pintores provavelmente celebrassem tal ocasião em grande estilo, com os dois homens produzindo golpes espantosos em trajes impressionantes, a realidade era bem menos atraente. Tanto Baltasar quanto Pilatos estavam cobertos de poeira, suor e sangue, os dois fazendo o melhor para vencer a inteligência do outro, socando e agarrando seu adversário.

Embora Baltasar fosse um espadachim melhor, Pilatos estava mais bem alimentado e descansado, e, em pouco tempo, o Fantasma da Antioquia estava de joelhos, erguendo a espada diante do rosto para bloquear os ataques repetidos de Pilatos. *Só mais um pouco e furo suas costas, pensou Pilatos. E depois vou atrás do meni...*

Um rugido veio por trás deles. O rugido de homens furiosos adentrando a batalha, seus gritos ecoando por toda a rua. Pilatos e Baltasar pararam de

lutar e se viraram para a fonte do barulho.

Centenas de judeus devotos vinham gritando do extremo da rua como se uma represa que segurasse um mar de corpos tivesse se rompido subitamente. A notícia do ataque romano por fim chegara ao Túmulo dos Patriarcas, e peregrinos e profetas largaram seus xales e correram para ajudar, prontos para entregar suas vidas em defesa da santidade da morada final de Abraão.

Como esses romanos se atrevem a contaminar uma cidade sagrada! Como se atrevem a abater inocentes!

Os fiéis começaram a atacar com qualquer coisa que encontraram pela frente. Alguns com as próprias mãos, outros com bastões e pedras. Do mercado surgiram dezenas de homens para a luta. Mas do Túmulo dos Patriarcas vieram *centenas* — todos certos de que sua causa era justa.

Era exatamente o que Pilatos temia. Fora por causa disso que ele não marchara cidade adentro com suas bandeiras tremulando ao vento. Agora teria que fazer seus homens recuarem ou correria o risco de que aquilo se transformasse em uma verdadeira catástrofe, arriscando ver o tumulto se espalhar pelo restante da cidade. *Tudo isso*, pensou ele, avaliando a loucura diante de si, *tudo isso por causa de um bebê e um ladrão...*

E então Pilatos se lembrou do Fantasma da Antioquia e deu meia-volta com a espada erguida, pronto para lutar de novo... mas o Fantasma havia desaparecido.



Não faz sentido, Baltasar pensou enquanto corria na direção dos camelos. Como os romanos sabiam para onde o grupo estava indo? Por que sentira aquela estranha conexão com o oficial?

Não importava, pensou. O que importava era que nenhuma cidade ou aldeia estava segura agora. Nenhuma estrada era confiável. Não podiam dividir seu segredo com ninguém. Não com os romanos à procura deles em

números tão assustadores. Não podiam parar de novo. Não antes de chegarem ao Egito. Mas não seriam capazes de chegar à fronteira sem suprimentos. Teriam que tomar uma rota diferente. Uma rota inesperada. Não poderiam mais se aventurar em público, nem mesmo disfarçados. Era perigoso demais.

Precisavam de um lugar para se esconder por um tempo. Para reabastecer. Um lugar inesperado. Seguro. E, apesar de todos os juramentos que havia feito a si mesmo, Baltasar sabia exatamente para onde precisava ir.



O RETORNO

“Pois não é um inimigo que me afronta, então eu poderia suportá-lo; nem é um adversário que se exalta contra mim, porque dele poderia esconder-me; mas és tu, meu companheiro e meu amigo íntimo.”

Salmos 55:12-13

I

A porta se abriu, e lá estava ela, tão perversamente bela e perigosa quanto ele se lembrava.

— Oi, Sela — disse ele.

Quanto tempo havia passado, oito anos? *Não, tem de ser mais. Podia ser mais?* Baltasar estava cansado demais para submeter a mente à matemática. Além do mais, não importava quanto tempo havia passado. Ali estavam eles, e ali estava ela — diante de seis pares de olhos inchados. Ali estava o rosto pelo qual tinham atravessado um oceano de areia, sem comida e sem descanso, partindo de Hebrom com os camelos a pleno galope, enquanto o dia se transformava em uma noite congelante que, por sua vez, se transformava em uma manhã ofuscante e em mais um dia abrasador. Ali estava a razão pela qual tinham continuado cavalgando, semimortos, em direção à terra prometida de Bersebá, a última parada antes da longa marcha pelo deserto da Judeia até o Egito. A última chance de reabastecer. Cavalgando sem nada que pudesse guiá-los além da vaga esperança de que o conhecimento de Baltasar estivesse em dia. De que os rumores nos quais ele se baseara fossem verdadeiros. E sempre cientes de que os romanos não estavam muito atrás.

Mas ao chegar às muralhas da cidade, a terra prometida de Bersebá que os fugitivos encontraram era um terreno baldio. A princípio, pensaram que os romanos os haviam vencido de novo, pois praticamente não havia homem ou mulher para contar história nas ruas da cidade. Apenas incêndios deixados para queimar até se extinguirem e cães desnutridos vasculhando as ruas em busca de migalhas. Mas não havia sido a fome nem

as espadas romanas que devastara Bersebá. Suas plantações haviam sido dizimadas pela única coisa que os agricultores temiam mais do que a seca:

Gafanhotos.

Eles chegaram em uma nuvem negra. Uma tempestade com vida própria e metade do tamanho da Judeia, comendo tudo em seu caminho ao longo do norte da África. Dezenas de milhões de olhos desalmados e bocas insaciáveis, voando de plantação em plantação, de folha em folha, consumindo tudo o que tocavam. E apesar de já terem se passado meses desde que deixaram seu rastro de ruína por Bersebá, a terra ainda estava coberta de carcaças murchas. Os esqueletos que cada gafanhoto largava para trás ao se renovar antes de seguir em frente, transformando a cidade em si em uma casca morta, súbita e completamente modificada, mas nem um pouco renovada.

As outrora vibrantes ruas estavam agora sinistramente calmas. Vazias. Com a plantação se foram os comerciantes e os mercadores, e com eles se foram os senhores de escravos e os escravos. Todos em busca de comida e comércio, deixando apenas a esquelética população de fiéis habitantes locais. Ao presenciar tal cena em sua chegada, a vaga esperança de Baltasar apagou-se quase que por completo:

Ela não vai estar aqui. Deve ter se mudado como os outros.

Mas ali estava ela.

De pé junto à porta de uma casa de dois andares, paredes brancas e lisas e distintas telhas romanas vermelhas. Ali estava ela, obviamente chocada por ver seu rosto.

É claro que está chocada. Aqui estou eu, depois de todo esse tempo, depois de tudo o que aconteceu, depois da forma como tudo acabou.

Sela o encarou de volta pelo que lhe pareceu uma eternidade, a expressão congelada. Seu cabelo era preto como tinta. Tinha o corpo esguio e magro, a pele de cobre polido da mesma cor dos olhos. *Dez anos. Isso, definitivamente foram dez anos.* Ela teria mais ou menos uns vinte e quatro agora, mas estava exatamente igual a mulher que ele um dia deixara.

Baltasar sorriu. O sorriso triste que ela adorava. *O sorriso ao qual ela nunca pôde resistir. Nem com toda a sua raiva, nem com toda a sua tristeza e desconfiança.* Nada disso tinha importância quando se tratava de Baltasar. Era como se seus sentimentos sempre derretessem quando ela o fitava de volta. Quando eram jovens e se amavam com o tipo de amor que só os jovens conhecem. O primeiro amor. O que deixa você com dor de barriga, acordado a noite inteira, contando as horas até o momento do encontro seguinte.

Será que ela chegou a imaginar que este dia chegaria? Será que ela meio que esperava me ver aqui a cada vez que abria a porta de casa? Será que pensou em mim tanto quanto pensei nela? Chegou a ter outra pessoa? Outras pessoas? Ou será que tem outra pessoa agora?

Baltasar abriu a boca para lhe oferecer um elogio. Não estava totalmente certo ainda do que dizer, mas estava inclinado a elogiar sua beleza. Algo como: “Os anos foram generosos com você.”

Não, que ridículo. É claro que não foram generosos.

“Você não envelheceu um dia” foi o que lhe passou em seguida pela cabeça, mas faltava-lhe a poesia que deseja alcançar.

“Você está exatamente como em minhas lembranças?” *Não, evoca o passado, e definitivamente não queremos trazer o passado de volta.*

Com a boca completamente aberta e sem mais tempo para pensar, Baltasar optou por um inócuo, mas seguro:

— Bom vê-la.

Mas antes que as palavras terminassem de sair de sua boca, um punho fechado foi de encontro a ela.

E foi com tanta força que seus próprios dentes tornaram-se armas por um instante, voltando-se contra ele e cortando por dentro a carne dos lábios. Baltasar quase desmaiou, o cérebro sacudindo no crânio, e cambaleou para trás na rua de paralelepípedos, lutando para manter o equilíbrio.

A princípio nem chegou a entender que tinha sido atingido. Não houve qualquer tipo de sinal nem uma mudança de expressão que pudesse avisá-lo do que estava por vir. Em um minuto ela estava lá, bela e perfeita, e, no

seguinte, eram três dela — seus rostos pairando atrás de uma grossa parede de vidro opaco. No momento em que os primeiros sinais de dor começaram a chegar até sua boca, abrindo caminho através do nevoeiro, ele foi atingido novamente. Primeiro com outro soco e depois com a sola de uma sandália, quando Sela o chutou em cheio na garganta.

Por um instante, fora tudo beleza e reminiscências. A música do reencontro de amor tardio. Agora Baltasar estava apertando a garganta, respirando com dificuldade e mal conseguindo se manter acordado, mãos e pés batendo nele sem piedade. Seus braços esticados estupidamente ao longo de seu corpo enquanto seu rosto era atingido de novo e de novo. Punho, sandália, sandália, punho. A única coisa que o impedia de desmaiar era a curiosidade. Sua mente estava tão envolvida tentando entender exatamente o que diabos estava acontecendo, que se recusava a apagar. Mesmo quando um último chute acertou seu queixo, jogando sua cabeça para trás com violência e derrubando Baltasar no chão com um baque surdo.

Em algum lugar, em um ponto indefinido e longínquo, os outros ficaram olhando para ele, atordoados e em silêncio. Um deles gritou alguma coisa. Algo como: “Espere!” ou “Pare!” ou “O que você está fazendo?”

Foi o carpinteiro? Foi o carpinteiro mandando ela parar? Não consi... aaaaaaaai, que dor no rosto...

Com Baltasar rolando de costas e apertando os lábios e o nariz já inchados, Sela finalmente parou e deu uma boa olhada no grupo diante de sua porta da frente: três homens, uma menina e um bebê. Todos boquiabertos. Todos encarando-a e perguntando-se se seriam os próximos. Com o peito subindo e descendo a cada respiração pesada, Sela afastou o cabelo dos olhos, e disse:

— Entrem.

II

Tinha catorze anos quando a viu pela primeira vez. Apenas dois anos mais velho do que quando roubara seu primeiro túmulo, porém cem anos mais sábio.

Lembrava-se do dia, da hora, da roupa dela, da luz. Ele estava voltando para casa do Fórum, onde um dia havia feito alguns furtos em meio ao barulho e à loucura, arriscando tanto por recompensas tão insignificantes. Mas não mais. As coisas eram diferentes agora. Não havia mais necessidade de furtar, de pagar cúmplices e recompensas com parte dos lucros. Agora, Baltasar ia ao Fórum para gastar, não para lucrar. E havia muito com que gastar, graças ao seu golpe de gênio, sua percepção de que era mais fácil roubar dos mortos do que dos vivos.

Quase todas as noites após aquele primeiro saque, Baltasar atravessara a água escura e voltara às covas rasas romanas do outro lado do Orontes. Quase todas as noites, desde que a lua não estivesse muito clara ou que as sentinelas não estivessem muito próximas, ele desenterrava os corpos recém-enterrados dos condenados. No início, tivera medo, sim, principalmente quando desenterrava alguns corpos mais assustadores. Os que tinham sido decapitados ou apedrejados até a morte. Por terem sido enterrados havia tão pouco tempo, muitas vezes seu sangue ainda estava úmido, as expressões em seus rostos ainda frescas. Sozinho no escuro, a imaginação do jovem Baltasar trabalhara a toda durante as primeiras semanas: ele vira seus olhos se abrirem, sentira seus dedos frios agarrarem seus braços. Mas com o passar dos meses, essas alucinações se tornaram

menos frequentes, e o medo enfraquecera mais e mais, até que um dia ele percebeu que haviam desaparecido completamente.

Em dois anos desde seu golpe de gênio, Baltasar se tornara tão rápido que podia dar conta de dez cadáveres em uma única noite — isso se os carrascos tivessem trabalhado tanto assim. Ele os desenterrava, os roubava e os devolvia ao deserto sem que os romanos jamais soubessem que havia estado ali. Enchia os bolsos com seus anéis e colares, sua prata, ouro e seda. E tudo sem um único cúmplice. Uma recompensa muito maior, com apenas uma fração do risco.

Um mês depois de iniciar suas escavações, Baltasar roubara o suficiente para transferir a família para um novo bairro. Um ano depois, eles se mudaram de novo, desta vez para uma casa que havia pertencido a um nobre romano. Suas irmãs tinham tecidos novos com que costurar. Abdi tinha roupas novas e brinquedos. E sua mãe tinha tudo que uma mãe poderia querer: uma casa nova para cuidar, comida farta, um fogão novo em que cozinhar, tapetes para se sentar, lamparinas para iluminar seu caminho. E embora Baltasar soubesse que ela tinha suas suspeitas sobre sua nova riqueza, ela nunca lhe perguntou de onde vinha o dinheiro, nem para onde ele ia a cada noite. O mais próximo disso a que ela chegou foi logo antes de eles se mudarem para a casa nova. Ao vê-la pela primeira vez, a mãe de Baltasar o puxou de lado, olhou diretamente em seus olhos e disse:

— Antes de eu dormir sob este teto, me prometa uma coisa.

— Qualquer coisa, mamãe.

— Prometa que a nossa felicidade não virá em detrimento da de outro.

Ele a fitou por um tempo, em silêncio, lutando com a perspectiva de mentir diante do rosto de sua mãe. Mais especificamente, lutando por uma forma de fazê-lo de forma convincente. Por um lado, a felicidade deles na certa vinha à custa da de outras pessoas. Para ser mais exato, as pessoas pagavam pela felicidade deles com as próprias vidas. Por outro lado, ela lhe dera uma margem considerável. Estritamente falando, ele estava pegando objetos de valor que já não tinham qualquer utilidade para aquelas pessoas. Ter um colar ou um anel de ouro não iria mudar o fato de que estavam

mortas, não é? Ele não as estava tornando menos felizes do que eram quando morreram, estava? Portanto, tecnicamente, ele podia responder com toda a honestidade:

— Prometo.

Baltasar ficara tentado a contar a ela, exatamente como ficara tentado a contar a seus amigos ladrões. Mas ficou de boca fechada. Não falou uma só palavra sobre seus negócios com os mortos. Nem para sua família nem *principalmente* para seus amigos de furto. Não que temesse a reprovação deles, embora soubesse que alguns certamente o reprovariam por violar as antigas superstições. O que realmente temia era a concorrência. Baltasar sabia que não era o único garoto capaz de passar por cima de convenções sociais e cadáveres. Não quando havia tanto dinheiro ali dando sopa na areia, pronto para ser coletado.

Não, ele havia se deparado com uma fonte de tesouros que era reabastecida constantemente, e não estava disposto a compartilhá-la. Não quando os romanos estavam enviando tantos homens e joias para o carrasco. Não quando tudo estava seguindo tão perfeitamente bem.

E então ele a viu, e foi tudo para o inferno.



Ele saiu do Fórum e voltava para casa carregando um saco de grãos pelas ruas de paralelepípedo de seu novo bairro. Um bairro que abrigava as “melhores” famílias de Antioquia. *Famílias como a nossa*. Em geral, ele fazia esses passeios olhando para os pés, a mente vagando por uma série de imagens e pensamentos desconexos.

Algo engraçado que Abdi falou, está nublado hoje, haverá corpos esta noite, meus pés estão me matando, papai não sentiu nada quando morreu.

Mas naquele dia, naquele momento, ele decidiu olhar para cima. E quando o fez, foi atingido por uma imagem do outro mundo. A princípio, pensou que era um fantasma. O fantasma de uma menina bonita

transformado em realidade como as alucinações que ele costumava ter nas covas. Ela estava sentada sozinha na varanda da frente de uma casa térrea de tijolo — uma das melhores do bairro.

Ela era a coisa mais bonita que ele já tinha visto, e estava aos prantos.

A mais improvável faixa de luz do sol atravessara as nuvens e batia nas costas dela, fazendo com que as pontas de seu cabelo preto brilhassem e dando-lhe uma aparência fantasmagórica, sobrenatural. Era da Síria, como ele. Mas Baltasar logo soube que ela não era nem um pouco como ele. Era uma menina que não havia crescido roubando para viver. Que nunca conhecera a fome.

Mas sua vida também não foi fácil. Não, você passou por momentos terríveis no mundo. E, de alguma forma, isso faz de você ainda mais bonita, embora eu não saiba por que ou mesmo se é possível que você seja mais bonita do que já é.

Por acaso, Sela ergueu o olhar exatamente na mesma hora e viu um menino em pé no meio da rua com um saco de grão por cima do ombro, olhando para ela feito um animal bobo. Paralisado, a boca aberta, observando-a chorar.

— O que você está olhando?

— Eu... hum...

— Você acha que é engraçado, ficar aí me olhando?

— Não! Não, eu...

— Me deixe em paz!

Ela se virou, cruzou os braços e esperou que o menino fosse embora. E esperou.

— Não — disse ele.

Mais tarde, Baltasar só se lembraria de trechos do que aconteceu em seguida: Sela encarando-o por entre as lágrimas, perversamente bela e perigosa. Se lembraria de deixar o saco cair no chão e de reunir coragem para se sentar ao lado dela. Se lembraria de perguntar o que havia de errado. E se lembraria de como ela resistiu, e de como cedeu a ele. E uma vez que começou a contar tudo, ele se lembraria de que ela não parou até muito

tempo depois de a noite cair. Era uma variação de uma história que ouvira muitas vezes antes. Mais um conto de aflição passada nas mãos dos romanos.

Sela era uma criança solitária, sua mãe tinha morrido quando ela era muito nova. Jovem demais para se lembrar de seu rosto, de sua voz ou de seu toque. Mas o pai dela, um importador de sucesso, tinha sido capaz de lhe oferecer uma vida confortável. Era um homem quieto e gentil. E, embora nunca falasse de sua esposa em voz alta, Sela sabia que ele sempre esteve de luto por ela. Adorava a filha única, e ela, por sua vez, se dedicava à felicidade dele — evitando os interesses infantis habituais para ficar ao seu lado. Era tudo muito agradável, Baltasar se lembrava agora. Bons dias passando muito bem, misturando-se uns aos outros para formar uma infância relativamente prazerosa, ou ao menos rotineira.

Até que, como um escorpião que pica o pé de um transeunte, os dias agradáveis de Sela terminaram súbita e violentamente. Seu pai viu-se do lado errado de uma disputa comercial com um membro da autoridade provincial romana. O assistente de um assessor do governador romano nomeado para Antioquia. E, embora ele não lembrasse os detalhes da disputa — algo sobre o preço prometido em relação ao preço pago —, Baltasar se lembrava do resultado:

Certa noite, o pai de Sela fora acordado com batidas à porta, e fora arrastado de casa enquanto a filha arranhava e puxava os soldados sem rosto ao seu redor. Naquela mesma noite, foi enviado para o carrasco sem julgamento, degolado e jogado em uma cova rasa no deserto. Tudo por capricho de algum burocrata de nível médio sem nome e estrangeiro. Tudo por causa de uma disputa comercial. Simples assim. Era com essa rapidez que coisas assim aconteciam.

Baltasar lembrava-se do calafrio que percorreu seu corpo desde os dedos do pé até as mãos quando ela lhe contou. E, embora ele nunca fosse lhe contar sobre seus negócios com os mortos, nem naquela ou em qualquer outra noite, Baltasar muitas vezes se perguntou se o pai dela estivera entre os

corpos que ele desenterrara do outro lado do Orontes. Se uma pequena parte de sua felicidade havia chegado à custa dela.

Um ano se passara desde a morte do pai, e lá estava ela, com catorze anos. Sozinha em uma casa grande. Lutando para sobreviver da melhor forma que uma menina honesta podia fazer, mas sem conseguir se sair muito bem. Lá estava ela, enxugando as lágrimas e falando algo para um menino que acabara de conhecer. Dizendo a ele com absoluta convicção:

— Eu juro... antes de eu morrer... vou ver Roma se reduzir às cinzas.

Baltasar se lembrava de pensar, *está aí uma boa imagem... Roma em chamas. Uma menina bonita rindo enquanto olha a cidade queimar do alto de uma colina — os ventos quentes espalhando o fogo lá embaixo e fazendo seu cabelo dançar ao redor de seu rosto.*

Baltasar disse que acreditava nela. Embora lá no fundo duvidasse que qualquer exército, muito menos uma pessoa sozinha, pudesse realizar tal façanha. Mas não havia dúvida em sua determinação. Ele podia sentir a raiva irradiando de seu corpo, assim como o calor irradia das pedras em torno de uma fogueira muito depois de as chamas se extinguirem. E era inebriante, aquela raiva. Raiva e beleza, tristeza e solidão, tudo misturado em um único rosto.

Ele se lembrava de um beijo, e se lembrava de saber que estava desesperadamente apaixonado, para sempre.



Depois disso, dias felizes se confundiram uns com os outros. Baltasar transpôs a casca de honestidade da menina que encontrara na varanda, ensinando-lhe a lutar, a roubar, a se virar. Mostrando-lhe um lado de Antioquia que, no conforto e isolamento de sua juventude, ela nunca tinha conhecido. Ele a idolatrava, a sustentava, gastando cada momento livre ao seu lado, muitas vezes com Abdi atrás dos dois. Sela, por sua vez, assumiu um papel familiar, dedicando-se à felicidade dele. Forçando-o a aliviar a

tensão do rosto. A rir. Mostrando-lhe um lado de Antioquia que ele só descobrira recentemente, mas o qual nunca chegara a conhecer de fato.

Fora uma daquelas épocas que brilhariam nas memórias dos velhos. Dias em que tudo fora prometido e em que o futuro estava diante deles. Dias passados trocando confidências um com o outro, sussurrando coisas que nunca se atreveram a falar antes. E noites, aquelas noites impossíveis de tão quentes, passadas caminhando de mãos dadas pela rua das Colunatas. Escapando às margens do Orontes, despindo-se à luz das estrelas. Entrando na água e encarando-se frente a frente, pressionados um no outro sob a superfície. Sentindo o corpo nu do outro sob a água escura. A mesma água que Baltasar atravessava para ir do mundo dos vivos ao mundo dos mortos. Mas isso desaparecia quando estava com ela. Nesses momentos, era tudo perfeito, e sempre seria, como se o destino os tivesse colocado exatamente naquele lugar, caso você acredite em coisas ridículas como o destino. Como se ele tivesse sido enviado para resgatá-la de sua solidão. Para cuidar dela. E como se ela tivesse sido enviada para resgatá-lo também. E, meu Deus, era tudo tão estupidamente vertiginoso e erótico e perfeito.

Até que, como um escorpião que pica o pé de um transeunte, foi tudo por água abaixo em um único instante.

Simple assim.

III

Era uma casa grande para qualquer padrão, especialmente para uma mulher que morava sozinha. O primeiro andar tinha dois quartos, um no qual Sela dormira sozinha pelos últimos cinco anos e um onde trabalhava quando conseguia trabalho. Eles davam para uma grande cozinha e uma área comum, com mesa, cadeiras e tapetes cobrindo cada centímetro quadrado de chão. Havia três quartos menores no andar de cima. O proprietário anterior enchera-os todos com crianças, mas Sela nunca encontrara qualquer utilidade para eles. Não até hoje.

A noite tinha apenas começado a cair lá fora, mas a maioria dos fugitivos já havia pedido licença e desaparecido escada acima, ansiosos para se livrar do silêncio tenso que pairava sobre a casa desde sua chegada. Baltasar estava amuado, sozinho em um dos quartos, cuidando das feridas no rosto e no ego, amaldiçoando em silêncio todas as lembranças vertiginosas e eróticas e perfeitas que inundaram sua mente confusa após a longa ausência. Estava deitado de costas, com seus olhos roxos focados no teto. Podia ouvir os sussurros abafados de Gaspar e Belchior através da parede à direita e os roncos profundos e rítmicos de José à esquerda. E não sabia qual dos dois odiava mais. Ou se odiava ambos. Ou se simplesmente odiava toda e qualquer coisa.

Eu não devia ter vindo. Eu devia ter adivinhado que ela reagiria desse jeito.

Fora tudo tão idiota, tão infantil. Ele era um assassino. Um ladrão. O Flagelo de Roma. E olhe só para ele agora. Cuidando de um bebê e de um

par de fanáticos. Apanhando de uma mulher. Um buraco em seu peito. O exército de Roma atrás dele.

Dos seis fugitivos, apenas Maria e o bebê permaneceram no primeiro piso após o pôr do sol. Sela estava com eles na área comum, sentada à mesa, observando a menina de quinze anos diante de si — *não muito mais velha do que eu quando o conheci* — dando banho na criatura minúscula e enrugada em uma bacia de água morna. Seus olhos azuis estavam abertos, vasculhando o ambiente, olhando para tudo sem de fato ver nada. Sua cabeça estava encostada em um dos ombros para aliviar o fardo de seu pequeno pescoço, e o que restava do cordão umbilical estava escurecido e murcho no umbigo, ameaçando cair a qualquer momento.

Sela ficou ali, fascinada e em silêncio, observando-o. Ouvindo os soluços involuntários e os barulhos que emitia, sua mãe gentilmente lavando a poeira do deserto de seu frágil couro cabeludo. Não tivera irmãos nem primos para cuidar. Até onde se lembrava, nunca nem mesmo segurara um bebê. *Abdi foi o mais próximo que eu cheguei de...*

— Você aluga os quartos? — perguntou Maria.

Era uma pergunta razoável, dado que a casa era muito maior do que a maioria das mulheres solteiras precisaria ou seria capaz de bancar sem algum tipo de renda.

— Não — respondeu Sela. — Mas eu trabalho. Aqui embaixo... em um dos quartos.

De repente, Maria ficou muito envergonhada de ter tocado no assunto. *Claro. Ela sabia que tipo de “trabalho” Sela fazia. Uma mulher bonita e sem marido, sem filhos? Bonita, sofisticada e que parece ter bastante dinhei...*

— Não sou prostituta, se é isso que você está pensando.

— O quê? — disse Maria. — Não! Não, eu não... Não pensei isso.

Sela percebeu as bochechas da menina ficarem rubras. *Não... é claro que não — é por isso que você está vermelha e indignada.*

— Eu leio a sorte — disse Sela.

— Ah...

— Os agricultores me pagam para prever o tempo, as mulheres me pagam para dizer-lhes quantos filhos terão. Nós nos sentamos, eu invoco o futuro, eles me pagam. Só que o negócio está meio devagar desde que os gafanhotos vieram. Ninguém precisa de vidente para lhes dizer que as coisas em Bersebá vão ficar ruins por muito tempo.

— E você... sabe essas coisas? As respostas para as perguntas deles?

— Eu sei o que querem ouvir.

O rubor desapareceu das faces de Maria, e ela tentou evitar que seu rosto demonstrasse sua decepção. Prever o futuro não era muito melhor do que prostituir-se, especialmente quando a “previsão” era uma mentira. Religiosamente falando, era pior. As Escrituras proibiam tais coisas expressamente. Aos olhos de Deus, Sela era um falso profeta. *E falsos profetas são hereges. E hereges, bem...*

— Você está bem? — perguntou Sela. — Você parece perturbada.

Maria continuou a lavar seu bebê, olhando distraidamente para um canto escuro da sala, à medida que seus pensamentos giravam em torno da danação eterna de Sela. De repente, ela sentiu como se estivesse diante de um leproso. Como se o pecado de Sela fosse contagioso. Sentiu uma vontade palpável de levar seu bebê lá para cima, de protegê-lo do pecado. Lavá-lo de seu corpo. Dadas as circunstâncias, a coisa menos ofensiva que pôde pensar em dizer foi:

— É só que... Eu não seria capaz de mentir para as pessoas, acho.

— Por que não? Você mentiu para mim.

Maria ergueu os olhos bruscamente. As visões da danação desapareceram um instante.

— Eu não menti.

— Claro que mentiu.

— Por que você está dizendo...

— Quando eu disse que não era uma prostituta, foi *exatamente* isso que você pensou. Mas você insistiu que não. “Não, não, não, eu *jamais* pensaria isso!”

Maria corou de novo.

— Olhe na minha cara e me diga que estou errada.

— Eu... eu estava tentando ser educada.

— Pois é. Você faz isso para ser educada. Eu faço para dar um pouco de esperança aos desesperados e ganhar um pouco de dinheiro, enquanto estou viva. De qualquer forma, nós duas somos mentirosas.

Maria não gostava daquela mulher. Não gostava de estar ali. Não gostava nada disso. Pela milésima vez desde que ela e José tinham partido de Nazaré, sentiu as dores da saudade. Sentia falta dos rostos conhecidos de sua cidade, das comidas, dos sons e dos cheiros. Do conforto da família. Da elevação espiritual que vinha do fato de estar cercada dos fiéis companheiros. Ela e o marido estavam sós em um mundo gigante. Um mundo terrível, cheio de assassinos, de pagãos e de fome, de ladrões violentos e de pecado contagioso. Estavam sozinhos e carregavam um fardo impossível: proteger a coisa mais importante que jamais vivera dos homens mais poderosos do mundo. E, Deus, como ele era pequeno...

IV

Herodes fitou o corpo branco e morto abaixo de si. Silencioso e imóvel. Os olhos arregalados. A saliva secando no canto da boca.

Não foi culpa sua, pensou. Você simplesmente estava no lugar errado quando recebi a notícia. Você simplesmente estava lá quando eu precisava de algo para matar.

Herodes achava que se arrependia de ter matado a jovem, ao menos porque agora não poderia mais desfrutar dela novamente. De sua umidade e de seu calor. Mas, de alguma forma, fizera um serviço a ela. Pense em todo o sofrimento do qual seria poupada. Mesmo que ela acabasse por enjoar dele, pense em todos os anos decepcionantes que se seguiriam. Anos envelhecendo, arrumando um marido. Parindo os filhos dele. Seu corpo traindo-a, sua beleza abandonando-a à medida que envelhecia. Mas ela seria poupada de tudo aquilo. Essa jovem seria linda para sempre.

Além do mais, quem poderia culpá-lo por reagir daquela maneira? Fora uma notícia desagradável. Eles os tinham na palma das mãos. Herodes ficara sabendo que os romanos haviam cercado o Fantasma da Antioquia e a criança em Hebrom. E tinham arqueiros à espreita na rua das Palmeiras, além de homens escondidos nas ruas adjacentes. Mas, quando o ataque irrompeu, uma revolta eclodiu na cidade. Fanáticos e peregrinos atacaram os romanos à medida que eles avançavam, impedindo-os de acertar seu alvo.

Por que eles simplesmente não os pegaram no deserto? Ou os prenderam na surdina, uma vez que passaram pelas muralhas da cidade? Por que os romanos sempre têm que fazer de tudo um espetáculo?

Mas por mais indesejáveis que tais acontecimentos fossem — por mais irritado que o tivessem deixado —, não foram eles que o fizeram matar. Não. Fora o medo, e não a raiva, que custara aquela menina sua vida. Fora o medo que levava as mãos de Herodes até a sua garganta e que as fizera espremer-lhe a vida, até que seus olhos esbugalhados ficassem vidrados e a espuma corresse rubra da boca. Herodes a matara porque, pela primeira vez desde que estes problemas começaram, ele estava com medo.

Para qualquer mente racional, os fatos geravam medo. Os romanos chegaram perto o suficiente para tocar no Fantasma da Antioquia. Perto o suficiente para tocar na barriga do bebê com a ponta de suas espadas. Todo o poder do império baixara em uma única rua, com um único propósito: matar um ladrão maldito e o bebê indefeso que ele protegia. E o que tinha acontecido? O impossível. Um homem — um homem ferido e exausto — escapara por entre seus dedos.

Quando Herodes soube dos detalhes de Hebrom, teve certeza. Aquela já não era uma simples questão de antigas profecias e superstições. Aquela era o Deus de Abraão provocando o rei da Judeia. Rindo do poder de Herodes. Da imponência de Roma. Não havia mais dúvida: o menino era de fato o Messias. E se permitisse que ele vivesse — se permitisse que chegasse ao Egito e desaparecesse das vistas da Judeia e de Roma —, então ele derrubaria todos os reinos do mundo. Talvez até mesmo o próprio império.

O imperador não vai acreditar em uma palavra disso tudo, claro. Não importa quais provas existam ou quantos milagres afastem os fugitivos das mãos de suas tropas. Mas eu sei... e é hora de me envolver diretamente no assunto.

Herodes pensou nos próximos passos a serem tomados, deitado ao lado de uma menina que jamais conheceria a infelicidade de envelhecer. Ele iria honrar sua memória de alguma forma. Quando isso tudo acabasse, faria algo para compensar seu acesso de fúria. Talvez ordenasse que se fizesse uma estátua dela para ser acrescentada à coleção que tinha no jardim, para que pudesse desfrutar de sua beleza de novo sempre que saísse para um passeio.

Mas primeiro, iria desfrutar de seu corpo uma última vez.

A luz fria da madrugada entrava pelas janelas, a casa ainda em silêncio, dormindo. Baltasar encontrava-se no andar de baixo, sentado sozinho à mesa grande, uma faca na mão. A ferida no peito finalmente estava curada o suficiente para tirar os pontos, e ele os foi cortando, um por um, com cuidado. Puxando os fios soltos da pele, até uma sombra atravessar a mesa, de frente para ele, chamando sua atenção.

Sela estava parada junto à porta de seu quarto, o cabelo desganhado, os olhos inchados de sono. *E, no entanto, tão bonita que não era justo.* Ela desviou o olhar depressa e entrou na sala, como se estivesse esperando encontrá-lo sentado ali tão cedo, o peito nu, uma faca na mão. Baltasar, por sua vez, voltou depressa a cortar os pontos, fingindo que ela nem sequer estava ali.

Assim tinham se passado os últimos três dias. Desde o doloroso reencontro nenhuma palavra fora trocada entre os dois. Baltasar fizera questão de evitá-la, permanecendo quase o tempo todo em seu quarto lá em cima, cuidando de seus olhos inchados e dos lábios cortados. Descia apenas quando sabia que Sela tinha saído ou estava dormindo e esperando que José trouxesse suas refeições. Mas com a saída de hoje pesando em sua mente, ele tinha se revirado na cama até que se tornara inútil resistir. Então resolveu descer, achando que seria o único acordado àquela hora.

Ela provavelmente pensou a mesma coisa. E agora aqui estamos.

Baltasar já tinha enfrentando silêncios tensos com outras mulheres. Silêncios nos quais o ar parece se tornar inflamável, em que uma única faísca pode incendiar tudo. É por isso que era melhor não dizer nada. Nada de

bom pode vir de palavras. Não quando uma única sílaba equivocada pode se inflamar, tocar fogo no ar e explodir tudo.

Baltasar observou Sela caminhar até o outro lado da sala e pegar uma jarra de água no parapeito de uma janela aberta. Fingindo cortar os pontos da ferida, ele a espiou enquanto ela molhava as mãos, lavava o rosto sonolento e ajeitava o cabelo — tudo com uma silhueta injustamente linda contra cortinas esvoaçantes.

— Desculpe — disse ela, de costas para ele. — Você sabe... Por seu rosto.

Baltasar ficou surpreso de sequer ouvir sua voz. Principalmente de ouvi-la formulando um pedido sincero de desculpas. Mas não disse nada em troca. Apenas ficou ali, sentado, com metade dos pontos ainda no peito. *Nada de bom pode vir de palavras.*

— É só que ver você... foi um pouco...

O quê, perturbador? Surpreendente? Tão inacreditável que você precisava me chutar e me socar algumas vezes para ter certeza de que eu era de verdade? Espere aí, por que você está falando comigo? Você não sabe que o ar aqui pode pegar fogo e matar nós dois?

Sela sacudiu o excesso de água das mãos, abriu as cortinas e olhou para as ruas vazias de Bersebá.

— Depois que você foi embora — disse ela —, houve dias em que eu ia até a margem do rio. Ficava horas lá, olhando para o deserto. Imaginando se você estava lá. Me perguntando onde você estava, o que estava fazendo. Se estava vivo. Às vezes... às vezes eu esticava a mão na frente do corpo... me inclinava para a frente e fechava os olhos. O braço rígido, as mãos espalmadas... ouvindo você. Eu ficava lá... como se pudesse sentir você com meu corpo. Como se pudesse enviar uma mensagem. Enviar um pensamento por aquela mão esticada, e pedir que você voltasse para casa. E foi tão estúpido, tudo aquilo.

Ela se virou. Ele viu as lágrimas se acumulando nos cantos de seus olhos, ameaçando escorrer.

— Foi tão estúpido e ingênuo, mas eu ia até lá, dia após dia, me convencendo que mais cedo ou mais tarde um desses pensamentos chegaria

a você.

Eles chegaram... pensei em você todos os...

— Você me destruiu, Baltasar.

Eu sei.

— Você me mostrou quão boa a vida poderia ser, e então você simplesmente foi embora.

E, de todas as pessoas, você deveria saber por que eu tive que ir.

— Você foi embora, e, com o tempo... eu me esqueci. Me esqueci daquele sentimento. Me esqueci até do seu rosto.

O que havia para dizer? Quantas vezes ele tinha remoído aquela mesma situação em sua mente? Quantas vezes imaginara ter aquela exata conversa, diante da possibilidade remota de encontrá-la de novo? E agora, ali estava ele, e não havia nada a dizer.

— Sua mãe está morta, Baltasar.

Ele levou um tempo para registrar a informação. E, quando o fez, teve certeza de ter ouvido o chiado daquele ar perigoso se esvaindo da sala.

Ah, não fique tão surpreso, Baltasar. Não me venha com esses olhos marejados, como se já não soubesse disso. É evidente que ela está morta. A esta altura você já sabia disso. Você escolheu isso, Baltasar. Você sabia que nunca iria vê-la de novo, não depois de Abdi. Não depois de você ter ido embora.

— Sinto muito — disse ela. — Eu devia ter contado antes.

Ainda assim, Baltasar percebeu que as lágrimas estavam ameaçando escorrer. Não podia deixar de pensar em sua mãe, sozinha no final da vida. Sozinha, com tantas perguntas sem resposta, tanta dor pelas coisas que tinha perdido. Não podia deixar de imaginar o rosto dela. “*Me prometa... me prometa que a nossa felicidade não virá em detrimento da de outro.*” Mas é claro que tinha vindo. A felicidade deles tivera um preço muito alto. *Tivera sido à custa dela. E agora eu nunca mais vou poder vê-la nem vou poder dizer o quanto eu sinto...*

Baltasar se afastou; não queria que ela visse as lágrimas cumprindo suas ameaças. Sela aproximou-se da mesa, enxugando o próprio rosto. Ele meio

que esperava sentir a mão dela em seu ombro. Até um beijo de condolências na testa. Queria isso mais do que sabia como expressar, mas apenas se ela quisesse. Ele não tinha direito a nada.

— Baltasar... se você ainda sente alguma coisa por mim, me prometa uma coisa?

Ele enxugou os olhos e virou-se para ela.

Qualquer coisa.

— Prometa que, depois que você for embora, eu nunca mais vou ver seu rosto de novo.

E com isso ela o deixou sozinho para arrancar os últimos pontos do peito.

VI

Amanhã foi dando lugar ao meio-dia, e, até então, Gaspar e Belchior não tinham dado qualquer sinal de vida. Baltasar andava de um lado para o outro, com o rosto e os lábios quase completamente curados agora, seus passos rápidos o suficiente para agitar as cortinas que tinham sido fechadas para tapar o sol. Onde foi que eles se meteram? Tinham saído para comprar comida logo depois do café da manhã, deixando os outros fugitivos na casa de Sela para arrumar os camelos e se preparar para partir. Tinham uma longa viagem pela frente. Se forçassem o passo, parassem apenas por alguns minutos a cada vez e acampassem no deserto, chegariam à fronteira do Egito em dois dias.

Maria estava na sala ao lado, dando de mamar para o bebê sob o xale, enquanto Sela enchia os cantis, tomando cuidado para não derramar uma única gota preciosa. José estava rezando de novo. Ajoelhado no canto, resmungando para si mesmo. Embora suas palavras fossem pouco mais que um sussurro, estavam se acumulando nos ouvidos de Baltasar. *Temos problemas de verdade. Problemas de verdade aqui no mundo real, e ele fica lá, murmurando para Deus.* Até que ele não pôde mais aguentar.

— Será que você pode... não fazer isso?

José parou de rezar, embora tenha mantido os olhos fechados.

— Quando fica ansioso, você anda de um lado para o outro — disse ele.
— Eu rezo. Entre nós dois, eu diria que o meu método é o menos incômodo.

— Entre nós dois — disse Baltasar —, eu sou o que tem uma espada, então é melhor calar a boca e fazer algo de útil antes que eu corte a sua língua fora.

José abriu os olhos e ficou de pé, encarando Baltasar.

— Por que a minha oração o incomoda?

— Porque sim! Porque você fica aí repetindo e repetindo e repetindo sempre a mesma coisa! Nunca ouvi ninguém gaguejar tanto para Deus na minha vida!

— Bem... Tenho muito a agradecer.

— O quê, por exemplo? O fato de que o mundo inteiro quer matar o seu bebê?

— Você, por exemplo.

A resposta de José teve o efeito desejado e interrompeu as reclamações de Baltasar.

— Você nos resgatou em Belém — disse ele. — Você nos guiou pelo deserto, nos trouxe até aqui. E quase perdeu a vida fazendo isso. Agradei a Deus por ter enviado você, porque, se não o tivesse, estaríamos mortos.

— No futuro, em vez de agradecer a Deus, você pode poupar trabalho e simplesmente agradecer logo a mim.

José sorriu.

— Conheço homens como você — disse ele. — Homens que acreditam que Deus nos abandonou. Que ele cansou de nossas imperfeições. Homens assim são oprimidos pelo pecado. Pela fraqueza, pela tentação e pela culpa. E então eles pensam: *Todos os homens devem ser assim também. E se todos os homens são assim, por que Deus iria querer ter qualquer relação com eles?*

— E eu conheço homens como você — disse Baltasar —, que acreditam que cada gota de mijo é uma benção de “Deus Todo-Poderoso”. Homens que desperdiçam suas pequenas vidas miseráveis tremendo e resmungando, lendo pergaminhos e queimando cabras... morrendo de medo de comer a coisa errada ou de dizer a palavra errada ou de pensar o pensamento errado, e BUM!... o punho de Deus vai descer das nuvens para esmagá-los. Bem, deixe-me dizer uma coisa... e estou falando por experiência própria... Deus não está nem aí, entendeu? Ele não liga para você nem para mim nem para o que fazemos ou dizemos ou comemos ou pensamos.

— Ele se importa o suficiente para ter me mandado o próprio filho.

Dessa vez, Baltasar não fez qualquer tentativa de esconder o rolar de olhos. *Você só pode estar brincando...*

— Certo, certo... o Messias. Então deixe-me fazer uma pergunta: de todos os milhares de anos, todos os milhares e milhares de judeus, por que Deus optou por um carpinteiro pobre e uma menina para criar seu filho? Por que não um rei, hein? Por que não colocá-lo como filho de um imperador? Dar a ele uma chance de verdade de mudar as coisas?

José pensou no assunto, e o bebê começou a chorar no outro cômodo. Na verdade, a melhor resposta que lhe ocorreu foi:

— Não sei. Só sei que ele o fez.

— Está vendo? — disse Baltasar com um sorriso. — Esse é o problema do seu Deus. Ele não pensa grande o bastan...



— BALTASAR... DA... ANTIOQUIA!

A voz vinha de fora, interrompendo o insulto de Baltasar. Uma voz desconhecida, saída da parte da frente da casa. Baltasar sentiu os membros perderem a força. O sangue congelar na ponta dos dedos, exatamente como quando vira as legiões romanas em Hebrom.

Acharam a gente.

Seguiu-se um silêncio. Um silêncio mortal enquanto Baltasar e José trocavam um olhar apavorado, a discussão já há muito esquecida, e os dois foram até a janela mais próxima para espiar por entre as cortinas.

Lá estavam as casas vazias de Bersebá. E na frente delas, em perfeita formação na rua, os soldados romanos — liderados por um jovem oficial em um cavalo marrom. Além dos soldados e das casas vazias, uma nuvem comprida e escura pairava no horizonte, em silêncio, imóvel. *Tempestade de areia*, pensou Baltasar. *Das grandes.*

— É esse o seu nome, não é? — perguntou o oficial. — “Baltasar”?

Os gritos do bebê, de repente, estavam atrás das orelhas de Baltasar. Maria e Sela tinham corrido até a sala, atraídas pelo barulho. Assim que viram Baltasar e José ajoelhados junto à janela, perceberam o que tinha acontecido. *Acharam a gente.*

— Dá para sair pelos fundos? — perguntou Sela.

— Duvido — disse Baltasar.

Ele era inteligente, esse oficial. Dessa vez, teria tomado o cuidado de cercá-los primeiro. Para ter certeza de que não haveria chance de fuga. Tais pensamentos desanimadores ainda estavam se formando em sua cabeça quando Baltasar viu dois homens parados ao lado do cavalo do oficial. Mas esses não eram soldados romanos nem da Judeia. Eram mentirosos e ladrões. Covardes e traidores.

Gaspar e Belchior.

— Dá para entender por que você não usa o nome — continuou o oficial. — “Fantasma da Antioquia” é muito mais forte, muito mais ameaçador.

Baltasar fitou os magos do outro lado da rua larga.

— Há quanto tempo? — gritou. — Há quanto tempo vocês estão trabalhando para esses cães? Foi assim que eles nos encontraram em Hebrom? Foram vocês que nos entregaram?

— Juro pela minha vida que não fomos nós — disse Gaspar.

— Pela sua “vida”? A sua “vida” não vale a saliva dessa sua boca mentirosa! Você só *tem* uma vida porque eu o salvei! Eu o salvei! Os dois!

Ali estava. Ali estava a comprovação de tudo aquilo em que Baltasar acreditava. A prova de que os homens eram como cães e de que todos os corações eram cascas vazias. *Só é uma pena que eu não possa viver tempo suficiente para esfregar isso na cara de José.*

— Você precisa entender — disse Gaspar —, eles nos pegaram no mercado! Eles... eles nos reconheceram. Não tivemos escolha a não ser...

— Mentira!

Baltasar tinha razão. Gaspar vinha considerando traí-los havia dias — principalmente depois de quase serem capturados em Hebrom. E quando ele

viu o poderoso Fantasma da Antioquia ser nocauteado por uma mulher, o último resquício de fé que tinha em seu destemido líder se evaporou. Era melhor fechar um acordo e viver do que depender de Baltasar, cuja sorte estava claramente acabando.

— Eles nos ofereceram um perdão — disse Belchior, em um tom de súplica tão idiota que quase dava pena.

Essa parte, ao menos, era verdade. Quando Gaspar abordou os romanos, ele e Belchior receberam a oferta se entregassem o Fantasma da Antioquia e a criança.

— Eles nos ofereceram o perdão se nós os levássemos até...

— Até o quê? — gritou Maria. — Até uma criança? Você não é nem um pouco melhor do que os homens de Herodes! Nenhum de vocês!

Belchior desviou o olhar, obviamente envergonhado.

— Desculpe — disse Gaspar.

— Vá para o inferno — respondeu Baltasar.

Em matéria de xingamentos, aquele deixava muito a desejar. Especialmente considerando-se que Baltasar nem sequer acreditava em tal lugar. Mas, dadas as circunstâncias, foi o melhor que conseguiu proferir. Com toda uma legião romana de olho nele, cercando a casa. Não haveria a ajuda de peregrinos enfurecidos agora. Dessa vez, ou eles seriam capturados ou...

— Baltasar!

Sela estava olhando por uma janela lateral, claramente aflita. Ou no mínimo mais aflita do que qualquer outra pessoa na casa. Baltasar e os outros correram até ela, olharam por entre as cortinas e entenderam por quê.

Eles vão nos queimar.

Um grupo de soldados estava pronto, tochas em mãos, apenas aguardando a ordem. O jovem comandante montado em um cavalo, os olhos correndo da casa cercada para a nuvem comprida e escura pairando no horizonte. *Tempestade de areia*, pensou. *Das grandes, e se aproximando.*

Apesar dos temores dos fugitivos de serem carbonizados, Pilatos não tinha intenção de tocar fogo na casa. Havia judeus fanáticos ali, e ele sabia como fanáticos pensavam. *Prefeririam se entregar a Deus como oferendas em uma fogueira a se entregarem a um romano infiel como eu.* Não, se ordenasse incendiar a casa, seria apenas para observá-los se tornarem mártires sob as chamas. E qual a vantagem disso? E o Fantasma da Antioquia? Que glória haveria em queimá-lo? Pilatos queria levá-lo vivo até seu imperador, um ser trêmulo de medo, e não um amontoado de restos carbonizados. Ao contrário de Herodes, não estava à vontade com a ideia de sujar as mãos com o sangue de mulheres e crianças. A missão já havia tomado proporções sombrias o suficiente.

Havia algo de tenebroso em caçar um recém-nascido com espadas e lanças. Mas Pilatos consolava-se com a ideia de que estava apenas entregando seus alvos àqueles que os iriam julgar. Não era responsável pelo que aconteceria depois disso. O que *não* deixava Pilatos à vontade era o feiticeiro. O modo como ele assustava os soldados com seus estranhos rituais. Com sua aparência. O poder que parecia ter de conjurar visões e dar vida ao que não tinha vida. A maneira como parecia saber exatamente para onde seus alvos estavam indo. Esse era um tipo muito diferente de escuridão. Um homem que qualquer ser racional saberia que deve temer. Mas, nesse caso, Pilatos tinha as mãos atadas. Era a vontade de Augusto e, portanto, devia ser cumprida. Mas Pilatos tentou manter o feiticeiro do imperador na coleira — mantê-lo preso “para sua própria segurança”. Sob guarda, sozinho em sua tenda. A quilômetros de onde eles estavam ago...

Pare.

Pilatos interrompeu a divagação e voltou para o presente. A imagem do sacerdote simplesmente surgira do nada em sua cabeça, distraíndo-o da tarefa diante de si. Ao recuperar a concentração, percebeu que os soldados com as tochas estavam se aproximando da casa, os rostos totalmente impassíveis, movimentando-se de forma abrupta e estranha, como se estivessem sendo manipulados por cordas. A princípio pensou que era algum tipo de brincadeira.

— O que eles estão fazendo? — exclamou Pilatos aos seus oficiais. — O QUE ELES ESTÃO FAZENDO?

Mas ao reparar melhor em seus rostos, Pilatos entendeu. *Eles não têm ideia do que estão fazendo.*

— PAREM!

Mas já era tarde demais. As tochas foram colocadas ao pé da casa por todos os lados, e, em segundos, as chamas tomaram conta. Subiram pelas paredes, aceleradas pela aridez de toda a cidade de Bersebá. E, embora nunca fosse ter a oportunidade de provar isso, Pilatos iria para o túmulo acreditando que o feiticeiro fora o responsável: invadindo seus pensamentos para distraí-lo. Sentado de pernas cruzadas em sua tenda, os olhos fechados, murmurando algum velho cântico estranho. Controlando seus homens enquanto pensava: *Isso é o que você ganha por tentar me controlar, seu verme insignificante.*

Lá dentro, Baltasar e os outros recuaram enquanto as chamas subiam pelas janelas, enchendo a sala com um ar abafado e incendiando as cortinas. A fumaça começou a entrar quase que imediatamente, infiltrando-se pelo teto e forçando os fugitivos a se agacharem. Enquanto Maria cobria o rosto do bebê com suas roupas, Sela correu para a parede mais distante do fogo, pegou uma bacia cheia de água e jogou o conteúdo nas cortinas queimadas. Mas foi o mesmo que cuspir em um vulcão. As chamas estavam se espalhando muito depressa, a fumaça já estava densa demais para ser repelida. Eles estavam diante da desagradável escolha de morrerem queimados ou saírem correndo da casa e serem capturados pelos romanos.

Antes que Pilatos pudesse ordenar que seus homens invadissem a casa e capturassem os fugitivos ainda vivos, sua atenção foi desviada do incêndio para uma escuridão a oeste. Nos poucos segundos desde que a vira, a nuvem se aproximara e dobrara de tamanho. Pilatos nunca tinha visto uma tempestade de areia — ou qualquer outra tempestade — se movimentar tão depressa. Mas isso não era a única coisa estranha naquela nuvem. Ela estava zumbindo. A princípio mal dava para ouvir, mas agora era inconfundível. A nuvem estava zumbindo. Emitindo um som constante e estranho — o grito

incessante de um animal com raiva. O grito de um deus irado. Um milhão de vozes em uníssono, crescendo a cada segundo.

— Tempestade de areia — disse Gaspar. — Precisamos nos proteger.

— Isso não é uma tempestade de areia — disse Pilatos, os olhos fixos na nuvem que vinha zumbindo.

É um enxame.

Gafanhotos. Milhões deles, voando em uma nuvem tão densa que encobria o sol. Movendo-se tão depressa que desafiavam a natureza. E cruzaram a cidade, tomando as ruas mortas e as casas abandonadas como uma onda, indo direto para cima deles. Não havia mais plantações para comer em Bersebá... ainda assim, eles estavam vindo.

Os homens de Pilatos também os viram. Ouviram o som de milhões de gafanhotos e assistiram à onda tomar conta da cidade. Assim como seu líder, os soldados se afastaram das chamas que subiam as paredes da casa e olharam espantados para a nuvem. *Isso não é uma tempestade de areia...*

Alguns começaram a sair de formação para tentar se esconder, mas já era tarde demais. No momento em que deram os primeiros passos, a parte da frente da nuvem atingiu os romanos com força suficiente para derrubá-los. O cavalo de Pilatos empinou, assustado, jogando-o no chão. Atordoado e ferido, ele cobriu o rosto com os braços e se encolheu todo, à medida que o enxame barulhento passava por eles. Por todos os lados, homens erguiam seus escudos para proteger o rosto do ataque, e os insetos batiam neles como pedras de um estilingue. E entravam na boca dos que tinham a infelicidade de abri-las, chegando às suas gargantas em grupos de vinte ou trinta de uma só vez e sufocando os soldados com suas carapaças rígidas, mordendo-os por dentro até que o sangue lhes escorresse pela boca e pelo nariz.

O que em um instante fora um cerco organizado de repente se transformou em caos. Um enxame infinito derramando-se sobre os romanos, afogando-os. Cegando-os pela quantidade de insetos e, em alguns casos, cegando-os literalmente, ou seja, comendo os olhos dos soldados. Os homens tentavam espantá-los, esmagá-los com as mãos. Mas a cada inseto

morto, dez pareciam tomar seu lugar. Era como tentar espantar alcatrão em chamas.

Ainda encolhido no chão, Pilatos viu um homem rastejar para perto dele, completamente coberto por gafanhotos. O homem se arrastou por alguns metros, depois parou, e os gafanhotos que o cobriam saíram voando, deixando para trás uma confusão de pele rasgada e vísceras expostas. Seus lábios haviam desaparecido, deixando os dentes exibindo um medonho sorriso eterno, e as cavidades oculares eram nada mais que buracos vazios no rosto. Sua carcaça parecia ter sido devorada por corvos durante uma semana. Mas se passaram apenas alguns segundos.

Pilatos ouvia o som dos bichos mastigando por toda parte enquanto os soldados corriam para se proteger em casas vizinhas ou rolavam pelo chão, tentando desesperadamente espantar milhares de insetos de seus braços, pernas e rostos. Ele viu um soldado sentado, as palmas das mãos nas têmporas e o corpo se contorcendo como se houvesse algo se banquetando em seu crânio. O homem soltou um grito abafado e em seguida caiu, quieto e imóvel. Um momento depois, Pilatos viu os gafanhotos saírem de sua boca e de suas pálpebras antes de voltarem para o enxame. Aqueles insetos não eram burros nem cegos; eles não tinham cruzado metade da África comendo aleatoriamente, de folha em folha, tudo o que encontrassem no caminho. Estavam possuídos por alguma coisa. Estavam seguindo ordens.

Pilatos virou-se para um par de vozes próximas a ele e viu Gaspar e Belchior se rastejando pelo chão, à procura de abrigo, cobertos por um lençol de gafanhotos. Que estranho... os bichos pareciam ter alguns dos homens como alvo, mas evitavam outros completamente. *Como eu... pelo menos por enquanto.* No caso de Gaspar e Belchior, eles pareciam mais interessados em torturá-los do que em matá-los — atacando sua pele, uma mordida microscópica de cada vez.

Pilatos viu os ladrões se arrastarem, perguntando-se o que tudo aquilo significava. Perguntando-se se o sacerdote ou alguma outra feiticeira estava por trás daquilo. *E se não era o feiticeiro... quem seria?* Ele poderia ter ficado ali, observando e se questionando para sempre, ou pelo menos até que os

gafanhotos mudassem de ideia e começassem a comer seus olhos, se um de seus tenentes não tivesse agarrado seus braços e o arrastado para uma das casas próximas. Ao ser puxado para dentro, Pilatos viu que as chamas que haviam engolido a frente da casa em que os fugitivos estavam se escondendo começavam a recuar, atacadas pelos corpos dos gafanhotos que se atiravam voluntariamente no fogo, sacrificando-se para apagá-lo, e dando assim às pessoas um tempo precioso para escapar.

Na casa, Maria tinha se virado e enterrado a cabeça no ombro de José, aterrorizada pelos gritos absurdos e horrorizada pela visão dos homens sendo comidos vivos. Baltasar também se afastou — mais perplexo do que horrorizado — e viu-se confrontado por um pequeno rosto sorridente. Apesar do caos nas ruas, apesar dos sons de homens tendo a pele arrancada, o bebê assumira novamente sua postura calma e curiosa. Descansando nos braços da mãe assustada, olhando para Baltasar — *não, sorrindo para ele*. Sela correu pela sala, fechando as cortinas como se o tecido fino bastasse para conter o enxame. *Mas eles não vão entrar*, pensou Baltasar. *Não vão nem tentar... porque não estão atrás de nós*.

De algum jeito, ele sabia. O estranho cometa, quase ofuscante no céu de Belém. O córrego transparente e fresco no deserto árido. Um enxame de gafanhotos derrotando o exército romano. Isolado, qualquer um desses eventos já era estranho. Dois era algo praticamente impossível. Os três juntos? Quase demais até para o cético mais ferrenho. Era uma sensação interessante, observar algo que não podia ser real. E Baltasar deleitou-se com ela por um momento, observando os romanos gritarem, até a razão lhe voltar e uma única palavra atingi-lo com a força de um punho saído das nuvens no céu:

Vá.



OS MORTOS

“Ossos secos... Eis que vou fazer entrar em vós o fôlego da vida, e vivereis. Farei crescer carne sobre vós, e sobre vós estenderei pele; e porei em vós o fôlego da vida, e vivereis.”

Ezequiel 37:4-6

I

Todos eles haviam sobrevivido a tempestades de areia, todos já haviam sentido o ardor dos grãos finos na pele, o deserto seco soprando em olhos semicerrados. Mas aquilo era bem diferente de tudo que poderiam já ter imaginado.

Aquela tempestade estava *viva*.

Cada grão de areia tinha sido substituído por um gafanhoto. Seus olhos pretos e sem vida, as pernas finas e a casca dura da cor da areia do deserto. Os insetos voaram até eles como detritos de um tornado, seus corpos formando uma nuvem em torno dos fugitivos, capaz de cegar apenas por sua densidade, de ensurdecer com o bater de milhões de asas. E, embora ao longe parecesse que os gafanhotos estavam voando por conta própria, dentro da nuvem ficava claro que estavam sendo soprados por algo poderoso. Algo com raiva.

O palpite de Baltasar provara-se correto até então. Os gafanhotos não pareciam interessados neles. Pelo menos não diretamente. Não da maneira como se interessavam pelos romanos, sufocando-os com seus corpos, mordendo olhos e pele. Mas, embora não fossem alvo de sua ira, os fugitivos ainda tinham de lidar com os milhões e milhões de insetos voadores passando por eles na direção de Bersebá, atingindo-os feito granizo vivo e deixando marcas em seus braços e rostos à medida que eles tentavam avançar contra a corrente. E isso continuou até que a escuridão dos gafanhotos em torno deles começou a se confundir com a escuridão do céu, e, por fim, a nuvem sumiu.

Quando o sol desapareceu atrás do horizonte, deixando os resquícios de sua cor no céu pálido, os fugitivos pararam para descansar e avaliar o que tinham visto. José enrolou um pano na cabeça e tirou alguns minutos preciosos de sono no chão. Maria, por sua vez, embalou o bebê, alimentando-o sob a roupa.

Sela sentou-se a poucos passos deles, bebendo de um cantil e conferindo os braços e as pernas sob a luz do fim de tarde. Examinando os pequenos hematomas do impacto constante de corpos minúsculos na sua pele e avaliando os pensamentos que vinham se chocando na sua cabeça havia dias.

Aqui estou.

Mais uma vez, Baltasar conseguira virar sua vida de cabeça para baixo. Na primeira vez, ele o fizera indo embora. Agora, ele o fizera voltando.

Ela estava muito bem vivendo infeliz em Bersebá. Muito bem sozinha. Agora que seu sofrimento tinha companhia, estava pior do que nunca: presa no deserto sem nenhum bem no mundo. Presa com dois estranhos, um bebê e uma antiga paixão que ela aprendera a odiar depois de anos de ausência. Mesmo que *pudesse* voltar para Bersebá, o que havia lá para ela? Sua casa fora queimada. Sua cidade, abandonada. Se fossem pegos, os romanos a matariam tão depressa quanto os outros. Era um deles agora, gostasse ou não. Uma fugitiva. E, embora houvesse um tempo em que talvez ela considerasse isso aventureiro e romântico, agora a ideia era apenas incrivelmente irritante e preocupante.

Sela deu outro gole, estimando suas poucas opções. Iria para o Egito com eles, sim. Ir para o sul fazia sentido, e, além do mais, os números transmitiam segurança — mesmo que não fossem números que você teria escolhido se tivesse a oportunidade. Mas não ficaria lá. Continuará sozinha. Talvez atravessasse o norte da África até Cartago ou cruzasse o mar até a Grécia.

Você reconstruiu sua vida uma vez antes; é capaz de fazê-lo de novo.

Ela não tinha interesse em segurar vela para um casal judeu. Também não queria gastar seu tempo junto de um homem que um dia fora o amor de

sua vida. E, ao que parecia, Baltasar também não tinha nenhum interesse nela. Estava por aí, sozinho, observando...



Um rebanho de íbex pastava a distância. Era um rebanho pequeno, uma dúzia mais ou menos. Não a centena de animais que ele tinha visto nas proximidades de Hebrôm enquanto seguiam direto para uma emboscada. Baltasar sentou-se a uma boa distância dos outros e ficou observando os íbex em sua ignorância, ruminando abobalhados. Confortando-se naquilo.

Na simplicidade das pequenas e boas coisas da vida.

Eles passavam suas curtas existências por aí, indo de um canto para o outro, pegando o que precisavam para sobreviver. Sempre buscando o próximo pedaço de grama do qual se manter, fugindo quando havia perigo, sem parar até que fossem caçados ou simplesmente desaparecessem. Esquecidos.

Baltasar era capaz de pensar em um milhão de explicações para o que tinham visto em Bersebá, e nenhuma fazia muito sentido. Assim como podia pensar em um milhão de razões pelas quais um córrego poderia aparecer do nada no meio do deserto ou um motim poderia eclodir bem na hora em que eles precisavam. Mas ele já não podia fugir da incômoda sensação que o vinha perseguindo pelo deserto havia dias:

Tem alguma coisa naquele bebê.

Tinha que ter. Por que mais essa gente toda iria querer matá-lo? Uma criatura recém-nascida minúscula que nem sequer tinha pronunciado uma única palavra ainda. Um ser que ainda tinha os olhos semicerrados e a cabeça disforme do parto. E por que ele sempre parecia tão calmo? Como se soubesse exatamente o que estava acontecendo? Por que o velho em seu sonho tinha lhe mostrado uma imagem do Egito? Por que a própria natureza parecia vir em seu socorro quando eles precisavam? E como?

Baltasar estava cheio de novas perguntas. Novas dúvidas. Questionando suas velhas dúvidas. E esse emaranhado de perguntas e dúvidas o deixava confuso. E ficar confuso o deixava irritado. E ali estava ele, sentado longe dos outros, olhando o céu que escurecia lentamente no deserto. Irritado e sozinho.



Sela já o estava observando havia algum tempo quando uma voz veio se somar à sua tristeza sem ser chamada:

— Por que você não fala com ele?

Ela se virou para a esquerda e se deparou com Maria, caminhando em sua direção. O bebê ainda mamava sob as roupas.

— Desculpe, o quê?

— Por que você não vai lá? — perguntou Maria, sentando-se a seu lado.

— Sente-se lá. Fale com ele.

— E por que eu faria isso?

Maria parecia confusa. *Não é óbvio?*

— Porque... você o ama.

Sela não sabia se estava ouvindo direito. *Eu o amo?*

— Você viu o jeito como eu o recebi quando ele apareceu na minha porta?

— Vi. E, se você não ligasse a mínima, teria virado as costas. Batido a porta na cara dele. Mas a simples visão dele a deixou com raiva. Violenta. Esses são sentimentos passionais. Você não sente isso se não se importa com alguém.

— Está um pouco tarde para a paixão.

— Se houve amor entre vocês, amor mesmo, quem pode dizer que está...

— Sabe — disse Sela, interrompendo-a —, acho que temos coisas mais urgentes para falar, como o fato de que estamos sozinhos no meio do

deserto. Ou que um exército inteiro está tentando nos encontrar e nos matar.

Maria percebeu que tinha ido longe demais.

— Sinto muito — disse.

— Tudo bem.

— Não, você está certa. Não é da minha conta.

— Sério, está tudo bem. Vamos deixar...

— Eu só estava tentando ajudar. Dar um pequeno conselho.

Sela não pôde conter um sorriso.

— O que foi? — perguntou Maria.

Apenas diga “nada”, Sela. Não a insulte... deixe para lá.

— Eu só... Eu só achei engraçado, é só isso.

— Achou o que engraçado?

Deixe para lá, Sela...

— O fato de que estou recebendo conselhos sobre relacionamentos de uma menina de quinze anos. Que admite abertamente que o filho não é do marido.

Um silêncio considerável se seguiu.

— É diferente — disse Maria, afinal. — É filho de Deus.

Sela sorriu novamente.

— Achei que todos nós fôssemos filhos de Deus.

E mais um silêncio considerável se seguiu, além de uma pontinha de arrependimento por parte de Sela. Sabia que tinha magoado a menina.

— Você acha que eu sou uma piada — disse Maria.

Sela revirou os olhos. *Lá vamos nós.* Esse era exatamente o tipo de conversa que ela não estava com vontade de ter. Não agora. Já não eram mais duas meninas conversando sobre meninos. *Apenas ignore.*

— Não acho que você seja uma piada. Eu só... — *Como explicar?*

— Você só não acredita em mim — disse Maria.

Olhe para esse rosto... esse rosto sério... uma menina de quinze anos de idade que acha que sabe tudo.

— Não — disse Sela. — Acho que não.

Maria virou-se e fitou a silhueta cada vez mais escurecida de seu marido, que dormia. Seu marido exausto, machucado por protegê-la durante a tempestade. *Pobre José*, pensou ela. *Pobre e nobre José*.

— Entendo — disse Maria. — Às vezes eu me pergunto por quê, de todas as meninas no mundo todo, por que Ele me escolheu? E eu não devo amar meu bebê como uma mãe deve amar seu filho? Não devo acalentá-lo quando ele chora? Confortá-lo quando está com medo? Reprendê-lo quando se comporta mal? Ou será que eu deveria venerá-lo, mesmo agora?

— Dá para entender como isso pode ser complicado.

— Não pedi esse fardo. Não implorei aos céus ou a Deus por honra alguma. Mas esse é o caminho que Deus escolheu para mim, e eu tenho que seguir em frente. — Ela virou-se para Sela. — Posso caminhar sozinha — disse Maria —, ou posso ir de mãos dadas com os que amo. De qualquer maneira, o caminho é o mesmo.

Sela olhou para Maria com atenção e sorriu. Talvez essa menina de quinze anos soubesse mais do que deixava transparecer. Maria virou-se e olhou para o deserto, para a silhueta indefinida de seu protetor de ombros largos.

— Ele também não acredita em mim — disse, fitando Baltasar.

— Sim, bem, não o leve a mal. Ele não acredita em muita coisa.

— Ele é um homem estranho. Luta para proteger meu filho, mas nem sequer olha para ele, nem sequer o segura. E eu me pergunto como um homem pode sentir tanta raiva... ser tão cruel, tão violento. E como esse mesmo homem pode arriscar a vida por uma criança que mal conhece.

Agora foi a vez de Sela ficar em silêncio por um tempo, pensando. Talvez fosse por ter insultado Maria, ou pela necessidade de mostrar a uma menina que achava que sabia tudo o quão pouco ela realmente sabia. Talvez fosse para organizar os pensamentos em sua própria cabeça, para se lembrar de como tudo tinha começado. Fosse qual fosse o motivo, Sela decidiu ali mesmo contar a Maria sobre o dia em que Baltasar morreu.

— Estávamos ainda em Antioquia — disse ela.

II

Estamos com quinze anos de novo, desesperadamente apaixonados. Baltasar e eu, nos beijando na margem do Orontes, e é tão bonito e dourado e eterno, e sempre será. E lá está o irmãozinho de Baltasar, Abdi, seguindo-nos para onde quer que vamos. Quatro anos e ainda com aquele pingente dourado no pescoço. O pingente que o irmão roubou para ele, mas que não me diz de jeito nenhum de quem ou onde o roubou. Lá está ele, orgulhoso, imitando Baltasar. Meu Deus, ele ama o irmão. E meu Deus, Baltasar o ama mais do que qualquer objeto ou ideia ou sentimento no mundo. Nós dois o amamos. Ele é o nosso companheiro constante. Nossa sombra. Nosso filho. Um filho para treinarmos para quando nos casarmos.

Mas nada de casamento — não por enquanto. Primeiro, Baltasar me ensina a viver de novo. A cuidar de mim mesma. Ele me ensina a lutar. A furtar no Fórum. E Abdi nos observa enquanto ele me ensina. Imita o irmão. Idolatra-o. Tudo o que quer é ser Baltasar.

E lá está Baltasar me levando para o Fórum quando decide que estou pronta para testar minhas habilidades de furto em um alvo de verdade. Ele vai fazer o papel de cúmplice. E lá está Abdi, que mandamos esperar por nós do outro lado do Fórum.

— Não saia daqui até que a gente venha buscar você — diz Baltasar.

Mas lá está Abdi andando assim mesmo, querendo desesperadamente ser como o irmão. Perambulando sozinho, tentando furtar por conta própria. Ele nos viu treinar com muita atenção, com muita frequência. Tem certeza de que é capaz. Mas ele ainda não tem nem cinco anos e não sabe que isso não é brincadeira. E lá está ele, seguindo um homem pelo Fórum. Um homem que

parece ter um monte de dinheiro. Lá está ele, imitando o jeito como Baltasar desliza a mão pelas vestes do alvo, pega a bolsa de moedas. E lá está Abdi se aproximando... e lá está Abdi pegando a bolsa...

E lá está Abdi sendo pego em flagrante.

Sua mão sendo agarrada ao segurar uma bolsa cheia de moedas. Agarrada por um homem que o encara de cima, fitando-o com olhos duros e inesquecíveis ao apertar a mão do ladrãozinho. Espremendo-o até que os ossos frágeis ameaçassem se quebrar. Espremendo-o até que Abdi não tivesse escolha a não ser gritar. E o homem enorme se inclina sobre o pequeno ladrão. Esse pequeno rato sírio. Um verdadeiro exemplo de tudo o que há de errado naquela cidade miserável.

E o homem é um centurião romano.

E os guarda-costas do centurião estão ao redor dele agora. E uma multidão se forma em torno dele e desse menino de repente apavorado — menos de cinco anos de idade. E algumas pessoas da cidade, os homens, pedem ao centurião que o solte.

— Vamos garantir que ele seja punido — dizem eles. — Vamos bater nele até fazê-lo sangrar — dizem.

E o menino está apavorado, claro. Gritando para que o soltem. Gritando, porque a mão dói muito, muito. Gritando, porque de repente ele sabe que não é uma brincadeira. E o centurião puxa a espada. E algumas pessoas no meio da multidão prendem a respiração e gritam em protesto. E os homens redobram suas promessas de punir a criança, embora saibam que não podem fazer nada para intervir.

— Que isto seja um aviso! — grita o centurião. — Um aviso de que o crime não será tolerado em Antioquia! Por NINGUÉM!

E ele aperta a mão de Abdi com ainda mais força, provocando outro grito angustiado. Mas ali está Baltasar para responder. Ali está o heroico irmão mais velho que nunca, jamais vai deixar que nada aconteça a Abdi. Ali está Baltasar, atraído pelos gritos angustiosos do irmão — correndo direto para o centurião, eu atrás dele. Fomos convocados por aquela voz conhecida. E Baltasar vai enfrentar esse romano antes que ele possa fazer o que pretende.

Ele vai encará-lo e vencê-lo enquanto Abdi e eu escapamos. E o mais provável é que ele pague com a própria vida, mas ele não se importa.

Os guarda-costas do centurião, no entanto, se importam. E bloqueiam o caminho de Baltasar. Eles formam uma barreira na frente do outro romano, agarrando Baltasar pelos braços e pernas e segurando-o enquanto ele se contorce e grita. Enquanto seus olhos encontram os de Abdi, e o menino de repente percebe que o irmão não pode salvá-lo afinal de contas.

E o centurião enfia a espada na barriga de Abdi. E o menino grita à medida que sua carne tenra cede, mas não se rompe. Então o centurião empurra com mais força, e a pele se rasga, deixando a lâmina entrar. Deixando-a abrir sua barriga e sair pelas costas.

E nós ficamos parados por um momento. Parados bem ali, naquele curto espaço de tempo, porque nossos olhos nos enganaram. Porque, dizemos a nós mesmos, não foi isso que aconteceu. Não pode ser. Não pode ser, porque homens não enfiam espadas afiadas na barriga de crianças. Não pode ser, porque Abdi vai crescer e ter uma vida inteira com a gente. Uma vida inteira e rica toda dele, cheia de belezas e descobertas, de todos os amores e oportunidades que um menino de bom coração merece.

Mas é verdade.

O centurião puxa a espada e solta a mão quase quebrada do menino. E o deixa cair sentado no chão, e ele fica ali por um momento, até cair de lado, segurando a barriga em silêncio, enquanto o sangue corre por entre os dedos. E, enquanto observa a cena de algum outro mundo em que aquilo não pudesse ser verdade, Baltasar imagina Abdi agarrando sua perna e gritando: “Ba-tasá... Ba-tasá... Fique aqui...”

E a angústia. Os gritos do irmão mais velho. O irmão mais velho — ainda pequeno demais, jovem demais para lutar contra os guardas que o seguram pelos braços e pelo pescoço. Que lhe dão uma surra, enquanto ele luta e grita até esfolar a garganta. E a multidão está chocada. Em silêncio. Incapaz de fazer qualquer coisa. Não é da conta deles. Eles não querem acabar do outro lado do rio, naquelas covas rasas.

E eu fico assistindo a tudo, ao lado de Baltasar, mas a quilômetros de distância da agonia que ele sente. Ele está sozinho, e eu sei disso. Mesmo ali, nos primeiros segundos. E eu me viro para os gritos dele, em vez dos meus. E vejo como Baltasar passa por uma transformação bem ali no Fórum. Eu o vejo cair de joelhos. Eu o vejo pegar o corpo sem vida do irmãozinho e segurá-lo nos braços trêmulos. Segurar o nosso filho de treino. E eu também caio de joelhos, sentindo uma ânsia subir até a garganta.

E agora os olhos do centurião encontram os de Baltasar, e ele sabe. Sabe que é um parente. Um irmão. E ele sorri para Baltasar, porque ele pode. Porque está acima da lei. Um deus. E o centurião decide deixar uma marca nesse rato sírio, deslizando a espada duas vezes na face direita de Baltasar, deixando um “X” sangrento. E, tal como essa cicatriz, o rosto do centurião vai ficar com Baltasar para sempre.

Como se não bastasse, o centurião pega o pingente do menino — arranca-o do pescoço enquanto ele ofega em vão em busca de ar — e o pendura no próprio pescoço.

— Provavelmente é roubado mesmo — diz à multidão.

E então ele vai embora. Conduzido pelos guarda-costas para dentro do Fórum movimentado.

Só para o caso de não termos tanto medo quanto você acha e decidirmos nos rebelar contra você, penso.

Só que temos. Temos muito medo e o deixamos escapar para a segurança e o anonimato da classe dominante romana de Antioquia. E assim que o centurião vai embora para nunca mais ser visto novamente, voltamos nossa atenção para os dois irmãos que ele deixou para trás. Um grande, um pequeno. Um morto, e um desejando morrer.

E testemunhamos tudo juntos. Assistindo, atordoados, a esse momento tão íntimo. Invadindo esse luto com os nossos olhos, incapazes de oferecer qualquer conforto. Juntos, testemunhamos o fim do ser que atendia pelo nome de “Baltasar” e assistimos ao nascimento de um novo ser. Aquele a quem eles chamarão de “Fantasma da Antioquia”. Uma criatura assassina e furiosa.

Já não basta roubar os romanos. Ele quer matá-los. Não, querer não. “Querer” é muito pouco. É só um desejo. Mas nem “precisar” é suficiente para descrever o que corre dentro dele agora. Baltasar vai matar o centurião. Ele tem tanta certeza disso quanto do próprio nome. Como eu, ele quer reduzir Roma a cinzas. Mas, ao contrário de mim, ele sabe que vai mesmo fazê-lo. Não hoje, nem daqui a um ano — mas algum dia. Ele sabe que vai ver Roma queimar. E ele se consola com esse pensamento. E, embora não seja um homem de orações, Baltasar reza por isso. Reza tão fervorosamente como qualquer homem jamais rezou. Uma oração silenciosa, bem ali no Fórum:

Concedei-me, ó Senhor... concedei-me esta graça. Deixai-me ver de novo o rosto de meu inimigo. Deixai-me golpeá-lo pelo que ele fez. Deixai-me fazer isso antes que minha vida nesta terra acabe. Deixai-me fazer isso, e não importa o que me espera do outro lado do abismo da morte. Não importa quais serão as consequências do tempo ou do castigo.

Ele está tremendo agora, soluçando enquanto o sangue de Abdi se espalha pelo colo dele. Embalando-o para a frente e para trás, ajoelhado no calçamento de pedras do Fórum. E, por alguma razão, meus olhos são atraídos para as roupas de Abdi, e eu vejo que ele se mijou. E é isso que me faz chorar afinal. Pois isso o reduz à criança que ele é; isso demonstra o medo que ele deve ter sentido e rouba seu último resquício de dignidade. E a multidão já está diminuindo, com medo de que os romanos voltem e punam todo mundo por fazer tanto drama por causa de um simples assassinato.

Baltasar soluça e grita e embala o irmão — nosso filho — para o menino dormir, exatamente como fazia na margem do Orontes, quando Abdi tirava uma soneca em seus braços à sombra da árvore com a cicatriz. E eu me ajoelho perto deles, balançando e chorando sozinha. Mas não há nada que eu possa fazer. Já sou inútil, e sei disso.

Nem eu nem a mãe dele nem mais ninguém. Baltasar está sozinho. Mas o pior — muito pior do que isso — é que, no fundo do coração, ele sabe. Ele sabe

que é culpa sua. Tudo isso. É culpa sua por ser tão irresponsável. Por ensinar um menino a roubar. Por ser um exemplo ruim para uma boa alma. E ele sabe que, de alguma forma, algum poder invisível o está punindo pelo que ele fez com a própria vida. Todos os pecados imperdoáveis que ele cometeu. Ele sabe que Deus o odeia. Aqui está a prova, em seus braços. Qual Deus poderia fazer algo assim? Só um Deus que odeia.

E um único propósito toma conta de Baltasar. Ele está morto agora. Não há mais consequências. Ele está morto, e os mortos têm licença para matar os vivos. Ele está morto, e Deus o odeia. Aqui está a prova — bem aqui, sangrando em seu colo. Mas Baltasar não vai se contentar em ser odiado por Deus. Ele vai odiar Deus tam...

III

Sela parou no meio da frase. Já estava quase completamente escuro no deserto, mas ela sentia Baltasar de pé ao seu lado. Sela ergueu os olhos e lá estava ele, alto comparado às duas mulheres sentadas com seus rostos marcados por lágrimas, a silhueta marcada no último resquício de luz no céu e nas primeiras estrelas a acolher a noite.

— Continue — disse ele. — Não pare.

Sela tentou se convencer de que não se importava com o que Baltasar pensava, mas não podia deixar de se sentir um tanto envergonhada por compartilhar seu segredo mais sombrio com estranhos. Maria tinha razão. Ela ainda se importava o suficiente para sentir uma pontada de culpa por trair algo tão profundamente pessoal.

— Continue — repetiu ele, em um tom que soou menos como uma sugestão e mais como uma ameaça.

— Baltasar, eu...

— Diga a ela — disse ele. — Diga a ela o que aconteceu depois.

Sela suspirou. Não havia por que discutir. O estrago já estava feito. *O estrago estava feito havia muito tempo.* Ela se virou para Maria e continuou.

— Ele passou semanas vasculhando a cidade inteira, fazendo perguntas. Espionando o alojamento romano à espera de ver o homem que havia matado seu irmão, de ver o pingente que usava no pescoço. Eu mal o vi depois disso e, quando o encontrei, ele praticamente nem falou comigo. Um dia, ele encontrou o que estava procurando. Uma pista. Alguém tinha visto o centurião arrumar suas coisas e deixar Antioquia, indo para um novo posto

em outra parte do império. E ele foi embora naquela mesma noite sem dizer uma palavra à mãe. Ou a mim.

— E aí? — perguntou Maria.

— E aí, você tem que perguntar para ele — disse Sela, olhando para Baltasar. — Aquela foi a última vez que eu o vi até três dias atrás.

— E aí — completou Baltasar —, ele passou cada minuto da vida atrás do centurião. Atrás de vingança ou justiça ou como você quiser chamar. Seguindo boatos de uma cidade a outra. Roubando para sobreviver. Matando. Até que um dia, sem qualquer motivo, ele acordou e percebeu que tudo aquilo era inútil. A vida não é justa. Não *existe* justiça, tudo o que existe é o que é tirado de você e o que você pega de volta, e acabou.

— Se for para ser — disse Maria —, Deus vai lhe entregar o centurião.

— Deus teve nove anos para fazer isso.

— Talvez esse tenha sido o plano de Deus para você desde sempre.

— Não fale comigo sobre “o plano de Deus”, está bem? E os planos de Abdi? E as crianças que morreram em Belém? Os bebês que foram enviados para a morte antes mesmo de começarem a viver? Que planos as mães tinham para eles?

— E os planos que eu tinha para nós dois? — perguntou Sela.

Baltasar se virou e a encarou por um momento. Depois mais um pouco.

— Ande logo e acabe de dar de mamar a essa coisa — disse ele a Maria afinal. — Temos que continuar.

Com isso, ele desapareceu de novo na escuridão, determinado a curtir mais alguns minutos de raiva e solidão. Sela se levantou e desapareceu também, determinada a fazer o mesmo.

Maria se viu sozinha no último instante de luz. Ela olhou para o bebê em seus braços, dormindo depois de mamar. Vê-lo ali, tão indefeso e confiante, trouxe de volta todo o horror da história que Sela contara. Ela imaginou a dor que a mãe de Baltasar deve ter sentido ao perder dois filhos no mesmo dia, e a cara do centurião ao apertar a mão de Abdi até quebrá-la. Ela não sabia como uma pessoa podia fazer uma coisa daquelas com uma criança.

Também não sabia como alguém podia seguir em frente depois de testemunhar algo tão violento acontecendo a alguém que amava.

Só sabia que aquele homem terrível não parecia mais tão terrível assim.

IV

Herodes nunca esperara viver para ver tal coisa. Uma legião romana destruída. Lambendo as feridas no deserto da Judeia. E não pelas mãos dos gauleses ou dos visigodos, mas por causa de insetos. Era impossível, claro. No entanto, se você acreditasse nos boatos, era exatamente o que tinha acontecido.

E por que não acreditar neles? Quem iria mentir sobre uma coisa dessas? Quem admitiria ser derrotado por um enxame de insetos?

Herodes espiou pelas cortinas de sua liteira, que seus escravos levavam de um lado para o outro nos ombros. Havia viajado um dia inteiro e metade de uma noite, tentando alcançar os romanos que soltara como cães em seu próprio reino. Os romanos, que acabaram por se provar tão eficazes quanto suas próprias tropas. Ele percebeu que havia sido um erro envolver Roma. Sim, havia o benefício de lisonjear Augusto César, de dar a Roma o crédito pela vitória, mas Herodes não tinha considerado a possibilidade de eles falharem. Se isso acontecesse, a culpa recairia em seus ombros.

As fogueiras do acampamento queimavam dos dois lados, as chamas filtradas pelas cortinas da liteira. Acampamentos romanos eram em geral cheios de energia, música e conversas, repletos da camaradagem de soldados descansados e embriagados com vinho, mas esse campo parecia um cemitério. Os homens estavam sentados em silêncio ao redor das chamas, assustados. Claramente começavam a perceber o que Herodes já tinha entendido: *Estamos lidando com mais do que um ladrão e um bebê aqui.* Estavam chegando à conclusão de que o Deus dos hebreus tinha tomado

partido. Estava zombando deles. E, mesmo que fosse só o Deus dos hebreus, ser inimigo de *qualquer* divindade era, no mínimo, uma desvantagem tática.

Herodes, no entanto, estava habituado a esse sentimento. O Deus dos hebreus vinha zombando dele havia anos. Humilhando-o com cada gota de sangue que escorria de suas feridas abertas. Com a dolorosa secreção amarelada que escoava de partes que ele preferia que permanecessem saudáveis. E essa humilhação estava ficando pior com o tempo, conforme seu corpo enfraquecia. Herodes sabia disso, embora preferisse afastar esses pensamentos. *Você já viveu todo esse tempo, e isso ainda não o matou. Nada o matará.* Às vezes ele se perguntava se esse Deus era de fato capaz.

Pode um homem ser maior do que um deus?

A liteira de Herodes foi colocada no chão com cuidado e seus artesãos abriram as cortinas. Eles ajudaram seu rei frágil a ficar de pé, ajeitaram com gentileza as roupas amarrotadas da viagem, e então o levaram para uma tenda comum no centro do acampamento, cuja entrada era guardada por dois soldados romanos de armadura completa e ladeada por tochas acesas em postes altos. E, embora Herodes não pudesse vê-los, uma dupla de homens feridos em especial fazia um esforço tremendo para não chamar atenção enquanto ele se aproximava.

Gaspar e Belchior deram uma olhada ao redor da barraca em que Pilatos entrara, os dois cuidando dos minúsculos machucados causados pelos gafanhotos.



A tenda de Pilatos era bem simples. Mais espartana do que romana, na opinião de Herodes: algumas poucas cadeiras para receber oficiais, uma cama que parecia nunca ter sido usada e um capacete polido e um peitoral arrumados em cima de uma penteadeira, ao lado de uma espada. As lamparinas a óleo penduradas lançavam sombras dançantes pelo interior da barraca, mas não havia nenhum dos confortos habituais que Herodes exigia

durante suas viagens: nenhum tapete ou almofada, nem sofás para se deitar. Mais importante, nenhuma jovem com quem se deitar.

Isso não era jeito de se ir para a guerra.

Pilatós estava de pé em suas vestes formais roxas, as costuras adornadas com padrões de folhagem cerzidos com fios de ouro. Ele saudou o rei fantoche da Judeia com uma reverência exagerada, tomando cuidado para não fixar os olhos nele por muito tempo. Tinha ouvido relatos a respeito de sua aparência doentia, mas, quando realmente o viu — com a carne apodrecendo e os dentes escurecidos, os olhos amarelados e as feridas —, Pilatos ficou discretamente chocado. Rompendo com o protocolo, ele decidiu não beijar a mão estendida de Herodes e, em vez disso, abaixou-se e a tocou com a testa: uma alternativa raramente utilizada, mas aceitável.

— Vim aqui para ajudar vocês — disse Herodes.

— É uma honra — disse Pilatos, erguendo-se. — E posso perguntar como Vossa Alteza veio nos ajudar?

— Na única coisa para a qual você foi trazido até aqui. Capturar um ladrãozinho e uma criança.

— Se me permite — disse Pilatos —, não há nada de “inho” nele.

Herodes abriu um sorriso que mostrou um pouco dos dentes escurecidos.

— Não — disse ele. — Suponho que não.

Pilatós fez sinal para que o rei se sentasse, e ele o fez. A cadeira de madeira rangeu com seu peso, e, por uma fração de segundo, ele pensou que iria se quebrar e jogá-lo no chão. Seus braços se abriram por impulso, e ele sentiu a onda de adrenalina que acompanha uma quase queda, seguida imediatamente pelo alívio e a esperança fervorosa de que Pilatos não tivesse percebido essa breve demonstração de fraqueza.

— Você não acha estranho, Vossa Alteza? — perguntou Pilatos, que tinha visto o pânico momentâneo do rei, mas não demonstrou.

— Acho o que estranho?

— Bem? O “Fantasma da Antioquia”, ou Baltasar, ou o que você preferir. Ele é conhecido por ser um assassino sem coração, como você diz, um

homem que não dá valor algum à vida, que prefere trabalhar sozinho.

— E?

— E... você não acha estranho que um homem desses esteja com um casal de judeus e um bebê?

— Homens como ele só pensam em si mesmos. Só está viajando com eles porque existe alguma vantagem nisso, garanto. Mas não estou preocupado com o Fantasma da Antioquia, comandante. Estou preocupado com o fato de que foram incapazes de pegá-lo.

— Com todo o respeito, Vossa Alteza, estamos lutado com forças além de nosso controle.

— Com todo o respeito, seus homens foram vencidos por uma criatura que eu poderia esmagar entre meus dedos.

Pilatos era político demais para dizer as palavras que tinha na ponta da língua. Profissional demais para dar a Herodes o menor indício de uma expressão reveladora. Herodes ficou de pé, determinado a fazer valer seu argumento, enquanto encarava o jovem oficial do alto.

— Em trinta anos de reinado sobre os judeus, passei a acreditar em uma verdade muito simples — disse Herodes. — Que o tempo deles nesta terra está quase acabando. Tudo o que eles têm são histórias antigas. Velhas tradições. Contos sobre reis e líderes antigos, uma magia velha e um messias que fica só na promessa de chegar, mas nunca vem. Tudo em torno deles é velho. Está tudo no passado. Estou interessado em novas tradições. Novos impérios. Eu construo coisas novas, e eles reclamam. Estabeleço novas leis, e eles reclamam. Mas não dou ouvidos, porque eu sou o futuro. E eu certamente não os temo, ou temo o deus deles. Porque o tempo de Moisés e Davi virou poeira. O mundo pertence a César agora. Aos homens. E estou aqui para me certificar de que vai continuar assim.

— Mas, no entanto, Vossa Alteza, meus homens estão com medo. Estão com medo da ira desse poder. Desse deus.

— Se eu fosse eles, teria mais medo da ira de Augusto.

Visão. Essa era a qualidade mais importante de um líder. Era por isso que Herodes tinha reinado por tanto tempo e com tanto sucesso. Ele já havia

trazido aquele jovem oficial até ali. O “Pilatos”. Ele era um líder, com certeza, agressivo e completo, cauteloso o suficiente para evitar beijar sua mão doente, mas inteligente o bastante para encontrar uma alternativa adequada em uma fração de segundo. Por outro lado, faltava-lhe imaginação. Faltava-lhe visão. E isso o impediria de alcançar o sucesso que sua esperteza lhe fizera aspirar. Como sempre, caberia a Herodes garantir que as coisas seguissem tranquilamente dali para a frente.

— Eles estão indo para o sul, não é? — perguntou Herodes.

— Sim. Para o Egito.

— E o caminho mais rápido até o Egito é pelo vale de Kadesh... — *Visão, rapaz. Eu vou lhe mostrar o que isso significa.* — Soube que você tem um xamã viajando com a sua comitiva — disse Herodes. — Uma espécie de... vidente.

— O feiticeiro.

— Eu gostaria muito de falar com ele.

V

— **O** que é isto, um terremoto? — perguntou José.

Baltasar se lembrava de ter ouvido um som semelhante quando era menino em Antioquia. Um estrondo baixo, o gemido lento da terra movimentando-se sob seus pés, mas esses barulhos em geral eram seguidos de uma agitação violenta e, logo depois, dos gritos do povo em pânico. Dessa vez, não houve nenhum dos dois. No entanto, o rangido lento e grave de rocha arrastando em rocha persistiu. E os cinco fugitivos passaram a procurar a fonte do ruído crescente, que parecia agora estar vindo de todos os lados.

— O que é isso? — José repetiu.

O deserto os empurrara para o vale de Kadesh — uma passagem comprida e sem vida entre duas montanhas. Muito tempo atrás, houvera um rio correndo sobre a terra seca que eles agora pisavam, e os egípcios antigos — que acreditavam no poder da água de levar as almas para o além — haviam enterrado seus mortos nas margens, em túmulos de todos os tamanhos e variedades. Ao redor deles, ainda havia alguns restos daquelas tumbas há muito esquecidas, algumas esculpidas na rocha do desfiladeiro, outras feitas de pedras empilhadas, suas riquezas há muito carregadas por ladrões.

Depois de procurar pela fonte do som, os olhos de Baltasar enfim encontraram sua origem.

Os túmulos.

O primeiro que viu estava a menos de duzentos metros atrás deles. Era um dos maiores, esculpido na parede da montanha à esquerda e adornado

com esculturas agora desgastadas pelos ventos do deserto. A enorme placa de pedra do túmulo estava se abrindo, revelando a escuridão e o sofrimento de muito tempo e produzindo o rangido baixo de rocha se arrastando em rocha, não muito diferente do estrondo de um terremoto. E então Baltasar entendeu a esmagadora verdade da situação.

Estavam sendo cercados.

Sabendo que eles estavam indo para o Egito, os romanos os ultrapassaram — *de novo*. Ficaram à espera — *de novo*. E ali estavam eles, saindo de seus esconderijos — *de novo* — com espadas e flechas, inteiramente satisfeitos com si mesmos por terem conseguido tal façanha.

Já chega.

Era tão exaustivo. Baltasar estava cansado de ser surpreendido, só o simples fato de que tivesse se surpreendido já o surpreendia em certa medida.

É claro que estão nos cercando. É só o que eles fazem. Por que simplesmente não nos atacam logo e param de desperdiçar o tempo de todo mundo?

Como esperado, um dos romanos passou a cabeça para fora da porta aberta e começou a se mover depressa, mas de um jeito estranho, na direção deles, deslocando-se pelas pedras do desfiladeiro feito um inseto gigante. Depois de um olhar mais atento, no entanto, Baltasar se viu outra vez inundado por dúvidas. Pois o ser que estava rastejando até eles — *muito rápido... rápido demais* — não era um romano. Não era um soldado. Não era nem mesmo um homem.

Era um cadáver.

Mais rangidos juntaram-se ao primeiro à medida que mais placas de pedra se abriam ao redor deles. Os mortos estavam emergindo das profundezas sombrias, um túmulo depois do outro. Dezenas deles. Restos mumificados de homens, mulheres e crianças saindo à luz do sol há muito abandonada, finalmente livres da prisão da morte e se movendo na direção dos fugitivos com uma velocidade incomum, rastejando feito insetos pelo desfiladeiro.

O corpo deles estava em variados estados de decomposição, mas todos tinham a aparência frágil e sem vida de séculos de putrefação, os olhos e o cérebro pendendo apodrecidos do crânio. A pele esticada no rosto e os dentes expostos em sorrisos doentios. Moviam-se de forma deliberada, organizando-se em formação e se aproximando, como se fossem controlados por uma mente única e invisível, assim como os gafanhotos. Mas, ao contrário dos insetos, os fugitivos podiam sentir que aquele enxame estava muito interessado em lhes fazer mal, e estava a menos de cento e cinquenta metros.

— Baltasar? — perguntou José.

— Eu sei.

— O que vamos fazer?

— Me dê um minuto...

— Mas eles estão che...

— Eu disse: me dê um minuto.

Ele tinha que se concentrar, tinha que afastar a mente do precipício do pânico e bolar um plano, mas tudo o que podia fazer era observar enquanto um exército de seres ressuscitados se aproximava e o medo tomava conta dele. Tudo o que conseguia fazer era observar a horda se mover na direção deles, mais rápido do que a maioria dos homens seria capaz. *Rápido demais para que pudessem fugir.* Seus tendões ressecados rachavam a cada movimento e produziam barulhos altos o suficiente para serem ouvidos nitidamente por todo o desfiladeiro.

Baltasar vinha divagando bastante nos últimos dias, tentando examinar suas dúvidas. Tentando conciliar o que suas crenças lhe diziam com o que seus olhos e ouvidos lhe afirmavam nos últimos dias. Fora uma longa caminhada. Sem rumo. Inconclusiva. Mas agora ele estava diante de uma bifurcação na estrada.

Ou tinha que aceitar que estava morto ou sonhando, e nesse caso nada importava de fato e não haveria consequências, ou ele tinha que aceitar que o que estava presenciando era real. Nesse caso, tudo aquilo em que acreditava estava errado, e ele provavelmente estava condenado a passar a

eternidade nas chamas do inferno. Mas a eternidade teria que esperar. Era hora de decidir.

Melhor fingir que é real e estar errado, não é? Além do mais, tenho certeza de que algo milagroso vai acontecer quando toda a esperança estiver perdida. Tenho certeza de que vamos conseguir escapar no último segundo. Não é assim que tem sido ultimamente? Talvez dessa vez seja uma enchente. Uma parede d'água caindo do nada pelo vale, arrastando essas coisas, mas, de alguma forma, nos poupando. Na verdade, tenho certeza de que vai ser isso. Uma enchente.

Baltasar virou-se para os outros.

— Corram — disse ele.

Mas eles permaneceram onde estavam. José e Maria estavam paralisados de medo, olhando os mortos se aproximarem, cambaleantes — a menos de cem metros agora. Sela também parecia congelada até que se lançou na direção de Baltasar e puxou um punhal do cinto. Ela o fez tão de repente e com tanta violência que a princípio ele não teve muita certeza de suas intenções. *Talvez esta seja a oportunidade pela qual ela estava esperando*, ele pensou. *Sua chance de me matar por ter ido embora.* Mas Sela não queria esfaqueá-lo. Ela se aproximou e apontou para a horda.

— Vou ficar com você — disse ela. — Para ajudar a combatê-los.

Baltasar agarrou a mão dela.

— Não. — Ele apontou para José, Maria e o bebê. — Sem você, eles estão mortos.

— Sem mim, você está morto!

— Você sabe lutar, Sela, sabe como sobreviver. Leve-os para o Egito.

— De jeito nenhum que você vai conse...

— Cale a boca!

Ele agarrou o braço dela com força. Sessenta metros...

— Corra, agora, enquanto você ainda tem alguma vantagem. Não pare; só continue correndo. Eu vou tentar ganhar um pouco de tempo para vocês.

Ele a empurrou. Sela virou-se para o carpinteiro assustado e para a menina e seu bebê dormindo. Sabia que Baltasar estava certo. Sem ela,

estariam mortos.

— Sela — disse ele.

Ela olhou para trás, assustada, mas ainda assim tão bonita que não era justo, e por um momento eles voltaram às águas do Orontes, e tudo era dourado e infinito. Baltasar teve uma súbita vontade de agarrá-la e beijá-la uma última vez. O que tinha a perder? Estava provavelmente a instantes de uma morte horrível, e, além do mais, algo no rosto dela lhe dizia que estava pensando o mesmo. Mas, antes que pudesse reunir a coragem de fazê-lo, o grito dos mortos se aproximando espantou o passado e atraiu os olhos de Baltasar para a urgência do presente.

— VÁ! — gritou ele.

E eles se foram.

Enquanto os outros fugiam para o sul, Baltasar se virou para a aglomeração horrenda e podre. Eram mais ou menos quarenta, ele pensou, a menos de cinquenta metros. Ele viu um cadáver se arrastando pelo chão com longas unhas amareladas, sem as pernas que perdera na vida ou após a morte. O tronco de outro estava terrivelmente torcido, forçando-o a se mover de costas — o que na verdade não importava muito, já que não tinha olhos mesmo.

Eles não precisam ver, pensou Baltasar. Tem alguma coisa vindo por eles.

Sela estava certa, é claro. Ele não sobreviveria. No mínimo por não ter ideia de como matar o que estava prestes a enfrentar. Sua lâmina podia atingir essas criaturas como se fossem feitas de pedra. Ou ele podia entrar em combustão no momento em que sua pele tocasse a deles. Nada o surpreenderia. Não mais. Mas não importava. Mesmo que significasse a morte mais dolorosa e horripilante que um ser humano jamais experimentara, eles não iriam pegar o bebê, e não iriam pegar Sela. Vinte metros...

Ele apertou com força o punho da espada... Respirou fundo o ar seco do deserto.

Certo, Baltasar... Hora de morrer.

Desembainhou a espada. E, enquanto se aproximava deles e seus rostos entravam em foco, Baltasar viu o quão deploráveis eram: bolhas de fluido de embalsamamento presas sob a pele endurecida, a podridão negra dos dentes, os tufo de cabelo agarrados ao couro cabeludo em tons de cinza, preto e marrom.

Ao alcançar a linha de frente do bando, ele foi recebido com notícias boas e ruins: a ruim era que aquelas criaturas eram mais rápidas e mais fortes do que pareciam a distância. A boa era que sua espada parecia funcionar muito bem.

Deu início ao ataque, arrancando membros e pescoços. Golpeando a pele pálida e os tendões endurecidos que os mantinham de pé e tentando não pensar no forte cheiro daqueles corpos mortos há muito tempo — nos demônios que o agarravam com dedos secos. Seus ossos se quebravam e sua pele se rasgava à medida que se moviam.

De repente ele tinha doze anos de novo. Estava de volta às covas rasas dos romanos, desenterrando corpos recém-mortos. Saqueando-os. Lutando contra o medo, contra as visões aterrorizantes e quase reais dos corpos voltando à vida. Visões dos mortos agarrando suas roupas e cabelos. Puxando-o para junto deles. Mas aquelas eram apenas visões. Agora os monstros eram reais. Eles se moviam sem que houvesse sangue nas veias, sem coração batendo em seu peito. Não tinham pulmões ou cordas vocais, e ainda assim cada um deles emitia sons estranhos. Gemidos ofegantes e guturais que soavam a Baltasar como um último suspiro interminável. Juntos, criavam um coro.

Tem alguma coisa naquele bebê.

Talvez ele descobrisse o que era do outro lado da morte. Talvez houvesse algo esperando por ele. E os sonhos que teve quando estava morrendo por causa da facada? Aquelas visões estranhas de velhos em quarto roxos e cor-de-rosa? E o que dizer do Homem de Asas? O homem cujo rosto fizera Baltasar chorar só de olhar para ele?

O rosto de Abdi.

Era isso, não era? Abdi, o homem adulto que nunca chegou a ser? Um homem de asas, segurando seu irmão mais velho e sobrevoando o deserto da Judeia? Guiando-o pelo oceano do tempo e do espaço? Baltasar pensara naquilo como uma visão. Nada mais do que sonhos vívidos de uma mente que estava prestes a morrer. Mas agora, encarando a morte literal e figurativamente, ele aceitou que poderia ser algo mais. Na verdade, esperava que fosse.

Baltasar talhou, chutou e empurrou os cadáveres, mas eles o estavam cercando mais rápido do que era capaz de afastá-los. Um rosto terrível após o outro. Um conjunto frágil de dedos mumificados após o outro, com suas unhas velhas o arranhando. Agarrando suas roupas. *Se ao menos eu tivesse uma tocha, poderia colocar fogo neles. Eles estão tão secos que queimariam feito um telhado de palha.* Mas tudo o que tinha era sua espada e, um par de braços que estava se cansando rápido demais para empunhá-la.

Eles estão ganhando.

Não havia dúvida. E, à medida que o dominavam, Baltasar gritava. Não de medo, mas por saber que aquela era a sua hora — sua última chance de marcar sua presença na Terra. Ele gritou até sentir o gosto de sangue no fundo da garganta, enquanto o enxame de mortos o cercava completamente.

Enfim a paz...

E, enquanto gritava, os mortos de repente foram caindo sem parar no chão, como se as cordas que controlavam seus membros estivessem sendo cortadas de uma só vez. E, com um baque surdo e empoeirado, não eram mais que tendão e osso novamente. Silêncio. Baltasar ficou parado, respirando fundo. Estava diante de uma visão espantosa. E um pouco assustado consigo próprio também.

Ele ganhara.

Por algum milagre, tinha sido poupado. Exatamente como previra, uma força invisível sorria para ele no último instante possível. Se os judeus chamavam isso de Deus, que assim fosse. Se fora Deus ou se fora sorte ou qualquer outra coisa, não importava. O que importava eram os outros. Ele

poderia alcançá-los agora. Levá-los pelo restante do caminho até o Egito e acabar logo com isso. *Graças a Deus. Ou o que quer que fosse.*

Mas, assim que se permitiu saborear aquela pequena vitória, aquele pequeno momento de abrir a cabeça, um outro tipo de estrondo espantou seu otimismo. Baltasar olhou ao redor, certo de que estava prestes a presenciar uma segunda onda de seres apodrecidos emergindo de suas tumbas, mas não havia nada. Nada, exceto o barulho. *Pensando melhor, um tipo diferente de som. Um tipo muito mais... comum... de...*

O barulho de cascos batendo no chão.

Baltasar olhou além dos corpos sem vida no chão diante dele até que viu o que pareciam ser aproximadamente mil cavalos vindo até ele do norte, seguindo pelo estreito vale. Não podia ver os rostos dos homens nos cavalos, mas imaginou que a maioria deles tinha o olhar presunçoso e satisfeito dos que engendram mais uma armadilha inteligente.

Os romanos estavam chegando.

A pequena horda de mortos fora substituída por uma horda gigantesca de vivos. O que não era uma melhora — não numericamente, mas ao menos Baltasar sabia como matar as coisas que vinham na direção dele. Mais uma vez, ele ergueu a espada e se preparou para o ataque, um ataque imprudente e suicida, tudo para dar a seus amigos — *está aí uma palavra que só apareceu agora e pela qual eu não esperava, mas que parece se encaixar perfeitamente* — um pouco de tempo.

Hora de morrer...

Estava cansado de fugir. Passara tanto tempo se deslocando de um lugar para o outro — procurando o pingente, roubando para sobreviver, matando para viver. Seria bom morrer. Se sua morte pudesse dar aos amigos um pouco de tempo, então que assim fosse. *Você merece morrer, depois de todas as coisas que fez. De todas as vidas que ceifou. De todas as coisas que roubou* — *objetos e futuros.*

Ele os encontraria de cabeça erguida e mataria quantos pudesse. Pela segunda vez em dois minutos, Baltasar correu em direção à morte certa, com a espada erguida. Gritando. Pela segunda vez em dois minutos,

enfrentou com coragem e sem a menor chance de vencer uma onda de corpos. Uma parede cega de membros se debatendo e armaduras rangendo.

A última coisa de que se lembrava era uma luta breve, uma dor aguda.

E então... a paz afinal.

E Abdi com os braços ao redor dele, dizendo-lhe que ia ficar tudo bem.



SEM ACIDENTES

“Também eu me ri no dia da vossa calamidade; zombarei, quando sobrevier o vosso terror, quando o terror vos sobrevier como tempestade, e a vossa calamidade passar como redemoinho, e quando vos sobrevierem aperto e angústia.”

Provérbios 1:26-27

I

De olhos fechados, Herodes estava recostado, aproveitando o movimento suave do balanço da liteira. Um bebê sendo embalado para dormir. Estava a caminho do palácio de verão, um de seus locais de descanso favoritos, às margens do Mediterrâneo, onde a brisa da praia carregava a névoa fria das ondas se quebrando e as canções das aves marinhas acalmavam os nervos de qualquer um que tivesse se aventurado na cova do leão, em Jerusalém. E embora ainda não pudesse ouvir as ondas batendo nas rochas costeiras, Herodes sabia que estavam perto, pois já sentia a maresia. Ele inspirou fundo. Saboreando-a. Talvez fosse o cheiro mais doce que já tinha sentido.

Estava tudo certo com o mundo.

Em algum lugar do outro lado de sua liteira de cortinas cor de vinho, o preso estava sendo arrastado nu pelo deserto. Humilhado e sangrando. Os soldados romanos haviam mijado nele enquanto seu corpo era arrastado pela areia e por grama seca. Estava também sendo alvejado com pedras e insultos. Logo seria submetido ao sofrimento mais inimaginável que o império podia invocar, antes de ser exilado para o deserto da morte. O “Fantasma da Antioquia” passaria a ser apenas um fantasma. E isso era bom. Sem seu protetor, os outros fugitivos logo seriam capturados. E isso também era bom. Mas não tão bom quanto o que acontecia *dentro* da liteira de Herodes. Em seu interior, algo de extraordinário estava acontecendo.

Um milagre. Era a única maneira de descrevê-lo.

Pela primeira vez em anos, Herodes, o Grande, estava... melhorando. Podia sentir isso acontecendo a cada minuto, a cada metro. As lesões

ulceradas de sua pele — suas velhas conhecidas crostas ensanguentadas e cheias de pus — diminuía com velocidade incomum, e sua pele começara a ter a palidez doentia substituída por um saudável tom bronzeado. A audição melhorara, os músculos estavam mais fortes, o cabelo já tinha uma tonalidade mais escura, os dentes estavam um tom mais brancos e a mente, um tanto mais aguçada. Sua visão, anuviada por tanto tempo, estava de repente tão clara e úmida como no dia em que assumira o trono.

Eu estava cego, mas agora vejo.

Era um milagre. Mas não um milagre de um deus qualquer. Era a magia dos homens, libertando-o do cárcere privado da natureza. Era mais do que um milagre, era uma confirmação de tudo em que Herodes acreditava. Uma confirmação de que o tempo dos velhos mitos e dos deuses antigos estava no fim. De que o Novo Mundo era um lugar onde os milagres seriam realizados pelos homens.

Um mundo no qual não havia mais necessidade de deuses.



De volta ao acampamento romano, Herodes se apresentara ao feiticeiro com uma proposta simples. Uma que tinha surgido em sua cabeça, como em um sonho.

Sua decisão de envolver Roma em seus problemas domésticos tinha se transformado em um desastre. Mas em toda crise existe uma oportunidade, e mais uma vez a mente de Herodes havia revelado o forro de prata nas nuvens ao redor dele. Teve o cuidado de fazer sua proposta longe dos ouvidos ávidos de Pôncio Pilatos — até onde sabia, aquele fiel comandante romano não iria gostar do que Herodes tinha a dizer.

Sem sua equipe habitual de cortesãos e guardas, Herodes entrou na tenda grande e exuberante do feiticeiro. Lá, encontrou o sacerdote das sombras sozinho em suas roupas de dormir, sentado de costas para a

entrada da tenda iluminada pelas lamparinas de óleo e empenhado no ato muito pouco mágico de encher a pança de cordeiro cozido.

— Augusto não gosta de você — começou Herodes.

O feiticeiro parou no meio da garfada. Ele limpou a boca e se virou para Herodes, bem devagar. *Isso... tenha o cuidado de se virar bem devagar, pois eu peguei você sendo humano, e você precisar restabelecer sua aura mística.*

— Não o leve a mal — disse Herodes, quando o feiticeiro completou sua volta lenta e mística. — Ele também não gosta de mim.

Ele entrou completamente na tenda e deixou a cortina se fechar atrás de si.

— Não estou dizendo que seja culpa dele. Vamos deixar isso bem claro. Não é fácil para um homem poderoso confiar em outras pessoas. Até eu posso ser muito autoconfiante, às vezes, bastante teimoso. Faz parte de ser um líder. Mas os romanos... os romanos têm um dom especial para se acreditar superiores a *todos* os homens. Olhe só os seus mitos. Mesmo os seus deuses não conseguem deixar de se apaixonar por eles e de acasalar com eles. É detestável.

Ele deu mais um passo à frente, esperando poder avaliar melhor a expressão do feiticeiro através de seus olhos anuviados. Mas não havia expressão a avaliar. O outro manteve-se impassível e cauteloso.

— Você sabe quem eu sou? — perguntou Herodes.

O feiticeiro deu um aceno lento e quase imperceptível de cabeça.

— Então você sabe o quanto eu tenho a perder por dizer o que estou dizendo.

O feiticeiro o estudou por um momento, e depois deu outro aceno ainda menor. Herodes sorriu e se sentou, com cuidado redobrado para se manter firme desta vez. *Sem demonstrar sinais de fraqueza... agora não.*

Ele sabia como falar com esses místicos. Por fora, eles usavam sua piedade como uma coroa, evitando os prazeres triviais da vida terrena e cultivando um ar de mistério em torno de si. Veja este feiticeiro, por exemplo. Ele não falava — não por alguma doença ou por não ter língua, mas para manter a aura que criara em torno de si próprio. Sim, havia toda

essa baboseira sobre antigos votos de silêncio e manter a voz pura para os feitiços e coisas assim. Mas, realmente, ser um místico não era diferente de ser um rei: quanto mais poderoso as pessoas acreditavam que você era, mais poderoso você era. E este pequeno truque funcionava, porque a maioria dos homens era fraca de espírito. A maioria dos homens eram ovelhas.

Mas não Herodes.

Sim, o feiticeiro conhecia alguns truques. Sim, ao que parece, ele era capaz de torcer as regras da natureza de acordo com a sua vontade. E isso tem o seu valor. Mas no final das contas, ele era um homem — e homens eram homens. Eles partilhavam das mesmas fraquezas e desejos, quer usassem vestes de reis, camponeses ou sacerdotes.

— Você e eu — disse Herodes. — Nós somos homens de que o mundo já não necessita.

Ele esperou por uma reação. Uma sobrancelha erguida, um olhar de perplexidade. Qualquer coisa. Mas o feiticeiro não se manifestou.

— O mundo não se preocupa mais com a magia — continuou ele. — Não se preocupa com sacerdotes ou velhos reis murchos e seus pequenos reinos. Tudo o que lhe interessa é Roma e seu imperador. O mundo existe para servi-lo. Nós existimos para servi-lo. E desde que o façamos, qualquer poder que tivermos pertencerá a ele.

Não havia como voltar atrás agora. Estava no terreno da traição.

— Sozinhos — continuou Herodes —, nós dois não somos... nada. Eu, um rei que viveu por dois Césares, que governou meu pequeno reino com a permissão de Roma. Você, um feiticeiro que é mantido trancado porque é uma arma. Usado apenas quando Augusto precisa se proteger de seus inimigos. Mas nenhum de nós nunca teve autorização para testar os limites dos nossos poderes, e certamente nunca nos permitiram usá-los em benefício próprio. Não, tal coisa seria uma ameaça ao próprio poder do imperador. Sozinhos, um rei e um feiticeiro não são nada comparados a Roma. Mas juntos...

É agora... faça-o enxergar. Faça-o compreender quão glorioso poderia ser.

— Meu reino? Seus talentos? Juntos, podemos construir algo glorioso. Uma força que poderia desafiar Roma. Talvez até se tornar o novo império do Oriente. Um império governado por dois reis: você e eu, lado a lado. Augusto pode não gostar de você, mas eu gosto. Ele teme seu poder, eu o recebo de braços abertos.

Ele continuou o discurso, lisonjeando a maestria do feiticeiro no uso dos elementos, prometendo-lhe coisas que todos os homens queriam: poder, riqueza, sexo. E, acima de tudo, *reconhecimento*. A chance de sair da sombra do imperador e dos véus do sigilo e da piedade. Quando sentiu que o feiticeiro estava completamente seduzido — o que era na verdade apenas uma suposição, pois ele não dera nenhum sinal exterior de ter sido seduzido —, Herodes deu o bote:

— Tudo o que eu tenho é seu, se você quiser. Minha coroa, meu exército, minha fortuna, meus palácios, todo o tesouro e as mulheres neles. Governe comigo. Governe comigo, e nós dois poderemos nos libertar da servidão. Nós podemos construir algo que ecoará através dos tempos.

O feiticeiro assimilou a proposta pelo que pareceu uma eternidade. Então, decidido, voltou-se para o seu jantar sem nem sequer um aceno de cabeça. Por um momento, Herodes sentiu tudo lhe escapar.

Fui longe demais...

Agora, Herodes não só não teria o que viera buscar, como também seria considerado um traidor do imperador e exilado para o deserto da morte. Felizmente, porém, o feiticeiro não tinha lhe dado as costas por um prato de cordeiro frio — tinha sido pelo pergaminho. Herodes o observou ansioso enquanto ele rabiscou algo, virou-se de volta para ele e lhe passou o documento.

E você?

— Tudo o que desejo é a sua parceria — disse Herodes.

O feiticeiro apontou as duas palavras de novo, ressaltando cada uma com o toque de seu dedo.

E. Você?

Herodes sorriu. Gostava daquele pequeno sacerdote. *Sem frescuras; sem rodeios*. Ele levou um tempo antes de dar a resposta verdadeira. Quase não conseguia dizê-la. Eram apenas duas palavras pequenas, mas que carregavam tanto consigo. Tanta... esperança. *O vinho dos fracos*. E se o feiticeiro não fosse capaz de atender ao seu pedido? E se ele simplesmente lhe dissesse não? Então, Herodes teria esgotado a última de suas opções, e sua visão teria falhado.

— Minha saúde — disse, afinal. — Em troca, peço por minha saúde. Isso se você for poderoso o suficiente para devolvê-la a mim.

Agora era a vez de o feiticeiro sorrir, pois ele já sabia, é claro. Sabia desde o instante em que o rei fantoche da Judeia começara seu discurso. Ele ficou de pé, ajustou as roupas, fechou os olhos e murmurou um encantamento. Uma sequência de palavras indecifráveis em alguma língua morta.

Logo depois Herodes foi atingido por uma energia estranha e invisível, uma onda de ar quente de um fogo que não havia ali. E ela se moveu ao redor dele, atravessando seu corpo e o sangue doente que corria em suas veias. Quando o calor chegou à sua cabeça, ele foi dominado pela tontura. Uma breve onda de náusea.

Quando o enjoo passou, ele nasceu de novo.

Herodes examinou as costas das mãos, e, embora não pudesse notar qualquer mudança imediata em sua forma torcida ou nas escaras na pele, algo lhe dizia que em breve ele enxergaria. Algo lhe dizia que tinha sido curado. Sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Foi tudo muito, muito rápido. E, apesar de quaisquer esquemas traiçoeiros que o levaram à tenda do feiticeiro, não podia deixar de se sentir verdadeiramente tocado em um momento como aquele.

— Não existem acidentes nesta vida — disse ele, à medida que uma lágrima lhe escapava e escorria por seu rosto sofrido. — O Destino nos uniu, você e a mim. E grandes realizações virão disso.

O feiticeiro retribuiu com um risinho no canto dos lábios...



Herodes de fato se sentia muito melhor. Como antigamente. E, enquanto tivesse o feiticeiro a seu lado, ele só iria ficar melhor. Mais forte. O que mais? Talvez nem precisasse entregar o poder ao filho, como pensara. Talvez jamais fosse necessário sequer entregar o poder a alguém. Se continuasse melhorando — se aquele sentimento caloroso e estranho continuasse a correr em suas veias —, então, quem poderia dizer quanto tempo ele viveria? Quanto mais ele poderia construir?

Uma coisa era certa: não era mais fantoche de César. Augusto teria que lidar com ele agora. Respeitá-lo. Talvez até temê-lo. E embora o exército da Judeia não fosse páreo para o de César, os romanos não se atreveriam a invadir. Não enquanto Herodes tivesse o feiticeiro a seu lado. E não enquanto ele conduzisse seus súditos judeus corretamente.

Eles odeiam Augusto tanto quanto eu. Vou arrebatá-los com um frenesi de independência. Vou convocar “uma revolta contra Roma”, e eles vão engolir.

Tais visões giravam na cabeça dele, dançando e oscilando lindamente. Era engraçado como tantos anos de sofrimento e dúvida podiam ser completamente afastados em um piscar de olhos. Herodes havia se resignado à tristeza. Lá no fundo, tinha esperança, é claro. Mas a esperança era o vinho dos fracos, e sentia vergonha até mesmo de dar um pequeno gole. No entanto, ali estava a sua saúde — de volta e mais espetacular do que jamais teria imaginado. Ele olhou para as mãos. Tocou as bochechas. A única coisa que Herodes desejava mais do que ver seu próprio rosto refletido era ver “Baltasar” morrendo da maneira mais terrível que se pudesse imaginar: as unhas arrancadas uma a uma, os órgãos genitais decepados e queimados na frente dele, os membros esmagados com um porrete, a pele cortada em tiras e descolada dos músculos.

Um novo som chegou aos ouvidos de Herodes à medida que a maresia ficou mais forte. Não eram as ondas se quebrando — ainda não. Mas era um som de água. *Começou a chover lá fora.* Ele abriu as cortinas da liteira para

confirmar e viu as primeiras gotas gordas que caíam do céu cinzento e colidiam com a poeira do deserto. Era um espetáculo raro, mas muito bem-vindo no sul da Judeia.

O mundo estava vivo novamente. A chuva era uma bênção. Outro sinal de que Deus não podia detê-lo.

II

A expressão “palácio de verão” trazia à tona visões pitorescas de uma pequena mansão na praia. Mas, no final das contas, o complexo de Herodes à beira-mar tinha quase duas vezes o tamanho do palácio idêntico que ficava em Jerusalém, embora este se restringisse a um único andar, e não dois. Era um dos projetos mais recentes de Herodes, construído com todos os confortos que o mundo moderno pode oferecer: penicos, janelas de vidro, banhos aquecidos. Também havia um grande espelho de prata nos aposentos do rei. De todas as comodidades, esta era a que Herodes estava mais ansioso para usar.

O palácio erguia-se na costa rochosa do Mediterrâneo, um bloco gigantesco de tijolos bege, com algumas paredes atingindo sessenta metros de altura. Arquitetonicamente, era uma construção simples: um enorme cubo central feito de pedra calcária, cercado por um punhado de dependências menores feitas de tijolos. “Um bloco grande e chato na praia”, como Herodes o chamava. Não havia paredes em torno dele. Nem torres de vigia. De um dos lados, o mar fornecida uma barreira natural, dos outros três, o deserto plano e infinito. Praticamente não havia moradores locais a serem impedidos de entrar no complexo. Só os egípcios ao sul, o mar a oeste e alguns poucos beduínos errantes ao norte e a leste. As sentinelas postadas no alto do telhado podiam ver qualquer homem a quilômetros de distância, quanto mais um exército ou uma esquadra naval.

Uma varanda de mármore se estendia ao longo da base do cubo junto à praia, onde, em seus dias mais saudáveis, Herodes saía para se bronzear com algumas escolhidas de seu harém. Uma larga escadaria de mármore descia

graciosamente a partir da varanda até o mar, onde encontrava com um longo deque de madeira. Suas pranchas saudavam Herodes e seus convidados quando eles chegaram de barco a partir do norte. Hoje, no entanto, o cais estava repleto de navios romanos de guerra, oscilando nas ondas de tamanho considerável que se avolumavam sob a tempestade crescente.

A marinha romana chegara pela costa sul da Judeia para se juntar ao seu exército. A frota era liderada por um lendário almirante chamado Lúcio Arrúncio, que tinha sido fundamental para que seu amigo Augusto alcançasse soberania exclusiva do império. O imperador enviara seu almirante mais confiável para cuidar de seu estimado feiticeiro e do promissor oficial, embora jovem e ainda não testado, Pôncio Pilatos.



À medida que Baltasar era puxado na direção do palácio distante, os pulsos atados com corda, ele podia distinguir a parte de cima de vários navios subindo e descendo, mastros nus balançando como juncos na brisa. A chuva estava mais forte agora — cada gota um alívio bem-vindo aos arranhões e farpas que feriam sua pele. Ao chegar ao pé do palácio, ele foi arrastado para longe da procissão principal sem a menor cerimônia e levado até uma pequena entrada lateral. E o que era um céu cinzento e chuvoso de repente se transformou em uma passagem negra cuja escuridão era permeada apenas pela luz bruxuleante das tochas na parede. Estava em um calabouço. Para nunca mais ver o céu.

Ele foi levado até uma cela grande e escura. A água da chuva escoava pelas pequenas rachaduras no teto e caía no chão de pedra em gotas que ecoavam nas paredes lisas do calabouço. Uma corda foi amarrada em torno de seus pulsos e presa a uma grande viga de madeira que ia de uma parede à outra, logo acima de sua cabeça. Quando as cordas foram esticadas, Baltasar ficou pendurado pelos pulsos, os dedos dos pés balançando a pouco mais de

um centímetro do chão. Seus tornozelos foram atados e um pano foi amarrado em sua cintura — uma única concessão ao seu pudor.

Ou, mais provavelmente, ao deles.

Ao contrário das gotas frias que caíam do céu lá fora, o calabouço estava quente. Insuportavelmente quente. Uma fogueira ardia em um forno de tijolos construído em uma das paredes. Vários instrumentos de metal já estavam alinhados sob as chamas, todos prestes a brilhar em um ardente tom de vermelho. Baltasar imaginou que se tratassem de atizadores de metal, peças para marcá-lo e coisas do tipo, embora não pudesse dizer ao certo, já que só podia ver os cabos de madeira pendurados.

O que quer que sejam, não vou gostar nem um pouco deles. Nem um pouco.

Tampouco gostaria dos instrumentos afiados que estavam dispostos em uma pequena mesa perto da parede, não muito longe do forno. Também não podia ver exatamente o que eram, mas o cenário lembrava uma mesa de médico — bisturis, pinças e tesouras, todos ordenados um do lado do outro, meticulosamente afiados e prontos para serem usados. Junto a eles, havia uma tigela com água e um pano.

— O que os pescadores dizem mesmo? — perguntou uma voz grave e conhecida.

A porta da cela se abriu, e os guardas abriram passagem para Herodes entrar.

— “Quanto mais difícil a luta, mais doce a captura”?

Herodes veio seguido de perto por um sujeito estranho de roupas pretas. De cara Baltasar odiou o pequeno homem, principalmente porque suspeitava que estava prestes a usar os instrumentos afiados para fazer coisas terríveis com ele. Mas também, e não havia como ter certeza disso, porque suspeitava que o homenzinho tinha alguma coisa a ver com os cadáveres que saíram de suas tumbas para atacá-lo.

O feiticeiro mergulhou as mãos na bacia e as lavou antes de avaliar os vários instrumentos na mesa diante dele. Ele fez questão de que Baltasar tivesse uma visão clara de tudo, plenamente consciente de que a expectativa

era a parte mais dolorosa de qualquer tortura. Ele examinou as pequenas facas e outros instrumentos, tão afiados que era quase possível ouvi-los cantar. Uma cadeira foi trazida para Herodes, que se sentou a poucos metros do condenado. Uma pequena mesa com um arranjo de laranjas e tâmaras foi rapidamente colocada a seu lado. Ele estava perto o suficiente para ver cada gota de sangue, mas longe o bastante para evitar que qualquer respingo pudesse cair nele. O velho rei parecia a Baltasar um espectador em uma corrida de bigas.

— O que quer que você faça comigo — disse Baltasar —, não vai fazê-lo se aproximar deles.

— E o que você acha que eu espero obter de você? — perguntou Herodes. — A informação de que seus amigos estão indo para o Egito? É claro que estão indo para o Egito. Estão correndo para se salvar neste exato instante, porque acreditam que estarão seguros assim que atravessarem a fronteira. Mas eles estão enganados, sabia? O Egito pode ser o final do meu território, mas nossos amigos romanos dominam o mundo todo.

Tudo o que Baltasar podia fazer era encará-lo de volta, fantasiando sobre apertar seu pescoço decadente com as próprias mãos.

— Não estou interessado no que você sabe — disse Herodes. — Estou interessado em vê-lo gritar.

— Então você vai ficar decepcionado.

— Vamos ver — respondeu Herodes, com um sorriso. Podia ver as gotas de suor escorrendo pelo rosto de Baltasar. O tremor em seus dedos. Talvez fosse de exaustão, mas Herodes achou que o mais provável era que o poderoso Fantasma da Antioquia estivesse apavorado em silêncio. — Você parece já estar com medo — disse ele.

— E você parece um cachorro doente com a coleira de Roma pendurada no pescoço.

Junto à porta, Pilatos lutou para reprimir uma risada. *Eu não teria conseguido fazer uma descrição melhor.* Herodes fitou Baltasar por um instante e depois riu. Se tivesse ouvido tal insulto ontem, talvez pudesse ter deixado a raiva tomar conta de si. Ou mesmo a mágoa. Mas isso era antes de

tudo mudar. Antes de seu corpo e seu futuro serem retirados das cinzas. Hoje, ele encarava as palavras de Baltasar pelo que eram: as tentativas desesperadas de um homem à beira da morte.

O feiticeiro escolheu seu instrumento — um bisturi — e se aproximou. Baltasar se preparou para o que estava por vir. Havia um lugar em sua mente. Um lugar no qual podia se abrigar. Um lugar onde Abdi estava esperando por ele. Onde sua mãe e suas irmãs estavam esperando para lhe dar as boas-vindas. E Sela. Ela estava lá, dourada e infinita. Nua sob as águas do Orontes, selvagem e acolhedora.

Pilatos permaneceu junto à porta. Não gostava muito de tortura e queria estar perto da saída, caso se sentisse enjoado. Em sua experiência, tal prática só servia para extrair mentiras, e funcionava mais para o prazer do torturador do que para a dor do torturado.

— Leve o tempo que quiser — disse Herodes à medida que o feiticeiro se aproximou de Baltasar com a lâmina brilhando sob a luz das tochas.

Não havia motivo para pressa. O público achava que o Fantasma da Antioquia já estava morto. Sem correr o risco de criar simpatia pelo prisioneiro, eles podiam ser tão cruéis e minuciosos quanto quisessem.

O feiticeiro deu início aos trabalhos, levando a faca até a lateral do corpo de Baltasar. Tinha decidido começar esfolando a vítima, um pedaço de cada vez. Então passaria para outros métodos menos cirúrgicos de infligir dor. Gostava de começar com o tronco — tirando faixas de carne da base das axilas até a cintura. Era um trecho rico em nervos, excruciante quando aberto e descolado do corpo, mas removê-lo não era fatal. Outros preferiam começar com o rosto e ir descendo, mas, embora retirar a pele do rosto fosse doloroso e assustador, muitas vezes era mortal.

Prolongar a morte era semelhante a prolongar o orgasmo. Quanto mais perto você pudesse levar a vítima da linha de chegada sem de fato cruzá-la, melhor. O truque era ir devagar para dar à vítima tempo de se recuperar do choque, para mantê-la consciente e conservar sangue suficiente em seu corpo para que ela permanecesse viva por dias a fio. Esse era o truque. Isso é que era uma boa tortura.

Baltasar fechou os olhos e imaginou os barcos flutuando lentamente. Estava sentado com Abdi no colo sob a árvore preferida deles. *Aquela que tem uma marca no tronco. Igual ao ferimento que seu irmão estava prestes a ter...*

Pare.

Aquilo não estava ajudando. *Pense em outra coisa, Baltasar. Pense em outra coisa, rápido. Leve sua mente para fora desta sala. Afaste-a da dor.* Ele repassou uma série de imagens, palavras, memórias, qualquer coisa que fosse forte o suficiente em que se agarrar. Forte o suficiente para mantê-lo em segurança quando a dor viesse, tentando puxá-lo de volta para o presente. Tentando fazê-lo gritar.

Baltasar olhou para cima, além da corda que prendia seus pulsos, além da viga de madeira que mantinha seu corpo suspenso. Olhou para cima, além dos pingos de chuva aumentando no teto lá no alto, para além do próprio teto. Baltasar olhou além do topo do palácio e do céu e do paraíso, e viu algo no qual podia se agarrar. A única coisa que era forte o suficiente para segurá-lo em seus braços.

O Homem de Asas.

Ele olhou para baixo de novo quando o feiticeiro aproximou a lâmina de sua pele, provocando-o com o pressentimento da dor. Fitando-o com aqueles olhos negros. Baltasar o fitou de volta. Estava determinado a permanecer completamente calado. Determinado a não se contorcer, não importando o que acontecesse. O feiticeiro enfiou o bisturi logo abaixo da axila esquerda de Baltasar. A lâmina afiada entrou quase sem nenhuma dificuldade, e ele começou a conduzi-la até embaixo lentamente, em uma linha reta, até o quadril. A incisão era tão fina que, a princípio, não sangrou. Como um corte de papel, ficou respirando por um momento até que o sangue brotou como belas contas negras que escorreram pelo seu corpo. Enquanto escorriam, Baltasar manteve-se firme, em um abraço apertado com o Homem de Asas.

Ele permaneceu parado e em silêncio mesmo quando a lâmina do feiticeiro voltou ao início do caminho e fez uma segunda incisão paralela à

primeira, e então juntou os dois talhos com outros, pequenos, no topo e na base. Baltasar não emitiu nem um grunhido, embora seus dentes estivessem rangendo até se despedaçar em sua mandíbula cerrada. Ele não se contorceu. E quando abriu os olhos sua firmeza foi recompensada diante da visão de Herodes de cara fechada. Obviamente o rei estava decepcionado com o desempenho de seu prisioneiro até o momento. O Homem de Asas — Abdi — tinha Baltasar firme em seus braços.

E então o feiticeiro segurou o topo do longo retângulo de pele e começou a puxá-lo até o final, separando-o do corpo de Baltasar. E, com aquilo, Baltasar foi se separando de Abdi.

Ele gritou.

Ele gritou à medida que sua pele era tirada, desde a axila até o quadril. Gritou quando seus nervos e vasos capilares foram cortados, quando a pele e a gordura foram arrancadas, deixando apenas músculo cru e sangrento. Foi o bastante para Pilatos, que, em silêncio, se retirou da câmara e foi para o corredor. Não podia deixar de sentir algo por aquele infeliz.

III

Arrancado, ela pensou.

Sela estava escondida em um penhasco ao norte do palácio, as ondas do Mediterrâneo quebrando a poucos metros de onde estava agachada por trás das rochas pontiagudas. Atrás dela, José e Maria estavam abraçados, juntando suas roupas para fazer uma tenda improvisada para o bebê, embora aquilo não fosse suficiente para evitar completamente que a água da chuva o molhasse. Apesar das gotas intermitentes que caíam em sua cabeça, o bebê dormia, embalado pelo som da chuva e das ondas.

Escondidos, eles ficaram observando Baltasar apanhar até ficar inconsciente. Contrariando o bom senso, seguiram a distância enquanto o exército viajava para o palácio de verão de Herodes — arrastando Baltasar consigo.

E ficaram agachados sob a chuva forte, observando enquanto ele era levado para lá. E ali permaneceram, amontoados sob a tempestade a algumas centenas de metros do local onde metade da marinha romana estava concentrada.

Arrancado de mim...

— O que podemos fazer? — perguntou Maria. — Duas mulheres e um carpinteiro não são páreos para o exército romano.

Sela sabia que ela estava certa. Não havia nada que pudessem fazer por ele além de se matarem e garantirem que a morte iminente de Baltasar fosse em vão. Ela havia prometido a ele que os levaria para o Egito, e era exatamente isso que faria. Mas antes, ela devia a ele um momento. Um

instante a mais, ali na tempestade. Lamentando o que poderia ter havido entre os dois. De luto pelo que tinha acontecido.

Engraçado chegar tão perto... apenas para tê-lo arrancado de mim de novo.

Sela prestou suas últimas homenagens ao amor infeliz de sua vida desgraçada, perdida em seus pensamentos e no barulho perene da chuva e do mar. Ruídos que mascaravam os passos dos três homens que se aproximavam por trás deles.

IV

Herodes entrou no aposento, que era muito menor do que o quarto cavernoso em seu “palácio do prazer”, em Jerusalém, mas que media ainda uns respeitáveis trinta metros quadrados. Uma luz suave, filtrada pelas nuvens, que entrava pelas janelas de vidro na parede que dava para o mar, lançando um brilho tranquilo nos tapetes que rodeavam a cama grande cheia de almofadas de seda e fazendo seu longo espelho de prata reluzir.

Depois de arrancar duas faixas de pele do Fantasma da Antioquia, o feiticeiro havia sugerido que fizessem uma pequena pausa na tortura. Era importante dar tempo à vítima para que ela se recuperasse após o primeiro grande trauma em seu corpo. Tão ou *mais* importante era lhe dar uma falsa sensação de esperança. Esperança de que o pior talvez já tivesse passado, quando na verdade ainda nem tinha começado. Herodes aceitou o conselho mais do que satisfeito, principalmente porque o intervalo lhe daria a oportunidade de visitar seu quarto e sua maravilha de prata.

Ele não correria riscos com o prisioneiro daquela vez. O Fantasma da Antioquia havia provado ser esperto e escorregadio demais para os guardas da Judeia. Mesmo preso e fraco, não se podia confiar nele. Antes de encerrar a sessão, Herodes ordenara que dois soldados romanos permanecessem na cela com ele o tempo todo. Não, não iria arriscar nada. Não com o Deus dos hebreus se intrometendo. Não quando tudo estava se desenrolando tão perfeitamente.

Herodes ficou de pé na frente do espelho e tirou a roupa. Queria olhar para cada parte de seu corpo, queria admirar a rapidez com que estava se curando. As lesões haviam desaparecido completamente; a pele doente que

se esticava pelas costelas no peito magro agora era lisa e saudável. Mesmo os dentes escurecidos, aqueles pequenos abutres tortos, ficaram mais brancos. *Um milagre.*

Só era um pouco estranho que nenhum de seus cortesãos tivesse elogiado sua aparência ainda. *Provavelmente estavam com medo de serem muito apressados. Ou talvez estivessem com medo de fazer qualquer menção à minha aparência.* Ele sorriu com a ideia. *Não posso culpá-los. Esse tem sido um assunto delicado há anos. Mas as mulheres... Eu sei que elas já me olham de um jeito diferente. Eu sei que estão tão encantadas... quanto eu.*



O feiticeiro também estava discretamente satisfeito. Estava reclinado em um sofá na sala do trono de Herodes — *a nossa sala do trono* —, desfrutando de uma taça de vinho. Um luxo inofensivo. Um dos vários que estava considerando em acrescentar à sua rotina em seu novo papel como governante da Judeia.

Orgulho era uma coisa perigosa. Era o que os judeus diziam, não era? Algo sobre o orgulho ser um prelúdio à destruição? Que seja. O feiticeiro se permitiria um pouco de orgulho hoje, pois finalmente conseguira fazer o impossível. Com um pouco de paciência e muita persuasão a distância, havia manipulado dois dos homens mais poderosos do mundo para lhe darem exatamente o que queria: uma chance de se reconstruir. Uma oportunidade de trazer de volta das cinzas uma religião esquecida.

Seus companheiros feiticeiros — *seus irmãos, requiéscent in pace* — viveram trancafiados por séculos, estudando o poder sombrio de uma época passada. Do tempo em que milagres eram comuns. Uma época de arbustos que pegavam fogo, de pragas e inundações. Por séculos, mantiveram-se afastados do mundo, praticando o domínio da escuridão. Sem partilhar seus segredos com ninguém. Mas o mundo mudou. Impérios surgiram no deserto. O homem tinha evocado a sua própria magia: controlando o fluxo

dos rios com barragens, curando doenças com a medicina, construindo torres que alcançavam os céus. Os milagres haviam sumido e, por mais que os feiticeiros tentassem permanecer distantes e puros, o mundo foi se intrometendo.

Seus templos foram queimados. Seus irmãos foram perseguidos, acusados de heresia e condenados à morte, até que os um dia prósperos feiticeiros foram apagados da face da terra. Até que tudo o que restava era um discípulo solitário. Um mestre das trevas antigas. E que, francamente, vivia uma existência em isolamento.

Herodes estava certo sobre uma coisa: o mundo não tinha mais utilidade para homens como ele. Mas o rei era fraco, e sua maior fraqueza era que se considerava sábio. Tudo de que precisou foi de um pequeno feitiço. Um simples artifício. Em se tratando de encantamentos, era relativamente fácil e funcionava apenas nos que estavam desesperados o suficiente para acreditar em seus efeitos. Por sorte, o rei era uma dessas pessoas.

Na verdade, a doença de Herodes era irreversível. Fosse qual fosse a maldição que havia tomado suas entranhas, era muito mais forte do que qualquer coisa que o feiticeiro era capaz de invocar. Mas, embora ele não pudesse fazer o rei fantoche ficar saudável de fato, podia fazer com que *achasse* que estava curado. Aos olhos encantados de Herodes, suas lesões e feridas estavam desaparecendo, e sua saúde estava voltando. Aos olhos do *resto* do mundo, ele era a mesma criatura repulsiva de sempre.

Sim, seus cortesãos e mulheres poderiam estranhar que seu rei se tornasse tão animado de repente e passasse tanto tempo se admirando no espelho. Sim, eles poderiam se espantar quando ele saltitasse por aí com vigor renovado ou quando comentasse sobre sua nova aparência. Mas a beleza de sua artimanha era que ninguém ousaria contradizê-lo. E, mesmo que o fizessem, Herodes simplesmente acharia que estavam loucos.

O rei fantoche da Judeia havia se tornado o fantoche pessoal do feiticeiro. E permaneceria assim, mesmo quando a doença que já não podia ver ou sentir o devorasse até a morte.

E é o que vai acontecer. Em breve. A menos que Augusto o mate primeiro por roubar seu valioso feiticeiro.

E quando Herodes se fosse? O feiticeiro estaria lá para assumir o trono para si. Um reino só para ele. Um exército guiado pelas trevas antigas, para desafiar Roma. E a chance de reconstruir uma irmandade milenar que estava perdida para a história.



Um estranho silêncio pesava sobre o calabouço, quebrado apenas pelo som da chuva escorrendo do teto e caindo no chão de pedra e pelo crepitar do forno de barro com seu calor sufocante. Baltasar estava pendurado sem forças na viga de madeira, tentando afastar a mente da agonia que irradiava do músculo exposto em seu tronco. Mesmo o menor movimento de respiração causava uma dor intensa que fazia todo o seu corpo retesar e lhe tirava o fôlego.

Ele ergueu os olhos por entre o cabelo molhado e viu que a sala estava vazia, exceto por dois guardas romanos postados ao lado da porta. Seus torturadores haviam se retirado. *Aparentemente, ver um homem sofrer é um trabalho duro.* A água pingava em um fluxo constante do teto, escoando pela argamassa rachada entre os tijolos, onde permanecia por um instante, desafiando a gravidade, até que cada uma das gotas ficava grande demais e caía. Algumas delas escorriam pela corda que prendia seus pulsos. Algumas caíam em Baltasar, escorrendo pelo corpo, misturando-se ao sangue na pele e acelerando seu caminho até o chão, onde poças começavam a se formar.

Baltasar quase não conseguia enxergar através da mistura de água da chuva e das lágrimas involuntárias que surgiram quando a onda de dor o dominou. Ele ouviu a porta da cela se abrir e viu o contorno branco e fantasmagórico de um homem forte entrar.

— Então, aqui está ele — disse o homem, tirando a capa e entregando-a a um dos guardas. — Aqui está o grande “Fantasma da Antioquia” em

pessoa. Eu tinha que vir e ver por mim mesmo.

Era mais velho. Grisalho, embora ainda apumado e musculoso. Era uma espécie de oficial, talvez um general. Um soldado de carreira chegando ao fim de seus anos de guerra.

— Estive em Antioquia há um tempo — disse ele, aproximando-se. — Achei que seria um lugar imundo, verdade seja dita. E, por favor, não me leve a mal.

Logo ficaria um pouco corcunda e seus músculos se enfraqueceriam. Em seguida, seus ossos ficariam frágeis a uma velocidade alarmante, manchas escuras apareceriam em suas mãos, e ele usaria uma bengala no inverno de sua vida, nos últimos passos até a cova. Mas não por enquanto. Aquele homem ainda tinha poder. Baltasar sabia só de ver o seu porte.

— O rio, a rua das Colunatas... o Fórum. Antioquia tinha seus encantos.

Havia algo brilhante e dourado em seu pescoço. Algo que refletia a chama das tochas para todas as direções.

— É só que... Por mais bonito que fosse, eu nunca me dei bem com o povo. Eles me faziam lembrar de... ratos. Pequenos ratos ladrõezinhos.

Baltasar sentiu toda a força que lhe restava desaparecer. Sentiu a respiração fugir de seu peito e o corpo ficar mole.

Era um pingente.

O pingente de Abdi.

V

Sela não sabia de quem era a faca. Só sabia que estava dolorosamente pressionada em seu pescoço.

— De pé, devagar — disse a voz. — Se mexer um músculo, eu corto sua garganta.

Ela se levantou, maldizendo-se por ter sido pega de surpresa. Maldizendo-se pelo fato de ter permanecido por tempo o suficiente para ser pega. Eles tiveram a liberdade nas mãos, mas agora estavam todos mortos. *Arrancado de mim*. E para quê? Um momento de sentimentalismo estúpido. Ela jamais deveria tê-los levado até ali. Deveria ter feito o que prometera a Baltasar e corrido para o Egito.

— Não olhe para trás! — disse ele.

Ela estava de pé agora, ainda incapaz de ver o homem que mantinha uma faca em seu pescoço. Pelo canto do olho direito, podia ver José e Maria sendo forçados a fazer o mesmo, com facas em suas gargantas — José com as mãos erguidas sobre a cabeça, Maria segurando o bebê sob suas roupas e murmurando sem parar:

— Não, não, não.

Não, pensou Sela. *Não desse jeito*. Eles pegaram Baltasar. Pegaram Abdi. Por ela, poderiam até ficar com José e Maria. Ou com ela própria. Mas não pegariam o bebê.

De jeito nenhum.

Ela explodiu, agarrando o pulso de quem segurava a faca e afastando-a de seu pescoço. No mesmo movimento, girou o corpo de modo a ficar de frente para seu agressor, um sentinela romano — *nenhuma surpresa* —, e

ergueu o joelho direito com força em seus testículos, tanta força que teve certeza de que o tornara inútil para sempre. O soldado não se conteve. Largou a faca e instintivamente levou as duas mãos até a virilha. Enquanto ele se abaixava e vomitava, Sela ergueu o joelho de novo, desta vez batendo no rosto e arrancando vários dentes, transformando o nariz em algo irreconhecível. Ele tombou, inconsciente, e Sela rapidamente pegou a faca que ele havia deixado cair.

Isso, é claro, havia chamado a atenção dos outros dois sentinelas, que soltaram José e Maria e correram até Sela, com as facas apontadas para a frente. Mas, embora dois homens tenham avançado na direção dela, apenas um deu mais que um passo — pois José pulou nas costas do segundo e apertou seu pescoço, sufocando-o por trás. Sela saiu do caminho do outro guarda bem a tempo, e a faca chegou a arranhar seu rosto. Ele tentou retomar o equilíbrio e virar-se para outro ataque, mas escorregou na pedra molhada e teve que colocar uma das mãos no chão para não cair.

Naquele instante vulnerável, Sela enfiou a faca em suas costas. Ela ficou surpresa com a facilidade com que a lâmina entrou e a rapidez com que o sentinela caiu, gritando e apertando a ferida. Olhou para os dois soldados que acabara de derrubar, então se virou e viu o terceiro, com o rosto vermelho e prestes a desmaiar por falta de oxigênio. José permanecia nas costas dele, sufocando-o com toda a sua força, mesmo enquanto ele se debatia e puxava o cabelo do carpinteiro.

— Corra, Maria! — disse ele. — CORRA!

Sela ficou imóvel, sem saber se deveria ajudar José ou apressar Maria. Olhou para a faca ensanguentada na mão e pensou em atacar o soldado que José estava asfixiando. *Mas e se eu errar? E por que Maria está parada ali, me olhando e apontando?*

— Sela! — gritou Maria. — Atrás de vo...

Os olhos de Sela nublaram, e o som da chuva e as ondas ficaram distantes de repente. Ela estava em pé, perfeitamente na vertical, enquanto o mundo todo girava, levando o chão até seu rosto com um baque. Tinha sido atingida na cabeça. Sabia disso de alguma forma, embora a dor ainda não a

tivesse dominado, e seu cabelo ainda não estivesse molhado com o sangue que escorria de seu crânio. Um par de sandálias apareceu, pulando por cima dela, em uma corrida meio manca na direção de José. Apesar de não poder ver o rosto dele, o modo como mancava indicava que as sandálias pertenciam ao primeiro soldado. O que ela deixara sem filhos.

Apesar de machucado, parecia que o homem tinha reunido forças para se erguer, acertar a parte de trás de sua cabeça e correr para ajudar o colega. Ela viu quando ele atacou José, levando os três homens ao chão. E viu quando ele espancou o carpinteiro com uma série de socos. E, enquanto Sela assistia a esses eventos paralelos, incapaz de interferir em seu resultado, outro par de sandálias entrou em cena — com gotas de sangue e água da chuva escorrendo por suas pernas e tornozelos.

Esfaqueado... é o esfaqueado.

Sela também viu a ponta de um bastão de madeira. Ele desapareceu de seu campo de visão quando o sentinela o ergueu lá no alto. Um instante depois, tudo ficou escuro.

VI

O pingente de Abdi pendia do pescoço de um velho. O pescoço vermelho e enrugado de um homem que tinha passado muitos dias despreocupado sob o sol. Um homem que tivera permissão para envelhecer. Os pelos em seu peito eram brancos, assim como sua barba. Ambos contrastavam com a pele bronzeada. O almirante — o centurião — tinha mudado drasticamente nos últimos nove anos, mas os olhos eram os mesmos. Os que tinham sido marcados a ferro na mente de Baltasar naquele dia no Fórum. Os que lhe faziam companhia sob o céu escuro do deserto durante todos os anos em que ele vasculhara o império procurando pelo homem que agora estava na frente dele e pelo pingente, ainda pendurado ali, como um dia estivera no pescoço de Abdi.

Dai-me, ó Senhor... dai-me esta graça. Deixai-me ver o rosto de meu inimigo novamente. Deixai-me golpeá-lo pelo que ele fez. Deixai-me fazer isso antes de minha vida nesta terra acabar. Deixai-me fazer isso, não importa o que me espera do outro lado do abismo da morte. Não importa as consequências do tempo ou do castigo.

Deus havia respondido, como Maria dissera que Ele talvez fizesse. Só que Ele não apresentara o romano a Baltasar para que ele o matasse. Deus trouxera o centurião para provocá-lo. Para puni-lo ainda mais por todas as coisas terríveis que ele tinha feito durante a vida. Todos os futuros e os destinos que ele roubara.

E eu mereço a provocação.

O almirante, no entanto, não tinha ideia de quem era o monstro sujo de sangue pendurado diante de si. Ele olhou para o sírio. *Igual a um dos*

pequenos ratos de rua de Antioquia. Aquela corja de ladrõezinhos que tive que encarar. Ainda sinto o fedor. Ele não gostava da forma como aquele rato em particular estava olhando para ele. Como se soubesse de algo que eu não sei. Como se fosse me matar. E por que seus olhos se voltam para o meu pingente com tanta frequência?

Aquilo provavelmente teria permanecido um mistério para o almirante se a raiva de Baltasar não o tivesse levado a morder o lábio, com tanta força que um fio de sangue escorreu pelo canto da sua boca. E, ao fazê-lo, o almirante viu. A pequena cicatriz na bochecha direita de Baltasar. A pequena e distinta cicatriz em forma de X.

A cicatriz que eu dei a ele...



— GLÓRIA! — gritou Herodes, com o feiticeiro ao seu lado.

Não era de forma alguma a palavra perfeita, mas foi a primeira que saiu de sua boca. Ele olhou para o bebê deitado na mesa, nu e gritando por sua mãe, no centro da sala do trono lotada. Os fugitivos tinham sido capturados se esgueirando do lado de fora, na chuva. Era bom demais para ser verdade. Herodes tinha imaginado que ainda enfrentaria uma corrida final naquela grande perseguição. Um último obstáculo da ingerência do Deus dos hebreus. Em vez disso, aquele pequeno mensageiro do Deus dos hebreus — *o suposto Messias* — tinha caminhado direto até sua porta dos fundos e se entregado.

— Glória ao povo da Judeia! Glória a Roma e a seu imperador!

Pilatos viu o rei velho e miserável comemorar, enquanto a mãe e o pai da criança estavam algemados, aos prantos — presos por guardas romanos perto da entrada da sala do trono. Havia outra mulher com eles, também algemada. *Provavelmente a mesma que os abrigou em Bersebá.* Pela aparência, tinha sido espancada até quase morrer. Seus sentinelas tinham agido muito bem e agora estavam sendo tratados por médicos pessoais do

rei. Ele fora informado que dois deles viveriam, embora um — o que tinha sido esfaqueado — talvez morresse de infecção. *Pelo menos vai morrer como um herói.*

Herodes estendeu a mão e deslizou os dedos pelas costas da criança. *Meus dedos... não mais cheios de bolhas. Não mais retorcidos e doloridos.* Ele pegou o bebê e o ergueu para que todos pudessem ver. Segurou-o como um sacerdote do templo ergue uma oferenda aos céus.

E eu vou queimá-lo como uma oferenda, pensou. Vou queimar um deus... e ouvir seus gritos. Vou assistir à sua carne derreter e seus ossos ficarem pretos.

Ele queria que o Deus dos hebreus desse uma boa olhada naquilo. Se o bebê estivesse destinado a derrubar os reinos do mundo — se fosse mesmo o “filho de Deus”, como os judeus diziam —, então o que isso fazia do rei que o tinha nas mãos? Ele caminhou pela sala, exibindo o menino para os cortesãos e oficiais reunidos.

Sim, um homem podia ser maior do que um deus. Ali estava a prova. Um rei segurando um deus nas mãos. *Nas minhas mãos... que se mexem sem dor pela primeira vez em anos.* Ele entregou o menino a um dos guardas romanos.

— Leve-o para o calabouço e espere por nós... Quero colocá-lo no forno eu mesmo.

As palavras provocaram gritos angustiados de Maria e de José, o que não fez com que Herodes mudasse de ideia, e sim apenas o ajudou a se *lembrar* da existência deles.

— Matem o homem — disse antes de seguir em direção à porta. Então, depois de um instante, virou-se para trás e fez um aceno de cabeça para os guardas. — Façam com as mulheres o que bem entenderem.



O almirante poderia ter rido diante da coincidência. Se o homem à sua frente era o Fantasma da Antioquia, e se o Fantasma da Antioquia era o rato

cujo rosto ele tinha cortado no Fórum havia tantos anos, então...

Fui eu quem o criou... Eu criei o Fantasma da Antioquia.

— Ele era seu irmão... — disse o almirante. — O menino do Fórum...

Não houve ironia na voz do almirante. Pelo contrário, parecia haver uma simpatia verdadeira por trás daquelas palavras. Uma tristeza. O almirante estava, de fato, comovido com o que estava acontecendo diante de si. Estava tomado por diversas emoções — entre elas, a tristeza. As chances de aquilo acontecer o assustavam. Entre todas as masmorras no mundo, ele tinha sido enviado para aquela. Enviado para enfrentar o monstro que ele mesmo criara.

— Vou matar você — disse Baltasar.

— Eu sei.

— Eu juro...

— Eu sei... Eu sei que vai — respondeu ele com aquele mesmo pesar. — Meu Deus, o que você deve pensar de mim...

O almirante chegou mais perto ainda. Perto o suficiente para que Baltasar visse os capilares estourados na ponta de seu nariz, as cicatrizes de uma vida cheia de vinho. Depois de encarar Baltasar por um tempo, ele se afastou e sentou na cadeira de Herodes. Então soltou um suspiro.

— Eu tenho filhos, sabia — falou. — Quatro. Estão crescidos agora, é claro, mas eu me lembro de sentir esse medo. O medo de que seriam levados de mim. E se alguém jamais os ferisse quando eram jovens, bem...

— Ele era uma criança...

Só de dizer aquelas palavras, as lágrimas inundaram os olhos de Baltasar.

— Ele era um ladrão — disse o almirante. — E eu era um oficial em uma cidade em que era impossível para um romano atravessar uma rua sem ser roubado.

— ELE NÃO SABIA!

E, lá no fundo, isso é o que dói mais. Aquele olhar em seu rosto. O mesmo rosto que eu vejo de novo e de novo na minha cabeça. Aquele medo, aquela confusão. Por quê, Ba-tasá? O que foi que eu fiz? Por que este homem está me machucando, Ba-tasá? Eu admirava você. Amava e imitava você, Ba-tasá, e

isso não teria acontecido comigo se você não fosse tão ruim, Ba-tasá. A CULPA É SUA, BA-TASÁ. É SUA...

Baltasar rangeu os dentes, tentando espantar as lágrimas. Mas elas vieram mesmo assim.

— Ele não sabia — disse Baltasar. — Ele era um *bom* menino. Teria tido uma vida boa. Uma vida linda. E você roubou isso dele. Você roubou tudo o que ele jamais teria. O que nós... o que nós jamais teríamos.

— Talvez — disse o almirante. — Talvez ele fosse ter uma vida boa. Talvez fosse ter uma vida trágica. Mas você... — Ele se levantou da cadeira de Herodes e chegou perto novamente. — Olhe só para você. Você dedicou sua vida inteira a isso, a me matar, e agora ela termina. Inútil. Não realizada. Você é um homem sagaz, um homem forte. Você poderia ter feito qualquer coisa. Você podia ficar de luto por ele e depois seguir em frente. Encontrar o amor e a sorte, ter seus próprios filhos. Mas você desperdiçou tudo.

Baltasar ouviu uma voz sussurrando em seus ouvidos: *Como matar poderia honrar a memória dele? Como isso o deixaria mais próximo de ter Abdi em seus braços novamente? Não é melhor ir embora? Isso não faz de você o homem mais poderoso? Além do mais, o almirante estava certo. Ele havia criado sua existência inteira em torno da vingança. Todo o seu ser se dedicava a um único propósito assassino. Mas agora que ele estava tão perto, uma questão nova e aterrorizante se apresentava: E depois? O que a sua vida significaria depois disso? O que vem depois?*

— Ele assombra você — disse Baltasar. — O rosto dele... Eu sei que sim... O almirante o fitou com piedade sincera.

— A verdade? — perguntou. — Olhe para mim. Você quer que eu diga a verdade?

Baltasar ergueu os olhos. Encarou-o.

— Eu quase não pensava nele.

Mentira. Ele quer que eu acredite nisso, mas nenhum homem é tão insensível.

— Não gostava muito do meu pai — disse o almirante. — Mas, antes de morrer, ele me deu um conselho. O único que realmente fez diferença em

minha vida. “Abraçe seus filhos”, disse ele. “Beije seus pais, irmãos e irmãs. Diga a eles o quanto você os ama, todos os dias. Porque cada dia é o último dia. Toda luz projeta uma sombra. E só os deuses sabem quando a escuridão vai nos encontrar.”

O almirante virou-se e serviu-se de um dos pedaços de laranja no prato. Ele o chupou, apreciando o sabor e o suco da fruta até que não havia mais nada. Enquanto isso, Baltasar tomou uma decisão.

Vou descobrir o que vem depois.

O sangue escorreu pelos pulsos de Baltasar assim que ele começou a puxar a corda com toda a sua fúria, forçando para baixo a viga de madeira em que a corda estava amarrada. A viga começou a ranger com a força, e o almirante se virou. Ele fitou a madeira — firme como qualquer viga tinha que ser. E olhou para Baltasar, puxando com o que restava de forças em seu corpo. A conta não fechava. De jeito nenhum um homem conseguiria se libertar sob tais circunstâncias. Satisfeito, ele voltou seus pensamentos para a fatia de laranja em sua boca.



O feiticeiro levou as mãos à cabeça e se endireitou no sofá na sala do trono com um sobressalto, derrubando sua taça. Algo estava muito errado.

— O que foi? — perguntou Herodes, levantando-se do trono. No momento em que Herodes terminou de pronunciar essas palavras, o feiticeiro já estava de pé, esbarrando em cortesãos e conselheiros, procurando alguma coisa. *Qualquer coisa*. Quando Herodes entendeu o que ele estava fazendo, gritou: — Tragam-lhe algo para escrever, agora!

Um pedaço de pergaminho foi entregue para o feiticeiro, enquanto os conselheiros tentavam parecer ocupados. Herodes atravessou a sala do trono e parou atrás do pequeno sacerdote, acompanhando cada uma das letras que ele escrevia:

Prisioneiro solto. Fantasma sol...

— Impossível — gritou Herodes. — Ele está sob guarda!

O sacerdote apressadamente rabiscou mais uma vez e em seguida levou o pergaminho tão perto do rosto de Herodes que quase quebrou o nariz do rei.

Guardas mortos. Todos mortos.



Baltasar nasce de novo. Ele é Sansão matando um exército inteiro com uma queixada de jumento. É Hércules matando o leão de Nemeia. Davi matando Golias. Ele faz força até os braços tremerem, puxa as cordas que prendem seus pulsos à viga lá no alto. E ouve o som da madeira rachando.

Os olhos do almirante quase saltam das órbitas, porque ele não acredita no que está vendo. Não faz sentido. Um homem não pode ser tão poderoso, especialmente um que tenha sido tão maltratado. No entanto, a madeira se estilhaça e se divide em duas, caindo no chão de pedra com um baque, liberando as mãos de Baltasar.

Os guardas desembainham as espadas e se aproximam. Baltasar corre. Ele vai até a mesa que está junto à parede — cheia de bisturis e pinças e tesouras diversas. Pega a primeira coisa que seus dedos tocam, alheio ao fato de que é o mesmo bisturi que foi usado para retirar a pele sob seus braços. Com longas cordas ainda presas aos pulsos, Baltasar se vira e estica a lâmina diante do corpo bem a tempo.

E, embora fraco e maltrapilho, ele se mexe com mais agilidade do que nunca. O bisturi divide ao meio as gotas de chuva que caem do teto de pedra e ao mesmo tempo atinge a face do primeiro guarda — rasgando-a exatamente como sua própria carne fora rasgada. Ele perfura o outro debaixo da axila, enfiando a lâmina bem fundo — passa pelas costelas e chega ao pulmão. Puxa o bisturi de volta, e o homem cai no chão molhado, onde vai se afogar no próprio sangue em poucos segundos ou morrer de infecção em algumas semanas. Não importa, desde que deixe o mundo sentindo dor.

Mas não há tempo para esses pensamentos. Ainda não. O almirante acaba de se dar conta de que ele é o próximo e começa sua fuga apressada em direção à porta da cela trancada. Baltasar corre o dobro da distância para chegar à porta primeiro. Seria impossível, mas não hoje. O mundo se curvou diante dele. O tempo envolveu-o em seus braços. Baltasar se move como se tivesse asas nos pés e olhos na nuca. Ele pega a espada de um dos guardas e se move pelo piso molhado com velocidade irreal, impedindo a fuga do almirante. E o almirante está com medo. Ele se afasta, pois é capaz de ver a verdade escrita no rosto de Baltasar. É capaz de ver que esse homem não vai fracassar, não importa o que pretende fazer. Está com medo porque sabe que esses são os seus últimos instantes na terra e que eles vão ser terríveis.

E ele está certo.

Baltasar enfia a espada na barriga do almirante. E o almirante grita à medida que sua carne tenra cede, mas não arrebenta. Então Baltasar enfia com mais força, e a pele se rompe, deixando a lâmina entrar. Deixando-a abrir sua barriga e sair pelas costas. E dói, e ele sente tanto medo. De repente, está deitado no chão molhado, onde seu sangue se mistura com a água da chuva. Escorrendo por entre a carne e a lâmina.

Cada dia é o último dia, ele pensa. Toda luz projeta uma sombra. E só os deuses sabem quando a escuridão vai nos encontrar.

Mas o almirante vê uma luz. Uma luz vindo na direção dele. Sua respiração é difícil, o sangue escorre pelos cantos da boca. Ele observa essa luz quente, suave e alaranjada à medida que ela se aproxima, dançando de um lado para o outro. E ele sabe que é uma luz misericordiosa, embora não saiba de onde vem tal certeza.

No entanto, há um homem com essa luz — ele a carrega. É o Fantasma. Agora o almirante sente medo de novo, porque ele sabe. Sabe o que a luz realmente é. O Fantasma foi até o fogo e pegou algo lá. Algo de metal. Em brasa, incandescente.

E o Fantasma está perto agora. Coloca o pé descalço na cabeça do almirante, apertando-a com força no chão de pedra molhada. Com tanta força que o almirante não pode se mover. E, antes que ele possa gritar, a luz é

enfia em sua boca, quebrando os dentes da frente — e seu grito desaparece sob o chiado do fogo e a fumaça. Ele sente o cheiro de seus lábios queimando. Sente a saliva evaporando e a língua cozinhando à medida que o bastão entra até a garganta — o ferro em brasa escurecendo suas amígdalas e cordas vocais. Ele se contorce com o que lhe resta de força enquanto o Fantasma tira a luz de sua garganta e a empurra contra o céu da boca, queimando o palato antes de abri-lo ao meio e destruir a cavidade nasal. O Fantasma consegue ver a luz brilhando sob a pele do almirante; é uma visão estranha, quase bela — aquela luz laranja e cálida fazendo o rosto de um homem se iluminar por dentro. Mas ele continua empurrando até que o bastão de ferro quebra o osso na parte superior da cavidade nasal e se enterra em seu...



O almirante acordou com um grito. Em pânico a princípio, ele examinou o corpo, à procura de sangue, hematomas, qualquer coisa, mas para seu alívio e surpresa, estava ileso. Tudo aquilo tinha sido um sonho estranho e muito vívido. Algo provocado por uma doença, talvez. O estresse de estar longe de casa por tanto tempo.

Estava de pé na margem de um rio. Era um dia quente e claro. Havia muitos pescadores reunidos, os barcos navegando suavemente. Podia ver um rapaz e uma criança na margem oposta, descansando à sombra de uma palmeira com uma cicatriz no tronco...

O Orontes... Antioquia.

Estava de volta em Antioquia e, com todos os ratos e crimes, ele nunca fora mais feliz em lugar algum em sua vida. O almirante se virou, esperando ver o deserto de sempre atrás de si, os montinhos longos e estreitos marcando as covas rasas onde os romanos jogavam os mortos desprezíveis. Mas não havia deserto. As sepulturas estavam vazias. E no lugar delas havia uma parede de cadáveres — e, embora seus olhos tivessem virado pó havia muito anos, eles o encaravam mesmo assim.

Estavam esperando por ele... esperando para recebê-lo no terreno baldio que chamavam de casa havia tanto tempo. Um lugar em que *não havia* tempo. E estavam lado a lado — formando um semicírculo que se fechava ao redor dele até tocar as duas margens do rio. Cercado, por todos os injustamente mortos de Antioquia. E lá, no centro da multidão de corpos retorcidos e exangues, havia um homem diferente de todos os outros. Um homem diferente de qualquer um que o almirante já tivesse visto.

Um Homem de Asas.

Ele era bom e bonito. E o almirante começou a chorar, pois sabia — de alguma forma ele sabia exatamente quem era aquele homem e o que faria. Ele chorava e tremia, pois estava certo de que não havia nada que pudesse fazer para detê-lo. E o pior de tudo, sabia que merecia.

O Homem de Asas caminhou para a frente e tomou o almirante com cuidado em seus braços, e eles partiram. Partiram para o mar do tempo e do espaço — o universo inteiro refletido em sua superfície reluzente. Partiram para o lugar onde os mortos queimam para sempre...



E Maria e José, assim que ouvem o trinco se abrindo, instintivamente se encolhem na parede da cela escura e protegem o bebê com seus corpos. Sela se levanta, determinada a morrer lutando contra o que quer que entre pela porta. Cada centímetro de seu corpo está doendo e sangrando; as mãos estão algemadas. Mas eles não vão levar este bebê sem lutar. De jeito nenhum. Ouvem o rangido da porta se abrindo, e a silhueta única e impossível que se revela. A alegria e a surpresa do reencontro é inimaginável, e as correntes são retiradas.



Reunido novamente, o grupo correu pelo corredor que dava voltas ao longo da masmorra, tentando ficar em silêncio o máximo possível, apesar dos cinco centímetros de água da chuva que se acumulava no chão. Tentando encontrar uma fresta de luz que lhes indicasse o caminho e fugindo dos gritos que aumentavam na escuridão atrás deles. Alguém dera o alarme, e em breve cada uma das passagens do palácio seriam fechadas. Precisavam de mais um milagre, e, por um momento, Baltasar achou que tinham conseguido: a luz do dia. Mais à frente, depois daquela próxima curva.

Ele conduziu os outros depressa e em silêncio pela curva. Mas, assim que chegaram ao final, Baltasar parou. Havia um soldado romano bloqueando seu caminho, com a espada desembainhada. Atrás dele, a promessa da luz do dia. A luz da tocha da masmorra reluzia no capacete meticulosamente polido, no peitoral e na espada. Estava esperando por eles.

Pôncio Pilatos.

Baltasar ficou parado, com a espada firme na mão direita, o braço esquerdo estendido, protegendo Maria e o bebê atrás de si. Os dois homens se encararam, sombrios e determinados. Ambos assassinos. Seus dedos se ajeitaram no cabo das espadas, esperando o menor movimento do outro. Esperando o ataque. Mas ele não veio.

Satisfeito que Baltasar não fosse tentar derrubá-lo ali mesmo, os olhos de Pilatos se voltaram para os outros fugitivos: os pais do bebê. *Apavorados*. A mulher que os abrigara. *Que arriscara a vida para salvá-los e que, sozinha, invalidara ao menos dois de meus homens*. E o Fantasma da Antioquia. *Que mesmo agora arriscava a vida para protegê-los, quando poderia facilmente ter escapado sozinho*.

Pilatos permaneceu parado por um instante, com os olhos fixos nos de Baltasar. Tudo o que ele sempre quis.

— Cinquenta passos — disse ele. — E então começo a gritar.

Com isso, ele baixou a espada, passou por eles e desapareceu no corredor escuro.

Até o momento em que soltasse seu último suspiro, Pilatos jamais compreenderia por que tinha feito aquilo. Tudo o que tinha de fazer era

pedir ajuda, e teria se tornado um herói. Tinha sido o fato de ter presenciado Baltasar ser torturado? Fora o desejo de ver o rei fantoche da Judeia humilhado? Ou tinha sido apenas por que não gostava da ideia de assassinar recém-nascidos?

Qualquer que fosse o motivo, ele esteve com a glória que tanto almejava bem, em suas mãos — e a deixara escapar. Simples assim. Era uma decisão que iria moldar sua vida de maneiras que ele não poderia entender, e aquela não seria a última vez que a enfrentaria. Cerca de três décadas depois, Pôncio Pilatos iria reencontrar o menino novamente, em Jerusalém. E mais uma vez, sentiria uma estranha compulsão para poupar sua vida. Mas então ele iria fracassar.



O grupo de cinco fugitivos passou pelo portão do palácio junto ao mar e ingressou na tempestuosa e cinzenta varanda, onde as gotas de chuva batiam no mármore com um ruído contínuo e quase reconfortante. Com a chuva e o alarme dado no palácio, a varanda permanecia momentaneamente livre de guardas. Baltasar tinha uma decisão a tomar e, apesar de seu cansaço e da dor de tirar o fôlego que sentia nos músculos expostos dos braços, precisava tomá-la nos próximos segundos.

Eles podiam fugir pelo deserto a pé, mas, se fossem flagrados, não seriam páreo para os romanos e seus cavalos. Ou podiam procurar um esconderijo perto do palácio e esperar que os romanos se iludissem e perseguissem um devaneio pelo deserto, mas e se não o fizessem? E foi ali, naquele momento de indecisão sangrenta, que alguns juncos oscilando chamaram a atenção do grupo, e seus olhares seguiram os degraus de mármore molhados até o mar e viram os mastros dos navios de guerra romanos subindo e descendo com as ondas. Todos firmemente ancorados no cais...

...todos abandonados.

VII

Uma jovem deixou a sala do trono de Herodes aos prantos e encharcada de sangue. Parte dele pertencia a ela. Mas não a maior parte. A menina abriu caminho por entre os soldados romanos e da Judeia que lotavam os corredores.

— O rei! — gritou ela. — O rei ficou louco!

Os soldados haviam chegado momentos antes, atraídos por sons de luta. Imaginavam encontrar o Fantasma da Antioquia duelando ao lado de seus companheiros, tentando chegar até Herodes. Mas ficaram chocados ao ver que era *o próprio Herodes* quem estava empunhando uma espada, e usando-a contra seus cortesãos, conselheiros e sacerdotes. Tudo o que os soldados podiam fazer era ficar ali e observar enquanto ele os cortava em pedaços, gritando o tempo todo. Nenhum deles ousava desafiar a vontade de um rei, louco ou não.

Era um pesadelo. Uma cena terrível que fazia até mesmo os soldados mais durões desviarem o olhar para não passarem mal. A sala do trono estava cheia de vítimas decapitadas e membros amputados. Pedaçõs de cerâmica quebrada e estilhaços de móveis. E no meio de tudo isso, o próprio Herodes, ajoelhado sobre um dos corpos, uma espada ao seu lado... o rosto quase completamente obscurecido pelo sangue.



Minutos antes de essa loucura começar, Herodes estava impaciente, sentado em seu trono, aguardando notícias da fuga. O feiticeiro meditava em silêncio ao lado dele. *Procurando pelos fugitivos*, era o que Herodes esperava. *Caçando-os com sua mente*.

Instantes após os primeiros gritos ecoarem pelo palácio, Pôncio Pilatos apareceu com seus tenentes, pronto para dar seu relato ao rei. Quase uma hora se passaria até os romanos perceberem que um dos menores navios da frota estava faltando.

— Vossa Alteza, parece que o Fantasma e os outros fugitivos conseguiram escapar do palácio — disse Pilatos.

Herodes involuntariamente fechou os punhos. *O Deus dos hebreus...*

— No momento — continuou Pilatos —, não temos nenhuma pista de para onde eles foram, mas alguns de meus homens estão vasculhando o terreno para o caso de eles terem se escondido nas proximidades.

— ALGUNS de seus homens? Mande TODOS eles, seu idiota! Mande todos para o deserto! Para as montanhas! Espalhe-os por toda a costa!

Pilatos hesitou e trocou um olhar com alguns oficiais.

— Vossa Alteza — disse ele —, devido a morte do almirante, eu... decidi levar meus homens de volta a Roma.

Herodes levou um tempo para registrar a informação.

— O que você disse?

— O imperador já sacrificou homens demais com esta loucura. Não vou arriscar perder mais ninguém ou colocar o feiticeiro dele em perigo. Não até que eu seja capaz de lhe oferecer um relatório completo.

Herodes levantou-se do trono, sua raiva chegando ao máximo.

— O feiticeiro “dele”? — O rei desceu os degraus lentamente, um sorriso se abrindo em seus lábios. — Pois pode dizer a Augusto que o feiticeiro *dele* não vai voltar para Roma.

Pilatos o encarou. *O que está acontecendo?*

— Pode dizer a ele — continuou Herodes — que o poder do feiticeiro pertence a Judeia agora. Como você pode perceber, ele já o utilizou para

restaurar minha saúde. Ou você acha que eu me curei milagrosamente sozinho?

Agora era o feiticeiro que se levantava, saindo de seu transe e assimilando o que acabara de se tornar uma situação muito delicada.

Pilatos estava confuso. Tanto quanto os cortesãos, os conselheiros e os sacerdotes de Herodes. Todos eles trocaram olhares entre si pelas costas do rei.

Isso é algum tipo de brincadeira?

— Diga a Augusto — continuou Herodes — que eu não sou mais o fantoche dele.

— Você está louco? — perguntou Pilatos. — Augusto é o dono do mundo! Quem você acha que é além de um doente e ridículo rei?

— INSOLÊNCIA! Eu deveria mandar executar você agora mesmo!

A mera sugestão fez os tenentes de Pilatos desembainharem suas espadas, e os guardas de Herodes fizeram o mesmo. Pilatos ergueu a mão — *acalmem-se...*

— Você tem alguma ideia do que ele vai fazer com você? — perguntou Pilatos.

— Pois que tente o que quiser! — disse Herodes, com uma risada. — O feiticeiro jurou lealdade a mim! Seus poderes são os meus poderes!

Pilatos olhou para trás de Herodes e cravou seus olhos nos do feiticeiro. Queria saber se aquilo era verdade.

O sacerdote, por sua vez, sabia que precisava tomar uma decisão.

Sim, Augusto não gostava dele. Sim, ele queria agir por conta própria, usar seus poderes para reconstruir uma fé perdida. Mas também era o último de sua linhagem, e isso tornava a autopreservação algo ainda mais importante. Herodes parecia ser o catalisador perfeito para sua transformação — um homem poderoso que podia ser controlado, usado e depois jogado fora. Mas obviamente ele estava saindo dos eixos. Declarando guerra contra o império em um piscar de olhos. Aquele não era o tipo de pessoa que você quer ter ao seu lado. Não era necessário saber ler o futuro

nas folhas de chá para ver como aquilo acabaria. Preferia viver para lutar outro dia.

O feiticeiro assentiu, apontando algo para Pilatos. Assim que viu o que era, o oficial entendeu.

— Vá em frente — disse ele a Herodes, indicando o espelho de corpo inteiro. — Olhe para si mesmo. Olhe o que o feiticeiro fez com você.

Herodes riu e virou-se para ver se o feiticeiro estava se divertindo tanto quanto ele. Mas em vez do sorriso discreto que esperava encontrar, o que ele viu foi um rosto sério, e uma onda de pavor começou a se insinuar em seu estômago.

— Muito bem — disse, voltando-se para Pilatos.

E assim Herodes aproximou-se do espelho, pronto para admirar as bochechas cheias e a pele lisa com que fora presenteado durante esses dois dias maravilhosos. Mas, desta vez, quando se olhou...

— Não... — sussurrou.

A ilusão se fora. A palidez doentia e os olhos amarelados haviam retornado. As bochechas encovadas e as lesões secretando pus fétido.

— NÃO! Não pode ser!

— Você não é um rei — disse Pilatos, fitando-o por sobre o ombro. — Você não é nem mesmo um homem. Você não é *nada*.

Em retrospecto, os que sobreviveram concordariam que aquele foi o momento em que a mente de Herodes o abandonara para sempre. O momento em que ele percebera que tudo aquilo em que acreditava era uma mentira. Que sua visão tinha afinal lhe pregado uma peça. Ele já enlouquecera antes, mas no fim as nuvens de loucura sempre se dissipavam. Desta vez, no entanto, não haveria volta.

Herodes gritou e tomou uma espada da mão de um de seus guardas. Os homens de Pilatos puxaram seu comandante para trás, convencidos de que Herodes pretendia atacá-lo. Mas Herodes não estava interessado em Pilatos. Ele atravessou a sala do trono, desafiando a fraqueza de seu corpo, empunhando a espada no ar e gritando sem parar:

— TRAIADOR!

Ele subiu correndo os degraus até o trono e, em um único golpe, decepou a cabeça do feiticeiro. Ela caiu no chão de pedra, seguida pelo corpo. O sangue jorrou do pescoço como se fosse uma cachoeira — e, com ele, foi-se embora o último homem a ter domínio sobre as antigas artes das trevas.

Os gritos preencheram a sala, Herodes continuou brandindo a espada na direção de qualquer pessoa que cruzasse seu caminho, clamando:

— MORRAM! Morram todos!

Pilatos fitou o feiticeiro sem cabeça por mais um momento, depois se virou e saiu, seguido por seus tenentes. Não havia mais nada a fazer ali. Se tivesse autoridade para tal, teria matado Herodes ele mesmo. A única coisa a fazer era apressar sua volta a Roma e comunicar ao imperador o que tinha acontecido. Implorar o seu perdão e deixar que a ira de um deus vivo na terra caísse sobre o rei fantoche da Judeia.

— MORRAM! — gritou Herodes enquanto brandia a espada para cortesãos e conselheiros indistintamente. — Morram! — gritou enquanto decepava as cabeças e os membros de sacerdotes e sacerdotisas que não se atreviam a revidar. — Morram todos!

E assim continuou, até que o último de seus súditos tivesse morrido ou fugido, e Herodes desabou em uma pilha perto de onde jazia o corpo sem cabeça do feiticeiro, seu peito subindo e descendo depressa, os pulmões cansados, os músculos enfraquecidos queimando pelo esforço.

O Deus dos hebreus o tinha feito de bobo. Herodes voltou os olhos para o teto e gritou o mais alto que pôde com sua voz grave:

— Esta é a minha recompensa por defender os seus judeus? Por construir grandes cidades para eles? É assim que você me agradece?

O feiticeiro morrera. E, com ele, a promessa de vida eterna, a chance de construir um império. E a esperança. Pior de tudo, a esperança — o vinho dos fracos.

Estava tudo acabado. Em um intervalo de poucos minutos, estava tudo acabado.

Ali estava Herodes, o Grande, de joelhos no chão de pedra ao lado do corpo decapitado do feiticeiro... juntando as mãos em concha para reter o sangue que ainda escorria de seu pescoço... bebendo-o aos poucos.

Talvez... talvez se bebesse bastante... talvez pudesse ficar sadio de novo.

Talvez pudesse viver para sempre.



José estava na proa de uma trirreme romana de trinta pés, segurando o bebê adormecido, enquanto Maria vasculhava a parca despensa do navio em busca de comida. Ele olhou para a pequena criatura dormindo pacificamente em seus braços — inteiro, amado, em segurança. Menos de duas semanas de vida e já sobrevivera a mais perigos do que grande parte dos homens jamais conheceria em suas vidas.

A tempestade havia se dissipado, deixando para trás um mar liso e calmo e um céu de nuvens avermelhadas esparsas e reluzentes. O sol havia mergulhado nas águas a oeste e ia deslizando lentamente para o reino de Netuno, onde passaria a noite. Era um espetáculo fascinante, além de pacífico e insuportavelmente triste. Pois, enquanto observava o menino dormir, José sabia que um dia teria que deixá-lo.

E será mais cedo do que seu coração será capaz de suportar, José.

Ele se levantaria e partiria para o mundo, porque é ao mundo que ele pertence. Seu lindo menino adormecido.

Tudo bem se eu chamá-lo de meu filho, não é? Com certeza Deus irá me perdoar por isso, pois não posso suportar pensar nele como outra coisa.

José esperava ser capaz de ensinar a ele algo sobre o que é ser um homem. Ensinar-lhe a Torá e como pegar um pedaço de madeira e, usando as mãos e a cabeça, transformá-lo em algo útil. Mas teriam tempo para tudo isso. Agora não havia nada exceto a paz abençoada. O mar não se abria para eles como fizera para seus ancestrais, mas os libertara do mesmo jeito.

Ele não era o único a admirar o céu noturno. Baltasar estava com uma das mãos no timão, a outra agarrada à de Sela. Ela descansava a cabeça de leve em seu ombro, ambos reverenciando em silêncio o poder e a beleza da natureza. Reverenciando o momento e os milagres que tinham sido necessários para que chegassem até ali.

A mente de Baltasar começara a repassar tudo o que tinha acontecido nos últimos dias. Revivendo as imagens cruas de sangue e traição, de cadáveres revividos e reis moribundos. Mas ele parou assim que se lembrou de um momento em particular, algo que o velho tinha dito em seu sonho quando ele perguntou por quanto tempo teria que ficar com o menino:

— Até o momento em que o deixar partir.

Engraçado — na hora, Baltasar achou que o velho estava falando do bebê de José e Maria. Mas agora ele sabia... estava falando de Abdi. E, quando o peso desse entendimento o acertou em cheio, as lágrimas voltaram aos olhos de Baltasar, fazendo com que Sela perguntasse:

— Baltasar? Você está bem?

Ele se virou para ela e sorriu, admirando sua beleza, que nem a sujeira e o sangue coagulado eram capazes de diminuir, e respondeu com sinceridade:

— Estou.

Diante deles, não havia nada além do mar liso e calmo, refletindo o paraíso inteiro em sua superfície cintilante. Baltasar não sabia quando iria ver terra novamente ou se aquela terra seria o Egito, a Judeia ou mesmo a própria Roma. Nada mais poderia surpreendê-lo, coisa alguma poderia desencorajar a sua fé de que não importava as tempestades que encontrariam pela frente, Deus, ou do que quer que você quisesse chamá-lo, estaria lá por eles.

19 DE JULHO, 64 D.C.

“Quando na vossa terra sairdes à guerra contra o inimigo que vos estiver oprimindo, fareis retinir as trombetas; e perante o Senhor vosso Deus sereis tidos em memória, e sereis salvos de vossos inimigos.”

Números 10:9

Roma estava em chamas.

Em menos de duas horas, o fogo havia se alastrado a partir de uma única casa e havia consumido grande parte do bairro mais rico da cidade, onde senadores, generais e os muito ricos viviam à sombra do palácio do imperador Nero. Mas as casas eram tão claustrofóbicas quanto opulentas, encostadas umas nas outras para o melhor aproveitamento possível do valioso terreno; e este loteamento de gananciosos era o que havia condenado todo o bairro. Soldados e cidadãos corriam de um lado para o outro pelas ruas estreitas, carregando baldes com água de fontes e banhos públicos até as chamas. Moradores apressaram-se em retirar quaisquer bens que pudessem carregar antes que suas casas fossem engolidas pelo fogo. Muitos queimaram vivos por tentar. Quando tudo terminou, uma área de quase dois quilômetros quadrados e meio da cidade fora reduzida a cinzas, inclusive metade do palácio de Nero.

Embora fosse ser lembrado como o louco que permanecera tocando lira enquanto sua cidade ardia em chamas, essa descrição não é fiel a ele. Pelo contrário, a visão de Roma pegando fogo o deixara tão angustiado que ele próprio fora às ruas para carregar baldes com água e oferecer o próprio dinheiro aos que fossem corajosos o suficiente para combater as chamas de perto.

Nos meses seguintes, quando os romanos indignados exigiram respostas e acusaram o imperador de estar por trás do incêndio, presumivelmente para abrir espaço para um palácio maior, Nero ficaria famoso por sua engenhosidade em transferir a culpa para um pequeno e incômodo grupo de fanáticos que se intitulavam “chrestãos” — queimando-os em fogueiras, crucificando-os e jogando-os aos leões para o deleite das massas. Mas isso só serviria para transformá-los em mártires aos olhos de muitos romanos e acelerar o processo de conversão de novos fiéis. Nos séculos vindouros, os estudiosos de religião se perguntariam se o minúsculo culto poderia ter

sobrevivido sem o Grande Incêndio de Roma e a perseguição que se seguiu a ele.

Alguns até chegariam a rotular o incêndio de “a faísca que colocou o mundo em chamas”.

Mas não foram essas as ambições do velho que ateou fogo à cidade. Ele estava apenas cumprindo uma promessa.

De um local afastado, no alto de uma colina com vista para Roma, ele assistiu ao fogo se espalhar; o brilho distante das chamas tornando as rugas em seu rosto mais profundas do que realmente eram. Um camelo descansava no chão atrás dele, esperando pacientemente por seu velho mestre. O homem estava distante e surdo demais para ouvir os gritos apavorados ao longe, mas podia ver o fogo crescendo a cada minuto e as pessoas correndo feito vespas que acabaram de ter sua colmeia derrubada de uma árvore. E isso trouxe um leve sorriso ao seu rosto enrugado.

Baltasar tinha quase noventa anos de idade. Fora abençoado com cinco filhos lindos e uma vida longa e bela ao lado de seu amor verdadeiro. Por seis décadas, não houvera mais milagres desde aquelas duas semanas — que ele e Sela consideravam como a grande aventura de suas vidas. E por sessenta e quatro anos, a própria *vida* fora uma grande aventura, e a felicidade deles, um milagre.

Com Sela, ele construiu uma casa na maior cidade do mundo, no coração do império que outrora os perseguira com todas as forças que possuía. Uma cidade com muitos bolsos para roubar e mãos para ler, embora eles tenham resistido a essas velhas tentações e se tornado estalajadeiros — com uma regra de nunca, jamais, recusar casais cuja mulher estivesse grávida, não importando o quão adiantada estivesse a gestação. Eles tinham visto imperadores romanos irem e virem, e tinham acompanhado o crescimento de seus filhos até eles terem seus próprios filhos. *O velho do sonho tinha razão*, Baltasar pensava com frequência. Ele se tornara mais rico do que Herodes ou Augusto jamais poderiam imaginar.

E quando chegou sua hora, Sela partiu em paz para o seu descanso final. Ao contrário de Herodes, o Grande, que, muito tempo antes dela, sofrera de

uma loucura lenta e dolorosa que arrancou qualquer dignidade que ainda lhe restava até que a morte, afinal, o acolheu misericordiosamente.

Baltasar sofrera em silêncio pela morte da esposa, seus filhos e netos ao seu lado. E quando a noite chegou e todos eles voltaram para as suas casas para deixá-lo a sós com sua tristeza, o homem que um dia fora conhecido como o Fantasma da Antioquia vestiu roupas escuras e saiu para a rua, fiel ao seu antigo codinome. Ele empurrou uma pequena carroça pela cidade e entrou em uma mansão vazia no meio das casas aglomeradas dos ricos. Juntou toda a lenha que encontrou dentro da casa e com ela montou uma pira — não no quintal, mas junto à mesa de madeira da sala de jantar. Quando terminou, retirou o corpo de Sela da carroça, limpou-a e vestiu-a em túnicas brancas, como ditavam os costumes. Com grande esforço, colocou-a na pira e derramou o óleo de uma lamparina na base.

Antes de atear fogo, Baltasar ofereceu uma prece silenciosa por sua alma, inclinou-se e beijou-lhe a testa, em seguida abriu uma das mãos, revelando algo brilhante e dourado em sua palma.

Um pingente.

O mesmo que ele carregara por tanto tempo. Ele o colocou com gentileza nas mãos dela. As mãos frias e enrugadas de uma mulher que, certa vez, em uma terra dourada e eterna, havia jurado que iria reduzir Roma a cinzas.

E ali estava... queimando.

Baltasar observava da colina, o rosto riscado de lágrimas. Era tão velho, mas tão ágil e saudável para sua idade que não parecia natural. Sela sempre dissera que sua saúde era uma dádiva de Deus, concedida como recompensa por todo o sofrimento que ele havia suportado. Talvez fosse. Ou talvez tivesse sido apenas sorte, embora ele tenha aprendido a duvidar de sua existência.

Tudo o que sabia era que ele não fora exatamente o mesmo depois daquelas duas semanas. Depois que segurara aquele bebê junto ao peito. Fora uma sensação indescritível que nunca o abandonara, uma energia, como eletricidade no ar antes da queda de um relâmpago.

Quando seus filhos eram pequenos, Baltasar os levava pelas ruas ladeadas de colunata de Roma, parando para assistir aos músicos tocarem ou para acariciar os animais estranhos que vinham do outro lado do Himalaia. De vez em quando, até esbanjava em um punhado de tâmaras com canela para compartilhar entre eles. Algumas tardes, eles achavam uma sombra às margens do Tibre. E enquanto seus filhos — o mais velho deles se chamava Abdi — cochilavam, Baltasar se sentava e observava os homens pescarem até que ele próprio cochilasse. Às vezes, ele sonhava com aquelas duas semanas, com seus companheiros de fuga e a viagem que terminou às margens do Egito.

Baltasar nunca mais viu José ou Maria de novo, mas sentiu a presença deles em sua alma nos anos que se seguiram. Quando a notícia de que o filho do casal tinha sido preso e crucificado chegou até ele desde Jerusalém, ele chorou. Não porque fosse um adepto dos ensinamentos do homem — aliás, nem sabia do que se tratavam —, mas porque ele o havia segurado no colo quando bebê, porque sentia sua presença consigo, constante e para sempre. Também chorou porque era pai e imaginou a dor de José e Maria.

Quando jovem, ao ver aquela estranha estrela desaparecer dos céus de Belém, Baltasar pensara, *Nada poderia queimar tão brilhante por muito tempo*. Concluiu então que o mesmo poderia ser dito sobre o menino.

O destino não fora tão gentil com os outros reis magos. Depois de escaparem do acampamento romano, Gaspar e Belchior fugiram para os confins do império, nunca permanecendo no mesmo lugar por muito tempo, vivendo de pequenos delitos. Tinham sido anos difíceis, solitários. Apesar dos esforços do filho de Herodes em varrer todo aquele assunto constrangedor para debaixo do tapete, os boatos da fuga de Baltasar e da derrota de dois exércitos para um único homem começaram a se espalhar, e o Fantasma da Antioquia elevava-se à condição de lenda. Tampouco demorou muito para que os boatos da traição de Gaspar e Belchior se disseminassem entre os criminosos. Aonde quer que fossem, os dois eram perseguidos e expulsos tanto pelas autoridades quanto pelos bandidos.

No final, acabaram capturados no mesmo lugar em que tudo começara: no Grande Templo de Jerusalém, tentando roubar o mesmo incensário de ouro que os levara para o calabouço de Herodes trinta anos antes. Desta vez, sem ninguém que planejasse uma fuga ousada, Gaspar e Belchior seguiram para sua punição como programado — foram crucificados e deixados para apodrecer ao sol fora das muralhas da cidade.

E enquanto estavam pendurados lá, morrendo, conversaram com o estranho que estava entre eles — o que tinha uma placa afixada no topo de sua cruz que dizia: *Rei dos judeus*. Quando perceberam quem era o homem e o que significava o fato de terem sido trazidos para morrer ao lado dele, lágrimas escorreram dos rostos envelhecidos de Gaspar e de Belchior. Eles estiveram esperando, afinal, quase desejando o seu castigo pela traição que cometeram havia tantos anos. E tinham carregado a culpa e sofrido suas consequências por tempo demais. Como esperado, o filho do carpinteiro perdoou os dois antes de morrerem. Baltasar achava que também os tinha perdoado. Estavam mortos havia tanto tempo.

Ele montou no camelo e observou um pouco mais enquanto a cidade queimava diante dele.

— Para sempre — disse a si mesmo.

Em seguida, chutou o animal exatamente como fizera em seus dias de glória, deixando Roma e suas cinzas para trás. E jamais os veria novamente.



Um íbex ergueu a cabeça sonolenta do chão do deserto, despertado pelo som de passadas. Fora o único do rebanho a detectar o fraco tremor, e enquanto os outros dormiam, alheios, ele assistiu a uma pequena nuvem de poeira iluminada pela lua se movendo em seu campo de visão, poeira levantada pelo galope de um camelo carregando um homem idoso em suas costas. Depois de observá-los por um momento, o íbex baixou a cabeça e fechou os olhos, convencido de que não havia perigo para si ou o para o

rebanho. Eram só dois, afinal. E, além disso, não estavam indo na direção deles...

Estavam cavalgando na direção daquela estranha estrela brilhante a leste.

AGRADECIMENTOS

“Agradecimentos” não é a palavra certa. Em vez de agradecer formalmente às pessoas que se seguem, eu gostaria de enviar meu amor e um sincero “obrigado” para:

Ben Greenberg — o melhor editor que poderia existir, além de uma alma cavalheira e paciente. Jamie Raab, Elly Weisenberg Kelly e minha família na editora Grand Central. Minha família na agência literária WME: as amantes de livros Claudia Ballard e Alicia Gordon; os cinéfilos Cliff Roberts, Jeff Gorin e Mike Simpson; e os especialistas em televisão Richard Weitz e Dan Shear. Além disso, gostaria de mandar meu “obrigado” a Ari Emanuel, porque nunca é demais agradecer a Ari Emanuel. A Gregg Gellman, aquele modelo de legalidade e guardião do sagrado “não”. Às Melissas (Kates e Fonzino), que lutam pela verdade, pela justiça e pela tinta em um mundo em constante expansão dos Kardashians e com cada vez menos espaço nas prateleiras. A meu amigo, parceiro de negócios e de biscoitos David Katzenberg, e à minha pequena e fantástica família na KatzSmith.

E à minha família *de verdade*, que tem que me dividir com as longas noites a portas fechadas que advêm da tentativa de se fazer todo esse trabalho e lidar com a minha rabugice e o pânico quando ele não vai para a frente — e ninguém pode fazer isso melhor do que Erin e Joshy. Todo o meu amor e um muito obrigado por sua paciência.

Acima de tudo, obrigado a você, caro leitor.

Sobre o autor

MATHEW RUDENBERG



SETH GRAHAME-SMITH é autor de *Orgulho e preconceito e zumbis*, best-seller do New York Times, e de *Abraham Lincoln: caçador de vampiros*, que deu origem ao filme homônimo produzido por Tim Burton. Ele mora em Los Angeles.

Conheça os livros do autor



Orgulho e preconceito e zumbis



Abraham Lincoln: caçador de vampiros



Noite infeliz